



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: TEORIA, CRÍTICA E COMPARATISMO



MONIQUE CUNHA DE ARAÚJO

*CONVERSA DE REFUGIADOS: NOVAS PERSPECTIVAS CRÍTICAS DA
ESCRITA DE E SOBRE REFUGIADOS EM LÍNGUA ALEMÃ.*

Orientador: **Prof. Dr. Gerson Neumann**

Porto Alegre
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: TEORIA, CRÍTICA E COMPARATISMO



MONIQUE CUNHA DE ARAÚJO

***CONVERSA DE REFUGIADOS: NOVAS PERSPECTIVAS CRÍTICAS DA
ESCRITA DE E SOBRE REFUGIADOS EM LÍNGUA ALEMÃ.***

Tese submetida ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como avaliação para seleção de acesso ao doutorado.

Orientador: **Prof. Dr. Gerson Neumann**

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Araújo, Monique Cunha de
CONVERSA DE REFUGIADOS: NOVAS PERSPECTIVAS CRÍTICAS
DA ESCRITA DE E SOBRE REFUGIADOS EM LÍNGUA ALEMÃ. /
Monique Cunha de Araújo. -- 2022.
205 f.
Orientador: Gerson Neumann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Literatura em Língua alemã. 2. Literatura
contemporânea. 3. Estudos Culturais. 4. Refugiados. 5.
Migração. I. Neumann, Gerson, orient. II. Título.

MONIQUE CUNHA DE ARAÚJO

***CONVERSA DE REFUGIADOS: NOVAS PERSPECTIVAS CRÍTICAS DA
ESCRITA DE E SOBRE REFUGIADOS EM LÍNGUA ALEMÃ.***

Tese submetida ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como avaliação para seleção de acesso ao doutorado

Porto Alegre, 19 de julho de 2022

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Andrei Cunha
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Fernanda Boarin Boechat
Instituto de Letras e Comunicação
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Departamento de Mediações Culturais (CCHLA)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos que se foram lutando contra o mal invisível em 2020 e 2021, especialmente, aos meus.

AGRADECIMENTOS

Esta tese nasceu de uma dor; de um sentir na pele o estrangeiro. Nasceu, sobretudo, de uma descoberta: não só de um mundo cheio de arames farpados por onde se precisa caminhar, mas de uma rede de apoio que caminhou comigo entre espinhos e flores. Por isso preciso agradecer

ao Programa de Pós-graduação da UFRGS, pelo incentivo e colaboração de sempre;

ao DAAD, especialmente a Maria José Salgado, pelo carinho e atenção, que foram além do seu trabalho como minha tutora na instituição;

a prof. Dra. Anne Fleig por me receber na Freie Universität Berlin no período de pesquisa proporcionado pelo prêmio de doutorandos do Centro de Estudos Europeus e Alemães do Rio Grande do Sul (CDEA) em 2018;

a minha mãe, Fátima, pelas conversas diárias que me guiavam para um lado menos estressante e nebuloso;

a minha tia Fabiana por estar sempre comigo, seja como fosse;

ao Tim Elser pelo apoio emocional e logístico;

a todos os meus vizinhos do Projeto de moradia da Schellingstrasse em Tübingen, na Alemanha, companheiros de uma jornada de luta.

as minhas amigas Marianna Daudt, Rosita Schmitz e Mariane Ohlweiler por estarem do meu lado neste período turbulentíssimo;

a Letícia Nascente não só por ser o meu porto seguro, mas também por ter sido encarregada do trabalho árduo de revisão ortográfica, textual e de formatação, que duraram um pouco mais que o planejado.

a querida Hanna Hoblaj pelas revisões e comentários críticos das traduções do alemão para o português desta tese.

Em especial agradeço

a minha orientadora na Alemanha, Prof. Dra. Dorothee Kimmich, pelas produtivas reuniões e inúmeros puxões de orelha, que me fizeram crescer como pesquisadora e pessoa.

ao meu orientador Prof. Dr. Gerson Neumann, por exatamente tudo: paciência, dedicação, confiança. Palavras não são suficientes.

We Refugees

I come from a musical place
Where they shoot me for my song
And my brother has been tortured
By my brother in my land.

I come from a beautiful place
Where they hate my shade of skin
They don't like the way I pray
And they ban free poetry.
I come from a beautiful place
Where girls cannot go to school
There you are told what to believe
And even young boys must grow beards.

I come from a great old forest
I think it is now a field
And the people I once knew
Are not there now.
We can all be refugees
Nobody is safe,
All it takes is a mad leader
Or no rain to bring forth food,
We can all be refugees
We can all be told to go,
We can be hated by someone
For being someone.

I come from a beautiful place
Where the valley floods each year
And each year the hurricane tells us
That we must keep moving on.

I come from an ancient place
All my family were born there
And I would like to go there
But I really want to live.

I come from a sunny, sandy place
Where tourists go to darken skin
And dealers like to sell guns there
I just can't tell you what's the price.

I am told I have no country now
I am told I am a lie
I am told that modern history books
May forget my name.

We can all be refugees
Sometimes it only takes a day,
Sometimes it only takes a handshake

Or a paper that is signed.
We all came from refugees
Nobody simply just appeared,
Nobody's here without a struggle,
And why should we live in fear
Of the weather or the troubles?
We all came here from somewhere.

ZEPHANIAH, Benjamin
"We Refugees." In: ZEPHANIAH, Benjamin. We Refugees
<https://benjaminzephaniah.com/rhyming/we-refugees/>.
Acesso em 15 de agosto de 2021
(*grifo meu*)

RESUMO

As literaturas produzidas por ou sobre pessoas deslocadas apresentam um desafio para os estudos críticos, na medida em que contestam as noções padrões da língua arraigadas ao território, criticam as categorias literárias vernáculas e questionam as concepções individuais sobre autoria. O desarraigamento territorial contribui, sobretudo, para a contestação das histórias literárias dominantes (FARRIER, 2018), agregando o movimento e a fluidez dos espaços ao debate atual. Ao mesmo tempo que as narrativas se ocupam da violência, dor e embates culturais, submetendo a literatura a uma ética testemunhal, se baseiam no desejo de despertar humanitário para a questão da crise migratória. Esta pesquisa argumenta que estas literaturas representam renovação dos estudos atuais sobre deslocamentos, se diferenciam em parte dos chamados escritos no/do exílio e partem de um ativismo literário. Para tanto, analisou-se três romances de língua alemã publicados no auge da “crise dos refugiados” na Europa: *Gott ist nicht schüchtern* (2017), de Olga Grjasnowa; *Ohrfeige* (2016), de Abbas Khider e *Vor der Zunahme der Zeichen*¹ (2016), de Senthuran Varatharajah. Nas obras, as discussões sobre nova complexidade das fronteiras e identidades, subjugadas à categoria judicial validatória, presente no cerne da palavra “refugiado”, configuram algumas das contribuições desta pesquisa à tentativa de uma virada epistemológica (SOUSA SANTOS, 2018).

Palavras-chave: literatura refugiados; migração; crise dos refugiados; categorias

¹ *Deus não é tímido, Tapa na cara e Antes do aumento dos signos*, respectivamente. Os romances ainda não possuem tradução para o português.

ABSTRACT

Literatures written by or about displaced persons present a challenge for critical studies, as they contest the standard notions of language ingrained in the territory, criticize vernacular literary categories, and question individual conceptions of authorship. Territorial uprooting contributes, principally, to contesting the dominant literary stories (FARRIER, 2018), adding movement and fluidity of spaces to the current debate. At the same time that the narratives deal with violence, pain and cultural clashes, submitting literature to a testimonial ethics, they are based on the desire to raise humanitarian awareness of the issue of the migration crisis world. This research argues that these literatures represent a renewal of current studies on flee, differ in part from the so-called writings in/from exile, and proceed from a kind of literary activism. For this purpose, three German-language novels were analyzed that were published in Europe at the height of the “refugee crisis”: *Gott ist nicht schüchtern* (2017), by Olga Grjasnowa; *Ohrfeige* (2016) by Abbas Khider und *Vor der Zuhnahme der Zeichen* (2016) by Senthuran Varatharajah. In the works, the discussions on the new complexities of borders and identities subjected to the validating legal category present at the heart of the word “refugee” configure some of the contributions of this research in attempting an epistemological turn (SOUSA SANTOS, 2018).

Keywords: refugee literature; migration; refugee crisis; categories

ZUSAMMENFASSUNG

Literatur, die von oder über *forced migrants* geschrieben wurde, stellt eine Herausforderung für kritische Studien dar, da sie die im Territorium tief verwurzelten Standardvorstellungen von Sprache in Frage stellen, einheimische literarische Kategorien kritisieren und individuelle Vorstellungen von Autorschaft widerlegen. Themen der territorialen Entwurzelung, insbesondere in der Literatur, tragen zu einer möglichen Veränderung des Imaginären von Räumen bei, indem sie ihnen die Idee von Bewegung und Fluidität hinzufügen, vor allem indem sie die aktuelle Literaturgeschichte in Frage stellen (FARRIER, 2018). Während sich die Narrative mit Gewalt, Trauer und kulturellen Konflikten auseinandersetzen und die Literatur sich einer *testimonial ethic* unterwirft, basiert diese des Weiteren auf dem Wunsch, das humanitäre Bewusstsein für das Thema der Migrationskrisenwelt zu schärfen. Diese Forschung argumentiert, dass diese Literaturen eine Erneuerung aktueller Studien zu Flucht darstellen, sich teilweise von den sogenannten Schriften im/aus dem Exil unterscheiden und von einem sozusagen literarischen Aktivismus ausgehen. Dazu wurden drei deutschsprachige Romane analysiert, die auf dem Höhepunkt der „Flüchtlingskrise“ in Europa erschienen sind: *Gott ist nicht schüchtern* (2017), von Olga Grjasnowa; *Ohrfeige* (2016) von Abbas Khider und *Vor der Zunahme der Zeichen* (2016) von Senthuran Varatharajah. In den Arbeiten konfigurieren die Diskussionen über die neue Komplexität von Grenzen und Identitäten, die der validierenden juristischen Kategorie unterworfen sind, die im Herzen des Wortes „Flüchtling“ vorhanden sind, einige der Beiträge dieser Forschung zum Versuch einer erkenntnistheoretischen Wende (SOUSA SANTOS, 2018).

Schlagwörter: Fluchtliteratur; Migration; Flüchtlingskrise; Kategorien

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Can't Help Myself</i> (2016) – de Sun Yuan e Peng Yu	29
Figura 2 – Passaporte Nansen com carimbos.....	37
Figura 3 – Campanha publicitária <i>Dein Land. Deine Zukunft. Jetzt</i> do BMI.....	56
Figura 4 - <i>Umaskhenke: The Series</i> (2016) de Nobukho Nqaba	62
Figura 5 - Yarmouk da <i>The Vulnerability Series</i> (2016) – de Abdalla Ali.....	107
Figura 6 – Campo de refugiados Yarmouk em Damasco (2012)	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Evolução do número de pedidos de asilo desde 1953	51
Tabela 2 Romances com a temática sobre os refugiados	139

LISTA DE SIGLAS

BMI	<i>Bundesministerium des Innern und für Heimat</i> [Ministério Federal do Interior]
BAMF	<i>Bundesamt für Migration und Flüchtlinge</i> [Departamento Federal de Migração e Refugiados]
ACNUR	Agência da ONU para Refugiados (Brasil-português)
UNHCR	<i>The UN Refugee Agency</i> (USA-inglês)
GnS	<i>Gott ist nicht schüchtern</i> - Olga Grjasnowa [Deus não é tímido]
VdZ	<i>Vor der Zunahme der Zeichen</i> - Senthuran Varatharajah [Antes do aumento dos signos]
OhF	<i>Ohrfeige</i> - Abbas Khider [Tapa na cara]

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico [Deutscher Akademischer Austauschdienst - DAAD]

Em 2018 foi concedido o Prêmio para Doutorandos do Centro de Estudos Alemães e Europeus do Rio Grande do Sul (CDEA) na Freie Universität Berlin.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
1.OS INDESEJÁVEIS: A INVENÇÃO DE UMA CRISE	30
1.1 REFUGIADO: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL	32
1.2 O REFUGO DA TERRA.....	41
1.3 UM SISTEMA DE CRISES: PRIMAVERAS, GUERRAS E MOVIMENTAÇÕES TRANSNACIONAIS	46
2. TRANSIÇÕES TRANSCULTURAIS - ESPAÇOS FLUIDOS – FRONTEIRAS FIXADAS	64
2.1 DO TUMULTO DO PARTIR – AO SER ESCRITOR.....	67
2.2 DOS ESPAÇOS TRANSITÓRIOS - NOVAS CONCEPÇÕES.....	80
2.3 FRONTEIRAS REAIS E AS DE SI.....	93
3. DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS: O MURO DAS CATEGORIAS E COMPROMISSOS COM A ESCRITA	109
3.1 AUTORES E SUAS COLOCAÇÕES NO MUNDO.....	113
3.2 LITERATURAS DE CHEGADAS E PARTIDAS: FORMAS SUBVERSIVAS DO DIZER.....	125
3.3 POSSÍVEIS ATIVISMOS LITERÁRIOS: DO VÃO DAS CATEGORIAS A COLABORADORES DE UMA VIRADA EPISTEMOLÓGICA	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
APÊNDICE A	194
ANEXO A	197
ANEXO B	198
ANEXO C	199
ANEXO D	200

Advertências necessárias

Esta pesquisa faz parte de um longo projeto que engloba não apenas o trabalho com as teorias desentranhadas da própria arte - que serão, de uma forma ou de outra, apresentadas ao longo deste texto -, mas de um projeto de vida, obtido a partir de recursos físicos e, sobretudo, psíquicos. Nas linhas seguintes, travestidas de ordem, estão os nossos dias, crus e cruéis, sobre os quais não foi possível dizer de outra forma, nem ao menos mais brando. A advertência recai sob essa dificuldade de analisar, perscrutar a história recente, a historiografia literária, as hostilidades, xenofobia, estereótipos, prejulgamentos e outras formas de ver e agir, sem que o conteúdo final desta tese não fosse delicado e forte.

Ao longo de quase cinco anos, entre pandemias, doenças psíquicas, mortes e fortes mudanças, as ideias e argumentações expostas nesta pesquisa, tecidas de modo vagaroso, se espalham por alguns dos textos publicados durante esses anos. Os artigos, capítulos e anais publicados salpicam um pouco do que será exposto nesta tese. Deste modo, é, sem dúvida, importante considerar que, apesar do ineditismo necessário ao doutorado, pontos relevantes para a discussão teórica e aprimoramento da tese foram debatidas durante eventos acadêmicos, lidas e sugeridas por pareceristas dos artigos, ações cruciais para a execução das linhas críticas deste trabalho. Listo a seguir essas publicações:

Artigos:

- Considerações acerca da recepção e do engajamento político em Deus não é tímido (2017), de Olga Grjasnowa. In: *Antares: Letras e humanidades*, v. 12, p. 184-198, 2020. Publicado em parceria com Prof. Dr. K. Bresolin.
- A literatura em movimento: desterro na literatura de Herta Müller. In: *Ipotesi*, v. 22, p. 128-135, 2019. Publicado em parceria com o Prof. Dr. Gerson Neumann.
- Os narradores do mundo e a Weltliteratur: o caso de escritores refugiados da literatura contemporânea em língua alemã. In: *Contingentia* (UFRGS), v. 7, p. 101, 2019. Publicado em parceria com o Prof. Dr. K. Bresolin.

Capítulos:

- Algumas reflexões sobre a escrita de migrantes no mercado literário em língua alemã e o ideal de uma (nova) Weltliteratur. In: Gerson Neumann; Marcello de Oliveira Pinto; Victor Manuel Ramos Lemus. (Org.). *Estudos de Transárea em torno do conceito de "Literaturas do mundo"*. 1ed.Porto Alegre: Editora Class, 2020, v. 1, p. 144-152.
- A representação dos refugiados em duas obras contemporâneas de língua alemã. In: Andrei dos Santos Cunha; Cinara Ferreira; Gerson Roberto Neumann; Rita Lenira de Freitas Bittencourt. (Org.). *Ilhas literárias: estudos de Transárea*. 1ed.Porto Alegre: UFRGS, 2018, v. 1, p. 1-7.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

- A Nova literatura universal: a figura do refugiado em *Gehen, Ging, Gegangen* de Erpenbeck e *Ohrfeige* de Khider. In: XIX Encontro de Pós-graduação, 2017, Pelotas. ANAIS O ENPOS, 2017. p. 1-5.

Como boa parte deste trabalho envolve a questão de língua e cultura e tem nelas um pilar importante para as argumentações que se seguirão, é relevante tecer alguns comentários quanto ao trabalho de tradução das sentenças apresentadas ao longo desta tese.

Portanto, sobre as traduções e referências em outras línguas diferente da portuguesa contidas nesta tese se esclarece que:

- Todas as traduções vertidas do alemão para o português foram realizadas pela autora desta tese e revisadas por Hanna Hoblaj.
- Citações cuja a língua de origem é o inglês ou o espanhol são mantidas como tal, a não ser quando sinalizado em nota de rodapé a necessidade de tradução.
- Optou-se por escrever os nomes de livros, artigos e capítulos na língua de origem e sugerir uma tradução para português em colchetes. Caso haja uma tradução publicada em língua portuguesa, se faz a referência em notas de rodapé. Para que não fosse perdido o fluxo de leitura, em alguns trechos, especialmente no caso de

nomes de instituições estrangeiras, optou-se pelo contrário, traduções em primeiro lugar.

- Para equalizar a visibilidade das diferentes línguas que estão, de algum modo, ligadas ao contexto, algumas palavras foram mantidas na língua árabe, por exemplo. Assim é necessário esclarecer que não é possível formatar as letras nos moldes da ABNT (*Times New Roman 12*), visto que a grafia do árabe não admite outra forma.
- As traduções dos títulos dos livros objetos de pesquisa serão indicadas ao menos duas vezes ao longo da tese, mesmo que elas estejam na Lista de Siglas, optou-se por reiterá-las algumas vezes para que o leitor não perdesse de vista a lembrança dos seus significados.

APRESENTAÇÃO

A própria expressão ‘direitos humanos’ tornou-se para todos os interessados — vítimas, opressores e espectadores — uma prova de idealismo fútil ou de tonta e leviana hipocrisia.

Hanna Arendt, 1998, p. 308

*Nós dizemos “nunca mais” e, mesmo assim, tudo se repete de novo.*²

Olga Grjasnowa, 2017

*Se agora tivermos de nos desculpar por mostrarmos um rosto amigo para aqueles que precisam de nossa ajuda, este não é mais o meu país.*³

Angela Merkel, 2018

Lendo o jornal hoje pela manhã me deparei com a seguinte colocação de Isabel Allende sobre seu novo livro em uma entrevista para a edição online da *Deutsche Welle* brasileira⁴: “Imigrante integrado é tesouro para o país”. Perguntei-me por alguns minutos tudo que diz - e quer dizer – essa afirmação. *Longa Pétala de Mar*⁵ é um romance que narra uma história real em uma perspectiva ficcional, uma ficção histórica: um jovem médico e uma pianista que, no meio da Guerra Civil espanhola, atravessam os mares, com mais de dois mil outros espanhóis, no navio Winnipeg rumo ao exílio no Chile, em 1939. O navio é fretado pelo poeta Pablo Neruda, por isso também o título do livro, que é como o poeta se referia a sua terra natal. A assertiva que estampa a entrevista da autora chileno-americana endossa a ideia de que os cidadãos refugiados espanhóis no Chile tiveram sucesso em suas vidas profissionais devido a integração - segundo ela, a boa aceitação do povo chileno - e, assim puderam contribuir para a economia do país.

² *Wir sagen ‚Nie wieder‘ und dann wiederholt es sich doch.* Em entrevista a Kämmerlings para o jornal online *Die Welt*. Todas as traduções do alemão para o português foram realizadas pela autora desta tese.

³ Frase da chanceler alemã Angela Merkel, citada por Habermas na entrevista a DW: „*Wenn wir uns jetzt auch noch entschuldigen sollen, wenn wir ein freundliches Gesicht zeigen gegenüber denen, die unsere Hilfe brauchen, dann ist das nicht mehr mein Land*“. Disponível em: <http://www.dw.com/de/habermas-asylrechte-sind-menschenrechte/a-18752899>. Acesso em 13/04/18.

⁴ ALLENDE, Isabel *Isabel Allende: Imigrante integrado é tesouro para o país* [Entrevista concedida a] Victoria Dannemann. Deutsche Welle. São Paulo: 12.08.2019 Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/isabel-allende-imigrante-integrado-%C3%A9-tesouro-para-o-pa%C3%ADs/a-49947546>. Acesso em 31.10.2019

⁵ Traduzido para o português por Ivone Benedetti, publicado no Brasil pela Editora Bertrand em 23 de outubro de 2019.

A bem sucedida integração levanta temas importantes para o entendimento do termo, especialmente referente ao campo cultural: a assimilação do outro enquanto cultura, a hibridização de culturas, a tolerância, a aceitação do outro, a contribuição linguística, e muitas outros. De todo modo, o campo semântico ao qual Allende se refere na menção à integração tem a ver com questões econômicas e, nesse sentido, a aceitação dos chilenos facilitou a inserção dos espanhóis na sociedade chilena. Ao final da guerra civil espanhola, em 1939, aproximadamente quinhentos mil refugiados fugiram para a França, onde posteriormente muito deles seriam mantidos em campos de prisioneiros, segundo dados do Memorial do Holocausto em Washington⁶, DC, quinze mil republicanos espanhóis acabaram em campo de concentração nazistas depois de 1940.

No caso de Allende, a história para o seu livro surgiu em seu exílio na Venezuela na década de 1970, quando conheceu Victor Pey, engenheiro, jornalista que partiu da Espanha para o Chile no Winnipeg. A escritora comenta que a ideia para o livro partiu apenas agora, pois começou a sentir “no ar o tema das migrações e refugiados, que sempre existiram, mas que agora chegam aos portões da Europa”. Nesse sentido, pode-se transportar o sentido de integração igualmente para outras esferas: como no caso em integrar oportunidades, histórias, literatura e política. Como exilada e “deslocada”, conforme comenta, Allende integra também suas vivências no exílio com a sua literatura, entrecruzando sua produção literária, política e migração. Portanto, a palavra integração nesse âmbito vai além dos significados culturais, quando, grosso modo, uma cultura *aceita* a outra e vice versa.

No que se refere a aceitação de um grupo pelo outro, como uma troca de desejos de dois lados, a antropologia nos ensina que os grupos tradicionais se preocupam na preservação das suas culturas em todos os aspectos, pois dentro dessas comunidades há, geralmente, regras impostas para barrar a interferência de um grupo diferente, alguns praticam, inclusive, rituais de aceite e iniciação na cultura. De qualquer maneira, a inserção do estrangeiro, nesse âmbito, está condicionada à aceitação do membro ao grupo. Essa prática pode ser levada em consideração de modo mais amplo, como por exemplo, no que se referem às leis de imigração e asilo em muitos países, como é o caso da Alemanha e Áustria: o estrangeiro precisa, entre outros, não só possuir o certificado da

⁶ Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/es/article/spanish-civil-war> acesso em 04.05.2022.

língua oficial do país (como também é o caso do Brasil), mas realizar uma prova específica de conhecimentos histórico-culturais do país, assim como dominar regras de boa convivência. Nesses casos, os rituais de aceitação e inserção objetivam, antes de tudo, a tentativa de preservação da cultura, começando no chamado domínio da língua, principal meio de interação social. Nesse sentido, como nos ensina o antropólogo Barth, a dicotomização entre o eu e o outro é inevitável quando se constata a diferença cultural nesse contato intersocial:

uma dicotomização dos outros como estrangeiros, como membros de outro grupo étnico, implica que se reconheçam limitações de compreensão comum, diferenças de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum assumida e de interesse mútuo (BARTH, 1998, p.196).

Nesse caso, se retornarmos aos espanhóis que chegam no Chile, o interesse mútuo é o ponto que fecha os laços. Evidentemente, a situação emergencial dos refugiados que chegam em países europeus atualmente constitui-se de um outro panorama. Na situação dos refugiados de Neruda, a integração, por exemplo, começou antes da partida, quando souberam de seu navio, de seus aportes e da certeza da chegada. Para as leis de imigração em todo o mundo, a situação dos espanhóis também remete às primeiras tentativas de refletir juridicamente sobre a situação do refugiado no mundo, como na criação da IRO (*International Refugee Organization*) em 1946, em que foi incluído um parágrafo especial no tocante aos refugiados espanhóis. Ao que refere aos refugiados no geral, a definição que valida a categoria nos tempos atuais baseia-se na Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, da Convenção de Genebra de 1951. No texto da convenção, se nota que a definição de refugiado se norteia, sobretudo, pelo medo. O termo aplica-se “a qualquer pessoa que, *temendo* ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude *desse temor*, não quer valer-se da proteção desse país”. Em outras palavras, para a recém criada Nações Unidas de 1951 aquele que pode ser considerado um refugiado e, assim pedir asilo no estrangeiro, se restringe apenas aquele que, desesperado de medo, precisa *partir*.

O dossiê produzido pelo jornal alemão *Die Zeit* informa em 2015, o número de refugiados na Alemanha: mais de um milhão. Segundo o Departamento Federal de Migração e Refugiados (BAMF), somente no mês de fevereiro de 2015 foram mais de

300.000 pedidos de asilo no país. O Ministério Federal do Interior (BMI) e o BAMF registraram que, apenas em 2015, 800.000 pessoas solicitaram asilo, ou seja, número quadruplicado em comparação a 2014. Essas instituições alemãs calculam que, entretanto, mais de 100.000 pessoas ainda estejam ilegais no país⁷. O ano de 2015 ficou conhecido como o auge do que se chamou de “crise de refugiados”.

Os recentes refugiados e os seus impactos de chegada na Europa têm sido, desde os anos 1990⁸, temas para publicações em língua alemã. O mote dessas obras oscila entre a recepção aos refugiados, os trajetos, as experiências de fuga e os conflitos identitários oriundos de um embate intercultural. É relevante mencionar que a maior parte desses escritores também possui histórico de fuga em suas biografias, como Senthuran Varatharajah, Abbas Khider e Olga Grjasnowa. Os escritores tiveram que lidar com a imposição da fuga, da mobilidade, do *ir*. Nos tempos atuais, esses autores identificam-se com o panorama alemão de acolhimento aos refugiados e escrevem sobre isso, em um entrelace entre passado e presente. A importância da escrita de autores com histórico de fuga no cenário literário, sobretudo na Alemanha, é imensa, não somente pela representatividade dessas pessoas refugiadas na constituição de uma Europa migrada, mas também na formação de um novo público leitor. Dessas novas formações e quebra de um chamado cânone literário de um ideário nacional, a luta e a insistência na escrita em uma língua adotada desses autores alimentam e refletem mudanças em ordem cultural, política, social e, especialmente, linguística.

Frente a essas considerações, sob a perspectiva de uma *política* da literatura, pode-se conjecturar que esses escritos promulgam, por meio de sua forma e de sua linguagem, não apenas a interpretação, mas a transformação de um mundo. Nessa tentativa, a intervenção crítica, cuja confecção literária, além da temática, auxiliada em grande parte por experiências autobiográficas, converge a prosa em um cenário engajado, ou afirmativos, em que narradores, personagens e a forma agem em prol de agentes sociais.

⁷ Segundo a homepage do BAMF <http://www.bamf.de/DE/Migration/AsylFluechtlinge>. Acesso em 25/08/2018

⁸ Uma lista de obras literárias publicadas na Alemanha pode ser encontrada no ANEXO D. Desmantelamento da União Soviética, guerra do Golfo, Guerra Civil no Sri Lanka, Guerra da Bósnia, Guerra do Alto Carabaque (“Nagorno-Karabakh”) são alguns dos conflitos no mundo que implicaram no aumento de refugiados na Europa a partir de 1990. A partir de 2010 começam as primaveras árabes e a queda de regimes totalitários incidindo em milhões de refugiados nos portões da Europa.

Em finais de 1940, Bertold Brecht escreve *Flüchtlingsgespräche* [Conversa de refugiados], no qual mescla o carácter autobiográfico e a ficção. Em um restaurante em uma estação de trem em Helsínki, dois refugiados alemães refletem sobre sua condição na cidade estrangeira. Boa parte do diálogo entre Kalle e Ziffel parece ter validade para os dias atuais, como na passagem: “O passaporte é a parte mais preciosa de um ser humano” (GRJASNOWA *apud* BRECHT, 2017, p. 277). O ideário de nação catapultado para o valor de um passaporte é também tema do terceiro romance de Olga Grjasnowa, *Gott ist nicht schüchtern* [Deus não é tímido], no qual o trecho de Brecht é citado. No romance de Grjasnowa, a imagem precedida da citação de Brecht é o mapa das estrelas, que prenuncia os acontecimentos jogados ao destino. *GnS* retrata a vida dos personagens em um espaço temporal do período da eclosão da Primavera Árabe (2010–2011) ao acirramento da crise migratória na Europa (2015–2016): os protagonistas Hammoudi e Amal, após atravessarem alguns países, refugiam-se, finalmente, na Alemanha.

Em *Vor der Zunahme der Zeichen* (2016) [Antes do aumento dos signos], de Senthuran Varatharajah, além da temática de fuga, a alusão a Brecht configura-se também na estrutura: composto de diálogos, a conversa entre refugiados se dá em um ambiente virtual, no Facebook. Nesse espaço virtual, em que as heterotopias estão supostamente suspensas, dois refugiados conversam sobre exílio e refúgio no país estrangeiro, desta vez, na Alemanha. Os espaços também são delineados por mecanismos linguísticos, como a repetição, em forma de movimento afirmativo de pertencimento, ou de desarraigamento.

No seu quarto romance, Abbas Khider mostra o quanto os requerentes de asilo sem permissão de trabalho e cursos de alemão estão expostos a um tédio crescente, deprimente e desumanizante ao longo de meses e anos. O iraquiano Karim, o personagem principal de *Ohrfeige* (2016) [Tapa na cara] depois de viajar por navio e em caminhões de carga fugindo do governo de Saddam Hussein e do serviço militar obrigatório, chega à Alemanha esperançoso, pois, como portador de ginecomastia, deseja fazer no país uma cirurgia de retirada dos seios, o motivo real pelo qual o fez fugir do Iraque e que mantém em segredo. Na Alemanha, depois de esperar o seu asilo por três anos, perambulando por abrigos de requerentes de asilo, no final é deportado, pois o 11 de setembro, segundo ele, “marcou todos os homens de língua árabe como terroristas” (p.119). O romance escancara a burocracia dos processos de asilo e denuncia abusos nos abrigos para requerentes de asilo.

Os romances de Grjasnowa, Varatharajah e Khider instauram, com a publicação em meio à crise de refugiados de 2014-2018, assim como sobre a temática de cunho denunciativo, a necessidade de discussão dos espaços nacionais e fronteiras. As narrativas evidenciam, especialmente, a sobreposição de valores, em que a pessoa e sua integridade são segunda instância em detrimento aos poderes territoriais e políticos. Esta pesquisa propõe nesse sentido discutir os romances desses autores em uma perspectiva dos estudos culturais no que refere ao compromisso ético e didático em que se inserem, a contestação das categorias literárias vernáculas, cujos autores recorrentemente são incluídos, o questionamento da autoria sob essas condições, assim como os elementos subversivos de língua, fronteiras culturais e sociais. Esses escritos *fluidos* sobre fuga na contemporaneidade partem de um levante libertário das literaturas cunhadas sob uma pós-colonialidade, cuja produção não se restringe ao território de sua escritura, mas se configura no cerne da autoria de seu produtor, sobretudo aos que escrevem da perspectiva de uma subalternidade, sob a marcas das epistemologias do Sul, na qual a escrita se agrega essencialmente a uma subversão, mesmo que escritas no Norte.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado “Os indesejáveis: a invenção de uma crise” traço um panorama sócio-histórico do surgimento do termo refugiado e suas implicações políticas, como o auge da “crise” em 2015. Subdividido em três subcapítulos, no primeiro, “Refugiado: uma construção conceitual” excursiono pela história do conceito de refúgio e na concepção de refugiado; no segundo, “O Refugio da terra” argumento como a construção histórica do termo possui um encadeamento político importante, tanto na consideração dessas pessoas deslocadas como indivíduos – que ao mesmo tempo contribui para o promoção dos direitos humanos -, quanto no rechaço à própria categoria; no terceiro, “Um sistema de crises: primaveras, guerras e movimentações transnacionais” tento evidenciar a ligação entre as primaveras árabes de 2010-2011 e o afunilamento das fronteiras ao redor da Europa, a partir de mudanças nas leis de imigração de alguns países europeus, construção de muros e cerceamentos de modo geral, culminam na crise dos refugiados da Europa em 2014-2018.

No segundo capítulo, denominado “*Transições transculturais – Espaços Fluídos – Fronteiras Fixadas*” analiso as motivações de fuga dos autores em questão, assim como tento entender o surgimento de novos espaços transitórios e de curta permanência. Para composição de capítulo, contei com o auxílio teórico de três seminários cruciais durante o doutorado: a disciplina realizada na Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas, regida pelo Prof. Dr. Cláudio Carle, “Territórios e identidades”; a disciplina “Fronteiras e Literatura” ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Neumann e Prof. Dr. Andrei Cunha na Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e a *Oberseminar* [seminário para a pós-graduação] da Prof. Dra. Dorothee Kimmich sobre Teorias de Espaço [*Raumtheorien*] na literatura na Universidade de Tübingen, na Alemanha. Esse aparecimento de novos territórios de trocas culturais provisórias e de controle pode ser visto como resultado de uma série de impedimentos que os refugiados são submetidos diariamente no país de chegada. A partir da investigação da análise da representação de espaços e suas delimitações nos romances, tento evidenciar a contestação desses escritos frente a esses postulados regressistas. No primeiro subcapítulo, “Do tumulto do partir – ao ser escritor” elaboro um paralelo das guerras das quais os escritores tiveram que partir e sua posterior carreira como escritor. Nessa subdivisão resumo os enredos das narrativas e salpico os elementos (auto)biográficos; no segundo, “Dos espaços transitórios – novas concepções” tento entender a função do um ponto de vista foucaultiano o surgimento de espaços transitórios de curta permanência como os *Asylheime* [abrigo para requerentes de asilo] e os navios e botes, representados nas narrativas de Grjasnowa, Khider e Varatharajah. No terceiro, “Fronteiras reais e de si” engendo a concepção das fronteiras socioculturais, as fronteiras de língua e corpo e as reais.

O último capítulo, “Das produções literárias: o muro das categorias e compromissos com a escrita” tem o objetivo de apresentar as manifestações autorais dos escritores escolhidos no que se relaciona a uma escrita nomeada de diferentes formas na história literária: política, didática, engajada, entre outros. Tento avaliar em que medida os autores e seus escritos *de fuga* permeiam por essas categorias literárias e como são recorrentemente categorizados. Nesse âmbito, ambiciono evidenciar a importância dessas narrativas para o discurso da subalternidade e da ideia da virada epistemológica, proposta, por exemplo, pelo sociólogo Sousa Santos. Para tanto, divido o capítulo três subgrupos:

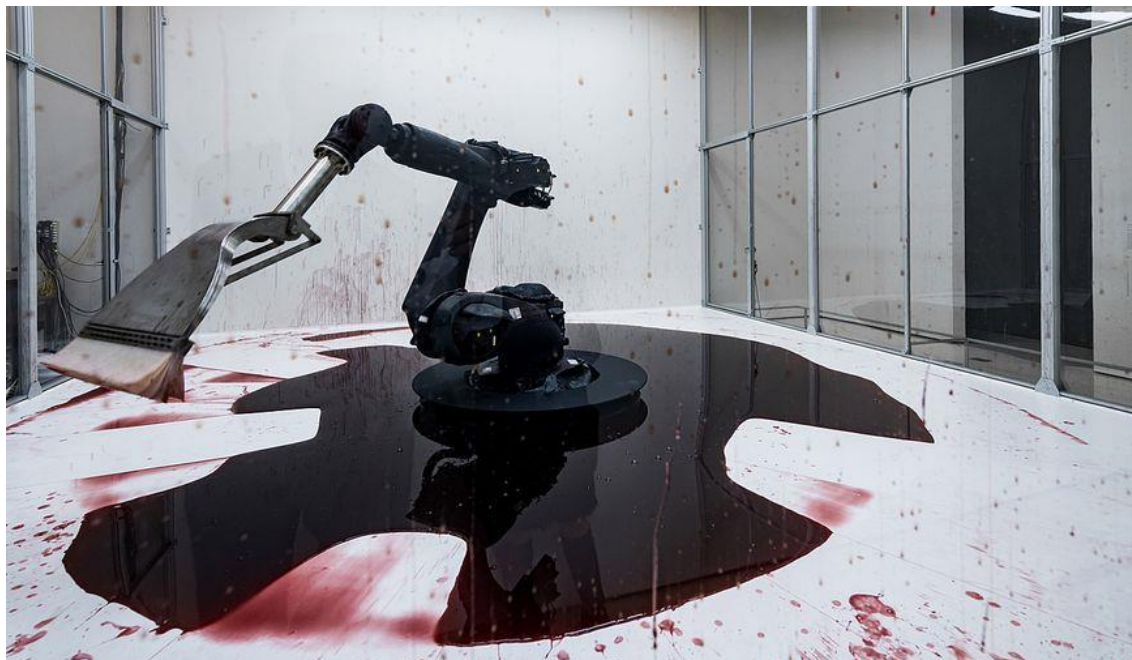
o primeiro “Autores e suas colocações no mundo” se ocupa de uma leitura das conceituações de autor na crítica literária e suas implicações na literatura; no segundo, “Literaturas de chegadas e partidas: o muro das categorias e compromissos com a escrita” trago um estudo sobre as literaturas cujos autores foram considerados, grosso modo, de engajados politicamente, tento analisar sua produção literária e colocações na mídia e em ensaios a partir dessas perspectivas. Nesse sentido, apresento também as formas cujos pesquisadores, especialistas e críticos literários lidam com a temática, particularmente, na contenda sobre a pertinência nacional, mundial, internacional, transareal, fluída das quais as narrativas escritas por migrantes têm sido atribuídas na história, assim como reitero a relevância da literatura de refugiados, cuja morada é a literatura alemã. No terceiro subcapítulo, discuto sobre as categorias literárias na Alemanha e os efeitos nas manifestações públicas, sobretudo, de autores com histórico de migração. Desse modo, tento entender a subversão de seus escritos a partir de uma ideia da subalternidade, sobretudo, partindo da alegação de Farrier (2018) em que os refugiados representam o novo grupo de subalternos. Desse entendimento, procuro traçar um paralelo com os escritos desses autores deslocados com a virada epistemológica proposta pelo sociólogo português Sousa Santos.

Esta tese assume, de todo modo, o compromisso de promover os grupos de artistas, escritores, pesquisadores que em algum momento na história se sentiram invisibilizados por questões políticas discriminatórias, racistas, xenofóbicas e sexistas. Por este motivo, priorizou-se como base fundamental para a escolha não apenas do *corpus*, mas de todo campo teórico-crítico que é composta a fundamentação, a equalização entre homens e mulheres, migrantes, negros, pesquisadores de origem fora do eixo-europa-eua-canadá, particularmente árabes (sobretudo no primeiro capítulo), latinos, indianos. Evidentemente, por outro lado, como a pesquisa refere-se majoritariamente aos contextos de língua alemã, há uma predominância de citações e leituras de pesquisadores oriundos da Alemanha e da Áustria.

As imagens componentes dos capítulos compartilham do mesmo direcionamento interpretativo, na minha concepção, assim como as poesias e excertos iniciais. Em concordância, porém, com a liberdade da arte e os pactos intrínsecos entre autor-leitor, as intenções da escolha desta coletânea artística e sua ligação com o conteúdo dos capítulos,

ficará a cargo do leitor desta tese, responsável por abrir o sentido e expandi-lo em múltiplas camadas.

Figura 1 - *Can't Help Myself* (2016) – de Sun Yuan e Peng Yu para o Guggenheim Museum em Nova York



Fonte: <https://www.guggenheim.org/artwork/34812> acesso em 08.05.2022

“Sun Yuan e Peng Yu empregam um robô industrial, sensores de reconhecimento visual e sistemas de software para examinar nossa realidade global cada vez mais automatizada, na qual os territórios são controlados mecanicamente e a relação entre pessoas e máquinas está mudando rapidamente. Colocado atrás de paredes de acrílico transparente, seu robô tem um dever específico: conter um líquido viscoso vermelho-escuro dentro de uma área predeterminada. Quando os sensores detectam que o fluido se desviou demais, o braço o coloca freneticamente de volta no lugar, deixando manchas no chão e respingos nas paredes ao redor” (...) (WENG, 2022 tradução minha)

SUAN YUAN (1972)

PENG YU (1974)

CONCEPTUAL ARTISTS

São artistas chineses que ganharam a sua fama a partir do uso de técnicas de taxidermia, gordura humana e tecnologias maquinárias. Ganharam o prêmio da *Contemporary Chinese Art*⁹.

⁹ Disponível em www.sunyuanpengyu.com acesso em 1.05.2022

1. OS INDESEJÁVEIS: A INVENÇÃO DE UMA CRISE

We lost our home, which means
the familiarity of day life.

We lost our occupation, which means
the confidence that we are of some use in this world.

We lost our language, which means
the naturalness of reactions, the simplicity of gestures,
the unaffected expression of feelings
(ARENDDT, 2017, p. 4, grifo meu)

Este capítulo configura uma espécie de antologia sobre o conceito “refugiado” de um ponto de vista jurídico, filosófico e, sem dúvida, antropológico¹⁰. A intenção se baseia em questionar alguns princípios e crenças que se formaram ao longo dos anos sobre o termo *refugiado* e a ao que se chamou de *crise dos refugiados*, debate bastante difundido entre os anos de 2013 a 2017, sobretudo na Europa. Primeiramente, traço um panorama histórico, com foco na história recente, do surgimento do termo, de seus usos jurídicos e em discursos públicos. Uma série de apagamentos emergiram a partir da construção jurídica do termo e, nesse caso, tento entender neste capítulo as contribuições de instituições de todas as esferas com a perda não apenas do lar, da ocupação e da língua destes sujeitos em busca de abrigo, mas de sua condição como indivíduo.

Posteriormente, parto da interpretação das diversas crises que afetaram o mundo moderno, deslocando os sujeitos da periferia sufocada do mundo para os centros europeus e americanos. Para tanto, investigo os cernes das recentes guerras para entender como os subúrbios mundiais se formaram e de que maneira suas constituições se delinearam em torno das bordas. Nesses movimentos, procuro entender na história em que instância as

¹⁰ Nas análises históricas sobre o “nascimento” do termo e da condição, sobretudo no primeiro capítulo, a base teórica e argumentativa respalda-se nas considerações de Liisa Malkki no artigo *Refugees and Exile: From “Refuge Studies” to the National Order of Things* (especificamente na seção “The Refuge: a epistemic Object in Construction”, p. 497), publicado no volume 24 do *Anuário Review of Anthropology*, assim como também na argumentação de Emma Haddad no livro *The Refugee in International Society*, publicado em 2008 pela Cambridge University Press. As traduções para português do inglês que eventualmente aparecem neste trabalho são de responsabilidade da autora da tese.

formas de controle de circulação de pessoas em nível mundial foi baseada, suas exclusões e cerceamentos. Como bem escreve a professora de antropóloga da Stanford University, Liisa H. Malkki, especialista em estudos de deslocamentos forçados, refugiados e migrações:

Nationalism and racism, xenofobia and immigration policies, state practices of violence and war, censorship and silencing, human rights and challenges to state sovereignty, 'development' discourse and humanitarian interventions, citizenship and cultural or religious identities, travel, diaspora, and memory and historicity are just some of the issues and practices that generate the inescapably relevant context of human displacement today (MALKKI, 1995, p. 496).

Nessa perspectiva, segundo Malkki, a ideia do surgimento da condição de deslocamento forçado decorre do encadeamento de problemas gerados nos nossos tempos. Até mesmo os direitos humanos e as intervenções humanitárias tiveram seu papel contributivo para a afunilamento das fronteiras, culminando em sujeitos deslocados.

Como esta tese se propõe investigar romances e autores ligados ao contexto de deslocamento, migração, identidades culturais na Alemanha, se fez necessário refletir a partir de dados oficiais como o termo integração faz parte de uma das estratégias para conter o que foi considerado um problema, assim como os cerceamentos na base da lei.

1.1 REFUGIADO: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL

Refugiado é um termo recente, que se consolida após a Segunda Guerra, com a promulgação do Estatuto do Refugiado de 1951. O conceito de dar abrigo, refúgio, a prática de acolhimento do estrangeiro, especialmente os perseguidos, entretanto, advém de períodos antigos, sobretudo no Oriente Médio, nos impérios assírio, hitita, babilônicos. A civilização hitita (2000 a.C - 1200 a.C), por exemplo, se estabelecia na região Anatólia, situada atualmente na Turquia recebia pessoas estrangeiras perseguidas, que serviam posteriormente como força de trabalho¹¹. O tratado de paz egípcio-hitita, segundo alguns historiadores¹², seria o primeiro documento legal conhecido, ao qual a extradição de pessoas é de alguma forma regulamentada e teria validade apenas sob a condição de que nem os *refugiados*, nem suas famílias fossem punidas.

Durante a Idade Média¹³, este acolhimento também se relacionava com o recebimento de expatriados criminosos, mas que associava, de todo modo, aos preceitos religiosos. Nesse sentido, a migração forçada na idade média se dava também pela

¹¹ No artigo *Hittites, Ottomans and Turks: Agaoglu Ahmed Bey and the Kemalist construction of Turkish nationhood*, publicada na *Anatolian Studies*, em 2008, Can Erimtan, do Instituto britânico em Ankara, faz uma profunda análise da construção da posição dos hititas no desenvolvimento teórico do nacionalismo turco no século XX, sobretudo na constituição imaginário de um povo “turco”. Nele, Erimtan salienta que as pessoas que procuravam abrigo no Império eram bem vistas, pois poderiam servir no futuro como força de trabalho (2008, p. 142) (do inglês - *tradução minha*).

É importante frisar, nesse sentido, a importância da Turquia hoje para os refugiados sírios, por exemplo, o país é uma “ponte” para a Europa Central, e faz parte de uma rota terrestre percorrida por muitos refugiados do Líbano, do Norte da África, Iraque, sobretudo da Síria. Segundo dados da Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a Turquia foi o país com o maior número de registros oficiais de refugiados entre 2014 e 2019. Informações disponíveis em <https://help.unhcr.org/turkey/> acesso em 02.05.2022.

No artigo intitulado *Refugees, Exiles, and Other forced migrants in the late ottoman empire*, o professor Dawn Chatty de Antropologia do Centro de Estudos sobre Refúgio da Universidade de Oxford, ressalta a relevância da pesquisa sobre a situação histórica para as pesquisas sobre refugiados, relata que o tema tem “longas raízes na história ocidental e oriental e na filosofia” (2013, p. 37).

¹² Ver, por exemplo, as proposições propostas na extensa pesquisa sobre os tratados de Cades do famoso orientalista turco Veysel Donbaz *Some Observations on the Treaty Documents of Qadesch*, publicado na revista *Istanbul Mitteilungen* em 1993.

¹³ O propósito dessa seção é evidenciar alguns pontos históricos de marcada relevância a construção do termo refugiado, apesar do salto temporal mencionado nesse trecho, é, sem dúvida, não suavizar a importância dos desenvolvimentos para o termo e a condição de refúgio no interior desse recorte. Naturalmente, dentro desse período, as práticas de acolhimento de estrangeiros por povos e lideranças locais continuaram.

perseguição e intolerância contra as minorias, como judeus, hereges e leprosos. Estes fatores também levaram ao aumento do fluxo de pessoas que fugiam e buscavam *asilo*. Nesse contexto, também é importante remeter a etimologia da palavra asilo, que, originado do grego “asylos” e do latim “asylum¹⁴”, significa lugar inviolável, santuário.

O surgimento do uso do termo asilo, deste modo, possui bases religiosas. Alguns pesquisadores¹⁵ afirmam que um dos primeiros registros escritos da lei de asilo pode ser encontrado na bíblia: no livro do Êxodo. Neste livro, o segundo supostamente escrito por Moises, versa sobre os mandamentos sobre os servos e ferimentos pessoais; nos versículos 12, 13: “Quem ferir um homem e o matar terá que ser executado. Todavia, se não o fez intencionalmente, mas Deus o permitiu, designei um lugar para onde ele possa fugir” (Ex 21, 12-13). Como comenta Tiedemann (2017), isso significava espaços onde não pudesse haver algum tipo de vingança e remete à época que o povo de Israel era nômade e que sua terra fora dividida entre outros povos.

Os conceitos de asilo e refúgio¹⁶, em uma perspectiva comparatista à idade média, se encarceram, majoritariamente, na área do direito internacional e político e sob essa égide marcam as definições atuais. No decorrer das revoluções liberais, o fim do Antigo Regime, e com a onda de princípios constitucionais e a declaração de direitos na Europa e nos Estados Unidos, o asilo passou a não ser mais concedido a crimes comuns, mas aos perseguidos políticos. Na proposta de Hathaway (1991), também mencionada nas argumentações de Barichello e Araújo (2014) sobre a definição histórica do termo refugiado e os deslocamentos forçados, a consolidação do Instituto do Refúgio compreendeu três momentos: jurídica (1920-1935), referindo-se à necessidade de proteção do estado a determinados grupos, social (1935- 1939), que se associa às

¹⁴ Segundo os dicionários etimológicos online da língua portuguesa disponíveis em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=asilo> e <https://delpo.prp.usp.br/>, respectivamente, acesso em 02.05.2022.

¹⁵ Ver TIEDEMANN (2017); ROTAECHE (1997)

¹⁶ De modo majoritário, as principais informações referentes ao direito internacional e o desfecho da categoria refugiado e seus direitos no período após a formação da Liga das Nações foram inspirados no livro da professora de Direito Internacional Público da Pontifícia Universidade de Comillas, Cristina Gostázar Rotaeche, *Derecho de Asilo y “no Rechazo” del Refugiado* (aspas da autora do livro), publicado em 1997, pela editora Dykinson, em Madri. Para entendimento desse contexto histórico ao redor do termo, também foi utilizado o artigo de Barichello e Araujo (2014): BARICHELLO, Stefania Eugenia; DE ARAUJO, Luiz Ernani Bonesso. Aspectos históricos da evolução e do reconhecimento internacional do status de refugiado. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 63-76, jul./dez. 2014.

definições referentes aos grupos de refugiados “em decorrência de acontecimentos políticos e sociais, principalmente relacionadas ao Nazismo” (BARICHELLO; ARAUJO, 2014, p. 65) e individualista, que se caracteriza por verificação de méritos individuais e análise individual do requerente de asilo.

Nos anos de 1914 a 1918, a Primeira Guerra Mundial rearranjou a geopolítica mundial em uma outra configuração e fez com que um fluxo migratório global, nunca antes visto em tal nível, gerasse apátridas e refugiados. Para contribuir para esse contexto, não se pode deixar de mencionar a Revolução Russa de 1917, cujo cenário levou a fuga dos chamados “Russos Brancos”, apoiadores do czar e do Império Russo, e outros partidários contrarrevolução, assim como também a expulsão da minoria armênia do território do Império Otomano entre 1915 a 1923, conhecido Genocídio Armênio, também crucial para o aumento e, sobretudo, para o debate sobre a temática de suporte de direitos a pessoas que, devido a disputas territoriais, perderam a jurisprudência de suas nacionalidades. As quedas dos principais grandes impérios, portanto, como o Russo, Otomano e o Austro-Húngaro e os tratados de paz, somados, geraram um aumento significativo de pessoas deslocadas, na qual se deve ainda acrescentar

a situação explosiva determinada por cerca de 30% das populações dos novos organismos estatais criados por tratados de paz conforme o modelo do Estado-nação (por exemplo, Iugoslávia e Tchecoslováquia), que constituíam minorias que tiveram que ser tuteladas por meio de uma série de tratados internacionais(..) (BARICHELLO; ARAUJO, 2014, p. 65).

Nessa conjuntura geopolítica, o deslocamento de grupos minoritários e sua repatriação tornou-se um dos temas recorrentes para a recém-criada Liga das Nações (1919), cujo um dos objetivos de sua composição se baseava justamente nos acordos internacionais de paz e provimento de direitos das minorias e apátridas. A Liga representou, sem dúvida, um dos primeiros passos¹⁷ em direção a uma mediação internacional de conflitos internacionais, sobretudo no que tange ao termo *refúgio*¹⁸. Estabelecida na Conferência de Paz de Paris, visava, por exemplo, à resolução desses conflitos por meio de sanções econômicas e militares. Com poder de decisão e força

¹⁷ Entre outros, HATAWAY (1990); ARENDT (1998);

¹⁸ Ver, por exemplo, em FISCHER DE ANDRADE (2005); HATAWAY (1990)

política, o Conselho da Liga era formado por potências ocidentais: Membros permanentes, Grã-Bretanha, França, Itália, Japão, Alemanha e União Soviética e membros não permanente escolhidos por uma assembleia, cuja Secretaria Geral se estabelecia em Genebra, na Suíça.

Com o objetivo de atender as demandas da nova configuração mundial ao final da guerra, especialmente no que tangia aos direitos elementares das minorias étnicas, uma série de tratados foram instituídos, os Tratados de Minorias. Estes acordos consistiam em garantir aos povos minoritários direitos especiais essenciais para manutenção da integridade física, étnica, religiosa e linguísticas. Hannah Arendt comenta em *Origens do Totalitarismo* (1998), especialmente no capítulo cinco - *o declínio do estado-nação e o fim dos direitos do homem* - que a relevância destes Tratados não recairia na sua “aplicação prática”, mas na garantia de proteção dessas minorias por uma entidade internacional e enfatiza que

Minorias haviam existido antes, mas a minoria como instituição permanente, o reconhecimento de que milhões de pessoas viviam fora da proteção legal normal e normativa, necessitando de uma garantia adicional dos seus direitos elementares por parte de uma entidade externa, e a admissão de que esse estado de coisas não era temporário, mas que os Tratados eram necessários para criar um *modus vivendi* duradouro - tudo isso constituía novidade na história europeia (*sic*), pelo menos em tal escala (ARENDR, 1998, p. 308).

Estes tratados, porém, apesar de grande novidade, uma referência importante na constituição histórica da Europa em si e um passo significativo em direção à proteção dos povos minoritários, como comenta Arendt, paulatinamente, se resumiu a agregação deles aos Estados-Nações pertencentes, como forma de relegar à condição de estrangeiros e não ameaçar a unidade nacional e cultural. Infelizmente, muitos dos grupos minoritários foram naturalizados aos novos países e outros esquecidos à própria sorte (ARENDR, 1998, p. 308-309).

Nessa época, o caso de refugiados russos¹⁹, por exemplo, agregou à questão uma série de novas iniciativas. Devido ao programa de desnaturalização em massa que, entre

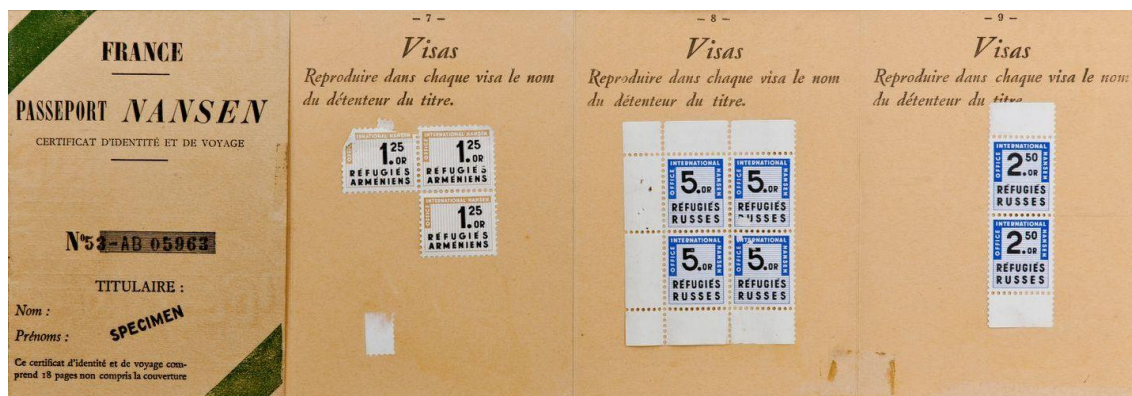
¹⁹ Segundo Fischel de Andrade (2005), consultor jurídico do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a Liga precisou se organizar no intento de proporcionar proteção a cerca de dois milhões de russos que devido à crise política eram considerados apátridas e se espalhavam pela Europa e Ásia (p. 2).

outras medidas, retirava a nacionalidade de cidadãos “daqueles que se encontravam no exterior há mais de 5 anos e, até 22 de junho de 1922, não houvessem obtido o passaporte (...) ou, ainda, houvessem abandonado a Rússia depois da revolução em razão de sua discordância com o regime (..) (BARICHELLO; ARAUJO, 2014, p. 66). Assim, como também argumenta Arendt (1998, p. 309), antes de obterem o status de refugiados, eles foram primeiramente apátridas. Surgida da necessidade de análise dessas pessoas, sobretudo referente à indefinição de suas situações jurídicas, a Liga das Nações juntamente com a Cruz Vermelha, fundou o Alto Comissariado para Refugiados Russos, que vigorou de 1921 a 1930, sob coordenação do Delegado do Governo da Noruega na Sociedade das Nações Dr. Fridtjof Nansen – detentor do Prêmio da Paz de 1923, justamente em razão de seu trabalho no comissariado.

Diante da enorme problemática envolvendo os russos - e armênios - apátridas, que não poderiam voltar, nem viajar aos Estados Unidos ou Canadá, nem se domiciliar em alguma parte da Europa, a solução deveria vir prontamente da comissão. Em julho de 1922, por este motivo, o Alto Comissariado Russo ratificou uma série de iniciadas para tentar solucionar a situação, dentre elas a Expedição de Certificados de Identidade para Refugiados Russos, idealizado pelo coordenador Nansen. Em si, o certificado não definia o status definitivo do cidadão, mas identificava-os como refugiados russo e permitia com que viajassem, pudessem se estabelecer em algum país que fizesse parte do acordo²⁰ ou ainda retornar ao país ao qual o documento foi emitido. Este documento ficou conhecido como Passaporte Nansen. Na figura abaixo, parte do acervo da *United Nations Office at Geneva Library*, vê-se um desses passaportes com expedição na França.

²⁰ Em 31 de maio de 1924, Nansen ratificou, o Plano Relativo à Expedição dos Certificados de Identidade para Refugiados Armênios - até então somente refugiados russos obtinham o documento – entre 35 nações, entre eles o Brasil, cujo objetivo era oferecer proteção jurídica para os 300 mil armênios que fugiam do genocídio e encontravam-se, sobretudo, na Síria, Iraque, Chipre, Grécia.

Figura 2 – Passaporte Nansen com carimbos



Fonte: Library of Congress

Disponível em <https://www.loc.gov/item/2021667890/> acesso em 03.05.2022.

Como aponta Arendt (1998, p. 315), apenas os russos e os armênios, foram reconhecidos oficialmente como apátridas e “colocados sob a proteção da Agência Nansen da Liga das Nações, e contemplados documentos para viajar livremente”. Posteriormente, os russos e os armênios com este status passaram a ser conhecidos como refugiados Nansen²¹. Nos documentos das reuniões da Liga das Nações, nota-se que, apesar de haver uma movimentação em prol de uma conceituação, sobretudo, jurídica ao que se denominava *refugiados*, foi apenas em 1926 que, de fato, foram firmadas as designações dessa categoria com a assinatura do *Arrangement of 12 May 1926 relating to the Issue of Identity Certificates to Russian and Armenian Refugees*²². O seguinte acordo definia apenas as duas categorias:

The Conference adopts the following definitions of the term "refugees":
 "Russian: Any person of Russian origin who does not enjoy or who no longer enjoys the protection of the Government of the Union of Socialist Soviet Republics and who has not acquired another nationality.

²¹ Ver FISCHER DE ANDRADE (1996), BARICHELLO; ARAUJO (2014), ARENDT (1998).

²² Documento pode ser obtido na íntegra em <https://www.refworld.org/pdfid/3dd8b5802.pdf> (acesso em 04.05.2022).

"Armenian: Any person of Armenian origin formerly a subject of the Ottoman Empire who does not enjoy or who no longer enjoys the protection of the Government of the Turkish Republic and who has not acquired another nationality (LEAGUE OF NATIONS, 1926).

Dois anos depois, um outro documento da Liga, constituiu, o princípio jurídico que, anos mais tarde, seria assegurado de maneira efetiva na Convenção de 1951: *o non-refoulement*²³. De forma inicial, o acordo garantia que o refugiado não fosse expulso, caso ele não tivesse condições legais para entrar no país. Depois da morte de Nansen em 1930, as responsabilidades do comissariado ficaram a cargo da Secretariado da Liga, cuja administração se manteve ainda por oito anos conhecida por Escritório Nansen. Um dos grandes marcos desse Secretariado foi, sem dúvida, a organização da Convenção Relativa ao Estatuto Internacional dos Refugiados em 1933 que, como comenta Loescher (2017, p.80), no recolhimento de assinaturas e continuação do aporte aos refugiados russo e armênios (e assimilados²⁴) na obtenção de direitos nos países em que foram asilados.

Na Alemanha, o ano de 1933 também é marcado por inúmeras iniciativas. Com a ascensão de Adolf Hitler em janeiro, as perseguições, sobretudo antisemitas, levaram à emigração em grande porte. Em abril, se incluía a perseguição e expulsão mediadas pelo Estado: o caminho para a ideologia racista dos nacional-socialistas foi inicialmente a Lei para Restauração do Serviço Civil²⁵ [*Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums*], na qual os funcionários públicos de descendência “não ariana” [*nicht arischer Abstammung*] deveriam ser aposentados. O chamado “Parágrafo Ariano” [*Arierparagraph*] permitiu assim a expulsão de modo legal dos judeus do serviço público, das profissões liberais, universidades e escolas. Em maio, no auge da campanha do diretório nacional de estudantes e artistas de vieses nazistas, há a incitação da ‘Queima dos livros’ nas principais cidade universitárias, sob o pretexto de que “a literatura alemã precisaria ser purificada de elementos estranhos que pudessem alienar a cultura alemã”

²³ Em português: Princípio da Não-repulsão

²⁴ “CHAPTER I. - DEFINITION Article 1. The present Convention is applicable to Russian, Armenian and assimilated refugees, as defined by the Arrangements of May 12th, 1926, and June 30th, 1928, subject to such modifications or amplifications as each Contracting Party may introduce in this definition at the moment of signature or accession” (LEAGUE OF NATIONS, 1933, grifo meu) A questão da inclusão dos assimilados na definição desse adendo amplia o alcance dos termos e solidifica os princípios das anteriores.

²⁵ Ver também em DIAZ, 2010, especialmente no segundo capítulo.

(JOHST²⁶ *apud* GRAF, 2003). A lei da Câmara de Cultura do Reich de setembro tornou impossível para os judeus trabalharem em instituições não-júdas. Em outubro de 1933, o governo alemão anunciou sua retirada da Liga das Nações. A razão ostensiva foi a recusa das potências ocidentais em concordar com as demandas da Alemanha por paridade militar (HERWIG, 1999).

Como aponta Giorgio Agamben no ensaio *Beyond Human Rights*, no livro *Means without End: Notes on Politics* (2000), devido, principalmente, ao programa de desnaturalização de julho de 1933, judeus e outros grupos - como ciganos e inimigos políticos - perderam direitos e se tornaram cidadãos de segunda classe, o número da emigração desses grupos aumentou consideravelmente e passou a ser um problema de magnitude mundial (p.91). Para lidar com a crítica situação, em 4 de julho de 1936, a Liga das Nações criou o Alto Comissariado para Refugiados da Alemanha, cujo objetivo era não devolver os refugiados à Alemanha de Hitler e amparar os que sofriam com a perseguição. Em 1938, a Liga redigiu a Convenção Relativa aos Refugiados Provenientes da Alemanha (LEAGUE OF NATIONS, 1938) – promulgada em 10 de fevereiro e estendida em 1939 - e igualou a situação do “apátrida à do refugiado e excluiu do rol de proteção aquelas pessoas que deixaram o país por conveniência” (BARICHELLO; ARAUJO, 2014, p. 68). O objetivo da Convenção também era ratificar o princípio *non-refoulement*, de não-expulsão, extradição ou retorno desses refugiados ao território alemão e garantir a segurança deles.

Diante dos acontecimentos e crescente necessidade de amparo aos refugiados em nível mundial - sobretudo causado pela perseguição, desnaturalização e banimentos de grupos na Alemanha - em 1938, o Escritório Nansen na Noruega propôs a união com o Alto Comissariado para os refugiados da Alemanha a fim de fundar uma agência com mais capacidade de gerir a situação catastrófica. Em 1939, por isso, a partir da fusão do Escritório e do Comissariado, nasce o Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados (ACLNR).

Como comenta Haddad²⁷ (2008, p.156), além da criação das ACLNR, a Liga das Nações ao longo de alguns anos posteriores estabeleceu uma série de outras iniciativas

²⁶ Escritor e funcionária da área da Cultura da Alemanha Nazista. Foi presidente da Câmara de Literatura do Reich (*Reichsschrifttumskammer* - RSK).

²⁷ Em *The Refuge in International Society*, publicado em Nova York pela Cambridge University Press em 2008. Livro originado de sua tese de doutorado no Instituto Europeu na *London School*

para que a situação dos refugiados no mundo se abrandasse e fosse de alguma forma resolvida. Com a Segunda Grande Guerra (1939-1945), a conjuntura internacional no que se referia o aumento de refugiados, especialmente no bloco aliado – Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos - como o Comitê Intergovernamental para Refugiados (*Intergovernmental Committee on Refugees* IGCR - 1939) e a Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas (*United Nations Relief and Rehabilitation Administration* UNRRA – 1943). Com a constituição da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, intentando garantir a paz e a segurança internacional²⁸ e fomentar acordos de cooperação nesse sentido, sobretudo a partir de uma ideia dos direitos humanos que, com a segunda guerra, recebeu novas definições e contornos.

Na preocupação de lidar com a demanda de refugiados, que era considerada um problema de ordem mundial, a ONU cria em abril de 1946 a Organização Internacional para Refugiados (OIR) [*International Refugee Organization*-IRO]. Acerca da criação desse órgão, Haddad (2008) assevera que, naturalmente, dentro das motivações para o surgimento de uma agência que lidasse com a questão existem razões de cunho humanitário, por outro, porém, não se pode esquecer que os Estados-Membros também visavam a segurança das fronteiras, a movimentação de recursos financeiros e também a *integração* desses estrangeiros dentro das fronteiras nacionais. Em dezembro de 1948, a ONU adota e proclama, por meio da Assembleia Geral, a Declaração de Direitos Humanos, cujo propósito, depois da barbárie da guerra e as atrocidades nazistas, era tentar garantir que os povos dos Países-Membros se esforçassem na promoção do respeito aos direitos e liberdades dos indivíduos, por meio do ensino e educação e medidas de caráter nacional e internacionais (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

of Economics and Political Science, obtido em 2004. Emma Haddad é atualmente diretora geral de asilo e proteção do governo do Reino Unido. Cf. disponível em <https://www.gov.uk/government/people/emma-haddad> acesso em 07.05.22.

²⁸ Trecho da carta assinada nos Estados Unidos em junho de 1945, em vigor apenas depois da Conferência das Nações Unidas em 24 de outubro. Sobre os fins do acordo, ela versa: “praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social *de todos* os povos” (ONU, 1948 grifo meu) Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91220-carta-das-nacoes-unidas>. Acesso em 07.05.2022.

1.2 O REFUGO DA TERRA

Conforme análise de Barrichello e Araujo (2014), o nascimento da IRO se dispôs da Carta das Nações Unidas, mas trouxe uma nova definição para o termo refugiado, mesmo que essa tenha sido baseada nos princípios clássicos regidos nos outros acordos dos anos 30, essa nova organização via o refugiado de modo amplo: incluía pessoas deslocadas não apenas da grande guerra, mas de outras guerras nacionais, como a da Espanha, assim como também os órfãos de guerra. Segundo a constituição geral dessa organização, há duas considerações a serem definidas: a primeira é a do refugiado (Seção A) e outra sobre uma *displaced person* (Seção B). Na primeira definição, um refugiado em 1946 era considerado:

(a) Victims of the nazi or fascist regimes or of regimes which took part on their side in the second world war, or of the quisling or similar regimes which assisted them against the United Nations, whether enjoying international status as refugees or not;

(b) Spanish Republicans and other victims of the Falangist regime in Spain, whether enjoying international status as refugees or not;

(c) Persons who were considered refugees before the outbreak of the second world war, for reasons of race, religion, nationality or political opinion.

2. Subject to the provisions of sections C and D and of Part II of this Annex regarding the exclusion of certain categories of persons, including war criminals, quislings and traitors, from the benefits of the Organization, the term "refugee" also applies to a person, other than a displaced person as defined in section B of this Annex, who is outside of his country of nationality or former habitual residence, and who, as a result of events subsequent to the outbreak of the second world war, is unable or unwilling to avail himself of the protection of the Government of his country of nationality or former nationality.

3. Subject to the provisions of section D and of Part II of this Annex, the term "refugee" also applies to persons who, having resided in Germany or Austria, and being of Jewish origin or foreigners or stateless persons, were victims of nazi persecution and were detained in, or were obliged to flee from, and were subsequently returned to, one of those countries as a result of enemy action, or of war circumstances, and have not yet been firmly resettled therein.

4. The term "refugee" also applies to unaccompanied children who are war orphans or whose parents have disappeared, and who are outside their countries of origin. Such children, 16 years of age or under, shall be given all possible priority assistance, including, normally, assistance in repatriation in the case of those whose nationality can be determined. (UN GENERAL ASSEMBLY, 1946).

Uma *displaced person*, em contrapartida, se aplica a uma pessoa

as a result of the actions of the authorities of the regimes mentioned in Part I, section A, paragraph 1 (a) of this Annex, has been deported from, or has been obliged to leave, his country of nationality or of former habitual residence, such as persons who were compelled to undertake forced labour or who were deported for racial, religious or political reasons. Displaced persons will only fall within the mandate of the Organization subject to the provisions of sections C and D of Part I and to the provisions of Part II of this Annex. If the reasons for their displacement have ceased to exist, they should be repatriated as soon as possible in accordance with Article 2, paragraph 1 (a) of this Constitution, and subject to the provision of paragraph (c), subparagraphs (ii) and (iii) of the General Assembly resolution of 12 February 1946 regarding *the problem of refugees* (Annex III) (UN GENERAL ASSEMBLY, 1946, grifo meu)

Nessas definições, ainda em 1946 é possível notar que as duas classificações, apesar de parecidas, se diferenciam na questão jurídica: o segundo foi obrigada a deixar o país, assim como obrigados a realizar trabalhos forçados. O parágrafo assegura também que caso o motivo pelo qual a pessoa deslocada foi obrigada a partir, ele deve ser repatriado, diferente da definição de refugiado, que não há uma obrigatoriedade de seu retorno, de todo modo, entretanto, isso não se teria força de lei, por que no parágrafo II do texto está claro que mesmo sendo manifestada o seu retorno pelo governo nacional, ausente o motivação, nem os refugiados, nem as pessoas deslocadas serão obrigadas ao retorno ao país natal, exceto que haja uma acordo expresso entre as nações. A relevância desse texto também se direciona a tutela desses refugiados ou pessoas deslocadas: a responsabilidade em geri-los recai em qualquer organismo internacional reconhecido para tal ou exceto quando há um acordo legal entre os países em que os refugiados e pessoas deslocadas se estabeleceram no compromisso, sobretudo, financeiro “de manutenção e responsabilidade por sua manutenção” (UN GENERAL ASSEMBLY, 1946). Nessa redação se conclui que os refugiados e pessoas deslocadas são vistas, perante tais órgãos, como uma massa problemática que gera custos e, também por isso, necessária a tentativa de amparo legal.

Sobre a redação jurídica, à propósito, é importante levar em consideração na escrita constitucional desse acordo de 1946 a recorrência da palavra “problema”. Nas oito entradas da palavra no texto, a categórica emergência de uma solução para a problemática em torno dos refugiados e pessoas deslocadas no mundo é evidente e aparece logo nas

definições dos princípios gerais, cuja determinação é a tentativa de envio dessas pessoas ao seu lugar de origem:

(a) The main object of the Organization will be to bring about a rapid and positive solution of the problem of bona fide refugees and displaced persons, which shall be just and equitable to all concerned.

(b) The main task concerning displaced persons is to encourage and assist in every way possible their early return to their countries of origin, having regard to the principles laid down in paragraph (c) (ii) of the resolution adopted by the General Assembly of the United Nations on 12 February 1946 regarding the problem of refugees (UN GENERAL ASSEMBLY, 1946)

Do que se pode depreender dessa redação, os refugiados e pessoas deslocadas são vistos como pessoas não-quistas, dilemas a serem resolvidos. A palavra “encorajar”, do inglês *encourage*, remete também a uma espécie de incentivo positivista ao retorno, mesmo que em outros trechos dessa constituição se refira com sensibilidade aos refugiados e pessoas deslocadas que foram forçadas a partir, por perseguição de raça, religião ou política (Ver seção D), assim como os órfãos de guerra, o que se subentende do trecho é a constituição de um termo que atribui rechaça. Como comenta Hannah Arendt, o estabelecimento do termo ao longo dos anos, sua fundação e seu desenvolvimento os atestam como o “refugio da terra” (1998, p.301).

Na busca por critérios mais universalizados no que se refere à definição da categoria do refugiado e o trato da problemática mundial, criou-se em 1949 o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), cujo estatuto passou a reger os casos mais individualmente, não apenas por grupos étnicos, raciais, religiosos e políticos como na redação jurídica dos casos anteriores. De acordo com essas resoluções e estatutos, o sistema jurídico, no que se refere ao status de refugiado, toma forma entre os anos 1938 e 1950, sobretudo relativo ao reconhecimento da pessoa deslocada e do refugiado. (FISCHEL DE ANDRADE, 2006, p. 45). A ACNUR - criada na Assembleia Geral da ONU em dezembro de 1949, mas em vigor a partir de janeiro de 1951 – objetivava ser o órgão de operação da Convenção de Genebra de 1951, o Estatuto do Refugiado, emendada em 1967. Atualmente, a ACNUR é ainda o órgão responsável na ONU para os direitos e proteção do refugiado.

A Convenção de 1951 marca os estudos sobre Refugiados e a base para as pesquisas atuais sobre o tema. O artigo 1º. A., § 2º, da Convenção de 51 traz o conceito de Refugiado, conforme segue:

Para fins da presente Convenção, o termo “refugiado” se aplicará a qualquer pessoa que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade encontra-se fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 2022a).

Entre outras, a Convenção traz pontos importantes sob dois aspectos, primeiramente no que versa “em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1. de janeiro de 1951”, entende-se que se refere nesse momento não apenas as atrocidades ocorridas nas grandes guerras, mas também em outros conflitos locais já mencionados anteriormente. Segundo, assegura o direito de *non-refoulement*, ou seja, a não-devolução forçada ou expulsão, assim como também o artigo sobre o uso indevido dos benefícios da resolução para o refugiado que cometer algum crime. Em 1967, entretanto, outras situações geraram a necessidade de adequação desse regulamento, sobretudo no que refere à descolonização da África (FISCHEL DE ANDRADE, 2006), que gerou outro grande fluxo de refugiados. O Protocolo de 1967 tinha como meta, entre outras, alterar as definições propostas na Convenção de 51, como versa nos dispostos gerais (Art. 1):

Para os fins do presente Protocolo, o termo "refugiado", salvo no que diz respeito à aplicação do §3 do presente artigo, significa qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção, como se as palavras "em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e..." e as palavras "...como consequência (*sic*) de tais acontecimentos" não figurassem do §2 da seção A do artigo primeiro (ACNUR, 2022b).

A retirada da sentença sobre os “acontecimentos ocorridos antes de 1951”, amplia a abrangência e garante os direitos para os refugiados de todas as instâncias. De qualquer modo, esses dois instrumentos são fundadores do direito internacional para refugiados e são os que valem até os dias atuais. É relevante realçar que as leis internacionais partem de uma motivação de solucionar o problema dos refugiados no mundo, especialmente

barrar os fluxos migratórios na Europa, Estados Unidos e Canadá. De todo modo, se analisarmos as razões pelos quais essa necessidade dos regulamentos, constituições idealizadas tanto pela Liga das Nações quanto pela ONU surgiram, verifica-se que a tensão migratória no mundo contemporâneo, ao menos desde da primeira grande guerra, fora causada pelas próprias potências mundiais, as mesmas que reivindicam em torno da lei a solução “urgente” para o “problema”.

Na concepção de Martha Nussbaum (2006, p. 237), por exemplo, de acordo com a norma jurídica, a mobilidade transnacional é uma exceção, pois os regulamentos definem/definiram a política migratória internacional. A migração forçada em massa, sob esta perspectiva, configura um problema de ordem mundial, assim como o termo “refugiado” uma construção ocidental. Nessa mesma argumentação, Jaqueline Bhabha (2006) alega que a construção em torno do termo não pode ser imaginada fora do contexto da guerra fria, pois os números de refugiados aumentam em uma proporção tão grande depois da segunda guerra, que é necessário a criação de um comitê internacional para lidar com a problema (ACNUR). Apesar disso, é importante frisar que, apesar de os fluxos migratórios terem se dado em esferas mundiais, em diversas rotas, a preocupação parte do bloco ocidental, sobretudo de potências mundiais²⁹, que sob o aspecto dos direitos humanos, preocupavam-se também com a proteção de suas fronteiras e da administração (especialmente financeira³⁰) de novos estrangeiros dentro delas.

²⁹ Deve ser levado em consideração que no contexto da Guerra Fria também foram criadas algumas organizações internacionais, como a CEE – Comunidade Econômica Europeia (1957), cujo objetivo era estabelecer um bloco econômico comum europeu. A organização foi uma das gestoras da atual União Europeia. Sobre a temática dos direitos humanos e a União Europeia, sobretudo a adesão à Convenção de Direitos Humanos, ver a dissertação de mestrado em Ciências Jurídico-Políticas e Direito Internacional Público e Europeu de Andrea Morgado Duarte: *O cabo das tormentas da União Europeia: a (difícil) adesão à Convenção Europeia dos direitos humanos*. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/42826>. Acesso em 10.05.2022.

³⁰ Ver OTERO, 2009

1.3 UM SISTEMA DE CRISES: PRIMAVERAS, GUERRAS E MOVIMENTAÇÕES TRANSNACIONAIS

Depois de uma série de tomadas totalitaristas ao poder e ditaduras ao longo dos anos, países de língua árabe no Oriente Médio e Norte da África, no final de 2010 estavam em colapso. Com diferentes objetivos, a população desses países manifestou e reivindicou, sobretudo, a derrubada de governos ditatoriais, melhora nas condições de vida e, especialmente a democracia. Na Tunísia, em janeiro de 2011, a queda do ditador Zine el-Abidine Ben Ali – depois de 23 anos no poder -, após uma série de manifestações no país, suscitou uma massa de outros protestos em países vizinhos, mesmo que as demandas fossem outras, a mudança do regime era a pauta principal.

Alguns historiadores³¹ afirmam que as manifestações na Tunísia tiveram como estopim a ação do vendedor ambulante em Túnis, que insatisfeito com os desmandos do governo e sua condição de vida, ateou fogo em si mesmo. A imagem da imolação de Mohamed Bouazizi e suas motivações resultaram em sucessivas pressões populares e revolta, a chamada Revolução de Jasmin forçou a abdicação do ditador. Somente em 2011, entre os vinte e dois países da Liga Árabe³², somente o Catar, Emirados Árabes e Comores não mostraram manifestações relevantes (ASSERBURG, 2013). As técnicas e estratégias nos protestos eram trocadas entre os ativistas que se mantinham em contato. Destes países, apenas quatro conseguiram substituir líderes de extensos mandatos e iniciar um processo democrático.

No mês seguinte a destituição de Ben Ali na Tunísia, as revoltas e protestos de todas as esferas partiam no Egito de uma camada popular, fizeram com o que Hosni

³¹ Por exemplo: KRAUSHAAR (2012), SCHULZE (2013) A notícia do gesto de Bouazizi se espalhou rapidamente pelas redes sociais, sobretudo, por meio de notícias publicadas na internet. Os ativistas também se conectavam entre si e com outros de outros países majoritariamente por mídias sociais, por esse motivo se diz que internet e as mídias sociais tiveram um importante papel na extensão da primavera árabe a outros países.

³² Liga dos Estados Árabes, fundada depois da segunda guerra no intuito de unir os Estados de língua árabe. Diferente da União Europeia, a Liga Árabe objetiva não somente o fortalecimento econômico do bloco, mas intenta a comunhão cultural. Na carta de criação dela, em 1945, ambicionava, inicialmente, garantir que os países ainda colonizados por países europeus se tornassem independentes. Há também uma menção ao estado da Palestina: ao menos no Mandato Britânico da Palestina a minoria judaica não poderia estabelecer um estado independente. Informações compiladas do site oficial da Liga Árabe [جامعة الدول العربية]. Disponível em <http://www.lasportal.org/Pages/Welcome.aspx> Acesso em 12.05.2022.

Mubarak depois de 30 anos no poder fosse destituído. A revolução de Lótus³³, como ficou conhecida, fez parte de uma série de outras posteriores em outros países do mundo árabe. Na Líbia, a Primavera Árabe resultou em confrontos violentos, uma vez que a guerrilha armada assumiu a posição dos ativistas. A revolução, por isso, não foi apenas uma revolta contra o governo de Muammar Gaddafi, mas também uma guerra civil entre partidários e opositores do regime. As cidades de Benghazi e Misurata tornaram-se, devido as suas posições geográficas estratégicas, fortalezas da revolução. Por outro lado, as regiões nas quais o regime manteve o controle por muito tempo e nas quais o aparato de segurança de Gaddafi foi fortemente recrutado ganharam a reputação de apoiar o regime. O regime de Gaddafi tentou usar a violência para reprimir os protestos, mas isso contribuiu para uma nova escalada. Ambos lados usaram violência indiscriminada contra moradores de certas cidades. Com a queda de Gaddafi, os arsenais do regime foram saqueados em todo o país e surgiram inúmeras novas milícias. A guerra civil de 2011 criou o terreno fértil para novas violências e conflitos.

Sob a alegação de proteger os civis da já instaurada guerra civil na Líbia, o Conselho de Segurança da ONU interviu no conflito: em 17 de março de 2011, por meio da Resolução 1973³⁴. Os ataques aéreos que se seguiram sob o comando da OTAN logo se tornaram uma intervenção *unilateral* na guerra civil em favor dos revolucionários. A guerra civil terminou com a captura e posterior assassinato de Gaddafi em outubro de 2011. O processo de transição de governo iniciado após a queda do regime teve algum sucesso, incluindo as eleições parlamentares de julho de 2012. Os conflitos armados se se registravam nessa altura apenas em pontos isolados, mas logo os desacordos com o

³³ Também Dias de Fúria ou Revolução do Nilo (Cf. EL-GAWHARY, 2011)

³⁴ O Brasil também apoiou a intervenção da ONU no conflito. A representante permanente do Brasil na ONU, a embaixadora Maria Luísa Viotti que na sessão em apoio frisou que mesmo sendo contra o uso da força para barrar a violência usada pelo governo da Líbia, apoiava a intervenção: “Senhor Presidente, O Brasil está profundamente preocupado com a deterioração da situação na Líbia. Apoiamos as fortes mensagens da Resolução 1970 (2011), adotada por consenso por este Conselho. O Governo do Brasil condenou publicamente o uso da violência pelas autoridades líbias contra manifestantes desarmados e exorta-as a respeitar e proteger a liberdade de expressão dos manifestantes e a procurar uma solução para a crise por meio de diálogo significativo. Nosso voto de hoje não deve de maneira alguma ser interpretado como endosso do comportamento das autoridades líbias ou como negligência para com a necessidade de proteger a população civil e respeitarem-se os seus direitos. O Brasil é solidário com todos os movimentos da região que expressam suas reivindicações legítimas por melhor governança, maior participação política, oportunidades econômicas e justiça social. Condenamos o desrespeito das autoridades líbias para com suas obrigações à luz do direito humanitário internacional e dos direitos humanos” (GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, 2022).

novo governo no meio da transição começaram a aparecer e a situação de segurança deteriorou-se, novamente de modo visível. Contra as antigas forças de defesa, começaram a atacar novamente a frente armada revolucionária, sobretudo em Benghazi. Se viu assim, grupos jihadistas mais ativos em Darna, Benghazi e Sirte. A partir de maio de 2014, apareceu uma nova ofensiva militar em Benghazi. No período de dois meses, os combates se espalharam para Trípoli, onde uma aliança liderada por grupos armados de Misurata lutava contra os aliados líbios ocidentais liderados pelo general Chalifa Haftar. Na primavera de 2015, um impasse se desenvolveu, o que permitiu que as partes em conflito no oeste da Líbia negociassem um cessar-fogo local. Em Benghazi, por outro lado, Haftar continuou a fazer guerra e acabou ganhando o controle de todo o leste do país. Nos anos que se seguiram, Haftar expandiu lentamente seu território sem encontrar resistência significativa do governo de unidade formado em Trípoli no final de 2015. Não foi até sua ofensiva contra Trípoli em abril de 2019 que uma ampla coalizão de grupos armados se formou por trás do governo de unidade, que acabou repelindo as tropas de Haftar com apoio turco.

Na Síria, a primavera árabe foi o início de uma guerra sangrenta e até hoje contabilizando mortos. As revoltas começaram em março de 2011 e, historiadores e especialistas defendem que, ideologicamente, a população foi influenciada por décadas pelo discurso anti-Israel e o movimento pan-árabe³⁵, sendo assim a Síria estava, de fato, mais próximo do regime nacional do que das autocracias da Tunísia ou do Egito. De todo modo, a corrupção, o despotismo e as más condições de vida também se acumularam na Síria e, manifestantes também se amontavam no Síria, sobretudo, encorajados pela movimentação pró revolução na Tunísia, Egito e Líbia, espalhadas por redes sociais e a internet em grande escala.

Nesse contexto, sem dúvida, na Síria a questão religiosa carrega certa relevância. Antes da guerra, a sociedade síria era composta de grupos religiosos distintos. O clã Assad, que há décadas governam o país, pertence à minoria alauíta (cerca de 12%). Mesmo que longe de todos os alauítas apoiem Assad, muitos agora temem a vingança dos

³⁵ De modo geral, como define Chalala (2019), no capítulo intitulado *Arab Nationalism: A Bibliographic Essay*, o pan-arabismo é movimento político em prol a um nacionalismo árabe na tentativa de unir/criar uma nação cultural árabe, especialmente uma língua, o árabe, e cultura comuns, ou seja, todos os árabes do Atlântico ao Golfo Pérsico, em um estado nacional comum em vez dos muitos árabes. O pansirismo é, por exemplo, é o esforço de nacionalistas sírios e árabes de unificar uma chamada Grande Síria, que é uma forma especial de panarabismo.

sunitas conservadores e radicais. Em 1982, Hafez al-Assad, pai e antecessor do atual presidente, realizou um massacre em Hama que matou milhares de sunitas. O objetivo era acabar com uma revolta inflamada da Irmandade Muçulmana. As minorias restantes, como cristãos ou drusos, também apoiam o regime secular do partido Baath - cujo Secretário Geral é ainda o atual presidente Bashar al-Assad - ainda pelo menos em sua maioria, pois temem que os sunitas islâmicos radicais se tornem supremos. Embora o regime de Assad tenha conseguido unir a classe mercantil sunita moderada a si mesma, essa aliança também começou a desmoronar com o levante popular. Recentemente, a extensão da destruição e do sofrimento, o grande medo do radicalismo e um futuro incerto em partes da população enfraqueceram o apoio à revolta e jogaram nas mãos do regime de Assad. Centenas de milhares de sírios perderam a vida na repressão do levante pacífico em 2011, e cerca de 13 milhões tornaram-se refugiados. Hoje, a Síria está parcialmente ocupada e economicamente devastada depois de mais de 10 anos em guerra civil. O processo de paz da ONU em Genebra não chegou até hoje ainda em uma conclusão para intervenção, já que não há impulso internacional para um acordo de paz.

Para contribuir com a situação alarmante da Síria e, especialmente, com a situação de refugiados advindos da Síria, conforme análise de Jünemann (2013 p. 97), a União Europeia não concebeu adequadas abordagens para a região³⁶, baseou-se, entretanto, em suas ferramentas tradicionais. A crise financeira da zona do euro e as percepções de ameaças rapidamente minaram a prontidão dos estados membros da UE para contribuir significativamente para as com dinheiro, acesso ao mercado e mobilidade. Além disso, o apoio europeu não foi bem recebido em toda a região, ao menos não de modo igualitário, e atrasos em termos de construção de governos empoderados impediram uma rápida intervenção. Além disso, as violentas lutas de poder desencadeadas pela Primavera Árabe revelaram a fraqueza da UE no que diz respeito a uma prevenção eficaz de conflitos e

³⁶ Na entrevista de final de seu mandato em 2022, Angela Merkel, chanceler da Alemanha, admite que as questões sobre o acolhimento de refugiados e a migração tratadas pela União Europeia, admitia visões conflituosas e, admite a fala nesse quesito: “o fato de não concordarmos com as questões de refugiados e migração continua sendo o flanco aberto da União Europeia até hoje” [*Das ist ja auch die offene Flanke der Europäischen Union bis heute geblieben, dass wir über die Flüchtlingsfrage und die Migrations fragen keine Einigkeit haben.*] Disponível em <https://www.faz.net/aktuell/politik/inland/wie-merkel-ihre-haltung-zur-fluechtlingskrise-2015-erklaert-17826469.html> Acesso em 12.04.2022.

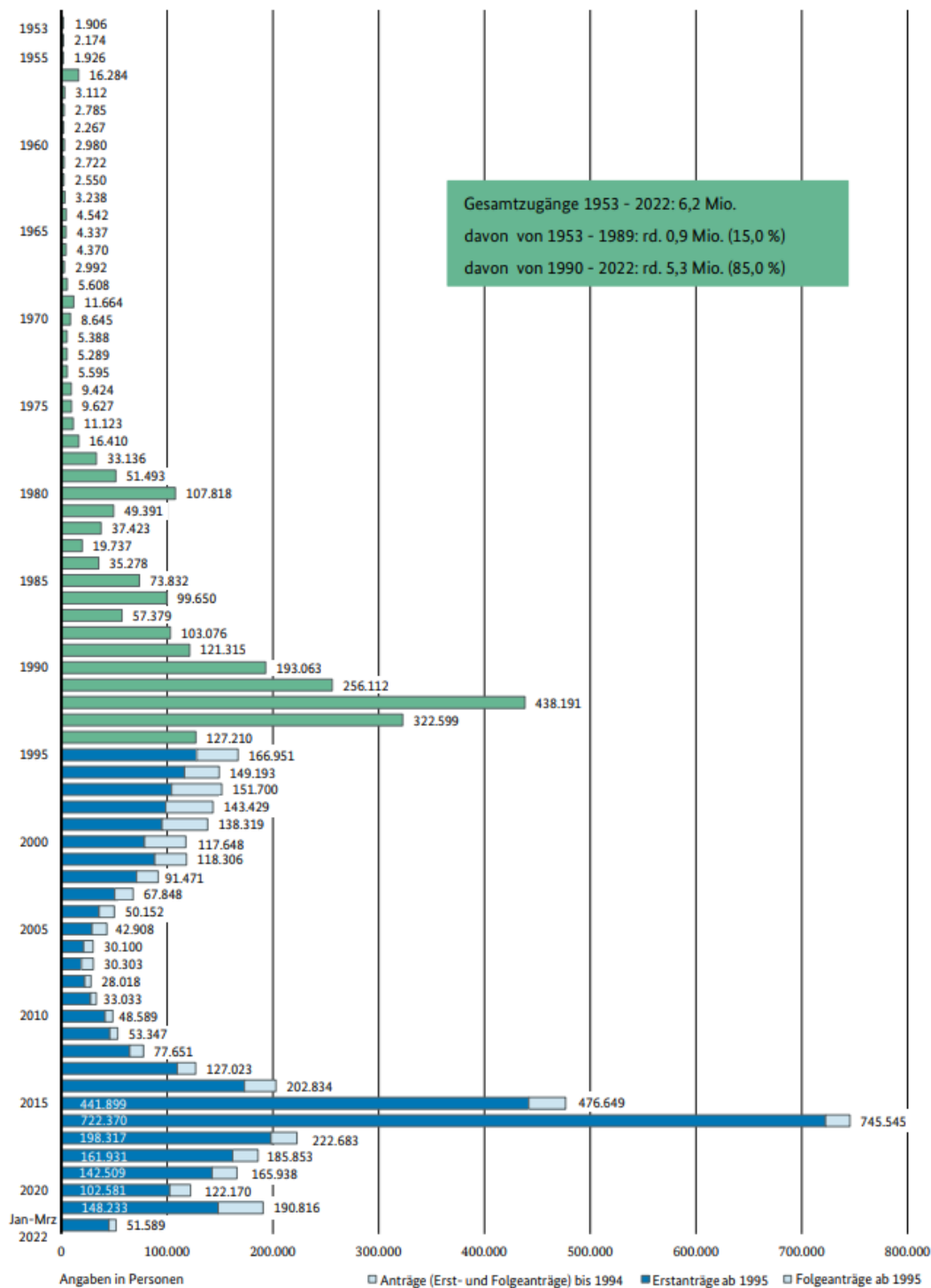
uma gestão no tempo adequado de crises – e assim criou um ambiente avesso à transformação democrática e estabilização (LUFT, 2017).

Como resultado desses acontecimentos, em 2015, cidadãos do mundo árabe, sobretudo de regiões de revoltas e guerra civil, tanto apoiadores, como revolucionários e civis migraram para a Europa. Dentre muitas rotas de migração, devido aos confrontos armados, especialmente nos locais de conflito, como nas fronteiras da Síria e da Turquia, deveriam ser realizadas de modo ilegal, pois as sanções de saída dos países e, principalmente as entradas nos países europeus foram pouco a pouco se afunilando para o recebimento de estrangeiros. Por isso, a *crise* foi caracterizada não apenas pela dificuldade de partir dos países de conflito, em razão dos confrontos internos e, assim partir em busca de segurança, mas a de chegada em locais protegidos. O ponto mais agravante desta questão migratória é, sem dúvida, a condição de migração desses refugiados, pois muitos vinham de regiões de conflito civil, como Síria, Congo, Nigéria, Afeganistão e Iraque. A principal rota da Síria, por exemplo, é feita por terra até a Turquia e dali segue para a Grécia (ou adentram a Europa pela Itália) em barco pelo Mediterrâneo, onde seguem por via terrestre pelo sul da Alemanha.

Segundo dados do Organização Internacional para as Migrações (OIM), somente em 2015 mais de meio milhão de pessoas atravessaram o Mar Mediterrâneo rumo à Europa, destes, 175 mil sírios. A organização estima que quase três mil pessoas morreram durante a travessia³⁷. Na Alemanha, por exemplo, houve uma série de mudanças na lei do refúgio e asilo. Na tabela abaixo, retirada do site do Departamento Federal de Migração e Refugiados (BAMF), do documento oficial com dados atualizados sobre a entrada de migrantes na Alemanha, de 1953 a 2022, se pode atestar o ano de pico de pedido de asilo: 2015.

³⁷ Dados foram publicados pelo jornal alemão *Deutsche Welle* em 29.09.2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mais-de-meio-milh%C3%A3o-de-migrantes-atravessou-o-mediterr%C3%A2neo-em-2015/a-18749739> Acesso em 10.05.2022.

Tabela 1 - Evolução do número de pedidos de asilo desde 1953 na Alemanha.



Fonte: Departamento Federal para Migração e Refugiados (BAMF – Bundesamt für Migration und Flüchtlinge)

No gráfico elaborado em 2022 pelo BAMF, se observa a evolução dos pedidos de asilos no país desde 1953. Nos indicadores azul escuros, considerou-se as pessoas que pediram asilo pela primeira vez, já os em azul-claro representam os pedidos somados: dos que pediram renovação e os novos. Considerando os números dos anos de pico da chamada *crise dos refugiados*, o total de pedidos está em torno de 1.400.000 de novos pedidos entre os anos de 2015, 2016 e 2017. A partir desses dados se pode ter uma compreensão da grandeza da situação no contexto alemão. Os dados não contabilizam, evidentemente, as pessoas que não deram entrada no pedido e ficaram ilegalmente no país. Na tabela, também é possível identificar outros momentos de pico de pedidos, como por exemplo na década de 1990. O aumento do número de pedidos se deve, sem dúvida, a outros conflitos mundiais – além, incontestavelmente, do enfraquecimento da União Soviética³⁸ em finais de 1980 e a fim da Guerra Fria no início de 1990 – nos quais a migração forçada se deu em grandes proporções, a guerra da Bósnia (1992-1995), o conflito da região Nagorno-Karabakh (1988-1994), entre Armênia, Azerbaijão e Turquia, Guerra do Golfo (1990-1991) – que culminou na Invasão do Iraque posteriormente.

Em 2015, frente a situação preocupante do aumento do número de pedidos de asilo no país, o governo alemão apresentou uma série de medidas para alteração na lei do asilo em vigor. Visando “dar lugar a mais refugiados”, o pacote de medidas entrou em vigor em novembro do mesmo ano e objetivou considerar “países de origem seguros” os balcãs: Albânia, Kosovo e Montenegro, assim como também retirou o auxílio financeiro quando o requerente de asilo estivesse no abrigo e os transformou em serviços e fornecimento de itens de primeira necessidade, da mesma forma que, para evitar novas fugas, alterou o prazo de aviso de deportação, que a partir da nova lei não seria mais anunciado com antecedência. Os refugiados médicos, segundo essas alterações na lei, poderiam também obter permissão diferenciada para apoiar o atendimento a outros refugiados ou em campos de refugiados. A palavra “integração” foi fortemente utilizada

³⁸ Esses conflitos tem uma ligação estreita com o desmantelamento da União Soviética, já que países como Iraque e Azerbaijão perderam seu maior apoiador na disputa territorial econômico no caso de Nagorno-Karabakh e na invasão do Kuwait pelo Iraque, estopim da guerra do Golfo. Sobre a Guerra do Golfo Pérsico é relevante apontar que ela foi uma das primeiras intervenções militares sob o aval do Conselho de Segurança da ONU. Segundo Arraes (2004), a Guerra do Golfo foi importante para o estabelecimento dos Estados Unidos como superpotência mundial.

na redação desta lei, sobretudo com o oferecimento por um maior tempo o curso de integração³⁹.

Na distribuição dos refugiados pelos Estados alemães, no arranjo das cotas de asilo, a lei obriga que ela seja feita segundo as receitas fiscais e de números populacionais de cada estado. Nos períodos de pico de pedidos, entretanto, não foi possível atender as disposições da lei, sobretudo na disposição regulamentada pela Chave de Königsstein [*Königssteiner Schlüssel*]⁴⁰. Esse documento indica, por exemplo, que a região de Berlim, deveria abrigar pouco mais de 5% dos refugiados, mas no levantamento realizado pela *Deutsche Welle*, assinado por Andrea Grunau, sob o título “Para refugiados uma loteria – como distribui-se o pedido de asilo na Alemanha” [*Für Flüchtlinge eine Lotterie - wie Deutschland Asylbewerber verteilt*] informa que naquela região de Berlim (dados de 2014) existiam mais 30% dos pedidos totais, dados que, segunda ela, apontam um descontrole sobre o número de refugiados reais no país.

A discussão sobre as condições migratórias tornou-se ainda mais relevante, inclusive no Brasil⁴¹, particularmente depois do aparecimento do menino sírio morto por afogamento na praia de Bodrum, na Turquia, Aylan Kurdi, em setembro de 2015. O barco em que o menino estava com a família, na tentativa de chegar à Grécia, naufragou no Mar Egeu. A imagem do menino vestindo uma camisa vermelha e uma bermuda, com o rosto afundado na areia⁴², expandiu-se pela internet, acirrando o debate sobre o tema em todo mundo, sobretudo, no que se refere ao auxílio falho de países europeus para esses refugiados.

Com estrangeiros chegando em diversas partes da Europa, a xenofobia foi mostrando a sua face. Em outubro de 2014, a recém criada organização islamofóbica,

³⁹ Os cursos de integração são cursos oficiais de língua e orientação na Alemanha. Eles lidam com aspectos cotidianos como trabalho, vida profissional, compras, televisão ou educação dos filhos. Procedimentos burocráticos, redação de e-mails ou cartas e entrevistas de emprego também são abordados. Nesse curso se aprende cultura e política, convivência e os valores da sociedade alemã. O curso de línguas normalmente consiste em 600 horas de ensino e o curso de orientação de 100 horas. Informações obtidas no site do Serviço Federal de Migração e Refugiados (BAMF). Disponível em <https://bamf-navi.bamf.de/de/Themen/Integrationskurse/> Acesso em 12.05.2022.

⁴⁰ A chave é recalculada anualmente pela *Joint Science Conference* (GWK) e deve sua existência ao Acordo Estadual de Königsstein de 31 de março de 1949.

⁴¹ O Brasil registrou, em 2015 (dados atualizados até abril/15), 5.907 pedidos de asilo no país. Os principais grupos são da Colômbia, do Congo e da Síria. Entre 2010 e 2013, o número de pedidos subiu 800%, segundo dados do Conare (Comitê Nacional para os Refugiados): <http://justica.gov.br/seus-direitos/estrangeiros/refugio/conare>. Acesso em 22/08/2018

⁴² Ver arte gráfica no Anexo A

xenófoba, racista de extrema direita alemã, PEGIDA, acrônimo para *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* [Europeus patrióticos contra a islamização do Ocidente], realiza sua primeira reunião. Com o aumento de entrada de refugiados no país e a “crise”, as pessoas protestavam regularmente. Em novembro e dezembro de 2014, por semanas seguidas, milhares de correlegionários e pessoas simpatizantes das causas da organização manifestaram, por exemplo, todas as segundas-feiras nas praças de Dresden. As pautas racistas e xenófobas formavam os gritos de ordem e estavam expostas em cartazes, os manifestantes eram contra uma suposta islamização do Ocidente, fanatismo religioso e reivindicavam a “deportação de criminosos requerentes de asilo” e a luta “contra a integração insana de gênero [*Gender Mainstreaming*]⁴³”.

Em dezembro de 2015, o ataque de quase mil homens, entre roubos e ataques sexuais, a dezenas de mulheres na noite de Réveillon na estação central de trens em Colônia, na Alemanha, acirrou de modo efetivo os debates em torno da migração e entrada de estrangeiros no país, pois na descrição das mulheres os homens eram de “origem árabes e norte-africanos⁴⁴”. Nesse contexto, as manifestações nos dias após o ataque na estação em Colônia, foram vistos cartazes que tinham cunho pejorativo à religião árabe⁴⁵ e afirmavam que a Alemanha não deveria mais receber refugiados de nenhuma espécie. O crime ainda não foi esclarecido.

⁴³ Cf. Notícia da emissora *Das Erste* publicada em 19.12.14 sob o título “Tentativa de contato: ‘imprensa mentirosa’ atinge PEGIDA [*Kontaktversuch: "Lügenpresse" trifft Pegida*]. 19.12.2022 As aspas se referem ironicamente a uma das crenças da organização: de que a imprensa mente ou omite informações da população. Disponível em <https://daserste.ndr.de/panorama/archiv/2014/Kontaktversuch-Luegenpresse-trifft-Pegida-pegida136.html> acesso em 08.05.2022.

⁴⁴ Segundo dados do artigo do jornal online *Welt*: “Três horas na zona do medo. Uma reconstrução” [*Drei Stunden in der Angstzone. Eine Rekonstruktion*]10.01.2016. Disponível em <https://www.welt.de/politik/deutschland/article150832665/Drei-Stunden-in-der-Angstzone-Eine-Rekonstruktion.html> Acesso em 10.05.2022

⁴⁵ Segundo Homepage da Centro Estatal de Educação Política de Baden-Württemberg [*Landeszentrale für politische Bildung Baden-Württemberg*] A Delegacia Federal de Polícia Criminal (BKA) registrou 921 ataques contra asilos em toda a Alemanha até 27 de dezembro de 2016. Destes, 857, ou seja, cerca de 93%, tinham antecedentes extremistas de direita. Em 2015, o BKA registrou 1.031 infrações penais contra acomodações para requerentes de asilo [*Asylheime*], 923 com antecedentes extremistas de direita. O número de ataques, portanto, permaneceu em um nível relativamente alto. Disponível em <https://www.lpb-bw.de/fremdenfeindlichkeit> acesso em 13.05.2022.

O jornal satírico francês Charlie Hebdo, o qual teve a sede atacada por terroristas árabes em janeiro de 2015, publicou uma charge, em que o menino sírio Aylan está adulto, mora em Colônia e é um dos autores do ataque às mulheres⁴⁶. A charge sob o título “Migrantes” traz como a epígrafe “O que teria sido do pequeno Aylan se tivesse crescido? Perseguidor de mulheres na Alemanha⁴⁷”. A imagem gerou revolta nas comunidades árabes e chocou boa parte do mundo.

Uma campanha publicitária de outdoors do Ministério Federal do Interior alemão [*Bundesministerium des Innern und für Heimat- BMI*] também foi alvo de críticas. O programa tinha o objetivo de fornecer subsídios financeiros para que o estrangeiro, que não tivesse em boas condições de vida na Alemanha ou que vivesse ilegalmente, pudesse exercer a sua profissão ou procurar um lugar de trabalho em seus país de origem. A campanha tinha o intuito de apoiar o retorno voluntário e foi direcionado para países e regiões chaves, por isso a campanha foi mostrada em várias línguas: “alemão, inglês, francês, árabe, russo, pashto e farsi. A seleção de idiomas é baseada nos idiomas compreendidos nos países e regiões de origem mais importantes” (BMI, 2022). O projeto do BMI existia desde os anos 1990, mas não uma campanha tão marcante e, para alguns⁴⁸ apelativa ao retorno, com nuances xenófobas: o slogan estampado no cartaz, se lê “Teu país Teu futuro. Agora!” cujo entendimento sugere que na Alemanha não seria o país do futuro para essas pessoas. Na figura 3, pode se ver o cartaz em árabe fotografado na estação Neukölln em Berlin, nele uma pixação em resposta ao conteúdo: *Refugges Welcome*.

⁴⁶ Ver Charge no anexo B

⁴⁷ *Migrants: que serait devenu le petit Aylan s'il avait grandi? Tripoeur de fesses em Allemagne*. A tradução do francês foi feita pela autora da tese.

⁴⁸ Lista de recorte de publicações em rede sociais de personalidades alemães referente a indicação com tons xenófobos da campanha de outdoors, especialmente em Berlin: <https://mitvergnuegen.com/2018/willkommenskultur-heimatministerium/> acesso em 10.05.2022.

Figura 3 – Campanha publicitária "Dein Land. Deine Zukunft. Jetzt" do BMI nas estações de Berlim



Fonte: Foto registrada em 28.11.2018 pela autora na estação de metrô Berlin-Neukölln, em Berlim, Alemanha.

Frente a má repercussão da campanha, o BMI fez uma série de retratações, tanto em rede de televisão quanto na internet. Em sua página oficial é possível verificar uma dessas tentativas de explicação sobre teor dos *outdoors*, por meio das FAQs [*Frequently Asked Questions*]:

Que consequências tirará o Ministério Federal do Interior das críticas anteriores à campanha de cartazes para projetos futuros?

O objetivo do cartaz é informar as pessoas sem perspectiva de permanência no país sobre a possibilidade de regresso voluntário e reintegração e sobre os programas de apoio existentes. A dificuldade está no fato de que a comunicação com os cartazes é muito comprimida e isso pode levar a avaliações diferentes. O feedback recebido aqui será levado em consideração adequadamente no contexto de outras considerações⁴⁹(BMI, 2022).

⁴⁹ Welche Konsequenzen wird das BMI aus der bisherigen Kritik gegen die Plakatkampagne für künftige Projekte ziehen? Ziel der Plakatierung ist es, Menschen ohne Bleibeperspektive über die

As políticas de acolhimento são um ponto chave para o governo alemão desde o final da Segunda Guerra, a tentativa de fomentar a Cultura do Acolhimento [*Willkommenskultur*], tem um longo histórico na cultura do país. Em 2015, a palavra foi eleita a palavra do ano em muitas regiões de fala de língua alemã⁵⁰, apontando para a preocupação da população de língua alemã, ao menos no interesse no seu significado, para a questão do acolhimento. Apesar da Alemanha e outros países da Europa, se orgulharem de seus status de acolhedores anfitriões, as fronteiras da Europa são as mais mortíferas. Segundo dados da ACNUR, 18.892 refugiados morreram apenas no Mar Mediterrâneo entre janeiro de 2014 e outubro de 2019 na tentativa de chegar à Europa, registros do UNITED *Against Refugees Death*⁵¹, organização em apoio aos refugiados e migrantes contra nacionalismo, racismo e fascismo documentam 44.764⁵² mortos entre os anos 1993-2021 nas fronteiras externas e internas da Europa, no mar Mediterrâneo e nos trens de cargas, onde muitos eram transportados. As mortes são atribuídas às medidas restritivas de entradas de estrangeiros nos países europeus que, desde de 1993 tem sido cada vez mais rigorosas.

De acordo as considerações expostas anteriormente, a conceito “refugiado” é, de fato, ambíguo, legitimado pela condição jurídica, que tem seu significado também determinado pelas circunstâncias ou ainda como atribuição generalizante para pessoas que fugiram. O uso jurídico do termo valida os dignos e não dignos e a “crise dos refugiados” é, apenas um rótulo, parte dessa tentativa de validação. Quem são eles? Que nome daremos a eles? Como os distinguimos de NÓS? Além do mais, a *unilateralidade* da atribuição continua sendo um elemento de conexão dos diferentes níveis de

Möglichkeit der freiwilligen Rückkehr und Reintegration sowie über die bestehenden Förderprogramme zu informieren. Die Schwierigkeit besteht darin, dass bei Plakaten die Kommunikation sehr komprimiert erfolgt und es dabei auch zu unterschiedlichen Bewertungen kommen kann. Die hier eingegangenen Rückmeldungen werden im Rahmen der weiteren Überlegungen angemessen berücksichtigt.

⁵⁰ Segundo o jornal online *Tagesschau*, a palavra do ano na Alemanha em 2015 foi “Flüchtlinge” [refugiado], enquanto na Áustria foi a “Willkommenskultur” [cultura do acolhimento]. Disponível em <https://www.tagesschau.de/wortdesjahres> Acesso em 10.05.2022

⁵¹ Lista das mortes documentadas de refugiados e migrantes devido às políticas restritivas da Europa, encontrada no site da UNITED. Disponível em <https://unitedagainstrefugeedeaths.eu/wp-content/uploads/2014/06/ListofDeathsActual.pdf> . Acesso em 2.05.2022

significado. Em todos os casos, é a sociedade de acolhimento quem decide quem é um refugiado e quem não é.

Semelhante a essa dubiedade do termo, Giorgio Agamben (1996) argumenta que refletir sobre o significado da categoria ao longo dos anos, principalmente a partir da segunda guerra, sugere que o conceito é o único capaz de mudar, de alguma maneira, o modo de fazer filosofia política, ao menos a maneira a qual nomeamos e representamos as estruturas de sujeitos políticos, como manifesta no trecho de *Beyond Human Rights*:

(..) the refugee is perhaps the only thinkable figure for the people of our time and the only category in which one may see today—at least until the process of dissolution of the nation-state and of its sovereignty has achieved full completion—the forms and limits of a coming political community. It is even possible that, if we want to be equal to the absolutely new tasks ahead, we will have to abandon decidedly, without reservation, the fundamental concepts through which we have so far represented the subjects of the political (Man, the Citizen and its rights, but also the sovereign people, the worker, and so forth) and build our political philosophy anew starting from the one and only figure of the refugee (AGAMBEN, 1996, p.27)

Partindo de comentários ao ensaio de Hannah Arendt “We are Refugees”, publicado em inglês em Nova York na *The Jewish Writings*, em 1943, Agamben argumenta neste texto que o refugiado representa a figura paradigmática da ontologia política contemporânea. Como Arendt, Agamben cita o apátrida como *homo sacer* – já que configura uma figura emblemática que se expandiu ao longo dos anos a partir, especialmente, da eclosão da primeira guerra. Na curta introdução de Marc Schuilenburg para o texto de Agamben em 2008, a comparação reside nessa figura do direito antigo romano que poderia matar sem ser julgado por assassinato com a figura do refugiado, pois há para ele uma ambiguidade presente na definição em si da condição do refugiado. Seguindo a perspectiva da redação jurídica dos direitos humanos, na qual em seu princípio base versa que todos os seres humanos - i.e seres sensíveis - são iguais e mesmo que, entretanto, o refugiado seja um ser vivo, ele tem muito menos direitos do que outros cidadãos dos Estados-nação. Ou seja, segundo essa arguição, no que sugere a constituição em si da categoria refugiado, principalmente relacionado à questão filosófica-jurídica, isso anula o princípio da igualdade de todos os seres humanos como seres sencientes (SCHUILENBURG, 2008). Nesse sentido, os direitos humanos não conseguem em sua redação abarcar esse vão que há entre essas chamadas “duas formas de vida”. Por esse

motivo, assim como afirma Hanna Arendt, no primeiro artigo da declaração dos direitos humanos, na expressão “nascimento” pode ser coincidente com a de “cidadania”. Como conclui Schuilnburg, essa análise incorre para a consequência de que

that there is no longer any room for merely being alive, the most elementary characteristic of any living being. Life is consequently absorbed in abstract variables called 'nation-state' or 'society' or 'law' or 'citizen' (and so forth). From this perspective, human rights turn out not to be genuinely universal, but in fact the property of citizens (SCHUILENBURG, 2008).

Diante dessas ponderações, a figura do refugiado e de seu acolhimento, consequentemente de sua vida depois da fuga, depende de uma série de implicações jurídicas, cuja legitimação pode vir do Estado-Nação ou do próprio elemento cultural, que o “valide” na sociedade. Nesse âmbito, o uso prático do termo integração, poderia ser mais válido, se não fosse dúbio: a sociedade que acolhe e se orgulha de seu status de anfitrião, também coloca o refugiado em uma situação quase colonizadora, em que a cultura, língua do país de chegada deve ser, de alguma forma, ensinada para que o cidadão então possa exercer o seu direito legal, de ser um ser humano, sob a perspectiva dos direitos humanos.

Pode-se dizer que a integração é/foi a palavra de ordem na tentativa de driblar os problemas da “crise”. O relatório anual do ponto de contato nacional para a Rede Europeia das Migrações⁵³ - Migração, Integração, Asilo na Alemanha, publicada em 2019, pelo BAMF, divulga que entre os anos de 2018 e 2019, quase 380 mil estrangeiros participaram do programa de ensino da língua e cultura oferecido pelo Centro de Migração, que recebeu naquele ano majoritariamente cinco nacionalidades (em ordem decrescente de acordo com a quantidade de participantes por nacionalidade): Síria, Romênia, Turquia, Afeganistão e Iraque. Depois de uma série de ataques a Casas de Acolhimento aos requerentes de asilo e migrante e crimes de ódio de raça, religião ou ligados à xenofobia, o programa de Integração do Governos Federal alemão também incluiu a partir de 2018 uma vertente para o pilar da integração, mas, nesse caso, a medida tem como proteger o migrante. Neste levantamento - que será feito anualmente a partir

⁵³*Jährlicher Bericht der deutschen nationalen Kontaktstelle für das Europäische Migrationsnetzwerk - Migration, Integration, Asyl in Deutschland 2019.*

de 2018 - dados da Polícia Criminal Federal revelam que 1.872.123 crimes de motivação política foram registrados e destas 1620 agressões contra refugiados, 128 ataques a casas de acolhimento, e 124 agressões a pessoas relacionadas às “organizações de ajuda voluntário a refugiados e estrangeiros”. Se em 2019, ano que se iniciaram a sondagem sistemática dos crimes de ódio contra estrangeiros no programa de integração, os dados são alarmantes, estima-se que em 2015, ano pico da “crise”, tenha tido altos números. Segundo a cartilha, o objetivo do BAMF com o programa é investigar as bases da formação dessas redes de ódio para que uma solução pode ser encontrada (BAMF, 2019).

Ainda que os programas de integração tenham intenções legítimas de cunho humanitário e sirvam para colocar o migrante em melhores condições de vida no país de acolhimento, as medidas integrativas tiveram opiniões contrárias, em particular nos anos 1990 quando as políticas sociais para o migrante se alargaram em nível federal. Ultimamente, o tema tem sido rediscutido nas rodas de intelectuais com históricos de migração, em especial depois da publicação do livro do escritor de origens judaicas Max Czollek, lançado em 2018 pela editora Hanser. *Desintegriert euch!* [Desintegrem-se!] - ainda sem tradução para o português – é uma espécie de ensaio irônico (e zangado, como descrito na orelha do livro) sobre a ideia da integração na cena judaica. Czollek alega estar cansado da visão eurocentrista no que diz respeito à cultura e a integração nesse sentido, por isso afirma que a solução é “Desintegrar! (como) um grito de guerra da nova cena judaica e ao mesmo tempo um ataque contra a visão de uma cultura dominante que sozinha traz salvação⁵⁴” (HANSER, 2022).

No mesmo segmento argumentativo, a escritora Olga Grjasnowa (2021) no livro “O poder do Multilinguismo” [*Die Macht der Sprachlichkeit*] tece comentários categóricos semelhantes ao entendimento exposto anteriormente:

Algumas pessoas conseguem se integrar melhor, outras supostamente pior. Mas afinal, o que é integração? É aí que começa a desigualdade: se supomos que temos que integrar alguém à sociedade, também queremos dizer que existe uma forma de sociedade melhor e superior às outras. Os ‘outros’ têm que se adaptar a ‘nós’, integrar-se⁵⁵(GRJASNOWA, 2019, p. 132).

⁵⁴ *Desintegriert euch! ist ein Schlachtruf der neuen jüdischen Szene und zugleich eine Attacke gegen die Vision einer alleinseligmachenden Leitkultur. Dieses furios streitbare Buch ist die Polemik der Stunde.*

⁵⁵ *Manche Menschen können sich besser integrieren, andere angeblich schlechter. Aber was ist überhaupt, die Integration? Schon hier fängt die Ungleichheit an: Wenn wir davon ausgehen,*

Diante das elucubrações expostas, é possível depreender que a discussão sobre integração no cenário alemão é urgente. Se por um lado, o paternalismo do termo e das ações no âmbito humanitário nos parecem inofensivos, por outro podem trazer à tona o entendimento de um passado marcado pela colonização, assim como revelar tendências de um presente imperialista. O panorama traçado nesta tese, especialmente no que se relaciona à produção literária de escritores com histórico de migração, parte da compreensão da ambivalência dos sentidos dos termos apresentados.

dass wir jemanden in die Gesellschaft integrieren müssen, dann meinen wir damit auch, dass es eine Gesellschaftsform gibt, die besser und überlegener ist als andere. Die „andere“ müssen sich „uns“ anpassen, sich integrieren.

Figura 4 - *Umaskhenke: The Series* (2016) – de Nobukho Nqaba no Zeitz Museum of Contemporary



Fonte: <https://zeitzmocaa.museum/artists/nobukho-nqaba/> acesso em 24.04.2022

“Na série Umaskhenke, de Nqaba, ela usa a bolsa da China como símbolo de migração. Unomgcana ou Umaskhenkethe é a palavra xhosa para o saco de malha de plástico, fabricado na China. Unomgcana significa "aquele com linhas" e Umaskhenkethe significa "o viajante". Na África do Sul, a bolsa é mamumente conhecida como bolsas da China, bolsas do Zimbábue, bolsas Khumbulekhaya ou bolsa Mashangaan. Essas bolsas são onipresentes e têm muitos nomes: a bolsa 'Gana deve ir para casa' na Nigéria, a bolsa de Bangladesh no Reino Unido, a bolsa turca na Alemanha, a bolsa mexicana nos EUA e a Samsonite da Guiana no Caribe. Esses nomes alienantes revelam algo da ansiedade expressa em relação aos portadores dessas malas nas comunidades para as quais se deslocam. Essas bolsas se tornaram símbolos globais de migração – não apenas além das fronteiras, mas também dentro dos países. São objetos que carregam uma casa e funcionam como meio de sobrevivência para quem não tem muito. A bolsa é um lembrete pessoal da própria migração de Nqaba na África do Sul. Ela experimentou muitos dos desafios de uma migrante e levou muito tempo para se ajustar à vida nos lugares para onde se mudou⁵⁶” (MUSEU OF CONTEMPORARY ART AFRICA - MOOCA, 2022, tradução minha)

NOBUKHO NAQBA (1992)

VISUAL ARTIST

nasceu em Eastern Cape (1992), se formou na Michaelis School of Fine Art University of Cape Town (UCT) em 2012. Recebeu o prêmio Tierney Fellowship no mesmo ano. Pós graduada em Education Visual Art na Theory também pela UCT. Expôs suas fotografias e performances em muitas partes do mundo, incluindo no Brasil, em 2018 durante o FotoFestival Solar.

⁵⁶ Disponível em <https://zeitzmocaa.museum/artists/nobukho-nqaba/> acesso em 24.04.2022

2. *TRANSIÇÕES TRANSCULTURAIS - ESPAÇOS FLUIDOS – FRONTEIRAS FIXADAS*

Refugees

We were wrong
to think that the earth
covers the dead.
So many corpses
never reach the earth
they're washed over and over
with cold salt water
till there is nothing left of them
but bones.

NASRIN PARVAZ⁵⁷ (2018)

Primeiramente, este capítulo tem como objetivo explorar as obras e aos autores que são objetos desta pesquisa, especial ao que se refere às temáticas de fronteiras, sejam elas nacionais, sociais ou até mesmo corporais e linguísticas. Do movimento entre essas instituídas ou invisíveis fronteiras surgem também novos espaços com novos arranjos socioculturais de diferentes esferas, que, de novo, constituem demarcações, principalmente, sociais. Este capítulo está, portanto, dividido em três subcapítulos: o primeiro tem o propósito de trazer o contexto histórico em que os escritores foram forçados a partir de seus países de origem, assim como entender as produções literárias deles sob a perspectiva de seus trânsitos interculturais, que definem suas obras, sobretudo as que serão vistas em detalhes nesta tese. O segundo, visa compreender como, alicerçado nas novas dinâmicas de movimento surgidas na crise migratória europeia recente, surgem novos espaços de permanência e transitoriedade, cujas delimitações somente são visíveis do lado de dentro deles. A terceira seção diz respeito exatamente da visão do lado de dentro, das fronteiras visíveis e invisíveis, de

⁵⁷ Nasrin Parvaz é nascida no Teerã, ativista dos direitos civis, sobretudo das mulheres. Depois de presa e torturada no Irã, foi sentenciada à morte em 1982, comutada posteriormente para 10 anos de prisão. Libertada em 1990, Parvaz recebeu refúgio na Inglaterra, onde se formou em psicologia e publicou suas memórias na prisão iraniana e outros textos. Informações disponíveis em: <http://www.nasrinparvaz.org/web/>, acesso em 24.02.2022.

língua e corpos e, principalmente dos modos de ver o mundo baseado no ponto de vista amplo da *transculturalidade*.

Olga Grjasnowa (1984), Abbas Khider (1973) e Senthuran Varatharajah (1984) são autores de uma geração de escritores, cujo viver entre línguas e o habitar na língua estrangeira moldaram definitivamente os modos de escrita. A escolha para análise destes romances partiu das semelhanças temáticas das obras, que aludem ao contexto histórico da problemática europeia dos refugiados, dos modos de trânsitos mundiais e dos, inevitáveis e doloridos, embates culturais. Além disso, as similaridades nas biografias de seus autores que apresentam, igualmente, históricos de deslocamentos forçados, colaboram a tentativa de questionar até que ponto as fronteiras de todas as modalidades incidem em seus escritos. Portanto, entendendo as ilhas culturais híbridas e os vãos sociais que esses autores habitaram/habitam pretende-se entender como as narrativas desses autores contribuem para uma contestação das fronteiras de modo de geral.

As questões de fronteira, sobretudo nas ditas fronteiras sociais, aquelas características do contato entre um grupo social e a interação com o identificado como o outro nasce a partir do movimento. Com o crescimento acelerado das cidades e o movimento migratório contemporâneo, as demarcações reais, ou seja, as instituídas pelo Estado e suas leis, ultrapassam os limites físicos. Desde tempos imemoriais, a interação entre grupos sociais pode se dar de maneira pacífica ou conflituoso, originando o surgimento de fronteiras virtuais dentro de uma região. As fronteiras sociais, hoje, como se sabe, são motivos de grandes disputas territoriais não instituídas por um Estado, mas criadas a partir de uma não-interação ou impedimento de choque com o outro, com o diferente.

As fronteiras são, antes de tudo, um impedimento de trânsito de todo modo, em todas as situações desse cerceamento, as ultrapassagens, tanto do lado moral, social, quanto o territorial. O movimento entre os espaços dá-se de modo acelerado na nossa sociedade, em certa medida, surgindo o sujeito híbrido cultural, em que os traços diacríticos pertencem a diversas etnias. Entretanto, a imposição nacional de uma origem verifica-se, e fere, em nível mundial. Por mais que o indivíduo carregue em si subjetividades culturais advindas de uma série de viagens e deslocamentos, mesmo locais, um documento indica *a cultura* ao qual ele pertence. Quando não o documento, características físicas indicam o pertencimento.

No âmbito da atual crise migratória mundial, o movimento nas fronteiras territoriais cresceu de modo avassalador. No direito internacional, como visto no primeiro capítulo, essas fronteiras tem sido motivo para mudanças nas leis de imigração de países, como no Brasil. Na Europa, a crise foi brutal no que tange ao estreitamento da permissão legal de estrangeiros em alguns países, a exemplo da Hungria⁵⁸, que além de novas leis, tornou a fronteira territorial-jurídica ainda mais visível: um muro para impedir refugiados e migrantes a travessia. Em resumo, o que se denominou de *crise* tem sua origem na própria necessidade humana de migrar. Os muros são reais, tanto nos territórios, quando na vida cotidiana de quem precisou migrar.

Para colaborar para a leitura desta tese de modo geral, os nomes das obras estudadas, devido a necessidade de repetição dos títulos na redação, são indicados recorrentemente pelo uso das siglas: *Gott ist nicht schüchtern* [Deus não é tímido] – GnS *Ohrfeige* [Tapa na cara] – OhF e *Vor der Zunahme der Zeichen* [Antes do aumento dos signos] – VdZ, que também estão dispostas na lista de siglas no início deste trabalho.

⁵⁸ Informações retiradas do arquivo da Euro News, disponível em <https://pt.euronews.com/2017/04/28/hungria-controi-segundo-muro-para-travar-entrada-de-imigrantes>
Acesso em 12.04.2022.

2.1 DO TUMULTO DO PARTIR – AO SER ESCRITOR

As primeiras fronteiras no curso de vida de Olga Grjasnowa foram experimentadas desde a primeira infância com o multilinguismo ao qual foi apresentada. Sua existência e constituição identitária atrela-se ao seu viver entre línguas. Nascida no Azerbaijão, uma república recente, incorporada à União Soviética apenas dois anos depois sua proclamação em 1920, Grjasnowa cresce como uma representante da transcontinentalidade de seu país, não apenas ao que se refere ao caráter geográfico, já que o país que se localiza exatamente entre as fronteiras entre a Europa e a Ásia, mas de uma *transculturalidade*, sobretudo advindo desse caráter multilíngue no qual esteve inserida desde cedo. No livro *die Macht der Mehrsprachigkeit: über Herkunft und Vielfalt* [o poder do multilinguismo: sobre origem e diversidade], publicado em 2021 pela editora Duden, Grjasnowa remete ao seu passado linguístico e de sua família, comenta sobre a diversidade linguística de que é composta a Alemanha na qual vive hoje e reivindica a normalização desta condição multilíngue em que o país está submerso, especialmente por conta da rede de migrantes oriundos das recentes guerras.

Logo no início do livro, Grjasnowa comenta sobre a questão geopolítica de sua cidade natal, a capital Baku, relata de um ponto de vista intimista a influência dessa formação política do país no estabelecimento de uma identidade linguística. No trecho em que comenta sobre a estruturação linguística de Baku, sua cidade natal, ela menciona sobre algumas das línguas que eram ouvidas na época de seus pais:

Minha mãe e meu pai nasceram em uma sociedade multilíngue, mas falavam principalmente russo e apenas despreziosamente azerbaijano. [...] Baku era uma cidade multicultural na época: russo, azerbaijano, georgiano, armênio, persa, grego e muitas outras línguas podiam ser ouvidas nas ruas⁵⁹ (GRJASNOWA, 2021, p. 8).

Com incorporação do país a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), nação socialista resultante da Revolução Russa de 1917, cuja formação atribui-se como

⁵⁹ *Meine Mutter und mein Vater wurden in eine mehrsprachige Gesellschaft hineingeboren, sprachen jedoch überwiegend Russisch und nur bescheiden Aserbaidisch. [...] Baku war zu der Zeit eine multikulturelle Stadt: Auf den Straßen hörte man Russisch Aserbaidisch, Georgisch, Armenisch, Persisch, Griechisch und viele andere Sprachen.*

consolidação territorial dos bolcheviques do antigo império russo, o Azerbaijão viu seu berço multilíngue desmoronar, sobretudo Baku, a capital. No decorrer dos quase 70 anos do império soviético, a visão de uma multiplicidade cultural oriunda da variedade linguística esteve sob ameaça, pois o objetivo dos soviéticos nesse sentido se baseou no controle de poder em todas as esferas, especialmente linguística, já que era o modo mais viável de se chegar a uma mudança cultural, ou de incutir a cultura do império e dizimar as outras coexistentes: “Falávamos a língua do império, e isso era o suficiente na época”⁶⁰(GRJASNOWA, 2021, p. 9). Na página posterior, Grjasnowa complementa essa afirmação: “O russo era equiparado à cultura. Tudo nacional, por outro lado, era desaprovado, pelo menos tudo que não fosse russo”⁶¹ (GRJASNOWA, 2021, p. 10). Apesar de sua força desenvolvimentista, o regime de distribuição de renda e bem estar social, o sistema socialista soviético começou a ruir - ainda no período stalinista (1927-1953) - marcado por governos autoritários, corruptos e sob forte ideais nacionalistas - fatores que, somados à crise econômica e política dos 1970, justificam, segundo alguns historiadores⁶², sua dissolução em 1991.

Em 1996, ainda criança, Grjasnowa e sua família chegam à Alemanha por conta da *jüdischen Kontingentflüchtlinge*⁶³ [Cotas para refugiados judeus], como minoria judia no Azerbaijão. Russo foi sua primeira língua e, como resultado do sufocamento das culturais locais pelo regime soviético, fala pouco azerbaijano: “Oficialmente, caímos na categoria da “refugiados de cotas de judeus”, embora eu não possa afirmar que fugimos.

⁶⁰ *Wir sprachen die Sprache des Imperiums, und das war damals genug.*

⁶¹ *Russisch wurde mit Kultur gleichgesetzt. Alles Nationale war dagegen eher verpönt, zumindest alles, was nicht russisch war.*

⁶² Ver em POMERANZ, 2010.

⁶³ Segundo artigo de Dmitrij Belkin (2017), em janeiro de 1991, foi selado depois da Conferência por meio de uma política simbólica medidas em relação aos russos judeus que, a partir daquele momento se chamariam “imigrantes judeus” [*jüdischen Zuwanderer*], mesmo que não tenha sido firmada uma base jurídica clara. Ainda que não tenha havido, depois da dissolução da União Soviética, uma emigração russa, os mais refugiados judeus poderiam beneficiar da Lei de Cotas para Refugiados Judeus. Por isso, depois de outros conflitos locais que ocorriam em diversos locais, muitos refugiados judeus se utilizaram dessa brecha na lei, “como se fossem” refugiados judeus. Assim: “Uma estrutura legal foi dada à migração judaica para a Alemanha com base na política simbólica após a Shoah Interna”. *Einer auf Symbolpolitik gründenden jüdischen Migration nach Deutschland nach der Interner Shoa wurde ein rechtlicher Rahmen gegeben.* (2022)

Optamos pela democracia, e por um sistema estável, a CDU nos rotularia como ‘refugiados econômicos’, e talvez, seja verdade⁶⁴” (GRJASNOWA, 2021, p. 132).

No primeiro romance de Grjasnowa, *Der Russe ist einer, der Birken liebt*⁶⁵ [O russo é alguém que ama bétulas], publicado em 2012, a escritora salpica vestígios de sua biografia: a personagem Mascha, também de origem judaica, deixa o Azerbaijão para escapar dos conflitos civis e se estabelece na Alemanha. Ainda sem tradução no Brasil, o livro de estreia da romancista obteve grande sucesso na Alemanha e consolidou sua carreira como escritora. Grjasnowa recebeu prêmios importantes, como o de fomento Adelbert-von-Chamisso, da Fundação Robert Bosch, em 2015, e o Anna Seghers, da Academia de Artes de Berlim, em 2012. Em seu segundo romance, *Die juristische Unschärfe einer Ehe* [A incerteza jurídica de um casamento], o tom desse romance, segundo a resenha de Johanna Backes (2016), para a página *Literatur Kritik*, assim como em seu livro de estreia, é claro e frio, para narrar as “experiências cotidianas de violência”. Nessa narrativa, Leyla, Sami e Tal, os três personagens principais da trama, que possuem raízes culturais híbridas, judeus, alemães, orientais. O debate sobre nação, etnia e cultura estão em voga, assim como também as sexualidades estão na base de um hibridismo como temática. Diferente de sua primeira publicação, *Die juristische Unschärfe einer Ehe* enfoca temas de relacionamentos e amor.

Olga Grjasnowa se engaja em seus ensaios frequentemente na visibilidade de escritores com histórico de migração, também nas pautas relacionadas à discriminação a estrangeiros e sobre as fronteiras sociais aos quais eles sempre foram impostos. Em 2019, a escritora publicou, junto a doze outros escritores de língua alemã com origens estrangeiras, *Eure Heimat ist unsere Albtraum* [Vossa pátria é nosso pesadelo], organizado por Fatma Aydemir e Hengameh Yaghoobifarahuma. A obra é uma espécie de manifesto contra a discriminação de pessoas com histórico de migração, sobretudo as que não são brancas – as fronteiras impostas aleatoriamente pela cor da pele: “Sou branca,

⁶⁴ *Offiziell fielen wir in die Kategorie der ‚jüdischen Kontingentflüchtlinge‘, wobei ich nicht behaupten kann, wir seien geflohen. Wir haben uns für die Demokratie und ein stabiles System entschieden, die CDU würde uns als ‚Wirtschaftsflüchtlinge‘ labeln, und vielleicht stimmt es ja auch.*

⁶⁵ No artigo intitulado “Vozes Transculturais em Olga Grjasnowa”(2018) Dionei Mathias, professor de Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria, analisa este romance de Grjasnowa sobre a perspectiva transcultural.

razoavelmente em todos os sentidos, só meu nome me lembra minha migração⁶⁶”. (GRJASNOWA, 2019, p. 130). No capítulo em que ela assina, *Privilegien* [Privilégios], a escritora comenta que por ter a tonalidade de pele clara não sofre agressão na rua, como outros estrangeiros:

Não serei intimidada, ninguém vai gritar ou me atacar na rua por causa da minha aparência. Uma colega na universidade costumava zombar do “olhar branco” do marido e era tão branca quanto ele. Não quero negar o olhar branco, mas é **um privilégio** nem saber como é não ser lido como branco nas ruas alemãs. Mesmo que se tente ao máximo⁶⁷” (GRJASNOWA, 2019, p. 135, grifo meu).

Além de não ser reconhecida nas ruas como uma estrangeira e, por isso, não sofrer qualquer tipo de discriminação, Grjasnowa separa nesse pequeno ensaio a formação de duas classes distintas de migrantes, ou das demarcações sócio-políticas: A primeira é a que ela pertence, dos que residem na Alemanha e não se “ parecem” como refugiados, a segunda classe: “(mesmo) com meu nome que soa ‘estrangeiro’, não sou mais reconhecida como ‘estrangeira’, porque esse lugar no discurso público foi subitamente ocupado por outro ‘suposto’ grupo, ‘os refugiados’⁶⁸” (GRJASNOWA, 2019, p. 130). Nessa condição, vemos que o refugiado, depois de lutar pela sobrevivência, por mar e terra, superar *coiotes*⁶⁹ e campos de refugiados, precisa, na chegada à cidade europeia, lidar com a hostilidade pela fronteira de sua condição impelida por uma crise migratória, alheia às suas intenções. Nesse sentido, Grjasnowa denuncia a face problemática dessa, do que chamou de hierarquia de migrantes. Ao final do ensaio, ela faz um apelo:

Em inglês existe a bela expressão “check your privilege”, que sugere perguntar a si mesmo quais privilégios você realmente tem antes de fazer um julgamento sobre a vida dos outros. Na Alemanha, por outro

⁶⁶ (...) *ich bin weiß, durchschnittlich in jeder Hinsicht, an meine Migration erinnert nur noch mein Name.*

⁶⁷ *Ich werde auf der Straße nicht aufgrund meines Aussehens, angepöbelt, angeschrien oder angegriffen. Eine Kommilitonin hatte sich an der Uni immer über den „weißen Blick“ ihres Mannes lustig gemacht und war dabei genauso weiß. Ich möchte nicht den weißen Blick leugnen, aber es ist ein Privileg, nicht einmal zu wissen, wie sich das Nicht-Weissgelesenwerden auf deutschen Straßen anfühlt. Sosehr sich auch bemüht*

⁶⁸ *mit meinem „fremd“ klingenden Namen, werde ich nicht mehr als „fremd“ wahrgenommen, weil dieser Platz plötzlich im öffentlichen Diskurs von einer anderen vermeintlichen „Gruppe“, den „Flüchtlingen“, eigenommen wurde.*

⁶⁹ A escolha da tradução da palavra “Schlepper” para em português *coiote* se refere ao uso recorrente da palavra no contexto de transporte ilegal de pessoas no contexto EUA- México, apesar da palavra significar “rebocador” literalmente.

lado, "*Heimat*" está de volta à moda, e um velho que acredita que a migração é a mãe de todos os problemas foi coroado ministro do Interior [*Heimatsminister*]. Aliás, não ter que ter medo desse ministério também é um privilégio incrível.⁷⁰ (GRJASNOWA, 2019, p. 139).

No trecho, Grjasnowa se refere ao ministro Horst Seehofer que em 2018 proferiu em uma conferência que a migração supostamente seria a causa de todos os problemas da Alemanha, sugerindo a interpretação de que os migrantes sejam em si um problema. Várias organizações de proteção ao refugiado, minorias étnicas e conselhos federal de vários países estabelecidos na Alemanha se pronunciaram no sentido de recriminar a fala do Ministro e, responsabilizá-los por crimes de ódio que venham se justificar por trás dessa alegação (ZEIT ONLINE, 2018). Em dezembro de 2018, o ministro renuncia o seu cargo.

Gott ist nicht schüchtern é o terceiro romance de Olga Grjasnowa, publicado em 2017, a jovem autora mescla a história de Amal e Hammoudi, dois jovens sírios que devido a perseguição política do governo ditatorial de residente Bashar al-Assad precisam fugir. O livro tem início na Damasco de 2011, no início do movimento popular da Primavera Árabe contra a ditadura. Na narrativa, se nota o esforço de ser uma resposta ao silenciamento de vozes dos refugiados e, essencialmente evidencia os apagamentos de diversas esferas. Conforme Taberner (2019, p. 8), a análise do livro abre discussão para a evidente tentativa intencional de humanizar o refugiado, o que, alguns críticos literários, concordar. Apesar da extensa pesquisa sobre o tema e recolhimento de depoimentos de refugiados, como Grjasnowa assuma em suas entrevistas sobre o livro, a narração extensiva de dois jovens, que privilegiados na sociedade – atriz, filha de um empresário ligado ao governo de Assad e, médico, vindo de uma família abastada que o sustentou na em Paris durante a faculdade de medicina – sofrem a queda no sistema social e atingem a ponta oposta de invisibilidade.

Amal é uma jovem atriz em início de carreira, mas que já colhe alguns frutos de seu trabalho, participa ativamente de manifestações contra o governo. Depois de perseguida, capturada em uma manifestação, libertada depois de dois dias com a ajuda

⁷⁰ *Im Englischen gibt es den schönen Ausdruck »check your privilege«, der vorschlägt, sich doch zu fragen, welche Privilegien man eigentlich hat, bevor man sich ein Urteil über das Leben anderer macht. In Deutschland ist dagegen »Heimat« wieder en vogue, und ein alter Mann, der die Migration für die Mutter aller Probleme hält, ließ sich zum Heimatminister krönen. Vor diesem Ministerium keine Angst haben zu müssen ist übrigens auch ein unheimliches Privileg.*

influente de sua país no Regime, decide ir Beirute, onde encontra seu companheiro também opositor do governo de Assad. Os dois decidem pagar aos traficantes de pessoas a viagem pela rota da Turquia, pelo Mar Mediterrâneo e, ilegalmente, chegar na Europa. No caminho, à deriva no mar Mediterrâneo, seu barco afunda. No bote salva-vidas, consegue salvar uma bebê, cuja mãe, provavelmente, tenha morrido afogada e passa a cuidar dela, junto com seu companheiro Yossef, também sobrevivente. Em Berlin, foi convidada para apresentar um programa televisivo de culinária *Mein Flüchtling kocht* [Meu refugiado cozinha].

Hammoudi é um médico formado em Paris e trabalha no melhor hospital da cidade. Por causa da renovação de seu passaporte, precisa retornar a Damasco – que já sente os efeitos da Primavera Árabe dos países vizinhos. Depois de ter o seu passaporte retido, não tem mais como voltar a Paris para sua noiva francesa Claire. Diante de sua impossibilidade de retorno, sobretudo depois da eclosão da guerra civil em Deir az-Zour, sua cidade natal, ele se sente gradualmente impelido a contribuir com socorrista no grupo “Capacetes Brancos”⁷¹, sobretudo no auxílio aos manifestantes. Seu irmão Naji, se torna um dos chefes do Exército livre da Síria⁷² [الجيش السوري الحر], recém criado na região. Como consequência dos conflitos armados e do cerco de Bashar al-Assad na cidade, Hammoudi é convencido pelo irmão de fugir para algum país da Europa. Ilegalmente, arranjado pelo seu irmão, Hammoudi pega a rota pela Grécia, via Turquia, e segue pela “Rota dos Balcãs” de barco inflável viaja com outros refugiados, chega ao campo de refugiados em Lesbos. Depois de uma longa jornada, chega a um alojamento para espera de asilo, onde morre depois de que “uma pequena de bomba caseira⁷³” (p.301) é jogada pela janela para dentro de seu quarto por, provavelmente, neonazistas. Em Berlin, Hammoudi e Amal se encontram na rua e se identificam, depois vão ao quarto de hotel que Amal foi enviada com Amina, a bebê salva do naufrágio, agora filha de Amal. Entretanto, a história deles não cruzam mais: Hammoudi é morto em um ataque neonazista e Amal, depois de ter pensado em aceitar uma oportunidade nos Estados Unidos, resolve voltar à Alemanha e construir a sua vida ao lado de Amina e Youssef.

⁷¹ O trabalho desses voluntários foi retratado no documentário *Os últimos homens em Aleppo* (2017), indicado ao Oscar em 2018.

⁷² Grupo armado opositor ao governo sírio formado por desertores e civis na Revolução Síria.

⁷³ *eine kleine selbstgebaute Bombe*

O romance é dividido em três partes e em cada um deles há um mapa, que indicam o espaço geográfico, onde a narrativa do capítulo ocorre e que também confluem para indicar o foco dos conflitos e movimentações sociais. O primeiro, a Síria, com destaque para as cidades de Damasco e Deir az-Zour, onde os personagens iniciam as suas histórias; no segundo, o recorte da Europa, banhado pela Mar Mediterrâneo, pelo qual a viagem em busca de refúgio será realizada; no terceiro, o leitor identifica um mapa das estrelas e pode deduzir que, a partir deste capítulo, os personagens estão à mercê de um destino incerto.

Contra a instauração da república islâmica xiita que se formava depois da revolução de 1979 no Irã, o Iraque se uniu a potências ocidentais para enfraquecer o regime iraniano e, assim defender os regimes sunitas. Sadam Hussein ocupa o cargo de presidente neste mesmo ano. Em uma guerra sem ganhadores, que gerou apenas prejuízos e subtração de vidas, o Iraque, devido ao gasto de altos valores na guerra, Hussein entra em conflito com os países árabes da região, sobretudo no que se refere ao preço do petróleo. O Iraque de Hussein invade o Kuwait em 1990, com vistas à anexação de suas fronteiras, é visto agora como inimigo da comunidade internacional. Com o apoio da ONU, que alegou usar de “todos os meios” para a expulsão do Iraque do território do Kuwait, foi apenas em 1991, com a intervenção do governo americano de George Bush - no que denominou de Guerra do Golfo – que as forças de Hussein foram expulsas do Kuwait.

Com o uso de um arsenal aéreo e as novas tecnologias de ataque, os Estados Unidos provocaram um rastro de devastação no Iraque. Hussein, entretanto, continua no poder, mas agora seu poderio bélico, além de drasticamente reduzido, seria investigado pelo Conselho de Segurança da ONU no intuito de inibir o possível uso de armas químicas, que Hussein já teria usado no passado. Durante anos, o governo de Hussein foi pressionado pelo Conselho para averiguação de suas armas, sofreu inúmeras sanções econômicas, mas as armas nunca foram achadas. Com o estopim dos atentados de 2001, às torres gêmeas e ao Pentágono nos Estados Unidos, os conflitos entre Iraque e Estados Unidos se acirram e em 2003 Estados Unidos e Reino Unido *ocupam* o Iraque.

De família xiita, o escritor Abbas Khider posicionou-se desde a juventude contra a ditadura de Saddam Hussein, preso e torturado na prisão iraquiana entre 1993 e 1995. Libertado em 1996, fugiu ilegalmente para a Jordânia e depois para Líbia. Em 2000 pediu asilo na Alemanha. Como escritor em língua alemã, publicou cinco romances e um ensaio. Seu livro de estreia *Der falsche Inder* [O indiano falso], publicado em 2008, teve uma boa repercussão. A narrativa é um relato de fuga sobre as dolorosas tentativas de viagens de um iraquiano de chegar à Europa. De modo evidente, o livro foi imediatamente associado a biografia de Khider. Em 2011, publicou *Die Orangen des Präsidenten* [As laranjas do Presidente], cujo enredo remete à prisão iraquiana, em que o jovem Mahdi passa dois anos, mesmo sendo inocente das acusações. Guerrilheiros o libertam, mas ele prefere fugir. Em 2013, publica o *Brief in die Auberginenrepublik* [Carta à República Beringela] em que conta uma história de carta enviada ao Iraque – República Beringela - clandestinamente, que viajou vários países árabes.

O ensaio *Deutsch für Alle: Das endgültige Lehrbuch* [Língua alemã para todos: o livro didático definitivo], publicado em 2019, é, na verdade, segundo o próprio Khider (KHIDER, 2022) uma espécie de livro didático, em que sugere mudanças inusitadas para facilitar o aprendizado da língua alemã, como a extinção das declinações. Nas páginas iniciais, Khider narra a sua relação com a língua alemã, seu processo de aprendizagem e seu processo de escritor nessa língua. Depois de 20 anos vivendo na Alemanha, comenta que ainda tem dificuldades com a fonética da língua, sobretudo, na pronúncia dos *umlauts* (ü-ö): “o ditado alemão de que a prática leva à perfeição não se aplica aqui⁷⁴” (KHIDER, 2019, p. 23). Nesse quesito, considera o fato de que somente *escreva* em alemão uma situação alivante: “Não se pode ouvir meu sotaque quando eu escrevo. Nenhum leitor se importa com minha pronúncia, o público em meus lançamentos acha "autêntico" e "exótico" me ouvir falar⁷⁵ (p.24). Neste ensaio, Khider comenta sobre como a faculdade de Filosofia e Literatura, que cursou, o ajudou a ser transformar em uma outra pessoa:

Então um segundo Abbas cresceu em mim, um Sr. Abbas Müller-Schmidt, por assim dizer, que usa a técnica, às vezes, idiossincrática de leitura, compreensão e formulação em alemão, que costumava ajudá-lo

⁷⁴ *das deutsche Sprichwort, dass Übung den Meister mache, trifft hier also nicht zu.*

⁷⁵ *Beim Schreiben, hört man mein Akzent nicht. Kein Leser kümmert sich um meine Ausssprache, um die Zuhörer bei meinen Lesungen finden es „authentisch“ und „exothisch“, mich sprechen zu hören.*

durante seus estudos e agora está ajudando-o em sua vida profissional⁷⁶ (KHIDER, 2019, p. 18).

O comentário de Khider sobre a mudança identitária corrobora a ideia de que a (sobre)vivência em uma país cuja a língua não seja a primeira língua apreendida desde da primeira infância demanda renúncia. A partir da experiência de leitura direto na língua alemã, sem a consulta de dicionários ou léxicos, método sugerido por um professor universitário, Khider comenta que, por meio desta experiência, transformou não somente a sua eficiência no aprendizado da língua, mas também posição no mundo de língua alemã, enquanto escritor. A consideração de Khider pode revelar certos paradigmas, como a língua estrangeira e processo cultural de entendimento, residem em bases identitárias. Exemplarmente, assim como o sugere o famoso trecho de Edward Said sobre o exílio:

[...] o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p.46).

Ohrfeige (2016) [Tapa na cara] apresenta uma narração em primeira pessoa. Karim Mensey é jovem iraquiano, requerente de asilo na Alemanha que, passa três anos e quatro meses no aguardo de seus documentos. Depois de passar por diferentes casas de acolhimento, identidades provisórias, necessidade de reconhecimento para trabalho oficiais e do vestibular [*Abitur*] alemão, tem o seu pedido negado em decorrência dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e derrota de Hussein em 2003: “Não pude ficar em Bagdá, não tenho permissão para ficar na Alemanha. Vamos ver o que vai dá na Finlândia” (..) Ah, adivinhem? Eu só quero ir para casa. Eu não aguento mais isso” (KHIDER, 2016, p.155).

A primeira sentença do romance é sobre como a funcionária do Centro de Pedidos de Asilo, Sra. Schulz se sente (“muda e tensa⁷⁷” p. 9) depois do tapa na cara que Karim a proferiu, a quem ele se sentia humilhado, por quem não era entendido, fumando seu

⁷⁶ *So ist ein zweiter Abbas in mir gewachsen, gewissermaßen ein Herr Abbas Müller-Schmidt, der eine manchmal eigenwillige Technik des Lesens, Verstehens, und Formulierens auf Deutsch nutzt, die ihm früher im Studium geholfen hat und jetzt im Berufsleben weiterhilft.*

⁷⁷ *stumm und strarr*

baseado (muito prazerosamente⁷⁸ p.9) e amarrando a funcionária na cadeira, para que ela o ouvisse. O romance se constitui basicamente de um monólogo de Mensy, que deixa sua cidade natal Bagdá para fugir do serviço militar obrigatório iraquiano por conta de uma condição de saúde, em que as glândulas mamárias crescem mais que os esperados: ginecomastia. Por causa de seus problemas, seus seios aparentavam-se como o de uma mulher e, por isso, temia ser assediado no serviço militar: “ Eu provavelmente nunca teria pensado em deixar meu país se aqueles seios miseráveis não tivessem aparecido. Naquela época, porém, minha vida caminhava inexoravelmente para um grande problema: o serviço obrigatório militar⁷⁹ (KHIDER, 2016, p.29).

Na sua fuga, Karim passou pela Turquia, Grécia e Itália, por meio da contratação de traficantes de pessoas. Por engano, chegou à Alemanha, onde a polícia logo o capturou e o manteve sob proteção do estado, transferido algumas vezes para casa de acolhimentos em diversos lugares da Alemanha, como Dachau, Zirndorf, Bayreuth, Niederhofen para enfim, permanecer em Munique. De qualquer maneira, não se pode simplesmente acreditar na fala do jovem Karim Mensy, visto que o romance traz três passagens (p. 37; p. 95-96, p. 191-192) que surgem em itálico e se assemelham a reflexões ou sonhos. Nesses trechos, Karim fuma maconha e cochila em um lugar completamente diferente do narrado anteriormente. Ao final não se sabe se o tapa foi verdadeiro, assim com a própria história.

Em 1983, os separatistas tâmeis do grupo paramilitar Liberation Tigers of Tamil Eelam (LTTE) reivindicavam a independência do norte e leste (tâmeis) da ilha do Sri Lanka da dominação majoritária cingalesa. O conflito entre tâmeis e cingaleses culminou em uma guerra civil que se estendeu por quase 25 anos, quando em 2009, as forças militares do Sri Lanka rendem os LTTE. Historiadores afirmam que o estopim do início dos conflitos em 1981 foi a queima da biblioteca de Jaffna por um grupo de cingaleses. Como capital do LTTE, Jaffna foi praticamente destruída durante a guerra civil.

⁷⁸ *ganz genüsslich*

⁷⁹ *Vermutlich wäre mir nie im Leben der Gedanke gekommen, mein Land zu verlassen, wenn diese elenden Brüste nicht aufgetaucht wären. Mein Leben steuerte damals allerdings unaufhaltsam einem Riesenproblem entgegen: der Wehrpflicht.*

Nascido um ano depois do início dos conflitos no norte do Sri Lanka, em Jaffna, em 1984, Senthuran Varatharajah se tornou escritor. A foto preta e branca de sua família estampada na capa de seu primeiro romance revela, tal como a legenda oficial que segue, a ligação de sua família com a Alemanha: “do norte do Sri Lanka, pertencem aos requerentes de asilo⁸⁰”(ANEXO C). De origem tâmil, Varatharajah chega no país ainda pequeno, mas consegue se lembrar com detalhes sobre seus dias em casa de acolhimento para requerentes de asilo e o aprendizado da língua alemã.

Em entrevista para a Deutschlandfunk Kultur, Senthuran e seu irmão Sinthujan Varatharajah, comentam sobre trabalhar na Alemanha quando se possui histórico de fuga e migração na vida pessoal. Os dois carregam o passado também nas suas profissões: Como escritor, Senthuran publica, recorrentemente, sobre fuga e migração. Sinthujan é arquiteto e sua pesquisa atual ocupa-se das casas de abrigo para refugiados. Senthuran chegou a Alemanha ainda bebê e com sua família enviado a uma casa de acolhimento de refugiados e, lá, nasceu Sinthujan. Na entrevista, Senthuran comenta que, devido ao tom de suas peles, sofriam sempre algum tipo de agressão (VARATHARAJAH, 2019). Apesar de sua família ter tido sempre o desejo de voltar ao Sri Lanka, que também era impulsionado pelo medo de viver na Alemanha por causa dos ataques de ódio (“Após a reunificação houve Solingen, Rostock-Lichtenhagen, Mölln; e todos esses ataques e pogroms nos marcaram também. Em outras palavras, estávamos sempre preparados mentalmente para ir”).

Vor der Zunahme der Zeichen [Antes do aumento dos signos] conta a história de Senthil e Valmira, que se conhecem ocasionalmente pelo Facebook. As conversas privadas dos dois na rede social giram em torno de suas fugas das zonas de conflito, na chegada ao país, dos pedidos de asilo e o período da faculdade. O livro foi aclamado pela crítica, pois “o romance cativa tanto pelo acesso temático quanto linguístico, pois levanta questões chave sobre fuga e migração”⁸¹

Senthil Vasuthevan está fazendo doutorado em filosofia em Berlin, enquanto Valmira Surroi estuda estudos culturais em Marburg, onde Senthil se graduou no passado.

⁸⁰ *dem Norden Sri Lankas, gehören zu den Aslylanten.*

⁸¹ *der Roman [...] besticht durch seinen thematisch wie sprachlich kühnen Zugriff auf Kernfragen rund um Flucht und Migration* Kramatschek, Claudia *DeutschlandradioKultur* 2016-04-15, <https://www.deutschlandfunkkultur.de/raeume-der-flucht-in-der-literatur-von-wutreden-und-den.> acesso em 08.10.2018

A partir de sugestão do Facebook, os algoritmos unem duas histórias de migração. Senthil acredita ter conhecido Valmira, por isso, depois ver a sugestão, escreve para ela pelo *Facebook-Messenger*. Mesmo chegando à conclusão logo no início que não se conhecem pessoalmente, a conversa dura uma semana. Fugindo da guerra da Iugoslávia, Valmira ainda criança se refugia na Alemanha com sua família, também com histórico de fuga em sua biografia, Senthil e sua família chegaram a Alemanha para escapar da perseguição no Sri Lanka nos anos 80. A conversa termina de maneira abrupta, da mesma maneira que começou. Como uma espécie de moderno romance epistolar⁸², assim como aponta Rathgeber (2018), o romance, apesar de, segundo o autor, não ter a intenção de ser considerada dentro da temática de histórias de fuga, comenta que elas são vistas por muitos como “temas de relevância política, mas para os precisam partir e encontrar um lugar seguro se tratam *apenas* de questões de vida⁸³”.

A estrutura do romance se estrutura a partir dos dias da semana que cada foi mensagem enviada, marcadas com um símbolo de um celular caso tenham sido enviadas um. Uma série de repetições de palavras em frases, longas explicações e motivações do ato do contar (não sei por que estou lhe contando isso. Mas vou te contar⁸⁴(p.34), “Eu não sei por que estou escrevendo para você⁸⁵” (p. 49) induzem a uma fragmentação do que é contado, assim como oferecem resquícios de memória. Sobre a estrutura do romance Hampel comenta (2018):

O diálogo inicial, sustentado pela função estruturante do chat, torna-se, em grande parte, uma oportunidade para autonarrativas (quase monológicas) e uma sequência solta de experiências. As narrativas dos protagonistas caracterizam-se pela reprodução fragmentária e incompleta de suas memórias, que são oferecidas ao outro e, portanto, também ao leitor apenas como peças encenadas: a uma história de um, o outro responde com uma ideia, uma memória vagamente ligada a ele (HAMPEL, 2018, p. 445).

⁸² Como bem apontou Schmidt (2016), na resenha sobre o livro para o jornal *Zeit Online*. *Senthuran Varatharajahs "Vor der Zunahme der Zeichen" ist ein Facebook-Briefroman, der auf sehr philosophische Weise von Migrationserfahrungen erzählt.* ["Antes do Aumento dos Signos" de Senthuran Varatharajah é uma carta do Facebook de um homem que conta as experiências de migração de uma maneira muito filosófica. Disponível em: <https://www.zeit.de/2016/30/vor-der-zunahme-der-zeichen-senthuran-varatharajah> acesso em 02.05.2022.

⁸³ *für die Mehrheitsgesellschaft ist es ein Thema von tagespolitischer Relevanz, für Menschen, die geflohen sind und fliehen, sind das Lebens-themen.*

⁸⁴ *Ich weiß nicht, warum ich Dir das erzähle. Aber ich erzähle es Dir*

⁸⁵ *Ich weiß nicht, warum ich Dir schreibe.*

Em *VdZ*, portanto, o ato de contar é não apenas uma forma da constituição do romance, mas o Facebook atua como uma sala de terapia em que a ferramenta de mensagens se transveste em divã. A repetição de sentenças, as longas mensagens, entremeadas de grifos em itálico, marcam a necessidade do contar, dividir - devida a identificação cultural, ao menos no que se refere as suas histórias construídas na Alemanha -, a de compartilhamento de *traumas* por meio da escrita. Da mesma forma, a hesitação inicial e ausência à primeira vista de uma necessidade do contar, pois Valmira e Senthil, na verdade, não se conhecem fora do Facebook.

2.2 DOS ESPAÇOS TRANSITÓRIOS - NOVAS CONCEPÇÕES

O propósito deste subcapítulo é analisar os espaços que, de alguma maneira, configuram uma permanência transitória, nos quais coabitam agentes sociais e, intrinsecamente, culturais, cujas existências subjetivas se circunscrevem na fluidez desse espaço. Nesta investigação, busca-se averiguar, a partir do exame da construção narrativa desses espaços nos romances, o modo pelo qual a descrição e representação desses locais simbolizam o programa de empoderamento das pluriculturalidades⁸⁶.

O surgimento de tais espaços transitórios na sociedade conecta-se não apenas ao desenvolvimento das cidades, característica sobretudo da modernidade, da qual não se pode dissociar, mas, sobretudo, pelos arranjos sociais advindos de um contexto pluricultural, potencializados pela industrialização, urbanização, fluxos migratórios, e, como afirma Wilhelmer (2015), “também (pel)os processos de deportação, refúgio e ‘mobilização’ para a guerra”. Do aumento do trânsito entre/nas fronteiras, do habitar no limiar dos locais de chegada e na tentativa de encontrar o espaço pertencente, os lugares de passagem tornam-se importantes agentes na transformação de um panorama cultural, alicerçado agora fluidamente nas imposições *do partir*. Na organização das cidades, os espaços de transição e de locomoção, como trens, ônibus, aviões, estações e aeroportos caracterizam-se pelo ir e pelo chegar, entretanto, representados simultaneamente pelo momento do *estar*. Nesse curto estado do ficar, o indivíduo concebe o ambiente e o caracteriza culturalmente, sobretudo no que se refere ao ato de esperar. Se ao considerar, nesse sentido que, os espaços transitórios arrolados na organização civilizatória da sociedade contemporânea são de natureza passageira, poderia se dizer também que para

⁸⁶ Evita-se nesta pesquisa o termo “multicultural”, pois julga-se, como Tavares (2014), que a expressão parte de um princípio eurocêntrico que apenas descreve a diversidade cultural dos fluxos migratórios norte-sul e funda-se no contexto geral canadense e não consegue abranger os movimentos culturais geopolíticos, por isso, “é um conceito que não aponta para o horizonte de inclusão da diversidade cultural no mesmo espaço geográfico e para a construção de projetos políticos e sociais que tenham em consideração essa diversidade” (TAVARES, 2014, p. 167). Nesse sentido, optou-se pelo uso do termo pluralidade cultural, mesmo que este também não satisfaça a querela, pois, caracterizado em estudos recentes da Educação e da Antropologia, figura um estado advindo da conjuntura coexistencial plurilíngue, inerente aos espaços sociais. Ver Çelik (2013) e Coste; Moore; Zarate, (2009).

os usuários e passantes, porém, apesar de seu surgimento partir da própria necessidade de organização social, o seu arraigamento e significado torna-se, no ideário subjetivo, algo mais próximo ao permanente, como se verifica nos relatos e narrativas sobre estes lugares.

No decurso da situação migratória, o primeiro estágio, a decisão (ou a necessidade) de sair do local de origem, constitui-se em si a dificuldade, que avança para a situação do *partir* e finda-se com a chegada, cujos contraste cultural e sociais operam de forma decisiva para a - inevitável - constituição de uma hibridez identitária⁸⁷. No caso da partida forçada, como na situação de refugiados, apresentam-se uma série de questões, sobretudo porque o local em que se localizam não é exatamente uma escolha, mas uma alternativa (em geral a única saída) para a sobrevivência. Esse novo território de instalação, constitui, predominantemente, um espaço de embates culturais; em uma comunhão de adversidades em que, primeiramente, instala-se o desconforto. A inquietação e ansiedade da espera de aceite no país de chegada, ou em um território seguro, configura-se no suplício, às vezes, maior que a própria fuga. No contexto de partida e chegadas, do surgimento de encurralamento de sujeitos para as bordas sociais, aparecem espaços de tutela, controle e, que, entretanto, consideram-se, no cerne de seu significado, de acolhimento.

Os abrigos, casas, hotéis e quartos alugados são alguns dos lugares provisórios nos quais os refugiados são *acolhidos* na chegada na Alemanha. Em razão do encontro com outros em situação semelhante, do cuidado de alguns visitantes e do compartilhamento de experiências em todos os níveis, os *Asylheime* [casa de espera de asilo, ou casas de acolhimento para espera de asilo ou, popularmente, abrigos para refugiados] funcionam não apenas como espaços de acolhida, revelam-se nas narrativas como marcas da experiência cultural, local de trocas, por meio das quais a identidade de seus moradores molda-se. Esses locais caracterizam-se também como locais de espera, aguardo de uma resposta das autoridades alemãs para o pedido de asilo. Evidentemente, esses centros se destinam apenas aos que se encontram em situação de tutela do Estado – já que não têm permissão legal para trabalho, estudo ou qualquer outra validação jurídica para a permanência -, ou seja, dos que pedem asilo oficialmente.

Nos romances, estes locais passageiros tem uma relevância especial, pois *todos* os personagens em situação de refúgio são enviados para tais lugares. Em *OhF*, Karim

⁸⁷ Cf. Conceituação de BHABHA, 1994

transita por muitos lugares, sofre, ao que Heselhaus (2017, p. 48) considera uma Odisseia “que vai da prisão ao centro de acolhimento, depois a um abrigo ao cuidado das agências alemãs. (Tudo) começa em Dachau, passa por Zirndorf, Bayreuth e de Niederhofen para Munique⁸⁸”. Nessas passagens, Karim experimenta a invisibilidade de sua condição de requerente de asilo e, explica a funcionária da repartição de migração, Sra. Schulz, com são os abrigos na cidade de Bayreuth para o qual foi enviado:

O abrigo de Bayreuth, querida sra. Schulz, é uma grande área composta de vários edifícios. Tudo o que tem a ver com os pedidos encontra-se nessas dependências: os escritórios da Repartição Federal de Reconhecimento de Refugiados Estrangeiros, um posto de polícia, uma sucursal da Caritas e, claro, os alojamentos dos requerentes de asilo⁸⁹ (KHIDER, 2016, p. 59).

No trecho, o controle referente a tutela dos requerentes configura-se na organização das estruturas. Se vê que nos centros de acolhimento os conhecidos pilares para instalação de controle estão postos nessas novas estruturas: burocracia (“escritórios da repartição federal”), vigilância (“polícia”) e religião (“Caritas”). Por outro lado, em VdZ pode-se observar que a distribuição de alimentos e o ensino da religião tonificou para os personagens, os tons *colonialistas* dos abrigos:

Valmira Surroi 09:13

Pacotes de alimentos amarelos eram distribuídos na casa dos requerentes de asilo todas as segundas-feiras. Antes de eu poder ir para a escola, meu pai e eu os pegávamos de manhã na cozinha comunitária, onde estavam empilhados no chão como uma pirâmide. A toalha de mesa era azul com bolinhas brancas, e me lembro de ter pensado que se pareceria com um vestido que uma das minhas tias tinha em Prishtina. Nós esperamos. Esperamos no vestíbulo sem dizer uma palavra. Nosso quarto ficava no segundo andar ao lado de uma janela gradeada. Não estamos aqui na Alemanha há muito tempo. Escrevi meu nome no verso da caixa. A cor da caneta hidrográfica também era amarela.

Senthil Vasuthevan 09:27

⁸⁸ *Es folgt eine Odyssee von Gefängnis zu Aufnahmelager zu Asylantenheim in der Obhut der deutschen Ordnungsmächte. Sie beginnt in Dachau und geht über Zirndorf, Bayreuth und Niederhofen bis nach München.*

⁸⁹ *“Das Bayreuther Heim, liebe Frau Schulz, ist ein großflächiger aus mehreren Gebäuden. Alles, was mit den Asylbewerbern zu tun hat, findet sich auf dem Gelände: die Büros des Bundesamts für die Anerkennung ausländischer Flüchtlinge, eine Polizeidienststelle, eine Niederlassung der Caritas und eben die Behausungen der Asylanten“.*

no lar para requerentes de asilo, as testemunhas de Jeová começaram a nos visitar, alimento espiritual na palma da mão estendida. Durante quinze anos devemos ficar no meio deles, crescer na verdade, como disseram na sua linguagem. eles sabiam que os requerentes de asilo dependiam de alguém que pudesse acompanhá-los ao escritório de imigração e traduzir e preencher seus pedidos, alguém que não gritasse nem se calasse⁹⁰ (VARATHARAJAH, 2016. p. 31)

Na passagem de VdZ, o alimento para “o corpo” e “para o espírito era fornecido para viabilizar os modos de controle. Ao mesmo tempo que o acesso de pregadores de religiões diversas como testemunhas de Jeová e da organização católica Caritas circulavam livremente pelos *Heime* sob o pretexto do auxílio humanitário, a permissão inicial do Estado para este acesso aos requerentes que estão à sombra do amparo governamental, expõe a vulnerabilidade dessas pessoas perante o Estado e o poder público. Em OhF, a menção da presença das testemunhas de Jeová também é latente:

Dos cidadãos de Niederhofen, apenas as Testemunhas de Jeová se atreviam a ir para o abrigo de sem-tetos (lugar que servia de casa de acolhimento a refugiados). Eles missionavam por lá. No segundo dia bateram na minha porta. Eu abri. Uma senhora idosa me perguntou com um sorriso beatífico no rosto se eu acreditava em Deus (KHIDER, 2016, p. 199).

Em algumas cidades, no auge do recebimento de refugiados, como em Berlim, os requerentes eram dirigidos a hotéis ou albergues, como Amal, Youssef e a bebê Amina

⁹⁰ Montag (...)

Valmira Surroi 09:13

Im Asylbewerberheim wurden jeden Montag gelbe Nahrungsmittelpakete verteilt. Als ich noch nicht die Schule besuchen durfte, holte ich sie morgens mit meinem Vater in der Gemeinschaftsküche ab, wo sie auf dem Fußboden übereinandergestapelt lagen, wie eine Pyramide. Die Tischdecke war blau mit weißen Punkten darauf, und ich erinnere mich daran, dass ich dachte, sie würde wie ein Kleid aussehen, das eine meiner Tanten besessen hatte, damals, in Prishtina. Wir warteten. Wir warteten im Eingangsbereich, ohne ein Wort zu sagen. Unser Zimmer lag im zweiten Stock neben einem vergitterten Fenster. Wir waren noch nicht lange hier in Deutschland. Auf der Rückseite des Kartons schrieb ich meinen Namen. Auch die Farbe des Filzstifts war gelb.

Senthil Vasuthevan 09:27

im asyllandheim begannen zeugen jehovas uns zu besuchen, geistige speise in der ballung einer ausgestreckten hand. fünfzehn jahre sollten wir in ihrer mitte bleiben, in der wahrheit aufwachsen, wie es in ihrer sprache hieß. sie wussten, dass asylbewerber auf jemanden angewiesen waren, der sie zur ausländerbehörde begleiten und ihre anträge übersetzen und ausfüllen konnte, auf jemanden, der weder schrie noch schwieg.

que foram enviados para um “um minúsculo” quarto em um hotel (p. 159). Em GnS, os abrigos para requerentes, representam uma chave de leitura para os locais, pois neles, segundo a experiência dos personagens, há um sentimento de acolhida, desespero da espera e local de disputas. Depois de perambular por várias cidades alemã, em uma “odisseia”, Hammoudi é transferido para um albergue em Berlim:

Hammoudi, por sua vez, faz uma odisséia do centro inicial de acolhimento de refugiados para uma casa na Baviera, depois para outra perto de Düsseldorf e outra em Dresden, até que finalmente, como não resta mais nenhum lugar, é transferido para Berlim, onde consegue junto, com outros cinco requerentes de asilo, um quarto em um albergue. Dois são da Chechênia, dois do Irã e um do Sri Lanka. Não se consegue nem dizer “boa noite” um para o outro. Todo mundo ronca. Sob suas camas estão malas de viagem que não foram desfeitas desde a fuga. Durante todo o dia todos esperam que algo finalmente aconteça e olham com inveja para os turistas que estão livres para viajar, estudar e trabalhar. O negócio da pousada continua inalterado, apenas as refeições não são permitidas para comer com os demais hóspedes. Há um piso para turistas e outro para refugiados⁹¹ (GRJASNOWA, 2017, p. 274).

Ainda que em uma estrutura de um hotel, a ideia de segregação está posta. O privilégio de ser livre, mesmo que em um lugar onde se celebra a liberdade *do ir* - apoiado na ideia das viagens de férias, por exemplo - as condições dos tutelados ainda são controladas. Nessa concepção, os lugares de existência transitória para os habitantes e para o Estado visto como uma forma de resolver um problema social, como o caso da estrutura das casas de requerentes de asilo, cuja estrutura e controle e podem até mesmo transitar para outros lugares de permanências, corporiza na literatura sua representação heterotópica.

⁹¹ *Hammoudi macht indessen eine Odyssee von der Erstaufnahmestelle für Flüchtlinge zu einem Heim in Bayern, dann zu einem anderen in der Nähe von Düsseldorf und einem weiteren in Dresden, bis er schließlich, da es nirgendwo mehr Platz gibt, nach Berlin verlegt wird, wo er zusammen mit fünf anderen Asylbewerbern ein Zimmer in einem Hostel bekommt. Zwei stammen aus Tschetschenien, zwei aus dem Iran und einer aus Sri Lanka. Sie können sich nicht einmal gegenseitig »Gute Nacht« wünschen. Alle schnarchen. Unter ihren Betten liegen Reisetaschen, die seit der Flucht noch nicht ausgepackt worden sind. Den ganzen Tag über warten alle darauf, dass endlich etwas passiert, und schauen neidvoll auf die Touristen, die frei sind, reisen, studieren und arbeiten können. Der Hostelbetrieb geht unverändert weiter, nur die Mahlzeiten dürfen die Flüchtlinge nicht mit den anderen Gästen einnehmen. Es gibt ein Stockwerk für Touristen und eines für Flüchtlinge.*

No ensaio *De espaços outros*⁹², fruto da Conferência no *Cercle d'Études Architecturales*, em 14 de março de 1967, Michel Foucault reflete sobre o espaço na história e as novas configurações e relevância no contemporâneo. O escopo de sua análise pauta-se no que ele chamou de “espaços de fora”, em oposição aos “espaços de dentro”, cuja funcionalidade e valor na subjetividade, “na nossa percepção primeira, o de nossos devaneios” (2013, p. 114). Nas relações de espaços, sobretudo relativo à representatividade social do lugar. Em comentário à famosa obra de Bachelard⁹³, Foucault reforça a ideia da não-hegemonia do espaço e afirma que ele abarca não apenas características funcionais, mas antes de tudo carrega “qualidades”, que, para ele, também pode ser “talvez assombrado por fantasmas” (FOUCAULT, 2013, p.114). No que refere aos “espaços de fora”, Foucault define um feixe de relações sociais com estes espaços, como, por exemplo, “as alocações de passagem, as ruas, os trens”, alocações transitórias, os cafês, os cinemas, as praias”, “alocações de descanso, a casa, o quarto, a cama”, entretanto, há para ele dois tipos de alocações que podem ser ligados a todos os outros e que, ao mesmo tempo, os contradizem: as utopias e as heterotopias.

Na concepção de Foucault, o espelho é exemplar na constatação de um lugar utópico, visto que se constitui como “um lugar sem lugar” (2013, p.13). Como um lugar existente, que não se pode, entretanto, estar, cuja configuração atribui-se uma “espécie de sombra, (...) conferida ali a própria visibilidade”, um lugar em se olha para existência, sem que ela esteja de fato ali presente (p.13). Se entendermos que a utopia parte de uma reflexão de si e na identificação de um lugar inexistente daquilo que se enxerga, assim como no espelho, poderíamos entender, no campo da teoria cultural⁹⁴, que o Outro, em comparação a aquilo que eu me vejo, pode refletir um lugar em que não se está, mas que se pode, a partir do reflexo da comparação, enxergar a si próprio. Na passagem em GnS, em que Amal chega em Berlim e olha outras mulheres e se compara a elas, uma dentro

⁹² Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser a partir do original em francês “Des espaces autres”, publicado em *Dits et écrits* (v.5, Paris: Gallimard, 1994, p.752-62). Revisão técnica de Fraya Frehse. Tradução publicada em 2013 no volume 27, nº79, da Revista Estudos Avançados, em ocasião da organização do Dossiê Espaço Social

⁹³Gaston Bachelard, *La poétique de l'espace*, Paris: PUF, 1957. No português publicado na série *Os Pensadores* da editora Abril: *A poética do Espaço* tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal pp. 192-363. 1978.

⁹⁴ Evidentemente, não se deixa de levar em consideração nessa afirmação a tradição dos estudos psicanalíticos sobre a lei do espelho, configurada como uma projeção psicológica, cunhada por Jacques Lacan. Para elucubrações detalhadas sobre a teoria, ver em ROUDINESCO, E. TRANS BRAY, B **Jacques Lacan**. Columbia University Press, 1997.

das outras mulheres operando como reflexo para indicação da sua estrangeiridade e condição de refugiada. Nesse efeito de regresso da imagem, Foucault conceitua o espelho igualmente como uma heterotopia, “na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno” (FOUCAULT, 2013, p. 118). Nessa hipótese se poderia julgar que, de todo modo, as pessoas consistem em um espaço em si, compostas da mesma forma de delimitações, igualmente fronteiriças, como qualquer outro lugar. As pessoas refletem⁹⁵, a partir da comparação, a nossa compreensão de nós mesmos que, no caso de Amal, é a constatação de sua situação:

Mulheres em vestidos caros e saltos altos. Mulheres de bicicleta, mulheres com carrinhos de bebê, mulheres com sacolas cheias de compras, mulheres correndo para algum lugar, mulheres parando em frente às vitrines. De repente, Amal toma consciência, que não pertence a isso. Ninguém presta mais atenção para ela ⁹⁶ (GRJASNOWA, 2017, p. 281)

Amal percebe a partir do Outro que seu status na sociedade é completamente outro do que o imaginado ou vivido. Ela (ou o narrador, não se sabe ao certo) conclui com esta aproximação do olhar das outras mulheres, refletidas nela, que “o mundo inventou uma nova raça, refugiado, refugees, muçulmano ou newcomer. A condescendência é perceptível em cada suspiro”⁹⁷(GRJASNOWA, 2018, p. 281). A desprezo ao outro indica, igualmente, uma fronteira.

⁹⁵ Cabe observar que os estudos de alteridade já consideraram o Outro como uma forma de intersubjetividade, da mesma forma que as relações espelhadas entre o eu e o outro podem ser considerações como base da interação social. Na reflexão de Duran (1993), se entende que há uma interdependência entre as funções dos sujeitos na sociedade, que, configuram assim como camadas de projeção de identidades: “O *social-sociológico* só faz sentido quando sei que se constitui a partir do *individual-psicológico* (...). Do mesmo modo, o *cultural-antropológico*, evidentemente, também se constitui do *individual-psicológico* (são as vozes individuais que cantam o canto da vitória). Por outro lado, como conceberíamos o *individual-psicológico* se não o pensássemos no interior do social e do cultural? (...)Do mesmo modo, o *cultural-antropológico* só se viabiliza ao se realizar o *social-sociológico*, e vice-versa, ou, dizendo de outra forma, não há cultura sem uma sociedade que a possua nem sociedade sem uma cultura que congregue os significados de seu funcionamento.” DURAN, 1993, p. 3

⁹⁶ *Frauen in teuren Kleidern und auf hohen Absätzen. Frauen auf Fahrrädern, Frauen mit Kinderwagen, Frauen mit vollen Einkaufstaschen, Frauen, die irgendwohin eilen, Frauen, die vor Schaufenstern stehenbleiben. Plötzlich wird Amal bewusst, dass sie nicht mehr dazugehört. Niemand beachtet sie mehr.*

⁹⁷ *Die Welt hat eine neue Rasse erfunden, die der Flüchtlinge, Refugees, Muslime oder Newcomer. Die Herablassung ist mit jedem Atemzug spürbar.*

Foucault defende uma análise de um “espaço de fora”, pois conceituou estes lugares de acordo com sua alteridade espacial, as nomeando por heterotopias. Na definição foucaultiana destes lugares, as alocações heterotópicas também poderiam ser caracterizadas, em certa medida, por seu uso provisório. Os seus usos podem ser, segundo Foucault (2013), classificados com heterotopias de crise.

Nas sociedades ditas “primitivas”, existe uma determinada forma de heterotopia que eu chamaria de heterotopia de crise; ou seja, que há lugares privilegiados, ou sagrados, ou proibidos, reservados aos indivíduos que, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual vivem, se encontram em estado de crise: os adolescentes, as mulheres na época dos ciclos menstruais, as parturientes, os idosos etc. (FOUCAULT, 2013, p. 115).

Se partirmos da consideração que as casas de abrigo aos requerentes, no cerne de sua criação, servem para “alocar os sujeitos em estado de crise”, apesar de neste caso particular a “crise” não seja configurada intrinsecamente ao sujeito, mas para o Estado e para cidade vistos como um problema. Assim, alocá-los em regiões fora das grandes cidades, como geralmente é feito, não somente parte de uma situação de escassez nos grandes centros (e dispendiosa), mas de apagar o sujeito das vistas da opinião pública. Assim como em OhF, quando Karim foi transferido mais uma vez, dessa vez para uma pequena cidade em no interior da Bavária, às margens do Danúbio.

Nosso maior medo era ser arrastado de algum lugar para lugar nenhum. Uma montanha, por exemplo, como a que vi na minha viagem de Munique a Zirndorf. Por outro lado, esperávamos chegar a uma cidade real. Uma cidade grande onde pudéssemos nos mover livremente. Um somali, um albanês e dois paquistaneses foram abandonados a apenas algumas centenas de metros de distância, também em um deserto absoluto. Apenas os iraquianos permaneceram no ônibus depois. Voltamos a percorrer um longo caminho e em algum momento pude ver uma pequena cidade ao longe, cercada por uma bela paisagem com montanhas. “Última parada Niederhofen no Danúbio”, anuncia o motorista⁹⁸. (KHIDER, 2016, p. 122)

⁹⁸ *Unsere größte Angst war es, irgendwohin ins Nirgendwo verschleppt zu werden. Auf einen Berg zum Beispiel, wie ich ihn auf meiner Reise von München nach Zirndorf gesehen hatte. Dagegen hofften wir, in eine richtige Stadt zu kommen. Eine große Stadt, in der wir uns frei bewegen konnten. „Endstation Niederhofen an der Donau, rief der Fahrer“*

Esses locais “reservados aos indivíduos que, em relação à sociedade” são privados e retirados para longe das cidades, também se caracterizam por “justapor em único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p. 118), como por exemplo separação cultural feita pelos habitantes dessas casas, já que, por questões religiosas e afeições linguísticas se repartem dentro da casa em pequenos outros guetos, como em uma formação urbana moderna, com suas divisões demarcadas culturalmente, como a descrição de Karim do *Heim* em Bayreuth.

Durante a minha estadia, as áreas individuais da casa tinham o nome da nacionalidade de seus moradores. Havia a "zona albanesa", o "canto africano", a "zona afegã" e a "sala bielorrussa". Um casal de albaneses e quatro nepaleses moravam em dois quartos no primeiro andar, o resto pertencia a nós, iraquianos. É por isso que todo o andar foi chamado de »corredor mesopotâmico«. Os curdos também tinham seu próprio andar. E os cristãos moravam no "bloco cristão" no terceiro andar. Os que ficaram moravam no térreo: quirguizes, paquistaneses, iranianos, montenegrinos e cazaques. Esta área era conhecida como a "Estação do Expresso do Oriente". Os recém-chegados naturalmente queriam ser alojados com seus compatriotas. A Associação Caritas realmente se certificou de que os funcionários os enviassem para onde eles pertenciam. Felizmente fui colocado com os residentes árabes no »corredor mesopotâmico⁹⁹«. (KHIDER, 2016, p. 190).

Evitando conflitos éticos, funcionários do Caritas já separam aos novos moradores em suas respectivas áreas dentro do *Heim*, já que tutelados. De qualquer maneira, na referência aos espaços de fora e os dentro que menciona Foucault, e na regulação desses espaços, há um entremeio que define as funções desses lugares. Em GnS, por exemplo, Hammoudi mora em um abrigo onde foi enviado, era uma região conhecida, por ser frequentada por neonazista. No centro da cidade, antes disso, os moradores do *Heim*

⁹⁹ Während meiner Anwesenheit war es so, dass die einzelnen Bereiche des Heims nach der Nationalität ihrer Bewohner benannt wurden. Es gab das »albanische Gebiet«, das »afrikanische Eck«, den »afghanischen Raum« und die »weißrussische Stube«. Im ersten Stock wohnten in zwei Zimmern ein paar Albaner und vier Nepalesen, der Rest gehörte uns Irakern. Deswegen nannte man die ganze Etage den »mesopotamischen Flur«. Auch die Kurden hatten ihr eigenes Stockwerk. Und die Christen hausten im »Christenblock« im dritten Obergeschoss. Im Erdgeschoss lebten die Übriggebliebenen: Kirgisen, Pakistanis, Iraner, Montenegriner und Kasachen. Man bezeichnete diesen Bereich als die »Orient-Express-Haltestelle«. Neuankömmlinge wollten selbstverständlich bei ihren Landsleuten untergebracht werden. Der Caritasverband kümmerte sich auch tatsächlich darum, dass die Beamten sie dorthin schickten, wo sie hingehörten. Ich wurde also glücklicherweise zu den arabischen Bewohnern auf den »mesopotamischen Flur« gesteckt.

foram agredidos verbalmente e, por não medo de serem deportados, não revidaram. Entretanto, havia um boato na cidade que os homens “invadiriam” o *Heim*, assim

Os moradores da casa se vingaram mais tarde, e não muito estreitamente. Armaram-se com tudo o que encontraram: gravetos com que as crianças costumam brincar, um pedaço de cachimbo, uma raquete de tênis quebrada, uma vassoura, facas de cozinha. Eles saíram como um coletivo. Os nazistas do vilarejo os encontraram na praça do mercado, onde se embebedavam todas as noites com cerveja local barata e ouviam música alta. Quando os atacaram, todas as formas de agressão eclodiram: contra Assad, contra os islâmicos, contra o Exército Sírio Livre, contra os contrabandistas, contra os carecas, contra a burocracia alemã, contra a solidão. Após a briga, eles levantaram a cabeça um pouco mais alto. Havia até um sorriso em seus lábios. A cidade inteira tinha visto que eles podiam se defender. Eles ainda eram homens, mesmo que não tivessem mais nada. O jornal local informará posteriormente que houve apenas uma vítima. Junto com o artigo, eles vão postar uma foto antiga em preto e branco de Hammoudi. Os leitores não saberão nada sobre ele, além de sua idade e nacionalidade¹⁰⁰ (GRJASNOWA, 2017, p. 201)

A zona de conflito dentro do abrigo, conduz a uma suspensão do sentimento de proteção e, mesmo tutelados, reduzir a seres de segunda classe cuja necessidade de acolhimento se deduz necessária, agora, diante de suas defesas, mesmo com poucos recursos se defendem de “tudo que veio à tona”, uma fronteira suspensa, invisível, latente a todo tempo. Esse sentimento de repulsa que separa invariavelmente os dois mundos. A morte trágica de Hammoudi também opera para a transfiguração simbólica desses territórios heterotópicas agregando a violência e a insegurança a eles.

No que se relaciona as fronteiras sociais e as formas refletidas no outro, como um espelho, que reside na diferença. Os requerentes de asilo, sobretudo, Karim, no romance

¹⁰⁰ *Die Heimbewohner haben sich später gerächt und zwar nicht zu knapp. Sie bewaffneten sich mit dem, was sie aufreiben konnten: Stöcken, mit denen sonst die Kinder spielen, einem Stück Rohr, einem kaputten Tennisschläger, einem Besen, Küchenmessern. Im Kollektiv gingen sie los. Die Dorfnazis fanden sie am Marktplatz, dort, wo sie sich jeden Abend mit lokalem Billigbier volllaufen ließen und laut Musik hörten. Als sie auf sie losgingen, entluden sich sämtliche Aggressionen, gegen Assad, gegen die Islamisten, gegen die Freie Syrische Armee, gegen die Schleuser, gegen die Glatzköpfe, gegen die deutsche Bürokratie, gegen die Einsamkeit. Nach der Schlägerei trugen sie ihre Köpfe etwas höher. Auf ihren Lippen war sogar ein Lächeln. Die ganze Stadt hatte gesehen, dass sie sich verteidigen konnten. Sie waren noch immer Männer, auch wenn sie sonst nichts mehr hatten. Die Lokalzeitung wird später berichten, es habe nur ein einziges Opfer gegeben. Neben dem Artikel werden sie ein altes Schwarzweißfoto von Hammoudi veröffentlichen. Über ihn selbst werden die Leser nichts erfahren, außer seinem Alter und seiner Nationalität.*

de Khider a partir do olhar do outros, se certifica que, como ilegal em Munique, a única saída é se igualar ou parecer pertencer a uma outra classe. Nos trens, a segregação entre classes, significa para o personagem o oposto, opera como saída de fuga: “apenas a primeira classe do ICE é uma solução segura. A polícia raramente é vista lá. Infelizmente, esses lugares são infinitamente caros. Como uma camisa da Hugo Boss combinando com o disfarce”¹⁰¹ (KHIDER, 2016, p. 12).

Nesses espaços de embates sociais, as fronteiras continuam edificando as construções culturais, sobretudo no que se refere aos limites entre o interno e o externo, do lugar e do corpo. Aristóteles, por exemplo, ocupou-se do dilema sobre *topos* e *khôra*¹⁰², em geral interpretados como lugar e espaço, respectivamente, cujo sentido não advém necessariamente de uma suposta percepção dimensional do espaço, mas também da noção do movimento, sobretudo relativo ao *self motion*. Para Aristóteles, o mundo real - diferente de Platão, para qual este é estático, eterno e belo - é percebido a partir do movimento, mutável e fugidio. No conceito da Física aristotélica, o *topos*, ou seja, o lugar, “é necessariamente o limite do corpo contido”, que se caracteriza primordialmente “mediante deslocamento” (212a, p. 5), assim o movimento e *topos* estariam, para ele, de modo intrínseco associados, já que este lugar não é inerte e exerce, de certa forma, influência sobre as coisas, na condição de “agente ordenador” (CARUSO; ARAÚJO, 2019, p.9). Para Heidegger, por outro lado, em sua análise sobre moradia no ensaio “Construir, habitar, pensar” (2001), o espaço é, “essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite” (2001, p. 134). Nesse sentido, em linhas gerais, interpreta-se que *topos* é esse lugar transitório que a *khôra* pode habitar, assim se pode concluir que

Para numerosos exilados – e não raro para os próprios escritores – os portos e as passagens dos navios pelo oceano têm um significado existencial que, em conexão com o *topos* secular da navegação

¹⁰¹ *Nur die erste Klasse im ICE ist eine sichere Lösung. Dort lassen sich die Polizisten selten blicken. Leider sind diese Plätze unendlich teuer. Genauso wie ein passendes Hemd von Hugo Boss als Verkleidung“* (KHIDER, 2016, p. 12)

¹⁰² Segundo do dicionário de termos elaborado pela Programa de Pós-graduação da UFRJ: “Chora não significa nem lugar nem espaço e sim o que é tomado e ocupado pelo que está em si mesmo. O lugar pertence à própria coisa em si mesma. As diversas coisas, cada uma tem seu lugar próprio”. Disponível em <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/> acesso em 20.01.2021.

marítima, sugere uma reavaliação complexa do transitório¹⁰³ (WILHERMER, 2015, p. 11)

Pensando em uma reavaliação do transitório, há nos romances, assim como na questão da locomoção dos refugiados no auge da “crise”, os deslocamentos nos mares que contribuíram para uma mudança na consideração dos transportes marítimos. De fato, as condições precárias e os modos degradantes em que os refugiados se submeteram para chegar a um lugar de segurança, contribui para que a opinião pública olhasse para os mares, sobretudo o mar mediterrâneo, com, ao menos, compaixão. Os barcos, botes infláveis foram os transportes mais usados para ultrapassar as fronteiras e chegar à Europa, igualmente com o maior número de mortos, como já comentado anteriormente. Nesse contexto, se pode tecer alguns comentários acerca da sugestão de Foucault sobre que os navios e os barcos pudessem ser “uma heterotopia por excelência”, pois “ao mesmo tempo (são) o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação” (2013, p. 129). Entretanto, na análise da função dos barcos e botes nesses contextos, na consideração de Foucault de que os barcos são uma espécie de alimentadores de sonhos, por meio dos quais as civilizações poderiam operar os seus desejos (p. 130), se transforma agora em um grande pesadelo. Evidentemente a ideia de que o barco ainda seja caracterizado como uma heterotopia pode ser ainda levada em consideração, visto que nos barcos e nos botes, no contexto de fuga e migração também sejam “um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado em si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar” (p. 130). Contudo, é, sem dúvida, inegável que as funções deles se cambiaram drasticamente nos tempos atuais.

A viagem de Amal, em GnS, evoca a ideia de que os navios podem, de fato, configurar uma heterotopia, mas não mais no sentido onírico e otimista sobre a qual Foucault acredita.

A troca de embarcação leva horas e não é menos perigosa do que a viagem em si. Várias vezes os passageiros caem na água, que ficam congelados e apavorados e são puxados para cima novamente. Quando finalmente estão todos os bordos, percebem que já há muitas pessoas esperando por lá – algumas por quatro dias. Alguns deles fizeram uma longa jornada pelo Saara. O cheiro é de suor velho, ar viciado, roupas

¹⁰³ „Die Häfen und die Schiffspassagen über den Ozean haben für zahlreiche Exilanten – und nicht selten auch für Schriftsteller selbst – eine existenzielle Bedeutung, die in Verbindung mit dem jahrhundertealten Topos der Seefahrt eine komplexe Neubewertung des Transitorischen vermuten lässt“ (WILHERMER, 2015, p. 11)

úmidas que foram usadas por muito tempo. O navio está cheio agora e pode seguir para a Itália¹⁰⁴ (GRJASNOWA, 2017, p. 242).

Na passagem em que Amal e outros refugiados trocam de um bote inflável para uma embarcação - que “não é o cargueiro moderno que lhes foi prometido, mas um cargueiro antigo que parece estar prestes a se desmanchar¹⁰⁵” -, o navio assemelha-se a um campo de horrores, com pessoas caindo na água e péssimas condições. O navio, à propósito, afunda depois de algumas horas à deriva. Portanto, conclui-se que neste navio a condição heterotópica se baseia também no navio na ideia de que ele possa operar como transportador de mundos.

Na consideração sobre os espaços transitórios no contexto de fuga¹⁰⁶, Wilhelmer (2015) observa que eles são um lugar do entrelugar “e, portanto, da dissolução de fronteiras. O viajante não está mais em seu lugar de origem, mas também não está em seu destino; ele está em um estado de limbo de um Ainda-Não e Não-Mais” (p.42). Nessa circunstância, o navio caracteriza-se como tal, em uma outra dimensão espacial simbólica, visto que sua posição transitória - nem aqui, nem lá – contribui para a definição de sua disposição heterotópica. Na mesma análise, compreendem igualmente os caminhões de carga, bem como os botes infláveis, cuja função de transporte ilegal de pessoas transformou a definição primeira deles, constituindo assim uma dupla funcionalidade.

¹⁰⁴ *Das Umsteigen dauert Stunden und ist nicht weniger gefährlich als die Reise selbst. Mehrmals fallen Passagiere ins Wasser, die durchgefroren und zu Tode verängstigt wieder hochgezogen werden. Als sie schließlich alle an Bord sind, stellen sie fest, dass dort bereits sehr viele Menschen warten – manche schon seit vier Tagen. Einige von ihnen haben eine lange Reise durch Sahara hinter sich. Er riecht nach altem Schweiß, abgestandener Luft, feuchter und zu lange getragener Kleidung. Das Schiff ist nun voll und kann sich aus den Weg nach Italien machen*

¹⁰⁵ *Es ist nicht das moderne Frachtschiff, das ihnen versprochen wurde, sondern ein alter Lastfrachter, der aussieht, als sollte er bald verschrottet werden.*

¹⁰⁶ Evidentemente o navio altera a sua função simbólica de acordo com o objetivo: a viagem de cruzeiro, que cruza os mares com viajantes de férias em todo o mundo, não é mesmo que o navio em precárias condições que atravessa os mares de modo ilegal traficando pessoas. Nessa consideração, entenderíamos o espaço como espaço produtor de sentidos que emula na sua definição.

2.3 FRONTEIRAS REAIS E AS DE SI

A definição dos termos como “fronteira” e sua ligação com o território tem sido alvo de estudos há muitos anos, sobretudo no que tange à cooperação do campo social nesse âmbito. Pela inspiração fenomenológica e neomarxista, segundo Claval (2001) a investigação desta relação não pode ser dissociada de uma interação social, da hierarquização do poder e, sobretudo, na edificação de identidades culturais. Esse ponto de vista contemporâneo propõe, entre outras, a investigação das influências das pessoas, do povo, e sua significância na formação e diversidade cultural.

A chamada “geografia cultural” tem seu papel na subjetividade dos indivíduos que compõem os territórios e na compilação de dados que definem a pluralidade dos povos. Sem dúvida, porém, de acordo com Almeida (2012, p. 147) o território “responde, em primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam”. Além disso, a função do território corresponde não somente “a uma dimensão instrumental” (p.148), mas é “objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções do mundo”. Assim, nessa perspectiva, o papel do agente social valida às identidades culturais, pois movimentam as relações de dominância e opressão frente aos embates territoriais.

As operações simbólicas presentes no território pautam-se sobremaneira na interação social. Inerente ao ser humano as operações sociais, que delimitam as vias culturais majoritariamente, têm no deslocamento dos povos e o contato entre diferentes situações e regiões ponto chave para a diversidade e pluralidade cultural. Como nos ensina Paul Claval em *Geografia Cultural* (2001):

A cultura aparece, assim, como uma herança. As modalidades segundo as quais a cultura é transmitida de uma geração a outra ou de um lugar a outro, favorecida pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações, dependem do meio e do nível técnico; elas contribuem para a diversidade das sociedades” (CLAVAL, 2001, p. 12).

Evidentemente, a predominância de uma cultura sobre a outra não extingue a anterior, como já pregado por Barth (1998), a interação modifica o grupo, mas nunca o extingue. Desse modo, lembrando-se da crise migratória atual, pode-se dizer que essas

interações sociais têm sido intensificadas de diversas formas e, muitas vezes, forçadas, como o caso do acolhimento de refugiados na Alemanha.

Com as recentes guerras, como a do Iraque, Afeganistão e Síria, o deslocamento global tem sido intensificado e, com isso, modificado as constituições culturais de alguns países da Europa. Para Santos (2006, p. 152), o entendimento do espaço só é possível a partir de investigações da partida e o contexto mundial: “num mundo globalizado a necessidade de ir além da função localmente exercida e de também considerar suas motivações, que podem ser distantes e ter até mesmo um fundamento planetário”.

Os deslocamentos e entrecruzares por territórios exercem um papel crucial na constituição (e proteção) dos limites territoriais, sobretudo no que se refere à denominação jurídica para o termo fronteira. As normas e regulamentos dos países influenciam sobretudo as constituições do espaço interacional. Tais normas, afirma Tinland *apud* Santos (1994, p.154), “são estruturadoras da realidade”, assim como foi visto na questão da criação do termo refugiado, a ordem significando “interdependência entre elementos que se condicionam mutuamente e cujas interações fazem surgir novas modalidades de relações com as quais [...] inscrevem os seus próprios ritmos de mudança no movimento do mundo”.

Os conceitos de fronteira cultural, como afirma Barth (2001, p.207), sedimentalizam-se nas cidades e regiões produtivistas, como o caso de grandes metrópoles, onde o compartilhamento dos territórios gera a sua repartição em setores, as fronteiras sociais, em que o “menor” é empurrado para as periferias e o “maior” permanece nas regiões de domínio. O poder do Estado e das grandes empresas organiza os espaços, mas não só, como afirma Santos (2006):

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de redistribuí-las entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço. Essa inteligência das grandes empresas e dos Estados não é, porém, a única. (SANTOS, 2006, p. 154).

Nessa relação dicotômica social entre “menores” e “maiores” corrobora-se a intencionalidade da constituição pública dos territórios, nesse caso, a criação e proteção

das fronteiras recaem ao mesmo ponto de partida: a demarcação e proteção das fronteiras limítrofes entre países é tema de disputa territorial, mas também de embate das diferentes culturas e identidades, que habitam os dois lados. Importante frisar que essa relação de hierarquização é, antes de tudo, operada em diversas vias, por mais que operemos no pensamento dicotômico primordial do eu e do outro, instauramos no outro, vários outros, como uma carga de múltiplas identidades culturais. Como é o caso da convivência no território alemão, em que diversos grupos étnicos são obrigados à convivência, oferecendo não somente a diversidade cultural ao povo alemão, mas formando, por outro lado, fortes frentes nacionalistas¹⁰⁷, com a intenção de preservação da cultura dominante.

A relação do eu e do Outro e de suas fronteiras é uma temática bastante delicada no que se refere à ocupação dos territórios transnacionais. Os povos árabes e o turco, sobretudo, no território alemão são alvos de preconceitos e rechaço em diversos setores. As fronteiras sociais entre os povos estabelecem-se nos territórios de maneira crucial, principalmente dos refugiados ainda sem asilo oficial. Não podem sair do país, nem ir a outras regiões da Alemanha, precisam esperar por asilo na limitação do espaço público: não podem trabalhar, não podem estudar e são proibidos de habitar espaços de convivência em que a identidade é solicitada, como em áreas de lazer públicas¹⁰⁸. Nesse caso, os refugiados constituem um grupo segregado por natureza jurídica.

Nesse sentido, a crise migratória mundial tem formado diversos grupos étnicos e interações das mais diferentes formas e em diversas direções, não sendo possível, dessa maneira no futuro, como prevê Bauman (2011, p. 31), a identificação do povo originário, visto tamanha diversidade cultural e hibridização. Em todo o caso, a crise tem intrigado diversos setores: a área jurídica tem se preocupado em criar e reformular leis e normas, como mencionado anteriormente no primeiro capítulo. o Estado de fazer cumprir as regras e o povo dominante, em muitos casos, de resistir. O acolhimento de outra cultura é também ponto alto dessa discussão, visto que

a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e

¹⁰⁷ Como caso do surgimento da PEGIDA, *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* já citado.

¹⁰⁸ Ver reportagem do *Planet Wissen* de 25.04.2020. Disponível em: <https://www.planet-wissen.de/geschichte/menschenrechte/fluechtlinge/asyl-wer-darf-bleiben-100.html> acesso em 13.05.2022.

comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isso leva à aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo”, e isto significa que existe entre eles um determinado potencial de diversificação e de expansão de seus relacionamentos sociais que pode recobrir de forma eventual todos os setores e campos diferentes de atividade. (BARTH, 1998, p. 197).

Na década de 1970, Edward Said apontava os caminhos da nova era: “é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (SAID, 2003, p.47). Said representa essa gama de autores que, fora de seu país de origem, refletiram e escreveram sobre sua própria identidade e sobre a questão do Outro na constituição de uma identidade própria. Dentro dessa perspectiva, a literatura é um canal para trazer à reflexão temas que se apresentam na e à sociedade. Da mesma maneira, Said mostra em *Orientalismo* como a literatura foi utilizada pelos iluministas para justificar a visão do Outro, enquanto um não-civilizado, não-letrado, não - “iluminado”, o que se tornou um pretexto para a conquista de terras e exploração no hemisfério sul. Nesse raciocínio, a literatura pode ter a função oposta: a de denunciar os efeitos desses regimes totalitários, como a literatura dos escritores de língua alemã Herta Müller e de Liao Liwu e discriminações, como Olga Grjasnowa.

No que tange a questão das fronteiras e interação entre o eu e o Outro, os romances de Khider, Grjasnowa e Varatharajah trazem uma série de debates pertinentes ao tema. As fronteiras que os personagens foram forçados a ultrapassar, referem-se não apenas as fronteiras visíveis e aquelas que sobre as quais a categoria “refugiado” associa-se juridicamente. Existem, por outro lado, as fronteiras sociais, mencionadas por Barth (2001) e as culturais, sugeridas por Bauman (2011), Santos (2006) e Claval (2001), o refugiado não está livre para transitar nas cidades, ao menos juridicamente. De qualquer forma, as fronteiras podem ser identificadas individualmente a partir da subjetividade, nesse caso o refugiado residiria em ao menos três fronteiras: a territorial, a cultural (língua, corpo, crenças) e a social. Como comenta o cientista político Manlio Graziano: “*Borders are not for everyone*” (2018), abordagem explorada por Joscha Kluppel (2020) em sua análise sobre o romance de Varatharajah, que alude à ideia de que a interpretação do termo fronteira, sobretudo, as consideradas por ele invisíveis, depende tanto do ser que habita o lado de dentro dela, quanto o sujeito que observa do lado de fora. Nessa ação, pode-se, no caso das fronteiras sociais, colocar o outro em uma margem, a partir das

marcas da diferença: imaginada - a língua, costumes, crenças ou visível - a cor da pele, cabelos e jeitos que identificam o sujeito sendo diferente. Na entrevista de Varatharajah para Katrin Heise do jornal *DeutschlandFunkKultur* (2019) nos recordam dessas fronteiras sociais e culturais:

Crescemos (ele e o irmão) na Baviera, perto de Bamberg. Não deveríamos estar nesta cidade. Fomos um erro de certa forma, e um erro visível também. Um erro que se pôde encontrar na rua, com quem se pôde conversar, gritar e cuspir. (...) (VARATHARAJAH, 2019, s/p)¹⁰⁹.

A diferença na cor da pele em relação à maioria da população com quem convive/conviveu, ofereceu ao escritor e sua família, de origem tâmil, a delimitação de sua fronteira. Essa problemática reflete em sua produção literária, nas quais a cor da pele e uma marca fronteira. Em VdZ, as lembranças dessas situações de Senthil e Valmira na narrativa deixam clara que as cores representam um traço privilegiado:

Senthil Vasuthevan 05:12

quando desenhávamos pessoas de pele escura no jardim de infância, as professoras, que chamávamos de *tias* e que não eram irmãs de nossa mãe nem de nosso pai, tiraram o lápis da nossa mão e tiraram um rosa claro da caixa de lápis de cor na frente nós e eles o colocaram entre nossos dedos e suas mãos se fecharam em torno deles e eles disseram, sua boca virada para nós, tão perto que o calor de sua respiração ainda podia ser sentido em suas bochechas, mesmo quando eles não estavam mais atrás nós, essa cor é chamada de *cor da pele*, eles repetiram, *a gente chama essa cor de cor da pele aqui*, e a gente repetiu depois delas¹¹⁰. (VARATHARAJAH, 2016, p. 94 grifo do autor)

¹⁰⁹ *Wir sind in Bayern groß geworden, in der Nähe von Bamberg. In dieser Stadt waren wir nicht vorgesehen. Wir waren in einer Art ein Fehler und zudem ein sichtbarer Fehler. Ein Fehler, dem man auf der Straße begegnen konnte, den man ansprechen konnte, anschreien und anspucken konnte. Und die Frage ist dann: Wie können wir eine Ordnung für uns finden, in der wir nicht unbedingt einen Platz haben, aber vielleicht uns einen Platz vorstellen können.*

¹¹⁰ *wenn wir im kindergarten menschen mit dunkler haut malten, nahmen uns die erzieherinnen, die wir tanten nannten und die weder die schwestern unserer mutter noch unseres vaters waren, den stift aus der hand, und sie nahmen einen hellrosanen aus der buntstiftdose vor uns und sie legten ihn zwischen unsere finger, und ihre hände schlossen sich um sie und sie sagten, ihren mund zu uns gewandt, so nah, dass die atemwärme noch auf der wange zu spüren war, selbst als sie nicht mehr hinter uns standen, diese farbe nenne man hautfarbe, sie wiederholten es, diese farbe nennen wir hier hautfarbe, und wir sprachen es ihnen nach. k199+9*

Na quarta-feira, Valmira e Senthil conversaram sobre as experiências na escola quando ainda crianças na Alemanha. Nas aulas extras dadas pelas missionárias dos Testemunhas de Jeová, Senthil comenta das insistências das *tias* em afirmar que a cor *certa* para pintar pessoas em desenhos é o rosa. A repetição na linguagem e os gestos das missionárias afirma o caráter compulsório da sentença. O trabalho de missionarização não consistia nesse âmbito apenas inculcar a religião, mas os costumes e olhares de mundo nas crianças do *Asylheim*. Por outro lado, a afirmação de que pessoas só podem ser representadas no tom rosa, metaforiza o apagamento completo do indivíduo migrante de pele escura. Em outra passagem de VdZ, Valmira relata a Senthil que na escola foi “reconhecida” pelos seus colegas de classe: “Eu pensei na minha classe onde eu era chamada de *mendiga suja* e uma *garota suja solicitante de asilo*” (VARATHARAJAH, 2016, p. 98 grifo do autor). Conforme reflexão de Kluppel (2020), o trecho narrado por Senthil corrobora a necessidade de debate sobre o tema integração, justamente por que “muitas pessoas veem-na como um processo unilateral e confundido com assimilação. A integração é um processo em que ambos dos lados têm que ajudar. Não apenas os recém-chegado precisam aprender a língua alemã, a maioria da sociedade também deve criar espaço para novos impulsos culturais” (p.12). O reconhecimento do status de Valmira requerente de asilo pelos seus colegas de classe, principalmente por causa de roupas doadas da Cruz Vermelha (VARATHARAJAH p. 181) representa uma forçada delimitação de seu lugar na sociedade imposta pelos outros, isto é, na demarcação da fronteira social.

Teupert (2018) analisa a questão das fronteiras em Varatharajah de uma outra perspectiva, parte do pressuposto da desorientação, fundamenta-se na concepção de Immanuel Kant sobre a subjetividade da orientação geográfica (p. 9). A partir do comentário de Senthil sobre a experiência de orientação (ou a desorientação) em que compartilham, Valmira assume “sua visão crítica e sensível sobre fronteira” quando confessa não saber que algumas fronteiras seriam retas e outras não. Na passagem, portanto:

Lembro-me de não saber por que algumas bordas eram retas e outras tortas. Lembro-me de como ele [professor de geografia] desenhou a Europa e todos os países no quadro-negro e os limpou após a aula. Eu

pensei que apenas itens postais poderiam ser devolvidos¹¹¹(VARATHARAJAH, 2016, p. 181)

O apagamento das fronteiras europeias pelo professor de geografia, no desenho e logo depois na limpeza, traduz na interpretação de Teupert, a forma efêmera e contingente como Valmira organiza as memórias, “as fronteiras podem se mover ou mesmo se extinguir” (2018, p. 10). Nesse entendimento, na memória fragmentada de Valmira, se poderiam associar os itens devolvidos com pessoas deportadas, que, assim como produtos também podem ser enviados a sua origem. Portanto, as fronteiras voláteis de Valmira relacionam-se com a maneira que ela vê o mundo. Em resumo, “a desapropriação de seu terreno anterior, que serve como medida diferencial de sua posicionalidade, inevitavelmente desorienta o sujeito em fuga¹¹²” (TEUPERT, 2018, p. 9). Por meio da desorientação de Valmira refletida na sua concepção de mundo cujas fronteiras fluídas cunharam o seu modo de ver desfocado das linhas limítrofes, subentende-se que a fragmentação das memórias se entrecruza as realidades factuais das fronteiras. As fronteiras sociais encenam nesse âmbito um papel de delimitador de cerceamentos culturais.

Dos limites do corpo e das dificuldades de integração social, o romance de Khider, *Ohrfeige* (2016) sensibiliza para temática dos motivos de requerimento de asilo. No caso de Karim, iraquiano refugiado na Alemanha, requerente de asilo sob o pretexto político da ditadura de Saddam Hussein, a verdadeira explicação para partir do Iraque se resume a uma ginecomastia: “Dentro de muito pouco tempo, cresceram seios em mim, seios reais”¹¹³ (KHIDER, 2016, p.55). Na chegada à Alemanha, Karim dentro de um caminhão de carga, é apreendido pela polícia federal e seu primeiro sentimento no país foi vergonha. Se despir na frente de dois policiais, deixar à mostra o seu corpo - um corpo nu, segundo ele defeituoso, sem passaportes, sem documentação:

¹¹¹ *Ich erinnere mich daran, dass ich nicht wusste, weshalb manche Grenzen gerade und andere ungerade waren. Ich erinnere mich daran, wie er Europa und jedes Land darin an die Tafel gezeichnet hatte und wie er nach der Stunde über sie wischte. Ich dachte, nur Postsendungen könnten zurückgeschickt werden.*

¹¹² *the dispossession from one's prior ground, which serves as a differential measure of one's positionality, inevitably disorients the fugitive subject.*

¹¹³ *Innerhalb kürzester Zeit wuchsen mir Brüste, echte Brüste*

Os dois olharam para mim. Eu podia ver nos olhos deles o quanto minha parte superior do corpo os enojava e os intrigava. Sim, Sra. Schulz, eles viram algo do qual ainda me envergonho profundamente até hoje. Eles viram o verdadeiro motivo da minha fuga. Por anos eu tento esconder isso de todas as pessoas.¹¹⁴ (KHIDER, 2016, p. 29).

O despir de Karim na sala da polícia federal representa uma agressão psicológica profunda, especialmente como primeira experiência no país no qual ele pretendia realizar o “sonho em me tornar um homem normal ¹¹⁵” (KHIDER, 2016, p. 67). Nessa idealização, Karim experiencia uma série de dificuldades que atua como movimento desmotivador para a conquista de seus planos no país. Como requerente de asilo “honesto” (p. 155), optou pela forma legal de alcançar seus objetivos: seguiu os procedimentos, lidou com a burocracia e, por fim, esperou. De todo modo, entretanto, a narrativa encaminha o leitor para a frustração da deportação de Karim, fechando a fronteira de sua vida na Alemanha e da realização de seu sonho:

Ainda não sou um homem normal, ainda tenho esses malditos peitos. E sabe de uma coisa? Se eu tivesse começado a trabalhar antes informalmente, provavelmente teria conseguido financiar a operação há muito tempo. Mas eu sou um idiota honesto. Tudo o que conquistei é um nada gigantesco. O único que está feliz é o *coiote*, Abu Salwan. Em vez de ir para a universidade, fui para o abrigo para sem-teto, para a Mesquita Goethe e para Enlil. Em vez de lidar com alunos e professores, convivia com criminosos, fanáticos e vigaristas. E agora? Estou de volta ao início. Mais uma vez eu tenho que procurar o *coiote*, todo o procedimento e inutilidade começa novamente do zero. O que você faria no meu lugar, Sra. Schulz? Não tenho escolha, apesar deste planeta ser enorme. Não pude ficar em Bagdá, não tenho permissão para ficar na Alemanha. Vamos ver o que vai dá na Finlândia. Quem sabe se eu vou chegar à Finlândia. Você não pode confiar nesses *coiotes*. Eu também não consegui ir para França. Ah, adivinhem? Eu só quero ir para casa. Eu não aguento mais isso. Vou enrolar para nós um outro baseado, está bem¹¹⁶? (KHIDER, 2016, p.155).

¹¹⁴ *Die beiden schauten mich an. In ihren Augen konnte ich sehen, wie sehr mein Oberkörper sie zugleich anekelte und faszinierte. Ja, Frau Schulz, sie sahen etwas, wofür ich mich bis heute zutiefst schäme. Sie sahen den wahren Grund meiner Flucht. Seit Jahren und vor allen Menschen versuche ich, ihn zu verheimlichen*

¹¹⁵ *Liebe Frau Schulz, ich habe meine Heimat verlassen, weil ich davon träume, ein normaler Mann zu werden. Das ist alles.*

¹¹⁶ *Noch immer bin ich kein normaler Mann, noch immer habe ich die verdammten Brüste. Wissen Sie was? Hätte ich früher angefangen schwarzzuarbeiten, hätte ich die Operation vermutlich längst finanzieren können. Aber ich bin eben doch ein aufrichtiger Trottel. Alles, was ich erreicht habe, ist ein gigantisches Nichts. Der Einzige, der sich freut, ist mein Schlepper Abu Salwan.*

Não ser um homem normal configura a metáfora presente na narrativa de Khider sobre os diversos apagamentos e estranhamentos dos refugiados na Alemanha. O trecho evidencia que os impedimentos jurídicos do permanecer e do partir obstruem a livre circulação (“Não tenho escolha, apesar deste planeta ser enorme”), particularmente quando possibilidades de ficar no país e voltar para a sua origem se esgotam e o impelem a vagar por mais uma tentativa de chegar a um lugar seguro. Nessa passagem da narrativa de Khider, por exemplo, não há a vontade de retorno ao país de origem, nem ao menos a sua menção, as motivações do partir baseiam-se apenas no desejo de ser aceito como indivíduo em algum país. Nesse sentido, o sentimento de pertencer não se restringe ao país em si, Alemanha, pois o que move a sua vontade não reside no território, contudo no acolhimento de uma “casa”.

No limiar de outra fronteira para os refugiados e migrantes que chegam no país estrangeiro, está a língua, que, no caso dos refugiados a aceleração do aprendizado para o alcance mais rápido do asilo modifica o modo pelo qual essa fronteira é vista. Abbas Khider relata em seu livro *Deutsch für Alle* (2021) [Alemão para todos] que a língua alemã, além de ser uma fronteira difícil e, conforme o escritor, quase intransponível devido à dificuldade da gramática do alemão. Para ele, a língua alemã é “como um monstro, em termos de sua complexidade e expressividade”¹¹⁷(KHIDER, 2019, p. 19). Nesse sentido, para que possa exercer a capacidade principal do ser humano, a interação social pela linguagem, Khider deve operar com o seu duplo, no qual reside a função de computador linguístico, que opera as equações necessárias para a comunicação.

Sou como um pequeno computador linguístico que precisa realizar cálculos complexos, e levar seu processador, disco rígido e memória ao limite de suas capacidades para que eu possa me comunicar. Tudo

Statt in der Universität war ich im Obdachlosenheim, in der Goethemoschee und im Enlil. Statt mit Studenten und Professoren gab ich mich mit Kriminellen, Fanatikern und Strichern ab. Und jetzt? Ich stehe wieder ganz am Anfang. Wieder muss ich mit einem Schlepper weiterziehen, die ganze Prozedur und Sinnlosigkeit beginnt wieder bei Null. Was würden Sie an meiner Stelle tun, Frau Schulz? Ich habe keine Wahl, obwohl dieser Planet riesig ist. In Bagdad konnte ich nicht bleiben, in Deutschland darf ich nicht bleiben. Mal gucken, was in Finnland passiert. Wer weiß, ob ich überhaupt bis Finnland komme. Diesen Schleppern ist ja nicht zu trauen. Nach Frankreich habe ich es auch nicht geschafft.

Ach, wissen Sie was? Ich will einfach nur nach Hause. Ich halte das nicht mehr aus. Ich drehe uns noch einen Joint, ja?

¹¹⁷ *Diese Sprache ist nichts weniger als ein Ungeheuer, was ihre Komplexität und Ausdrucksmöglichkeiten angeht.*

funciona perfeitamente há anos, mas apenas com grande esforço. E apesar de todos os esforços, ainda cometo erros, erros estilísticos ou ridicularidades linguísticas¹¹⁸ (KHIDER, 2019, p. 14).

Se deve atribuir a dificuldade de Khider também ao fato de que ele aprendeu a língua já adulto, quando se refugiou na Alemanha em 2000 tinha vinte e sete anos. As fronteiras linguísticas impostas no esforço de se comunicar, configuram a não naturalidade de gestos e expressões, no que representa uma formação de uma identidade, aquela que fala alemão, se comunica na cidade, como amigos e pessoas comuns. Assim, como se depreende da afirmação de Khider, o domínio da língua estrangeira representa o domínio nas interações sociais. De qualquer modo, as barreiras linguísticas cercam-se de fronteiras culturais, pois, as experiências de vida heterogêneas e o olhar diferente do Outro para o refugiado e sua condição neste caso, converte-se a não realização do que se quer comunicar. Em *Ohrfeige* [Tapa na cara], Khider elabora esses preceitos a partir do personagem Karim que não consegue se comunicar. A narrativa afeiçoa-se, no entanto, a reminiscências de sonhos, uma vez que Karim não fala alemão e não teria como se comunicar do jeito que descreve com a funcionária do Serviço de Imigração. Em desespero, Karim obriga a funcionária do serviço público de estrangeiros a ouvir sua história, Sra. Schulz, lhe dá um tapa na cara e a amarra em uma cadeira e reflete:

Não quero mais me torturar pela língua alemã, por essa selva de casos e artigos que nunca se consegue decorar. Claro que é bobagem falar árabe com ela agora, mas que diabos. Mesmo que o árabe fosse sua língua materna, ela não me entenderia. Ela vem de um mundo completamente diferente do meu. Um terráqueo está conversando com um marciano. Ou vice versa¹¹⁹ (KHIDER, 2016, p. 10).

¹¹⁸ *Ich bin wie ein kleiner Sprachcomputer, die aufwändigen Berechnungen vornehmen und seinen Prozessor, die Festplatte und den Arbeitsspeicher an die Grenzen ihrer Leistungsfähigkeit treiben muss, damit ich kommunizieren kann. Seit Jahren funktioniert das alles zwar einwandfrei, aber nur mit großem Kraftaufwand. Und trotz aller Mühe unterlaufen mit noch immer Fehler, Stilblüten oder linguistische Lächerlichkeiten.*

¹¹⁹ *Ich will mich nicht länger durch die deutsche Sprache quälen, durch diesen Dschungel aus Fällen und Artikeln, die man sich nie merken kann. Es ist natürlich Quatsch, jetzt mit ihr Arabisch (sic) zu sprechen, aber was soll's. Auch wenn Arabisch ihre Muttersprache wäre, würde sie mich nicht verstehen. Sie stammt aus einer ganz anderen Welt als ich. Ein Erdling spricht gerade mit einem Marsianer. Oder umgekehrt.*

No trecho, a impossibilidade de comunicação reside no abismo cultural que divide os dois mundos entre Karim e a Sra. Schulz. A sentença ratifica que a dificuldade de os refugiados serem compreendidos, não reside, necessariamente, no domínio da língua, mas recai no compartilhamento de experiências de vida e, sobretudo, na empatia. O cansaço em repetir a história de sua fuga para diversas instâncias públicas, necessário ao mar burocrático no qual os requerentes de asilo necessitam se submeter, efetua na língua da comunicação um desgaste e um inevitável cansaço. O próprio autor comenta em seu ensaio *Deutsch für Alle* a selva de dificuldades no aprendizado da língua alemã e assume que sofre, ainda traumatizado por isso: „Sim, eu ainda sofro de trauma linguístico alemão crônico¹²⁰” (KHIDER, 2019, p. 18).

Sobre os nomes dos personagens em *Ohrfeige*, principalmente, a Sra. Schulz, é relevante levar em consideração que “Schulz”, além de ser um sobrenome comum, pode ser confundida, ao olhar rápido do leitor de fala alemã, com a palavra “Schutz” e também com a palavra “Schuld”. A primeira significa “proteção”, o que curiosamente é um dos deveres da funcionária da agência de Imigração, que pode ainda operar em duas instâncias: na sua tarefa de defender o lado público estatal e a de auxiliar burocraticamente no atendimento dos requerentes de asilo. A segunda tem o significado de “culpa”, que pode ser depreendido em múltiplas camadas de sentido: se sentir culpado em sair do país de origem diante das dificuldades de asilo, a culpa recaída na funcionária pública no não auxílio ao requerente - culminada na deportação - e na culpa que o leitor pode ser impelido a sentir quando se depara na narrativa, no auge do que se chamou de “crise” dos refugiados, com a forma que os refugiados são tratados na Alemanha. Na contribuição dessa análise, a questão do nome também efetua uma ligação com o ex-presidente do Parlamento Europeu, Martin Schulz, que, enquanto candidato a chanceler se manifestou inúmeras vezes na mídia sobre o gerenciamento da crise, incluiu a pauta no seu programa de campanha¹²¹.

No tocante as línguas como fronteiras, o escritor Varatharajah as interpretou como abertura para um mundo de possibilidades linguísticas. Na ocasião do lançamento de seu

¹²⁰ *Ja, noch immer leide ich unter chronischen linguistischen deutschen Traumata*

¹²¹ Por exemplo na matéria do jornal Zeit Online em que ele critica a política utilizada na administração da “crise” por Angela Merkel até 2017. Disponível em <https://www.zeit.de/politik/ausland/2017-07/kanzlerkandidat-martin-schulz-fluechtlingskrise-wahlkampf> acesso em 20.05.2022.

último livro, publicado em 2022, *Rot(Hunger)*, publicado pela editora Fischer, Varatharajah concede uma entrevista ao canal de televisão WDR, e comenta sobre a língua alemã. Como filósofo e teólogo, o escritor evidencia que, de alguma maneira, a língua é, para ele, algo sacralizado. “A língua de Deus¹²²”, segundo ele, não tem a ver com uma literatura religiosa, mas com o modo pelo qual ele aprendeu alemão, mesmo nas primeiras palavras, ele recebeu auxílio linguístico, e de toda sorte, nas casas de acolhimento para refugiados na região de religiosos de Testemunhas de Jeová, por isso decorava versos bíblicos na língua alemã. Isso ainda antes mesmo aprender a escrever. Alemão é para ele a sua terceira língua materna, juntamente com tâmil e inglês, mesmo assim, ele se considera um “escritor sem língua¹²³”, porque precisa ainda procurar as palavras adequadas na imensa rede de coisa dizíveis [*Geflecht des Sagbaren*] (GROßE, 2022, s/p). Em 2017, durante o Festival de Literatura LIT:postddam, além de comentar sobre as suas publicações, Varatharajah discutiu sobre origem e língua [*Herkunft und Sprache*], juntamente com a escritora Marianna Salzmann, palestra foi moderada por Uwe-Karsten Heye. Nesse encontro, publicado no jornal online *taz-die tageszeitung*, ele menciona a babel na qual fez parte a sua formação linguística: “Até ter a sua primeira aula de inglês, ele pensava que “car”, “plane” oder “table” eram palavras em tâmil, tão fortemente é a língua do Sri Lanka influenciada por seu antigo poder colonial¹²⁴”(VOIT, 2017, s/p).

Em relação ao uso da língua como forma sagrada do dizer, *Gott ist nicht schüchtern* [Deus não é tímido] de Olga Grjasnowa atua, metaforicamente, com uma dupla função. A frase foi retirada de um trecho do Alcorão que afirma que deus não se envergonha ou não se intimida em mostrar a sua verdade — isto é, mesmo que a dor seja amarga, Deus não é tímido em evidenciar a retidão de suas palavras. Como se sabe, os muçulmanos acreditam que o Alcorão contenha as palavras literais de deus reveladas a Maomé. A dureza com a qual deus trata as ações negligentes de seus fiéis, conforme o alcorão, deslocam-se para a forma da qual Grjasnowa tece a linguagem da narrativa¹²⁵: dura e explícita.

¹²² *Das Deutsche ist für Senthuran Varatharajah, die Sprache Gottes.*

¹²³ *Schriftsteller ohne Sprache*

¹²⁴ *Bis zur ersten Englischstunde dachte er, dass „car“, „plane“ oder „table“ tamilische Wörter seien – so stark ist die Sprache Sri Lankas von seiner einstigen Kolonialmacht geprägt.*

¹²⁵ De acordo com resenhas do livro, a linguagem dura e fria de Grjasnowa remete à ideia de engajamento pela causa dos refugiados. Essa análise será mencionada na seção 3.3.

Sobre a babel de línguas, Grjasnowa inicia o seu ensaio *Die Macht der Mehrsprachigkeit: über Herkunft und Vielfalt* [o poder do multilinguismo: sobre origem e diversidade], publicado em 2021, com citação referente a esse trecho bíblico referente a esse mito fundador: “Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro”¹²⁶ (GRJASNOWA, 2021b, p. 8). Na primeira página do ensaio, o leitor se depara com iniciativa de todo o texto, em que uma série de denúncias de apagamento e discriminação relacionadas as línguas podem ser encontradas. No ensaio, publicado em 2019, *Privilegien* [Privilégios], Grjasnowa já se manifestava em seus textos sobre a divisão das línguas, que para ela tem a ver com as distinções dadas as outras línguas, sobretudo árabe, turco, azerbaijano, etc, em razão das línguas europeias: “Existem línguas ‘boas’ e as ‘problemáticas’. Existem escolas particulares bilíngues e jardins de infância trilingues que custam em média mais por ano do que o aluguel de um apartamento espaçoso em um prédio antigo em Berlim¹²⁷”(..)(GRJASNOWA, 2019, p. 131). Sobre as fronteiras da língua e da política, Abbas Khider comenta em uma entrevista para o jornal *Eurozine* em 2012, que essas ligações são inevitáveis:

Quando você pensa em linguagem, você também pensa em fronteiras. Eu tive um problema com a língua no início e tinha a ver com política. Porque com a situação política, as palavras de repente começaram a mudar: a guerra de repente se tornou “sacra”, na televisão, nas escolas, em todos os lugares¹²⁸(KHIDER, 2012, s/p).

No trecho, se evidencia que o uso da língua, oprimida pela política e dominada por práticas imperialistas, constitui um sistema linguístico imponente que tem o poder de manipular e fincar fronteiras. Nesse sentido, as palavras podem evocar um outro sentido daquele conhecido na tentativa de manusear as verdades e também de aprisionar a

¹²⁶ *Wohlauf, lasst uns herniederfahren und ihre Sprache daselbst verwirren, dass keiner der anderen Sprache verstehe!* Tradução do português de Padre Antônio Pereira de Figueredo para a editora Ecumênica em 1980.

¹²⁷ *Es gibt ‚gute‘ Sprachen und die ‚problematischen‘. Es gibt private bilinguale Schulen und trilinguale Kindergärten, die im Durchschnitt pro Jahr mehr kosten als die Miete für eine großzügige Altbauwohnung in Berlin (...).*

¹²⁸ *Wenn man an Sprache denkt, denkt man gleichzeitig auch an Grenzen. Ich bekam früh ein Problem mit der Sprache, und das hatte mit der Politik zu tun. Weil mit der politischen Lage plötzlich die Worte begannen, sich zu verändern: Der Krieg wurde auf einmal “heilig”, im Fernsehen, in der Schule, überall.*

interpretação múltipla em uma só. No movimento político efetuado pelas mídias, se encarcera uma única significação para as palavras, confinando-a em prol de um *vencedor*. A continuação da entrevista de Khider corroboram a essa assertiva:

Na escola aprendemos que Al-Hussein, o maior imã xiita, era um terrorista. Mas para nós ele é um combatente da liberdade e choramos todos os anos no dia em que ele foi morto. As palavras "terrorista" ou "herói" tornaram-se questionáveis para nós. Não podíamos dizer as mesmas coisas na escola, não podíamos usar as mesmas palavras que em casa, então havia dois sistemas de linguagem em nossas cabeças¹²⁹. (KHIDER, 2012, s/p)

Entre as duas fronteiras linguísticas – da permissão e da liberdade - se coloca o falante que oscila entre as duas, cambaleando no limiar do poder dizer e do querer dizer. De fato, conforme a interpretação de Khider se reconhece que a língua também possui uma morada e o papel do falante é libertá-la. No caso do escritor, a sua única saída foi se expressar em outra sistema linguístico, em uma língua estrangeira que, em sua experiência significa liberdade¹³⁰.

¹²⁹*In der Schule lernten wir, dass Al-Hussein, der größte Imam der Schiiten, ein Terrorist gewesen sei. Aber für uns ist er ein Freiheitskämpfer, und wir weinen jedes Jahr am Tag, an dem er getötet wurde. Die Worte "Terrorist" oder "Held" wurden fragwürdig für uns. Wir durften in der Schule nicht das Gleiche sagen, nicht die gleichen Worte benutzen wie zu Hause, also existierten zwei Sprachsysteme im Kopf.*

¹³⁰ Título que nomeia a entrevista a partir de sua fala: "Die fremde Sprache bedeutete Freiheit" [A língua estrangeira significa liberdade] (KHIDER, 2012, s/p)

Figura 5 - Yarmouk da *The Vulnerability Series* (2016) –Abdalla Al Omari



Fonte: <http://www.abdallaomari.com/thevulnerabilityseries>
acesso em 04.12.21

"As horas íntimas que passei com eles (as pinturas) afetaram em mim mais do que eu poderia imaginar. Tão facilmente quanto tudo que vale a pena defender pode se tornar indefeso, momentos de absoluta impotência podem lhe dar superpoderes. Até eu senti pena de (minha versão de) Assad. Neste universo sem gravidade, tudo o que podemos segurar é nossa vulnerabilidade. Esse vento invisível deixa nosso peito pesado, mas misteriosamente nos impulsiona de volta aos nossos pés novamente. Eu me convenci de que é a arma mais forte que a humanidade possui, muito mais poderosa que o trilha de jogos de poder, crateras de bombas e buracos de bala em nossas memórias coletivas. A vulnerabilidade é um presente que todos devemos celebrar."(OMARI, 2022)

ABDALLA OMARI (1986)
SYRIAN PAINTER AND FILM MAKER

Launching his career in Damascus shortly after the outbreak of the conflict in Syria, Abdalla Al Omari's recent paintings describe the experiences of civilians, particularly children, who are caught in the crossfires of war. Now based in Belgium, where he began *The Vulnerability series*, he also works in video and performance art¹³¹.

¹³¹ Disponível em <http://www.abdallaomari.com/thevulnerabilityseries>. acesso em 04.12.21

Figura 6 – “Campo de refugiados” (não-oficial) Yarmouk em Damasco (2012)



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/yarmuk-%C3%A9-um-buraco-do-inferno/a-18364800>
acesso em 03.05.2022.

Yarmourk é um bairro em Damasco que, em 2015, controlado pelo Estado Islâmico, sofria com a falta de abastecimento. A maioria dos moradores eram refugiados palestinos, por isso é definido como campo de refugiados, mas não oficialmente.

3 DAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS: O MURO DAS CATEGORIAS E COMPROMISSOS COM A ESCRITA

Just a Nobody

The dead man was no one,
just a man in tattered clothes,
no shoes,
just a coin in his pocket,
no id cards, no bus ticket.
He was a nobody,
dirty and skinny,
a no one, a nobody
who clenched his hand before he died.
When they pried open his fingers,
this nobody,
they found a whole country.

Hama Tuma¹³² (2016)

Dividido em três, este capítulo tem o intuito, primeiramente, de analisar as instâncias do autor, apagada por muito tempo da história literária, e que tem sido ao longo dos últimos sessenta anos revisitada na busca de suas manifestações. O propósito da primeira seção consiste em entender, de que maneira os gestos do autor e suas faces exercem um papel importante na produção literária, quando as narrativas sob consideração de resenhistas e especialistas são vistas como *política* ou *engajada*. Por isso foi necessária, inicialmente, uma breve revisão dos estudos de Roland Barthes, Foucault e Giorgio Agamben sobre o (re)nascimento do autor, para que se pudesse entender posteriormente a figura do sujeito *engajado* que escreve, segundo algumas opiniões.

Na segunda seção, parto da ideia de que a literatura dita política no passado com fortes resquícios fincados no que se chamou de *Exilliteratur* [literatura do exílio] na Alemanha efetua uma ponte crucial para entendermos a forma pela qual pesquisadores de

¹³² Hama Tuma é um poeta e escritor etíópico. Desde 1960, ativista dos Direitos Humanos para África e líder do *Ethiopian People's Revolutionary Party*. Sua literatura é proibida na Etiópia, vive em Paris. Informações obtidas em: <https://www.lyrikline.org/de/gedichte/3-8071> acesso em 10.05.2022. Na mesma homepage também podem ser encontrados poemas recitados por ele em amárico. Escrito pelo autor originalmente em amárico e traduzido por ele para o inglês para edição especial sobre poesia de/sobre refúgio da Revista *Modern Poetry in Translation*, n.1. 2016. Disponível em: <https://modernpoetryintranslation.com/poem/just-a-nobody/> acesso em 03.08.2021

hoje comparam a atual formação de uma literatura escrita por migrantes, com vistas à didatização do leitor, seja por meio da linguagem dura, narração de violência ou até mesmo expressões de opiniões de cunho político, poderia reforçar a antiga ideia de engajamento. Entretanto, o que ensejo defender é que, em primeiro lugar, apesar da temática contribuir para tal, não se pode comparar os tipos de engajamento, se pudermos, de fato, considerar dessa forma.

As questões que motivaram a composição desse capítulo giram em torno dessas considerações: Se há um engajamento quais seriam os efeitos disso no público leitor? Será que a questão da literatura política, engajada, não estaria superada e estamos diante de um rompante do autor que, subjugado por diferentes frentes discriminatórias resolve por meio de sua produção literária, através da poética dos textos, reivindicar um lugar que de todo modo deve ser ocupado, mas que, entretanto, não se resulte em engajamento – ao menos não nos moldes do passado - mas em um movimento *natural* de reivindicação de espaços e didatização do público leitor? Seria o refugiado o novo subalterno, tanto em sua representação nessa nova literatura - *Fluchtliteratur* [Literatura de refugiados], quanto na condição, e sua posição, diante de inúmeros apagamentos seja agora de subverter as categorias nacionais, linguísticas e políticas, esferas em que em si o *refugiado* se confronta involuntariamente? Ao que me pareceu, alguns críticos e pesquisadores dos estudos pós-coloniais puderam responder parcialmente essas perguntas.

Para tanto, pretende-se excursionar no horizonte da literatura em língua alemã, mais particularmente o momento da produção literária do durante e do pós-guerra, como as *Exilliteraturen* [literaturas do exílio], *Trümmerliteratur* [literatura dos escombros] e, mais tarde, as que foram chamadas de Literaturas de Migrantes. Levanto para esta última a tentativa de categorização da produção literária recente de autores com histórico de migração - mesmo que a temática de suas obras não seja necessariamente sobre migração -, a um agrupamento que remeta ao momento histórico-literário do exílio. Alguns especialistas se referem a nova produção desses autores como sendo uma espécie de *nova* ou *moderna* literatura do exílio¹³³, baseado nisso ambiciono partir uma tentativa de diferenciação.

¹³³ Ver, por exemplo, a argumentação de Elisabeth Bronfen no artigo *Entortung und identität: ein Thema der Modernen Exilliteratur* [Deslocamento e identidade: um tema da literatura moderno do exílio] publicada na Revista *The Germanic Review: Literature, Culture, Theory* em 2010.

Nesse âmbito, tento entender como as nomenclaturas – ou sobre as categorias literárias - foram construídas ao longo da história, não apenas no que se refere ao que chamam de cânone literário, ao qual alguns autores de - inicialmente – origens estrangeiras adentraram, mas também de que maneira, por outro lado, as categorias e prêmios - nas quais esses autores também vigoram - podem possuir um caráter ambíguo. Nessa perspectiva, procuro comparar esses dois momentos diferentes da história literária e distingui-los, a fim de evidenciar os pontos comuns e as cruciais diferenças.

A partir desse ponto, parto de uma construção de como a produção literária de migrantes, associada predominantemente à chegada de estrangeiros no país desde o pós-segunda guerra, formaram rótulos e estereótipos. Por esse ângulo, pretendo entender como se gerou as categorizações literárias que se atribuem a essa literatura, cujo entendimento, muitas vezes, se deduz como paternalistas e discriminatórios. Dessa feita, levanto a questão do surgimento de outras nomenclaturas para garantir o fomento e pesquisa da literatura escrita por não-alemães, assim como também reflito sobre a ideia de Goethe de transpor a concepção da pertinência da literatura para a esfera mundial e não mais nacional. Para esse fim, analiso também alguns textos especializados sobre o ressurgimento da temática da literatura mundial, sobretudo a partir do momento histórico entendido pela globalização, quando o tema da mundialidade da literatura voltou à tona e rendeu alguns textos importantes para os estudos literários.

As condições nas quais esses autores estiveram em suas biografias pessoais, mesmo que ainda crianças, no caso de Varatharajah e Grjasnowa, expressam-se, inevitavelmente, em suas posições como escritores. Em suas entrevistas, escritos e excetos poéticos, não se consegue diferenciar o escritor, que capta o que percebe no mundo, da pessoa cuja necessidade *de partir* delineou *drasticamente* os caminhos a seguir na vida. De fato, a dificuldade da distinção reside na forma intrínseca da concepção de autor, que, indissocialmente, cruza suas próprias histórias, vivências e percepções com inúmeras outras. Nesse sentido, em um *se colocar no mundo*, na condição de escritor, seus gestos, posições éticas e ideias, sumariamente condensados em linhas e versos, mesclam-se à sua posição de *ser no mundo*. Isso quer dizer que, não há uma brecha ou um vão que separa o autor de sua biografia; o que se escreve constitui-se assim como um resultado, uma mínima parte, de um todo que, muitas vezes inexprimível, do *ser no mundo* e suas inúmeras associações no *ver* e no *perceber*.

Nessa aproximação do *Eu* e do *Outro*, intrínseca ao status de estrangeiro, a escrita assume um papel transformador que, agora - mesmo partindo de uma recusa -, evoca a condição de (sobre)vivente das fronteiras das quais é (foi) necessário subverter. Em razão disso, este capítulo se caracteriza não apenas por examinar, na mesma medida, as produções literárias destes autores, mas revelar os seus *gestos* autorais em uma perspectiva de uma ética testemunhal.

3.1 AUTORES E SUAS COLOCAÇÕES NO MUNDO

Nas concepções de autoria desses escritores cujo histórico de migração configura parte considerável de suas vidas pessoais, as línguas, ou o uso de diferentes línguas em contexto diário ecoa também na produção literária. As fronteiras entre a concepção autoral e histórias pessoais, assim como a análise caracterizada pela subjetividade autoral na obra literária, ocupa lugar significativo nesta pesquisa. Não se pretende - evidentemente - justificar escolhas estilísticas no texto a partir da biografia de seus autores, se tenciona, no entanto, basear-se numa linha tênue que incorre entre as subjetividades e manifestações políticas autorais e o(s) fruto(s) dessas expressões imanescentes, isto é, as obras literárias. Desse modo, é evidente, que a ideia de autoria e suas significações, sobretudo, no que se refere ao encontro e entrelaçamento com as alteridades, constituindo um arcabouço cultural, emaranhado de posicionamentos subjetivos, tenha tomado grande parte das apreciações argumentativas desta pesquisa.

Particularmente ao longo do século XX, o tema sobre o conceito de autor gerou discordâncias e embates na crítica, sobretudo, no que tange a retirada do excesso de carga dada à atribuição de autoria. A escrita, seu *gesto* e sua forma, por meio da linguagem, tomaram mais espaços nas reflexões - latentes até os dias atuais -, assim como também o debate em torno da figura do leitor e seu papel no jogo da escrita.

Roland Barthes e Michel Foucault no final dos anos 60 elaboram críticas feitas à consagração e naturalização do autor que ocorreu nos séculos XVIII e XIX sobre a influência de uma estética romântica, de uma hermenêutica subjetivista e de um biografismo literário. Em seu caminho argumentativo e reflexivo sobre o autor e seus percursos, o teórico francês Roland Barthes é, sem dúvida, um representante significativo na linha desta discussão literária (e filosófica). O decreto da “morte do autor” encerra - ou assim intenta - a ideia do autor como uma instituição literária, cuja crítica se monta a partir de uma noção modernista europeia, de uma concepção individualista. Publicado originalmente em inglês, em 1967, *A morte do autor*, consagrado ensaio de Barthes, considerado um marco para os estudos semiológicos, hermenêuticos e literários no geral, instaurou uma nova era no que se refere aos estudos sobre autoria.

Nas elucubrações barthesianas presentes em *A morte do autor*, Barthes aprofunda as ideias iniciadas em suas pesquisas anteriores, sobretudo no que se refere à instância do momento da escrita, fixado no instante subjetivo da constituição identitária daquele que

escreve. Para sua base argumentativa, Barthes inicia com uma citação da novela *Sarrasine* (1830), de Balzac. A constituição do texto balzaquiano, segundo uma perspectiva estruturalista, advém de uma concepção em primeira pessoa, cujo o sujeito “advém da sintaxe da enunciação¹³⁴” (FLORES, 2013, p. 95) e cujo foco discursivo oscila em determinados trechos, há, a partir daí uma abertura de sentidos, em que não se consegue medir ou atribuir autoria ao que relata, ou quem o relata, se o próprio autor ou um narrador, sobretudo por que este narrador é um disfarce. Para sua análise, Barthes se utiliza deste trecho da novela: “Era uma mulher, com os seus medos súbitos, os seus caprichos sem razão, as suas perturbações instintivas, as suas audácias sem causa, as suas bravatas e a sua deliciosa delicadeza de sentimentos” (BARTHES, 2004, p. 57). O trecho refere-se a um comentário sobre “um castrado disfarçado de mulher” em Barthes, em uma base retórica de pensamento, se pergunta

quem fala assim? Será o herói da novela, interessado em ignorar o castrado que se se esconde sob a mulher? Será o indivíduo Balzac, provido pela sua experiência pessoal de uma filosofia de mulher? Será o autor Balzac, professando ideias “literárias” sobre a feminilidade? Será a sabedoria universal? A psicologia romântica? (BARTHES, 2004, p. 57)

Sob a alegação que “a escritura é a destruição de toda voz”, Barthes elabora que o ato do *aqui e agora* da escritura é uma aniquilação da identidade do “nosso sujeito”, “a começar pelo corpo que escreve” (p.57), ou seja, não é possível identificar o sujeito da enunciação. Segundo Barthes, pode-se apenas supor que a autoria das observações feitas pelo narrador pode ser de toda a forma do próprio autor, mas que, principalmente pelo troca de perspectiva não há como se justificar tal suposição. De todo modo, os

¹³⁴ Vou me utilizar de alguns termos e linhas teóricas de Benveniste para tentar averiguar o “sujeito que fala” em um texto. Importante também ressaltar nesse sentido que não farei uma longa e exaustiva análise estruturalista, parto apenas desse ponto para uma tentativa de entender o texto e sua constituição, para, a partir daí traçar um paralelo com as teorias e preceitos das ciências culturais.

Nesse sentido, também cabe aqui uma breve explicação da concepção do sujeito da enunciação segundo as ideias de Barthes. Sua linha teórica estruturalista baseia-se estreitamente na elaboração dos princípios linguísticos de Benveniste, por isso a menção direta da prática analítica benvenistiana neste subcapítulo. Para os dois teóricos, o sujeito da enunciação só existe enquanto *pessoa verbal* – por isso Barthes proclama a morte da instituição autor –, ou seja, “o eu que escreve é vazio, ele só existe enquanto enunciador” (FIGUEIREDO, 2014, p. 186).

significados se abrem a partir do momento em que supomos uma focalização dessa perspectiva, como sugere o próprio Barthes. Se partirmos da ideia de que o comentário seria, de fato, de Balzac, imprimiria assim em todo o trecho um tom de zombaria, como propõe Barthes, sobretudo na expressão “finura de sentimentos”, também envolvido de machismo.

Na detalhada revisão crítica do texto barthesiano proposta por Gagliardi (2012), o mencionado jogo de atribuições de autoria poderia se dar de modo extenso, pois também fomenta a imaginação, mas que, efetivamente, justifica a impossibilidade de atribuição autoral, apesar de também não a eliminar completamente, sobretudo no que diz respeito à interpretação. A autoria das sentenças em um texto depende de uma “imagem autoral”, cuja “definição está associada à compreensão do texto. (...)” (p. 35), por isso é plausível associar a visão do autor nas sentenças: “é uma possibilidade legítima e constatável sem que seja preciso recorrer a nada que esteja fora do espaço textual” (p. 35). Nesse sentido, como afirma Barthes, a pergunta sobre o que Balzac quis dizer no trecho é aceitável, completamente legítima de uma perspectiva textual, que pode ser “baseada em indícios textuais” (p. 37). O problema dessa colocação, de todo modo, reside na ideia anterior ao texto da constituição do indivíduo Balzac, que se coloca então nos escritos, subjugando o momento do agora da interpretação que valida, assim, a pessoa constituída do instante do texto, da compreensão do texto, por isso, a “morte do autor”, essa instituição autoral constituída fora da interpretação do instante:

Balzac não é o indivíduo anterior ao texto, mas seu emissor, o sujeito que apenas existe atrelado a *Sarrasine* (...). Aquele ao qual dirigimos uma pergunta é a imagem autoral produzida por Sarrasine, o emissor de suas falas, alguém que só existe – e que só pode existir - em conjunto com elas (GAGLIARDI, 2012, p. 35).

De acordo esse trecho, a formulação do traço interpretativo da expressão balzaquiana citada anteriormente “finura de sentimentos” – de acordo com a linha argumentativa de Barthes –, se estaria diante de uma espécie de dubiedade. Se atribuirmos a sentença, por exemplo, ao autor, podemos dizer que há aí uma tentativa de gerar um efeito de denúncia de tom irônico ao machismo. Da mesma forma, abriríamos a interpretação de duas maneiras: “o castrado não seria mais uma reprodução do estereótipo

feminino” (...), pois “o sujeito feminino não seria mais o alvo, e sim o sujeito que julga de determinado modo” (GAGLIARDI, 2012, p. 36). Partindo dessa abertura interpretativa, poderíamos nos questionar, enquanto leitores, sobre a intencionalidade, já que se busca uma interpretação para tais questionamentos que se deixaram abertos. Naturalmente, como aponta Barthes, essa intenção não tem a ver com a da pessoa autor, mas com o fim do texto em si, no momento da escrita – aquele processo em que o autor “perde a sua voz” e recorre “aos outros eus” - cuja constituição remete ao processo de fazer, deixar, alterar da escrita, que se faz no momento, na “metamorfose das ideias” (p.37), que se refere, à propósito não apenas a uma mudança nas ideias, mas também se relaciona às mudanças no mundo ao redor, eternamente cíclicas. Nessa busca por um entendimento, uma chave de sentido nas sentenças, não se pode negar, portanto, também a busca por uma intenção, porque

descobrir o significado é o mesmo que descobrir a intenção – a intenção entendida como um projeto de texto não premeditado, isto é, que vai se formulando e alterando simultaneamente à atividade de escrita. Um projeto que se altera na medida em que o ser humano não pode permanecer o mesmo, indiferente à passagem do tempo, à interferência das circunstâncias, à metamorfose das ideias, que, afinal, é a metamorfose do mundo que o rodeia e o constitui enquanto autor e leitor de seu próprio texto. Uma intenção, portanto, que se ajusta à escrita tanto quanto a escrita se ajusta a ela, porque altera-se conjuntamente o grau de envolvimento do escritor com sua criação, sob influência de tudo o que sente (e sentiu), imagina (e imaginou), conhece (e conheceu), deseja (e desejou). A intenção sofre a ação do texto na mesma medida em que atua sobre ele (GAGLIARDI, 2012, p. 36).

Barthes parte, assim, de um projeto argumentativo que, em outras palavras, não visa a morte do autor empírico¹³⁵, advindo da prática da escrita, mas daquele que surge, segundo Barthes, no humanismo moderno, no início do Renascimento, cuja ideia recai na “pessoa humana” (BARTHES, 2004, p. 58). Contra esse autor-criador, como comenta Figueiredo (2013), Proust também advogava em prol de uma aniquilação dele no texto, sobretudo, na busca de uma intencionalidade da obra, trecho ou sentença pautada nas vivências e

¹³⁵ Antecipo o uso dos termos utilizados por Foucault em 1969, em *O que é um Autor*, questão será aprofundada na subseção subsequente, mas me valho das palavras de Aguiar e Silva (1982) para retomar o conceito de autor empírico: tem a função de enunciador do texto e só é cognoscível e caracterizável pelos leitores desse mesmo texto”. (p. 225)

visão de mundo de uma biografia real fora do texto. Segundo ele, o que realmente importa nesse contexto não é o que está nas palavras, mas o que está entre elas: “Só que não está nas palavras, não está expresso, está tudo entre as palavras, como a névoa de uma manhã de Chantilly” (PROST *apud* FIGUEIREDO, 2013, p. 186). Figueiredo conclui que, nesse sentido, “a partir do momento em que o narrado se torna texto e é dado ao público, começa a morte do autor.

O texto é concebido para Barthes, em certa medida, a partir de um despir dessa identidade criadora sacralizada e “autoconsciente do texto” (FIGUEIREDO, 2013, p.186), mas regido pelo “tecido de citações” (BARTHES, 2004, p. 61) que foram concebidos no momento do instante. Nessa tentativa de retirar do autor a carga de sentido, especialmente, no que refere a uma virada de perspectiva interpretativa, o leitor é colocado em um lugar de prestígio, um espaço que, segundo Barthes, se inscrevem os sentidos e se desmantela subjetivamente por ela a rede textual, emaranhada de ditos e não-ditos, e disponíveis para uma decodificação pessoal. Um texto, de acordo com ele, somente pode se tornar uma unidade com a chave de leitura composta pelo seu leitor, isto é, a tecitura de um texto caberia ao autor, que alinha as multiplicidades na sua origem, no destino, entretanto, o leitor deve desenredar os fios com a leitura, ao qual também cabe a reconhecença de duplicidades e novos arranjos no nível interpretativo.

Para Barthes (2004), a compleição textual organiza-se por tecituras duplas, contestações, “escrituras múltiplas oriundas de várias culturas”, que se orientam umas pelas outras e há um lugar, onde estas características se reúnem, como sugere no trecho:

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde está multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura (BARTHES, 2004, p. 64).

No desvelar do texto pelo leitor, nesse lugar em que ele mesmo se configura como espaço de realização significativa, cujo “nascimento deve pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 2004, p. 65), o apagamento do autor ou seu desaparecimento, pelos quais Barthes considera como fio necessário para a trama do texto. Em outros termos, se o leitor ocupa o lugar da afluência da profusão de significados de um texto, e o “texto é feito de

escrituras múltiplas” provenientes de diferentes culturas – que se originam nomeadamente por uma vivência do próprio autor enquanto indivíduo -, como lidar com a sua morte se a cada sentença de um texto se recorda dessa vivência, pesquisa, leitura, contestações, feitas por esse eu que declara e, cuja bagagem cultural transborda o texto?

Em alguns textos posteriores, sobretudo no em *Sade, Fourier, Loyola* (1971) e em *Câmara Clara* (1980), Barthes retoma a ideia de um ressurgimento do autor, de um sujeito presente, especialmente nas biografias, mas representado por um corpo, isto é, seus resquícios. Nesses textos, Barthes defende que há uma volta “amigável” do autor, cujo estado de dismantelamento se encontra no plural do texto, não há uma unidade, mas “lampejos”. O esparramo de centelhas biográficas, ou melhor de pontos de luz autoral, foram designadas por Barthes por biografemas. Ao contrário da morte que se instaura no momento do instante da escrita, os biografemas alastram-se para futuro.

O prazer do Texto comporta também uma volta amigável do autor. O autor que volta não é por certo aquele que foi identificado por nossas instituições (história e ensino da literatura, da filosofia, discurso da Igreja); nem mesmo o herói de uma biografia ele é. O autor que vem do seu texto e vai para dentro da nossa vida não tem unidade; é um simples plural de "encantos", o lugar de alguns pormenores tênues, fonte, entretanto, de vivos lampejos romanescos, um canto descontínuo de amabilidades, em que lemos apesar de tudo a morte com muito mais certeza do que na epopeia de um destino; não é uma pessoa (civil, moral), **é um corpo**. Porque, se é necessário que, por uma dialética arrevesada, haja no Texto, destruidor de todo sujeito, um sujeito para amar, tal sujeito é disperso, um pouco como as cinzas que se atiram ao vento após a morte - ao tema da urna, objeto forte, fechado, instituidor de destino, opor-se-iam os estilhaços de lembrança, a erosão que só deixa da vida passada alguns vincos. Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: "biografemas", cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra, ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens é entrecortada, à moda de soluços salutareos, pelo negro apenas escrito do intertítulo (BARTHES, 2005, p. XVI-XVII grifo meu).

No trecho, entendemos que os biografemas encontram-se na base do texto e não fora dele, que só podem se recuperar na leitura atenta e – afetuosa – de um texto, são as reminiscências do autor, ao menos de modo aparente. Como comenta a professora

Eurídice Figueiredo (2013), Barthes retoma, no livro *Roland Barthes por Roland Barthes* (2013) - livro de aforismo que ele, entre outros, analisa as biografias, especialmente a partir da constituição da sua -, a noção de biografemas e conclui que eles são “traços miúdos”, que a combinação deles define o que toca ou não: “O biografema nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao autor que amo” (BARTHES *apud* FIGUEIREDO, 2013, p. 187).

Neste livro, Barthes defende uma espécie de “encenação do imaginário”, como ele mesmo sugere. Traços de sua biografia são revestidas por afeto e sentimento. Em sua extensa análise, Figueiredo (2013) argumenta que o livro é uma “autobiografia esburacada, como ele queria, com biografemas selecionados” (FIGUEIREDO, 2013, p. 188). Logo no início do livro, as fotografias já indicam a direção que será levada à escrita, recheada de lembranças entremeadas, cuja história recorre a família do autor, o desencontro das legendas, que não concordam com o conteúdo das imagens. Ele também comenta a estranheza frente ao olhar para as fotos atuais: ele não se reconhece em algumas delas, assim se pergunta quem se é. Enquanto autor e leitor de suas próprias reminiscências, Barthes se entristece e se entedia diante dessa identidade não-reconhecível. Esse imaginário – às vezes, frustrante, de se imaginar e se representar configura a escrita fragmentada barthesiana, em que os fragmentos são centelhas de vida. Escrever sobre si é, para Barthes, uma despir de si. Um corpo nu que não tem o apoio de nenhuma ciência, se está ali como se é, sem rodeios (BARTHES, 2003, p. 120).

Um ano depois da publicação do famoso ensaio de Barthes sobre a morte do autor, Michel Foucault, em 1969, investigou o modo paradoxal do espaço vazio deixado pelo desaparecimento do autor. Para isso, primeiramente, recorreu à ideia de que a obra é um complexo emaranhado de manifestações subjetivas, na qual o autor dispõe de uma função. Fruto da conferência apresentada à *Société Française de Philosophie*, em *O que é um autor?* ele analisa a noção do autor e suas implicações sob duas perspectivas baseadas em um ideia de “indiferença”, que acredita ser a chave de um dos princípios éticos fundamentais da escrita: a primeira refere-se à escrita em si, que para ele não está inscrita em si mesmo, mas se identifica em uma exterioridade explícita, em suas palavras, “não se trata de uma manifestação ou exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito da linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer”(FOUCAULT, 2006, p. 35). Na segunda concepção, ele

analisa a analogia com a morte, da qual se refere Barthes, como um sacrifício, “ao sacrifício da própria vida; apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, já que se cumpre na própria existência do autor” (FOUCAULT, 2006, p.36). No trecho, Foucault alude, de certa maneira, ao mito do herói das epopeias gregas, cuja imortalidade, atrela-se a aceitar morrer jovem e, assim, consagrar-se imortal. Segundo a perspectiva foucaultiana, a obra é uma instância capaz de matar o autor, pois ela “tinha o dever de conferir a imortalidade” e não ao contrário (FOUCAULT, 2006, p.36).

Nesta altura, é necessário pontuar que na concepção sobre autoria de Foucault, como menciona previamente no texto *A palavra e as coisas*, originalmente publicado em 1966¹³⁶, a obliteração do autor não se associa a sua morte, ou negação da sua ausência, mas ao tensionamento entre a linguagem e o visível. Para sua argumentação, Foucault vale-se da pintura *Las meninas* (1656) de Diego Velázquez para vigorar sua interpretação entre o visível e a linguagem e o complexo ato de nomear, que se define como uma relação infinita que

por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (1999, p. 13).

Na consideração de uma independência das palavras, frente ao que se vê, partindo da nomeação, que pode ser arbitrário aos olhos de quem vê, Foucault sugere também que quem as nomeou, ou o ato de fingir não saber quem o fez, abre a experimentação, a obra em si e as palavras, por isso, manter aberta a relação entre visível e a linguagem seria um impedimento do acesso ao nome próprio, ou seja, um cessar da procura àquele que nomeou, o sujeito. Não se relaciona, nesse sentido, ao desaparecimento de um autor, mas a uma ocupação do espaço pela atividade aberta do fingimento do não-nomear. Assim, se retornamos ao texto *O que é um autor*, logo nas primeiras páginas, Foucault assevera que a “marca do escritor não é mais a singularidade de sua ausência”, pois é necessário, nesse sentido, que ele se finja de morto nesse jogo da escrita, e assume esse papel (FOUCAULT, 1999, p. 8). Na mesma conferência, ele comenta que há “uma

¹³⁶ Utilizo a versão para o português publicada em 1999, traduzida pela Salma Muchail e publicada pelo editora Martins Fontes.

singularidade paradoxal” (1999, p. 46) entre o nome em si do autor, próprio, e o nome do autor, pois o nome do autor não está associado exatamente a um sujeito, mas a um conjunto de discursos característicos existentes. Assim, ele considera que devido aos moldes culturais e sociais há uma espécie de necessidade de atribuição de autoria, ao que ele designa *função*.

Sem dúvida, a mera atribuição de um discurso a um indivíduo não caracteriza a função-autor na sua totalidade, visto que este jogo opera complexamente (FOUCAULT, 1999). No caso da função-autor, três elucubrações devem ser levadas em consideração; a primeira, como se mencionou anteriormente, se refere à circulação e funcionamento dos modos de ser ao qual a função-autor caracteriza, ou seja, cujo ambiente social e cultural determina. A segunda observação refere-se à credibilidade da informação e a origem do texto que são atribuídas a esta função-autor; uma dessas características também se relaciona “ao processo que constrói um certo ser racional ao que chamamos de autor” (FOUCAULT, 1999, p. 47); possivelmente outra característica importante nesse processo, pode ser considerada a característica de se poder distinguir por meio da função-autor as diversas manifestações dos “eus” na obra.

Ao analisar a função-autor, Foucault aponta quatro características cruciais para ela. A primeira delas reside na apropriação de gestos e atos nos discursos. Nesse entendimento, levanta a questão de que o autor somente começou a ser individualizado de sua obra quando o que escreveu foi considerado de alguma forma transgressor. A segunda característica se refere a não universalidade ou constância dessa função, visto que os textos e suas atribuições de autoria mudaram no decorrer da história. Na idade média, os textos precisavam ser assinados para que fosse verificada sua autenticidade e assim servirem de indícios para provas; no séc. XVII, a função autor dá lugar ao discurso científico, cuja “a pertença a um conjunto sistemático que lhes confere garantias e não a referência ao indivíduo que os produziu” (FOUCAULT, 2006, p. 52). O terceiro ponto, Foucault comenta sobre a atribuição da autoria: um indivíduo não se torna autor de modo espontâneo, mas é fruto de um emaranhado de projeções – segundo ele, “mais ou menos psicologizantes” (p. 53) no que se refere ao tratamento desses textos. A última característica associa-se a posição do autor, especialmente associada às escolhas de signos, como pronomes pessoais, advérbios de lugar, tempo e a conjugação dos verbos.

cuja existência do autor pode ser atestada. Evidentemente, nesse ponto, Foucault diferencia essas marcas da presença autoral nos textos científicos e nos literários (p. 59).

Giorgio Agamben, no ensaio *O autor como gesto*, publicado quase quarenta anos depois da conferência de Foucault para a Sociedade Francesa de Filosofia, em 2005, elabora elucubrações sobre sua concepção de autoria, baseada nas características da função-autor elaborada por Foucault. Em resumo, Agamben condensa os quatro aspectos dessa função da seguinte maneira:

as diferentes características da função-autor no nosso tempo: um regime particular de apropriação, que sanciona o direito de autor e, ao mesmo tempo, a possibilidade de distinguir e selecionar os discursos entre textos literários e textos científicos, aos quais correspondem modos diferentes da própria função; a possibilidade de autenticar os textos, constituindo-os em cânone ou, pelo contrário, a possibilidade de certificar o seu caráter apócrifo; a dispersão da função enunciativa simultaneamente em mais sujeitos que ocupam lugares diferentes; e, por fim, a possibilidade de construir uma função transdiscursiva, que constitui o autor, para além dos limites da sua obra, como "instaurador de discursividade" (Marx é muito mais do que o autor de *O capital*, e Freud é bem mais que o autor de *Interpretação dos sonhos*). (AGAMBEN, 2007, p. 50)

Dessas características, Agamben elucida que na divisão da função-sujeito e modos pelos quais essa função se consolida na sociedade, aparece um *gesto* "que marca profundamente a estratégia foucaultiana" (p.51). Na consideração do autor como indivíduo, Foucault, apesar de deixar implícito em suas palestras, seus aludem, segundo Agamben, a uma objetivação do sujeito, "o sujeito como indivíduo vivo sempre está presente apenas através dos processos objetivos de subjetivação" (p. 51). A crítica recai na indiferença pelo "indivíduo de carne e osso, e de um olhar decididamente estetizante a respeito da subjetividade". Apesar de ter se dado conta de confusão e se retratado sutilmente em palestras e outros textos no que se refere ao sujeito-autor que, de fato, exista, mas que ocupa uma ausência. Agamben investiga essa querela e se pergunta o significado da ocupação do indivíduo no lugar de um morto e como isso se poderia deixar as próprias marcas em um lugar vazio.

A partir dessas considerações, é possível declarar que, para Agamben, a escritura e a linguagem são resultadas dos embates entre si e a história dos homens, cujas associações geram a subjetividade, ou seja, mesmo que o sujeito não seja alcançado

diretamente, “ele é o resultado do corpo-a-corpo dos dispositivos em que foi posto – se pôs – em jogo” (p. 56). E completa:

E assim como o autor deve continuar inexpresso na obra e, no entanto, precisamente desse modo testemunha a própria presença irreduzível, também a subjetividade *se mostra e resiste com mais força no ponto em que os dispositivos a capturam e põem em jogo*. Uma subjetividade produz-se onde o ser vivo, ao encontrar a linguagem e pondo-se nela em jogo sem reservas, exhibe em um gesto a própria irreduzibilidade a ela (AGAMBEN, 2007, p. 56-57 grifo meu)

Possivelmente a partir dessas reflexões do autor e do sujeito vivo, que produz a linguagem e faz parte dela, mesmo não sendo em si separáveis, pode-se atribuir a ideia do gesto as manifestações na linguagem produzida na escrita literária, na qual revelaria um sujeito vivo, que está perceptível na subjetividade das formas. Nessa estética do gesto, Agamben nos traz uma chance de entender os meandros da autoria e suas reminiscências subjetivas - quase como biografemas velados – em que o “o lugar — ou melhor, o ter lugar — do poema não está, pois, nem no texto nem no autor (ou no leitor): está no *gesto* no qual autor e leitor se põem em jogo no texto e, ao mesmo tempo, infinitamente fogem disso” (AGAMBEN, 2007, p. 56-57 grifo meu).

Destas ideias do gesto com local de embate entre autor e leitor, se pode interpretar as manifestações autorais no texto literário igualmente como Agamben intitulou de ética testemunhal. No livro *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho* (2008), o filósofo argumenta, sob os preceitos de Walter Benjamin, a análise da *Shoah* a partir da ideia de “resto”, em que o testemunho está oposto a concepção de arquivo. Para ele o que resta não é exatamente o que sobrou, mas o vão essencial que se localiza no testemunho em oposição à exaustão dos arquivos (p. 13). Apesar de Agamben direcionar as suas análises aos acontecimentos da *Shoah*, poderíamos remeter a sua teoria aos escritos de dor, luta, apagamentos e frustrações dos quais a literatura escrita por e de refugiados coloca, justamente porque para ele, o resto constitui a linguagem que, entre outros, inaugura uma proposta de nova relação ética cujos testemunhos de excluídos e subalternos configurem uma memória ética. Na apresentação do texto de Agamben, Jeanne Marie Gagnebin faz uma análise sobre essa nova relação ética e sobre ela comenta que se trata de “uma postura firme e ao mesmo tempo hesitante, incerta, um encarregar-

se de transmitir algo que pertence ao sofrimento humano, mas cujo nome é desconhecido (2008, p. 15). Nesse caso, o movimento de dar voz a aqueles que foram silenciados de alguma forma ou mortos e falar por eles efetua uma operação testemunhal que incide em falar por ele, mas não o substituir, pois para Agamben, o sujeito ético, é aquele que associa as possibilidades dos ditos e não-ditos com as impossibilidades de dar voz os que não puderam falar. Por isso, acredito que a nova relação ética proposta por Agamben, responde em algum grau os gestos presentes nos textos de antigos refugiados que escrevem sobre os que chegam ou relatam de uma perspectiva do testemunho, apesar de considerarmos os romances (ainda) ficcionais.

3.2 LITERATURAS DE CHEGADAS E PARTIDAS: FORMAS SUBVERSIVAS DO DIZER.

Na historiografia literária de língua alemã, escritores exilados, refugiados da segunda guerra e perseguidos pelo regime nazista, são vistos majoritariamente nos dias atuais como cânone¹³⁷. A formação desse cânone faz parte, como aponta Winckler (2013) de uma série de iniciativas de outros autores e da sociedade, assim como também pressão de um mercado consumidor, visando preservar a memória dos acontecimentos e, de toda a forma, repassada aos próximos exemplarmente para que uma situação, neste caso a guerra e seus desenvolvimentos catastróficos e desumanos, não se repita. Na Alemanha, por exemplo, os artefatos da memória cultural, essencialmente obras artísticas, estátuas, nomes de ruas e pontos nas cidades¹³⁸, tem como função¹³⁹ rememorar os acontecimentos dolorosos do período nazista, na tentativa de comover e mobilizar para que tais atrocidades não se repitam. Sob a mesma alegação, crianças em anos escolares são levadas todos os anos para visitas nos antigos campos de concentração, que hoje são mantidos como memoriais¹⁴⁰. Equiparada a esses memoriais, temos a literatura, como importante elemento mantenedor da memória cultural que, particularmente depois do fim

¹³⁷ No capítulo *Exilliteratur und Literaturgeschichte – Kanonisierungsprozesse*, no livro *Handbuch der deutschsprachigen Exilliteratur*, Luiz Winckler elucida a consolidação da história da memória de exilados, por meio da análise de textos, parâmetros curriculares escolares e mercados de livros. Sua pesquisa parte de uma divisão temática da chamada Literatura do Exílio, entre 1933 e 1945: exílio-político e antifascismo e exílio como experiência de estrangeiro (2013, p. 171-202).

¹³⁸ Como, por exemplo, os *Stolpersteine* [“pedras de tropeço”] que são pequenas placas de metal são colocadas no chão pela prefeitura ou encomendadas por familiares de vítimas que se destinam a solenizar pessoas perseguidas, assassinadas, deportadas, expulsas ou levadas ao suicídio durante a era nacional-socialista. As placas ficam sobressaltadas nas calçadas – daí o “tropeço – para que seja um ponto de lembrança e rememoração dos acontecimentos.

¹³⁹ Cabe aqui uma observação sobre a temática da funcionalidade da arte. Não irei me ater nas veredas filosóficas-teóricas desta questão, cuja querela se arrasta por séculos. Considero os memoriais e as artes nesse viés da mesma maneira que Vygotsky (2009) prega: “(como) o movimento da reflexão humana sobre o pensamento emotivo que nos move, é criação e recriação de todo contexto macrosocial que envolve o homem em sua complexidade, é instrumento pedagógico de percepção e aconchego da realidade e das frustrações humanas” (p. 48).

¹⁴⁰ No site do Memorial do campo de concentração em Dachau, uma região perto de Munique, há uma visitação especial para escolas - assim na maioria dos outros campos que são mantidos como memoriais. As crianças e adolescentes visitam especialmente as salas onde eram mantidas crianças judias e lá torturadas. Disponível em: <https://www.kz-gedenkstaette-dachau.de/veranstaltungen/themenrundgang-kinder-und-jugendliche-im-konzentrationslager-dachau/> acesso em 12.05.2022

da segunda grande guerra, em 1945, teve um exponencial crescimento do seu público leitor. O pós-guerra abria o caminho do mundo à circulação dos livros e dava acesso a traduções e leituras de diferentes partes do mundo. Exilados de guerra, refugiados e imigrantes de modo geral faziam uma literatura traumática e afetada pelas vozes do exílio.

Sob a ótica dos estudos culturais, a literatura do exílio e sua respectiva pesquisa teve forte desenvolvimento na década de 1970, devido ao seu teor intercultural, transcultural, se expandindo mais tarde vigorosamente a pesquisa pós-colonial e gêneros do ramo. Segundo Bannasch und Rochus (2013), o exílio mostra ser o “lugar predestinado aos processos de dinamização, contrariedade e hibridização de conceitos culturais e identitários nacionais” (p.15). Conceitos centrais desses ideários, “nação”, “pátria” e “identidade” foram aos poucos, por meio dos textos literários, sendo explorados à luz dos estudos culturais. A experiência do estrangeirismo cultural como ponto de partida para o questionamento da própria identidade, acabou sendo uma característica central dos textos do exílio e destes o surgimento de alguns conceitos como “alteridade”, “aculturação” e “hibridismo”. Não se pode esquecer que, esses escritos do exílio também consolidaram a chamada escrita intercultural.

No contexto da história literária alemã, a literatura do exílio significa principalmente a produção literária dos autores que emigraram sob o regime nazista, entre os anos 1933-1945. Pouco mais de meio milhão de pessoas foram expulsas da Alemanha pelos nacional-socialistas. Entre elas estavam cerca de 30.000 perseguidos politicamente, em torno de 5.500 trabalhadores de áreas culturais, destes 2500 escritores e jornalistas (KOCH; TRAPP, 1980). Evidentemente, a maior parte dos emigrantes eram pessoas de origem judaica, perseguidas pelo governo nacional-socialista, declarados como “não-arianos” perante às leis racistas do período.

Em todos os aspectos, é importante lembrar que os emigrantes desta época eram um grupo extremamente heterogêneo, mas o que os conectou, em última análise, foi a oposição ao governo nazista e seus desmandos e, naturalmente, uma vontade de representar a “outra Alemanha” (KOCH; TRAPP, 1980, p. 47). Os escritores contra partidários, como socialistas e antifascistas se organizaram desde cedo em Paris e em Praga. As revistas proibidas na Alemanha, como por exemplo, a *AIZ* e a *WeltBühne*, foram republicadas em Paris e em Praga, ainda em 1933. Livros de autores perseguidos, especialmente os daqueles que se encontravam no exílio, foram publicados em editoras

estrangeiras recém fundadas, como a Malik em Praga. Nesse percurso de voltar-se ao estrangeiro no caso das produções literárias censuradas ou proibidas na Alemanha, outras novas revistas foram criadas nessas duas cidades mencionadas, com o intuito de divulgar o trabalho dos artistas exilados. Em Amsterdã, Klaus Mann organizava, em parceria com Heinrich Mann¹⁴¹, a revista mensal *Die Sammlung* e, em Praga a *Neue deutsche Blätter* contava com Wieland Herzfeld, Oskar Maria Graf, Anna Seghers e Jan Petersen.

As condições no estrangeiro da maioria dos escritores exilados eram, muitas vezes, precárias no que dizia respeito às oportunidades de trabalho, especialmente por causa da perda da língua alemã— ou melhor, na perda da possibilidade de escritura e publicação em língua materna - e separação do público leitor, que deveria cambiar por completo (Cf. BEUTIN, 2001, p. 452). Thomas Mann, Anna Seghers, Franz Werfel são alguns dos poucos exemplos de escritores que conseguiram sobreviver no exílio com suas publicações. As temáticas recorrentes nessa literatura eram, sem dúvida, o viver no estrangeiro, a identificação do entre culturas, a dor da fuga e migração, resistência contra a Alemanha nazista e esclarecimentos sobre o nacional-socialismo. Sobre os gêneros, é importante ressaltar que a prosa épica, especialmente o romance, era o preferido, não apenas por que o gênero aumentava as possibilidades de publicação, mas também por que era mais popular entre os leitores internacionais, por isso as editoras estrangeiras preferiam, sobretudo, esse gênero¹⁴².

¹⁴¹ Heinrich Mann foi um importante articulador antifascista da classe de escritores também no exterior. Ele organizou o grupo apartidário de exilados alemães em torno do hotel de "Lutetia" em Paris. O Círculo Lutetia [*Lutetia- Kreis*] era criar uma espécie de Frente Popular na tentativa de eliminar o regime nazista. A maioria dos emigrantes eram não-partidários e membros de partidos burgueses. Em 2019, o dono do hotel Lutetia inaugurou uma placa de comemorativa na frente do hotel com os dizeres: “De 1935 a 1937, representantes da resistência alemã no exílio, presidida pelo escritor Heinrich Mann, reuniram-se neste hotel para construir uma frente popular contra o nacional-socialismo. Este “Círculo de Lutetia” representava a Alemanha de paz e liberdade que foi expulsa da Alemanha nazista e estava enraizada na tradição cultural europeia”. Cf. Bundeszentrale für politische Bildung.

Disponível em: <https://www.bpb.de/themen/nationalsozialismus-zweiter-weltkrieg/dossier-nationalsozialismus/39573/literatur-im-nationalsozialismus-ueberblick-werke-und-autoren/>

Acesso 14.05.2022.

„In diesem Hotel trafen sich in den Jahren 1935 bis 1937 Vertreter des deutschen Widerstands im Exil unter dem Vorsitz des Schriftstellers Heinrich Mann, um eine Volksfront gegen den Nationalsozialismus aufzubauen. Dieser „Lutetia-Kreis“ repräsentierte das aus Nazideutschland vertriebene, in der europäischen Kulturtradition verwurzelte Deutschland des Friedens und der Freiheit.“

¹⁴² Ver DÜNNE; HANSEN, 2014.

Ao fim da segunda guerra, a *volta para casa* dos que sobreviveram e o retorno às ruínas que sobraram marcaram não só um ponto de início para a reestruturação de uma Alemanha enquanto nação derrotada e destruída, do ponto de vista da infraestrutura, mas também a reedificação psicológica da memória recente, completamente devastada pelas barbáries da guerra e da revelação das atrocidades dos campos de concentração, afetadas agora pelos traumas¹⁴³. No campo literário, havia também um cenário desolador, visto que a ideologia nazista havia destituído toda forma livre de produção literária, com censuras e proibições, sufocando assim a pequena classe de escritores que não foram capturados ou exilados e ficaram na Alemanha ao limbo da ilegalidade. Wolfgang Borchert¹⁴⁴ (1921-1947) é um representante dessa pequena parcela de escritores e poeta que permaneceram publicando seus escritos durante a ditadura nacional-socialista. Depois de ter sido preso várias vezes e liberado, é capturado em 1940 pela Gestapo [*Geheime Staatspolizei* - polícia secreta da NS] e somente libertado em 1942, Borchert publica sua mais famosa peça de teatro *Draußen vor der Tür*¹⁴⁵ [Do lado de fora da porta] em janeiro de 1947, mesmo doente com problemas no fígado, falecendo em novembro do mesmo ano.

A peça de Borchert tem como principal leitmotiv o retorno para casa. Beckmann é um soldado que depois de três anos prisioneiro de guerra, tenta se reintegrar à vida civil. Mesmo tendo refletindo no decorrer da trama sobre a moralidades na guerra e as

¹⁴³ Não pretendo me ater no debate sobre a memória cultural alicerçada em traumas coletivos, visto que o ponto crucial do debate nesta tese reside na relação da produção literária dos pós segunda guerra à inserção da produção literária de autores com histórico de migração na literatura em língua alemã. Evidentemente, a entrada desses estrangeiros associa-se aos programas federais pós guerra – que será investigado na seção posterior - e o aumento do fluxo migratório forçado, originado, como se expôs anteriormente, da própria guerra (guerras). De todo modo, Aleida Assmann, em seus inúmeros escritos sobre o tema, em um recente trabalho, *Shadows of trauma: Memory and the politics of postwar identify* (2015), traça um panorama sobre como os traumas da guerra afetam ainda afetam os novos discursos da chamada “cultura da memória”, alega que mesmo depois de 70 anos (o livro foi publicado em 2015) depois da devastação da guerra as sombras se tornaram mais longas e negras nos dias atuais.

¹⁴⁴ Como soldado (1943-1945), fez parte da juventude hitlerista, mas já havia se colocado contra do regime ditatorial como imposições de uniformes e coerção ideológica. Informações sobre o autor foram obtidas na homepage do *LEMO – Lebendiges Museum Online* [Museu vivo online]. Disponível em <https://www.hdg.de/lemo/biografie/wolfgang-borchert.html> Acesso em 03.05.2022.

¹⁴⁵ A tradução desta peça em português brasileiro foi republicada em 2020 com nova tradução pela Editora Class. Ela é assinada pela dupla de tradutores Vinícius Ritter e Gerson Neumann. BOERCHERT, Wolfgang. **Do lado de fora da porta**: uma peça que nenhum teatro quer encenar e público algum quer assistir. Porto Alegre: Class. 2020.

responsabilidades da guerra, ele se vê, de todo modo excluído e permanece sem respostas. A incerteza e a falta de esperança marcam o final dessa peça e pode ser interpretada como um sentimento geral, coletivo, diante do efeito da destruição, física e psíquica. A publicação dessa peça e, sua posterior encenação (e póstuma, visto que Borchert falece um dia antes da primeira encenação, em Hamburgo) – e que contou com um prefácio de Heinrich Böll - exprime o sentimento de retorno ao lar. Desse sentimento, da dor e da incerteza do futuro se formou um grupo de escritores que denominavam representante do seu chamou de movimento da *Trümmerliteratur* [Literatura dos escombros].

No pequeno ensaio sobre a *Trümmerliteratur* e sua formação, *Bekanntnis zur Trümmerliteratur* [Compromisso com a Literatura dos Escombros] Heinrich Böll (1917-1985), um dos representantes desse grupo de escritores, escreve em 1952 sobre os compromissos dessa iniciativa e a define:

As primeiras tentativas literárias de nossa geração depois de 1945 têm sido descritas como literatura de escombros. Na verdade, as pessoas sobre as quais escrevemos viveram em escombros, elas voltaram da guerra, homens e mulheres em igual medida feridos, assim como também crianças.... Então nós escrevemos da guerra, do regresso a casa, o que vimos na guerra e do que encontramos em casa: de escombros¹⁴⁶. (BÖLL, 1985, p. 34)

O intuito dessa literatura ficou conhecido por alguns historiadores¹⁴⁷ como a literatura da reconstrução, referindo-se não somente à escrita como elemento de cura do trauma, mas também como reedificação de uma literatura nacional, principal propósito, inclusive, do Grupo 47, no qual Böll e outros escritores faziam parte, assim como Arno Schmidt, Hans Bender, Alfred Andersch e Siegfried Lenz.

De acordo com essas ponderações no que diz respeito a uma tentativa de fazer literatura no meio das ruínas e escombros, deve se levar em consideração que escritores de origem estrangeira também fizeram parte desse grupo de autores, cuja produção literária favoreceu o estabelecimento de uma nova literatura em língua alemã¹⁴⁸. Um

¹⁴⁶*Die ersten schriftstellerischen Versuche unserer Generation nach 1945 hat man als Trümmerliteratur bezeichnet. Tatsächlich, die Menschen, von denen wir schrieben, lebten in Trümmern, sie kamen aus dem Kriege, Männer und Frauen in gleichem Maße verletzt, auch Kinder... Wir schrieben also vom Krieg, von der Heimkehr und dem, was wir im Krieg gesehen hatten und bei der Heimkehr vorfanden: von Trümmern.*

¹⁴⁷Dentre inúmeros outros, DURZAK (1983); FORSTER (2002) e HILZINGER (2008)

¹⁴⁸Nova no sentido de uma outra, surgida de uma ruína, assim como sugere a nomenclatura *Stunde Null* [Hora Zero] como também é conhecida a literatura produzida depois da segunda guerra na

nome importante para a época foi Elias Canetti (1905-1994), escritor de origem búlgara e britânica, filho de judeus sefarditas, em 1938 foi forçado a se exilar em Londres, com a mulher. Suas publicações foram proibidas e censuradas no regime nazista.

Na autobiografia publicada em 1981, *Die gerettete Zunge*¹⁴⁹[Língua a salvo] Canetti narra a infância e adolescência, tanto no seu país de origem, Bulgária, quanto em diversos países da Europa (Áustria e Suíça), para onde sua família foi obrigada a se deslocar. O livro trata, sobretudo, da relação da língua com o mundo, principalmente da língua alemã. Mesmo que no passado a língua alemã tenha sido considerada uma língua internacional, o *medium* literário de muitos judeus do Leste Europeu – como para Franz Kafka – e *lingua franca* em matérias como no Direito, Química e ou Medicina, depois da Segunda Guerra, ela tornou-se a língua do opressor, do torturador e do medo¹⁵⁰. Canetti, no entanto, escritor essencial nesse âmbito, escolheu a língua alemã como sua língua de “comunicação com o mundo (CANETTI, 2010)”, uma língua que, segundo ele, tão martirizada no durante e pós-segunda grande guerra, pode agora ter a sua redenção.

Se analisarmos segundo essas perspectivas, podemos entender que, em outras palavras, as literaturas em língua alemã estavam sendo, de certa forma, reorganizada também por estrangeiros, na mesma medida que a língua alemã também ganhava novas representações. Tendo essas considerações em mente, não se pode esquecer que não apenas uma iniciativa no âmbito da literatura estava sendo empreendido no sentido de uma reestruturação com contribuições de estrangeiros. Por meio de acordo bilaterais de recrutamento voluntário de trabalhadores estrangeiros com outros países, devido à escassez de mão de obra no período do pós-guerra, como Itália (1955), Grécia (1960), Turquia (1961), de Portugal (1964) e da antiga Iugoslávia (1968, a Alemanha pôde dar o passo relevante no que se refere à reconstrução (HERBERT, 2001, p.12).

Em 2015, no ano auge no acolhimento a refugiados da “crise”, o governo alemão comemorou os 60 anos da cooperação estrangeira de trabalhadores voluntários

Alemanha. Ver, entre outros, a introdução do livro *Zwei Wendezeiten: Blick auf die deutsche Literatur 1945 und 1989* [Dois pontos de virada: um olhar sobre a literatura alemã em 1945 e 1989] organizado por Walter Erhart e Dirk Niefanger, publicado em Tübingen pela editora Max Niemeyer, em 1997. Além disso, mesmo no exílio em Londres, Canetti continua a publicar escritos em língua alemã, mesmo tendo o landino como sua primeira língua.

¹⁴⁹ Traduzido por Kurt Jahn por “A língua absolvida” – para a edição brasileira da edição de bolso publicado pela Companhia das Letras lançada em 2010.

¹⁵⁰Cf. CANETTI, 1981; TROJANOW, 2000 e ARENDT, 1989, entre inúmeros outros.

estrangeiros, que começou em 20. de dezembro de 1955. Com pronunciamento oficial da chanceler Angela Merkel e comunicados de imprensa e outras movimentações no âmbito de agradecer a esses trabalhadores, o tom das redações pendiam não apenas ao agradecimento, mas também à tentativa de sensibilizar à questão da colaboração de estrangeiros no país, que em 2015 precisavam de asilo no país. Sob o título “Trabalhadores convidados moldaram nossa história e suas conquistas devem ser homenageadas¹⁵¹”, o uso de palavras com nuances honrosas é o ponto alto do texto publicado no site do Governo Federal [*Bundesregierung*] na ocasião:

Com o evento de hoje, queremos homenagear as conquistas de toda a vida dos trabalhadores convidados na Alemanha. **Por muito tempo não reconhecemos que eles moldaram parte de nossa história e contribuíram para o milagre econômico alemão.** Quando o contrato de recrutamento com a Itália foi assinado em 20 de dezembro de 1955, foi o início de uma imigração que não era para ser. A política alemã, a sociedade e também os trabalhadores convidados assumiram uma solução provisória. Quando se preenchesse a escassez de mão de obra, as pessoas iriam embora. Mas, como Max Frisch bem colocou: **Nós chamamos os trabalhadores e as pessoas vieram.** Ao todo foram 14 milhões de trabalhadores convidados, **três milhões deles permaneceram permanentemente na Alemanha, fundaram famílias e aqui encontraram seu lar.**

Nosso país também deve sua prosperidade à energia das pessoas que deixaram sua terra natal para trabalhar aqui. (...) No início viviam **em alojamentos coletivos, isolados da população alemã**, trabalhavam **nas minas de carvão**, nas fábricas, nas linhas de montagem. Muitos queriam ganhar dinheiro, economizar e voltar para sua terra natal depois de alguns anos para levar uma vida melhor do que antes de deixar o país. Mas para milhões de pessoas, as coisas aconteceram de forma diferente do planejado. Quando o desemprego aumentou na Alemanha em 1973 como reação à crise global do petróleo e o congelamento do recrutamento de novos trabalhadores migrantes foi imposto, isso teve o efeito oposto: **muitos imigrantes agora trouxeram suas famílias do exterior para a Alemanha.** Mas, embora alguns dos imigrantes vivessem na Alemanha há muitos anos, havia apenas **algumas medidas de integração.** Em alguns lugares, os alunos foram classificados em turmas de estrangeiros de acordo com sua nacionalidade. **É uma das maiores omissões na história do pós-guerra que não nos concentramos em cursos de idiomas, conselhos sobre migração ou uma política de integração voltada para o futuro.** Por muitos anos, os políticos ignoraram a realidade e se comportaram como se a Alemanha não fosse um país de imigração. Demorou 50 anos até introduzirmos o direito a cursos de integração com aulas de alemão

¹⁵¹ *Gastarbeiterinnen und Gastarbeiter haben unsere Geschichte geprägt und ihre Leistungen sind zu würdigen*

como importante instrumento de integração com a Lei de Imigração em 2005.

Hoje aprendemos com os erros da época. Ninguém contesta mais a necessidade de as pessoas que vivem conosco serem incluídas em nossa sociedade. 60 anos após o primeiro contrato de recrutamento, deve ficar claro: **a origem não deve ser o destino - especialmente na terceira ou quarta geração!**¹⁵² (BUNDESREGIERUNG, 2022, grifo meu).

Com o intuito de homenagear e ao mesmo tempo se retratar da falta de iniciativa no que se refere ao oferecimento de cursos de integração, que só foi estabelecido depois das mudanças na lei da Imigração em 2005, o governo alemão assume a importância na construção do país, especialmente no fator econômico da contribuição não apenas de mão de obra estrangeira, mas também da fixação dessas imigrantes no país. O governo assume também, por meio deste comunicado e pronunciamento, a falha no acolhimento desses estrangeiros na chegada a Alemanha, visto que a ausência de moradias para eles fez com que se comprimissem em “alojamentos coletivos”, longe do centro da cidade, “isolados

¹⁵² *Mit der Veranstaltung heute wollen wir die Lebensleistung von Gastarbeiterinnen und Gastarbeitern in Deutschland würdigen. Viel zu lange haben wir nicht anerkannt, dass sie **einen Teil unserer Geschichte geprägt und am deutschen Wirtschaftswunder mitgearbeitet** haben. Als am 20. Dezember 1955 das Anwerbeabkommen mit Italien unterzeichnet wurde, war das der Beginn einer Einwanderung, die keine sein sollte. Die deutsche Politik, die Gesellschaft und auch die Gastarbeiter gingen von einem Provisorium aus. Man würde den Arbeitskräftemangel überbrücken und dann würden die Menschen wieder gehen. Aber wie Max Frisch es treffend formulierte: **Wir riefen Arbeitskräfte und es kamen Menschen**. Insgesamt waren es 14 Millionen Gastarbeiter, **drei Millionen von ihnen** blieben dauerhaft in Deutschland, sie gründete Familien und fanden hier **ihre Heimat**. Unser Land **verdankt seinen Wohlstand** auch der Tatkraft der Menschen, die damals aus ihrer Heimat aufgebrochen sind, um hier zu arbeiten. (...) Sie lebten anfangs **in Sammelunterkünften**, abgeschnitten von der deutschen Bevölkerung, arbeiteten **in Zechen**, in Fabriken, an Fließbändern. Viele wollten Geld verdienen, sparen und nach ein paar Jahren wieder zurück in ihre Heimat, um dort ein besseres Leben als vor der Ausreise zu führen. Doch bei Millionen Menschen kam es anders als geplant. Als 1973 als Reaktion auf die weltweite Ölkrise auch in Deutschland die Arbeitslosigkeit stieg und der Anwerbestopp für weitere Arbeitsmigranten verhängt wurde, führte das zur gegenteiligen Wirkung: Viele Einwanderer holten nun ihre Familien aus dem Ausland nach Deutschland. Doch obwohl die Einwanderer zum Teil seit vielen Jahren in Deutschland lebten, gab es nur wenige Maßnahmen zur Integration. Mancherorts wurden Schüler nach ihrer Staatsangehörigkeit in Ausländerklassen sortiert. Es ist eines der größten Versäumnisse der Nachkriegsgeschichte, dass wir damals weder auf Sprachkurse, Migrationsberatung noch auf eine vorausschauende Integrationspolitik gesetzt haben. Viele Jahre ignorierte die Politik die Realität und verhielt sich so, als ob Deutschland kein Einwanderungsland wäre. **Es dauerte 50 Jahre**, bis wir 2005 mit dem Zuwanderungsgesetz den Anspruch auf Integrationskurse mit dem Deutschunterricht als wichtiges Instrument **zur Integration** einführten. Heute haben wir aus den Fehlern von damals gelernt. Keiner bestreitet mehr die Notwendigkeit, dass die Menschen, die bei uns leben, in unsere Gesellschaft eingebunden werden müssen. 60 Jahre nach dem ersten Anwerbeabkommen muss klar sein: **Herkunft darf kein Schicksal sein – erst recht nicht in der dritten oder vierten Generation!***

da população alemã”. Nesse sentido, se observarmos a formação geográfica-cultural da cidade de Berlim, por exemplo, de fato, se vê que as comunidades turcas se concentram fora das cidades. Nesses centros se desenvolveram grupos que, de alguma forma, se autogeriram no quesito de proximidade cultural e, com a chegada das famílias diante da crise de 1970 - com vistas ao assentamento na Alemanha e não retorno ao país de origem, mencionada no texto do Governo -, a expansão geográfica desses grupos cresceu quantitativamente ainda mais para as adjacências. Bairros como Neukölln e Kreuzberg representam comunidades étnicas importantes como as turcas, paquistanesas e italianas na formação da população de Berlim a partir do pós-segunda guerra¹⁵³(DANGSCHAT, 1997, p. 622).

No que se refere a esses acordos de recrutamento de estrangeiros no pós-segunda guerra, pode-se afirmar que tiveram importante papel também no que se relaciona ao uso da língua, até mesmo na contribuição de desenvolvimento linguístico de base multilíngue, já que as misturas entre línguas eram comuns. Os estrangeiros que se voluntariavam, conhecidos como *Gastarbeiter* [trabalhador convidado], - primeiramente italianos, mais tarde franceses, turcos, iugoslavos, portugueses e marroquinos – precisaram aprender a língua alemã¹⁵⁴de alguma forma para se comunicar no trabalho e no cotidiano. Nessa lógica, a língua antes proibida, da guerra e da dor, passa ser vista desde então como uma língua de perspectivas, que abre portas para mercado de trabalho – isto é, agora ela pode ser absolvida.

Em 2016, o jornalista Patrick Kingsley, primeiro correspondente de migração do jornal inglês *The Guardian* publica o livro intitulado *The new Odyssey: The story of Europe's Refugee crisis*. Nesse livro, Kingsley, que em 2015 viajou como correspondente por 17 países, investigando as origens dos deslocamentos forçados, acompanhou de perto as viagens ilegais de refugiados por terra e no mar mediterrâneo. Na sinopse do livro, na contracapa, se pode ter uma ideia do que experienciou:

¹⁵³ No artigo *Sag' mir, wo Du wohnst, ich sag' Dir wer Du bist: zum aktuellen Stand der deutschen Segregationsforschung* [me diz onde você mora, que eu digo quem tu é: sobre o estado atual da pesquisa sobre a segregação na Alemanha], de Jens Dangschat de 1997 evidencia como a ausência de planejamento do acolhimento dos *Gastarbeiter* geraram guetos ou comunidades étnicas segregadas na Alemanha.

¹⁵⁴ O programa de Integração com cursos de Integração Social e Língua só começa a ser oferecido pelo BAMF em 2005, depois da instauração da Nova Lei da Imigração de 2005.

Kingsley sets a fast pace as he trails one person to the next; drinking illicit moonshine with the kingpin smuggler Hajj; walking with Fattemah; the pregnant Syrian who fears losing her baby as she treks through the Balkans; and drinking with Austria's last wandering shepherd, Hans Breuer, as he rescues desperate refugees from the Serbo-Hungarian border, and then sings them Yiddish folk songs (KINGSLEY, 2016, contracapa)

O livro é uma espécie de manual da “crise” sob a perspectiva do *partir* e do *procurar* um lugar seguro. Em cada capítulo, é dada uma voz ao *narrar*, isto é, há um depoimento de um personagem encontrado durante as viagens, com fotos e imagens dessas figuras e lugares. Para o gênero romance-reportagem, o livro tende muito mais a uma tentativa poética, do que de uma narrativa realística sincronizada num tempo linear, por exemplo. Por outro lado, o autor, como jornalista, reúne uma quantidade grandiosa de dados e documentos, bem como fotos que abonam a veracidade dos fatos narrados. O título do livro, a priori, remete à viagem de Ulisses em sua tentativa de regresso para casa, em a *Odisseia*, de Homero, cuja associação deixou de lado importantes características das duas situações.

De fato, a história de viagem em busca de uma terra segura dos refugiados da crise europeia pode ser aludida, de certa forma, a uma ideia epopeica da viagem de Ulisses. Entretanto, as dificuldades na viagem (que prolongam a sua duração) que enfrentam os refugiados não foi fruto de um castigo divino devido um comportamento indigno, mas resultado de políticas (europeias) falhas aos longos dos anos. Além disso, a viagem deles é, por ora, sem retorno. Como aponta Gallien (2018), é inevitável a associação, quando nos lembramos das dificuldades encontradas por Ulisses em seu caminho, contudo, diferenças cruciais devem ser levantadas, especialmente a ausência desse retorno, ou ainda, da vontade de retorno, motivação essa que guiava Ulisses na sua jornada.

Nessas ponderações, é necessário frisar que, a viagem – forçada ou não - em si, constitui a vontade ou a imposição do deslocamento. Em uma situação de êxodo, certamente a viagem seria o ponto de partida como preparação do *ir*. Em qualquer situação de deslocamento, a viagem instaura a primeira aproximação com o *Outro*, seja na partida, no caminho ou na chegada em algum lugar. Sobre a viagem, esse empreendimento, o antropólogo francês Lévi-Strauss elabora dimensões distintas para a saída. Em *Tristes Trópicos* (1996), livro-resultado da missão universitária francesa no

Brasil, 1935 a 1939, o antropólogo faz análises etnológicas de cada região no Brasil e assume que, sua vocação para antropólogo tenha surgido dessas viagens.

No livro *Literatur in Bewegung* [Literatura em movimento] (2001), de Ottmar Ette, a questão das viagens no âmbito da crítica literária também é posta em voga. No comentário de Ette, as cinco dimensões da viagem propostas por Lévi-Strauss no que se relaciona à literatura e aos seus meandros tem uma especial análise, sobretudo de grande relevância para as literaturas e relatos de viagens. Baseado nessas teorias de Lévi-Strauss, Ette considera que o viajante se movimenta em duas dimensões de um sistema de coordenadas em uma linha. No campo literário, a origem do autor, tanto de um relato de viagem, quanto de um romance, pode ser considerada como a primeira dimensão da escrita. Na verdade, no âmbito cartográfico, as duas dimensões equivalem à origem e ao destino, assim como análise do destino com o ponto de vista da origem. A terceira dimensão para Lévi-Strauss reside na pesquisa e no assunto a ser pesquisado, relacionada à viagem no contexto de expedições universitárias (LEVI-STRAUSS *apud* ETTE, 2001, p. 33). Ette considera que a essa dimensão da pesquisa, entretanto, vai além do seu significado aparente, visto que o termo “pesquisa” pode ser igualmente entendida como um descobrimento e análise de um “novo”, do “diferente”.

Com os olhos de pesquisador, explorando e procurando um lugar seguro, entende-se que, no que tange à escrita literária em relação às viagens narradas nos períodos de uma chamada *Literatura do Exílio*, a questão do ponto de vista da *cultura de origem* é um tema bastante relevante. O viajante que chega é, pois, o *deslocado* no país em que foi acolhido e, com esse olhar de desconjuntura analisa o país de destino, como comenta também comenta Ette, como “(um-)a visão de cima de uma montanha traça, da mesma forma uma teoria da paisagem, assim como uma paisagem da teoria, a qual se aproxima da transparência desse olhar do sentido literário e ao mesmo tempo epistemológico” (ETTE, 2001, p.28).

A quarta dimensão proposta por Lévi-Strauss é, possivelmente a mais importante no caso dos refugiados que, à deriva, procuram abrigo: o tempo. A duração da viagem de Ulisses na comparação de Kingsley não é, definitivamente, a mesma para os personagens reais de seu livro, justamente porque não se pode atestar que eles chegam ou ficam pelo caminho. Nesse caso, a quarta dimensão de Levi Strauss, no que se relaciona ao planejamento do tempo, um “antes, durante e depois”, não pode ser realizado nesse caso,

uma vez que, na situação de uma viagem forçada, a falibilidade e a imprecisão repercutem nesse programa. O único ponto dessa teoria do tempo em que se pode transpor para a viagem forçada, assim como em suas respectivas representações no campo literário, é a consideração de que o passado e o futuro estão ligados no presente. Os dois pontos analisam o *Outro* a partir do embate entre diferentes tempos (fusos horários, rituais, rotinas, etc.), culturas, espaços, que marcam, definitivamente, a importante questão da alteridade dentro desse contexto como comenta ETTE no trecho:

Na quarta dimensão está contida a *coexistência*. Entre si (a origem e o destino) operam diferentes representações do tempo e incluídos a isso: os espaços (geográficos, culturais, políticos, etc.). O confronto entre diferentes graus do tempo contribui para o estímulo e para a atração do viajante que escreve e a cada literatura em movimento (ETTE, 2001, p.33 grifo meu)

Na perspectiva da alteridade, Lévi-Strauss evoca ainda a quinta dimensão de uma viagem: a social (LEVI-STRAUSS *apud* ETTE, 2001, p. 33), que está intrinsecamente ligada à ideia de coexistência sugerida por Ette. O antropólogo afirma que todo viajante se move em diferentes classes sociais¹⁵⁵ e a confrontação e “choque” são zonas nevralgias inseridas no contexto da viagem. Para esta análise nesta seção, porém, essa dimensão não será explorada de modo minucioso, pois, no caso da escrita literária no/do exílio, a classe, na qual o escritor se movimenta independe da viagem em si, mas sim da condição que motivou a viagem. Evidentemente, nesse ponto podemos averiguar os privilégios da partida, relativo a recursos financeiros disponíveis para a viagem que, claro, depende da condição na qual o viajante dispõe, justamente nessa consideração reside a minha observação. Se analisarmos a viagem de refugiados da Síria, por exemplo, mesmo as ilegais rumo à Europa, elas demandam altos recursos financeiros Na entrevista para o programa literário da TV alemã, sob comando do crítico literário alemão Denis Scheck, *Druckfrisch* [Recém-impresso], a escritora Olga Grjasnowa, em resposta à pergunta do porquê ter escolhido personagens da alta classe social síria como protagonistas de seu recente romance, GnS, relata que a maioria dos refugiados sírios, de fato, pertencem à classe média da sociedade, pois a empreitada rumo à Europa tem alto custo, sobretudo as

¹⁵⁵ Aqui uma semelhança ao conceito de *intercultural trãnsfuga* proposto por Bourdieu, na qual o sujeito aceita o novo, mas não rejeita o antigo, incorpora, de alguma maneira, a cultura adquirida em seu universo pessoal, que dá uma nova dimensão à cultura de origem, mas não a destrói ou a substitui. Ao contrário disso, se dá o novo resultante da integração comparativa do 'eu' com o 'outro', 'nós' com 'eles' (VIEIRA, SILVA, 2002).

clandestinas (Druckfrisch, 2017). Pontualmente nesse quesito que reside às associações da temática à dimensão social¹⁵⁶ proposta do Lévi-Strauss.

De qualquer modo, os relatos de viagens e as literaturas sobre viagens são gêneros distintos. As consideradas literaturas do exílio, por outro lado, podem estar sobre a viagem empreendida. Com a eclosão da crise (europeia) dos refugiados, uma gama de autores de língua alemã, com histórico de migração ou não, de modo também a atender um mercado-leitor, publica sobre a viagem empreendidas destes refugiados e sua jornada rumo à Europa, mesmo que o tema de fundo tenha um conteúdo político, nem todas as publicações carregam em si esse conteúdo. Evidentemente, as publicações podem ser vistas como exemplares para uma conexão, no mínimo, temática (como deslocamento, identidade, choque cultural, viagens, busca por documentos validatórios, reconhecimento como sujeito jurídico) com as histórias de fuga do período literário da Literaturas do Exílio do pós-segunda guerra.

O entendimento das confluências dos escritos literários sobre os deslocamentos forçados de pessoas que procuram um lugar seguro nos anos 2000, com uma literatura do período de 1933 a 1945 conhecida como *Exilliteratur* [literatura de exílio], aponta para uma condição literária dos novos tempos, em que a política e a literatura se dissipam em limites tênues entre a descrição de um realismo social e a arte. Especialistas têm considerado que a literatura produzida sobre estes contextos políticos de fuga, abrigo e migração reaviva as discussões do passado e as atualiza de tal modo que podem ser consideradas como uma “nova literatura do exílio¹⁵⁷”, sobretudo no que se relaciona ao debate político em que estão inseridos:

Mesmo no início do século XXI, o debate dos fenômenos de expulsão/êxodo e desenraizamento não deixou de ser atual — tanto que a literatura do presente representa um testemunho impressionante de como os movimentos migratórios e de fuga globais influenciam de maneira duradoura o nosso modo real de vida¹⁵⁸(NARLOCH; DICKOW, 2014).

¹⁵⁶ Se quisermos ir adiante em verificar as nuances dessa dimensão social no contexto atual do êxodo de refugiados rumo à Europa, pode-se analisar de uma perspectiva da cidade, da mudança de classe social na chegada na região de destino, do que se refere no seu conceito de Trânsfuga (Ver LAHIRE, 2004).

¹⁵⁷ Ver, por exemplo, LUBKOLL (2018).

¹⁵⁸ *Auch zu Beginn des 21. Jahrhundert hat die Auseinandersetzung mit Phänomenen von Vertreibung und Entwurzelung nichts an Aktualität verloren. So legt die Literatur der*

Desta comparação que parte de uma política e na tentativa de sensibilização para o tema, os romances escritos sobre a temática dos refugiados dos dias atuais têm sido, ao menos por boa parte da imprensa¹⁵⁹, nomeados como “romances de refugiados” [*Flüchtlingsroman*]. Sem dúvida, o nome se refere também à temática sobre a qual o romance se ocupa, mas o apelo para o nome causa um pouco de estranheza visto que, esses romances não são em nenhuma dessas resenhas ou comentários vistos como romances de migração - mesmo que seus autores sejam migrantes, considerando que essa seja uma denominação comum para o caso - ou romances de exílio, ou romances de viagens. Ao que parece, há uma distinção crucial entre as nomenclaturas, que não apenas evocam o conteúdo de suas tramas, mas também trazem à tona um tom humanitário do sentimento de acolhimento [*Willkommenkultur*], um assunto que também, estando em voga no contexto político-histórico contemporâneo, pode aumentar as vendas.

De fato, as publicações referentes ao refúgio e a respectiva crise europeia dos refugiados dos anos 2000, aumentou o número de publicações sobre essa matéria. Na lista¹⁶⁰ abaixo, pode se ver um pequeno percentual de romances publicados em língua alemã sobre o tema:

Gegenwart eindrucksvoll Zeugnis davon ab, wie nachhaltig weltweite Flucht- und Migrationsbewegungen unsere heutige Lebensrealität beeinflussen.

¹⁵⁹ Na busca do Google Alemanha, são encontradas, logo na primeira página, 10 indicações de reportagens e resenhas sobre “romances de refugiados”.

¹⁶⁰ A lista se refere apenas ao gênero romance, visto que a pesquisa desta tese se volta aos desenvolvimentos nesse gênero, porém, se tentou mostrar, com a série de poesias nas epígrafes no início dos capítulos, que também no campo da poesia houve uma ebulição da temática. Da mesma forma que nas artes, como nos três exemplos de obras de artistas recentes estampadas aqui a cada início de capítulo.

Tabela 2: romances com a temática de refugiados publicados na época dos debates da “crise”

Livro	Nome do autor	Ano de publicação	Autor com histórico de migração (assumidamente)	Tradução para o português	Tradução publicada em outras línguas
<i>Mohr¹⁶¹ im Hemd oder wie ich auszog, die Welt zu retten</i>	Martin Horváth	2012	Não (Áustria)	Não	Não
<i>Schutzbefohlenen</i>	Elfriede Jelinek	2013	Não (Áustria)	Não	<i>Charges (The Supplicants)</i> (2016)
<i>Gesichter</i>	Andreas Schäfers	2013	Não	Não	Não
<i>Gehen, ging, gegangen</i>	Jenny Erpenbeck	2015	Não	Não	<i>Go, Went, Gone</i> (2018)
<i>Ohrfeige</i>	Abbas Khider	2016	Sim	Não	<i>A slap in the face</i> (2019)
<i>Mädchen mit dem Fingerhut</i>	Michael Köhlmeier	2016	Não (Áustria)	Não	<i>La petite fille au dé à coudre</i> (2017)
<i>Widerfahrnis</i>	Bodo Kirchoff	2016	Não	Não	Não
<i>Vor der Zunahme der Zeichen</i>	Senthuran Varatharajah	2016	Sim	Não	Não
<i>Illegal</i>	Max Annas	2017		Não	Não
<i>Nach der Flucht</i>	Ilija Trojanow	2017	Sim	Não	Não

¹⁶¹ É uma palavra antiga para denominar uma pessoa negra ou de pele escura.

<i>Ausgerechnet Deutschland. Geschichten unserer neuen Nachbarn</i>	Wladimir Kaminer	2018	Sim	Não	Não
---	---------------------	------	-----	-----	-----

Fonte: elaborada pela autora

No que se refere, entretanto, aos autores com histórico de migração, se nota que nas resenhas publicadas, o resenhista se esforça para associar algum ponto da história com a própria história do escritor. Salvo a curiosidade das iniciativas, as perguntas sobre a origem do autor têm sido ao longo da história literária associada aos seus escritos, especialmente se o autor possui raízes estrangeiras. Por esse motivo, foi inserido na tabela acima a coluna sobre “Autor com histórico de migração” para que possa ter uma noção de que não apenas os escritores com esse histórico escrevem sobre isso, devido supostamente a sua biografia, mas autores sem essas raízes também publicaram sobre a temática, na tentativa, provavelmente, de atender um mercado livreiro.

Nesta lista, se pode ser constatar que a temática não apenas tomou força entre os autores com histórico de migração, ou com históricos de fuga em suas biografias, mas também de autores que, de alguma forma, se sensibilizam com a situação da realidade da crise as transformando e as representando em prosa. De qualquer modo, as publicações impulsionam os estudos sobre a temática e sobre a aumento das publicações sobre o tema.

No que se referem aos parâmetros curriculares alemães, já se analisa a inserção de deste (possível) novo movimento literário, que, provavelmente, estamos diante. Sebastian Bernhardt, no capítulo *Fluchtliteratur in der Primarstufe Als Fiktionaler Weltentwurf Didaktische Überlegungen Zur Fokussierung des Konstruktcharakters von Fluchtliteratur in der Grundschule* [Literatura de refugiados na escola primária como projeto de mundo ficcional: considerações didáticas sobre foco da literatura de refugiados na escola fundamental] publicado em 2021, insere a literatura com a temática de refugiados em uma classificação literária e reivindica o estudo particularizado nas escolas como meio de “de dar às crianças a oportunidade de entender as perspectivas das figuras

em fuga e obter uma abordagem empática do assunto¹⁶²”(BERNHARDT, 2021, p. 2). Exceptuando a questão educativa, moralizante, das narrativas de fuga, que serão analisadas com mais detalhes na próxima seção, o termo que se refere a essa literatura sobre os acontecimentos e deslocamentos forçados na era 2000, considera-se como *standard* no diz respeito às referências ao assunto. Neste capítulo, Bernhardt chama a literatura do pós guerra, em que fuga, migração e deslocamento igualmente eram recorrentes, de literatura política ou de literatura do exilo e, as literaturas cuja temática se refere ao refugiado a partir dos anos 2000, sobretudo as relacionadas à crise dos refugiados de 2015, de literaturas de refugiados (de fuga) (2021, p.14-15).

Outro exemplo da especificidade e diferenciação da classificação da literatura de refugiados, é o recente projeto (Outubro de 2019- Setembro de 2021) do prof. Michael Hofmann da área de germanística e literatura comparada da universidade de Paderborn sob o título *Empowerment von geflüchteten und deutschen Studierenden durch Fluchtliteratur* [Empoderamento de refugiados e estudantes alemães por meio da literatura de refugiados] que consiste no auxílio de estudantes com histórico de fuga na Universidade de Paderborn por estudantes alemães na promoção “auto-imagem e confiança” dos refugiados. Por meio da leitura e análise de textos da literatura contemporânea, “caracterizada por inúmeros textos que tratam de experiências de fuga e de difícil adaptação à sociedade alemã, seja na perspectiva dos refugiados, seja na perspectiva de membros da sociedade majoritária que são (auto)críticos da comunicação e contato com refugiados.¹⁶³” (UNIVERSITÄT PADERBORN, 2022).

Semelhante as iniciativas mencionadas, o encontro da Alfried Krupp Wissenschaftskolleg Greifswald, que reúne um grupo de pesquisadores fomentados pela fundação Alfried Krupp von Bohlen und Halbach, teve como tema na reunião em 2016 a “*Fluchtliteratur*”[literatura de refugiados] em língua alemã. No evento foram discutidos novos parâmetros para a literatura cuja nomenclatura foi baseada no conteúdo das obras em questão, em que assumem haver uma “em uma clara distinção de 'literatura de

¹⁶² *Fluchtliteratur wird schon im Literaturunterricht in der Grundschule eingesetzt, um den Kindern die Möglichkeit zu geben, die Perspektiven geflüchteter Figuren nachzuvollziehen und einen empathischen Zugang zum Thema Flucht zu erlangen.*

¹⁶³ *durch zahlreiche Texte geprägt, die entweder aus der Perspektive der Geflüchteten Erfahrungen von Flucht und der schwierigen Eingewöhnung in die deutsche Gesellschaft thematisieren oder aus der Perspektive von Angehörigen der Mehrheitsgesellschaft, die die Kommunikation und den Kontakt mit Geflüchteten (selbst-) kritisch reflektieren.*

migração', literatura de exílio contemporânea ou categorias semelhantes, embora naturalmente surjam sobreposições.¹⁶⁴ Para fomento e pesquisa dessa literatura, foi criado na oportunidade um blog¹⁶⁵, em que as atualizações são realizadas periodicamente com a inserção de novas publicação e pesquisas na área, uma lista de obras publicadas com a temática de fuga ou com conteúdo sobre refugiados é alimentada regularmente, bem como uma lista de pesquisa já publicadas sobre o tema. A lista de obras literárias¹⁶⁶ referem-se a publicações exclusivamente conhecidas a partir de 1990 com a temática de refugiados das recentes guerras e conflitos, por isso, no cabeçalho da lista se lê que o grupo de pesquisadores distingue a *literatura de refugiados* da literatura do exílio, do pós segunda guerra, ou ainda dos literaturas de migração – classificação recorrentemente usada para indicar ou a procedência do autor ou a temática de deslocamento, mas não necessariamente relacionado ao tema sobre refúgio e refugiado - de acordo com o conteúdo, apesar de, como mencionam, dos assuntos comuns se cruzarem.

Com bem aponta a comunidade de pesquisadores, a *Fluchtliteratur* se diferencia das chamadas literaturas de migração, justamente porque se refere ao conteúdo das publicações literárias sobre a temática. Comumente os escritos sobre refugiados inclui-se nessa categoria, porque seus autores possuem históricos de migração em suas histórias pessoais, mas a categoria de literatura de migração é um termo ambivalente, que, apesar de fomentar autores e estudos da área, sua interpretação reduz as obras literárias a origem de seus autores. Nesse sentido reside a relevância de discussão dessas categorias no campo crítico literário, como abordaremos na seção seguinte.

¹⁶⁴ *was eine klare Abgrenzung zu ‚Migrationsliteratur‘, zeitgenössischer Exilliteratur o.ä. Kategorien ergibt, wobei Überschneidungen selbstverständlich entstehen.*

¹⁶⁵ <https://fluchtliteratur.wordpress.com/> acesso em 20.05.2022

¹⁶⁶ A lista de publicações literárias pode ser encontrada na íntegra no ANEXO D. A inclusão da lista neste trabalho tem o intuito de colaborar com os estudos na área, também na área de germanística no Brasil e, assim, oferecer com esta tese a oportunidade de promoção e (mais) visibilidade para estas obras.

3.3 POSSÍVEIS ATIVISMOS LITERÁRIOS: DO VÃO DAS CATEGORIAS A COLABORADORES DE UMA VIRADA EPISTEMOLÓGICA

A inserção de escritores com histórico de migração no mercado literário em língua motiva resistências no âmbito da categorização de suas escritas e contrapontos acerca do contexto imaginário constitutivo de uma nação. Escritos de estrangeiros no país em língua diferente das suas origens, sempre foi motivo de investigação e averiguação da autenticidade nacional atribuída a esses escritos¹⁶⁷. Ao longo da história criou-se categorias literárias distintas na tentativa de alocar essa literatura em uma nova ou em outro tipo de literatura, senão aquelas agrupadas às nacionais.

Diante desses aspectos, a escritora Olga Grjasnowa, no que se refere a sua perspectiva enquanto escritora com histórico de migração, parte de uma denúncia da categorização ao qual ela, na condição de escritora, não a sua produção, foi empurrada, como comenta no trecho de seu ensaio publicado em 2021, *Privilegien* [Privilégios]:

Então, contrariando as perspectivas, tornei-me escritor e me deparei com o termo “literatura de migração”: na Alemanha é a literatura que é diferente, que não pertence, não é bio-alemã. Aliás, o que os “autores migrantes” têm em comum não é estático ou temático, mas sim sua origem, que pode estar em qualquer lugar, exceto na Alemanha¹⁶⁸ (GRJASNOWA, p. 135).

No contexto do mercado literário de língua alemã, escritores que, no passado, chegaram no país com o status de refugiados, enxergam na identificação das histórias dos refugiados gerados pela “crise”, um momento propício para expor suas narrativas de fuga e estrangeiro. Nesse parâmetro, dois autores importantes do cenário literário alemão publicaram suas obras de reflexão sobre suas fugas no passado. O escritor de origem búlgara, autor do best-seller *Der Weltensammler*¹⁶⁹ (2006), Ilija Trojanow (1965) - publicou seu primeiro livro de memórias em 2017. Em *Nach der Flucht* [Depois da fuga],

¹⁶⁷ Cf. GALLIEN (2018)

¹⁶⁸ *Dann wurde ich wider Erwarten doch Schriftstellerin und begegnete dem Begriff „Migrationsliteratur“: In Deutschland ist sie stets eine Literatur, die anders ist, die nicht dazugehört, nicht biodeutsch ist. Die Gemeinsamkeit der „Migrationsautoren“ ist übrigens nicht etwa eine ästhetische oder thematische, sondern ihre Herkunft, die überall liegen kann, außer in Deutschland.*

¹⁶⁹ *O Colecionador de Mundos* traduzido para o português por Sérgio Tellaroli e publicado pela Companhia das Letras em 2010.

ele reflete sobre a sua condição e de sua família enquanto refugiado no passado e assume que: “Há vida após a fuga, mas a fuga continua, por toda a vida.¹⁷⁰”. Rafik Schami (1946), alemão de origem síria, depois de 30 anos como escritor na Alemanha, publica também em 2017 sua história de fuga e liberdade. No romance autobiográfico, *Ich wollte nur Geschichten erzählen. Mosaik der Fremde* [Eu só queria contar histórias. Mosaico do Estrangeiro], Schami relata a perseguição política na Síria e as recorrentes censuras de suas publicações. Esses autores têm em comum o histórico de fuga e migração em seus contextos pessoais e em seus escritos essas temáticas são recorrentes; suas últimas publicações adentram especificamente no tema da fuga, na recepção no país.

Rafik Schami é um escritor que, assim como o alemão-iraquiano Abbas Khider, seguiu sua trajetória de fuga já adulto, fugindo de perseguições políticas de governos ditatoriais da Síria. Diferente de Schami e Khider, Senthuran Varatharajah, de raízes tâmile, e Olga Grjasnowa, oriunda de uma família judaica-azerbaidjã, foram forçados pelos conflitos civis em seus países de origem - Sri Lanka e Azerbaijão, respectivamente - a migrar ainda crianças com suas famílias.

Durante o Festival de Literatura *lit:postdam* em 2017, na mesa redonda com os entrevistados Senthuran Varatharajah e Sascha Marianna Salzmann – escritora não-binária de origem judaica russa -, o moderador Uwe-Karsten Heye frisou que escritores são escritores, não importa onde ele tenha saído¹⁷¹:

se eles estão localizados em algum lugar, esse lugar é na literatura. Varatharajah e Salzmann são escritores. **Nem alemão-tâmil, nem alemão-russo, mas escritores de língua alemã.** O cuidado com que os dois colocam cada citação, cada palavra, cada sílaba na boca, dá uma ideia de como é não ter crescido tendo o alemão como língua materna¹⁷² (VOIT, 2022, grifo meu).

¹⁷⁰ *Es gibt ein Leben nach der Flucht, doch die Flucht wirkt fort, ein Leben lang.*

¹⁷¹ Apesar de as argumentações desta tese irem ao encontro da afirmação de Heye, é necessário para fins de demonstrar o panorama literário alemão inserir também as origens dos escritores que se sentem, ou se sentiram, discriminados por isso até certo ponto.

¹⁷² *Wenn sie sich irgendwo verorten lassen wollen, dann in der Literatur. Varatharajah und Salzmann sind Schriftsteller. Nicht deutsch-tamilische, nicht deutsch-russische, sondern deutschsprachige Schriftsteller. Die Sorgfalt, mit denen die beiden jedes Zitat, jedes Wort, jede Silbe in den Mund nehmen, gibt eine Idee davon, wie es ist, eben nicht mit Deutsch als Muttersprache aufgewachsen zu sein.*

De fato, sobre esta afirmação de Heye na ocasião do Festival literário em Potsdam, cujo principais convidados tinham suas outras origens que não a alemã, alguns autores, se sentem incomodados com as recorrentes indagações sobre a origem. A autora Libuše Moníková (1945-1998), escritora de origem tcheca, por exemplo, reflete sobre a escrita literária do migrante na Alemanha, que, assim como o comentário de Heye, aponta pra um cuidado especial com a língua.

os críticos me lembram de que sou estrangeira quando interpretam expressões de meus livros que não lhes são familiares como uma formação que não pertence a um autor não alemão. Se eu tentar coisas inovadoras, isso significa: a estrangeira não sabe alemão¹⁷³ (MONÍKOVÁ *apud* TROJANOW, 2000. p.14)

Nesse trecho do livro, organizado por Ilija Trojanow, cuja alegação de Monikova sobre a língua é citada, teve o intuito de promover os autores com histórico de migração, ainda na virada do século XXI. *Döner in Walhalla: Texten aus der anderen deutschen Literatur* (2000) [*Döner em Valhalla: textos de uma outra literatura alemã*] é uma coletânea de textos de autores na Alemanha com histórico de migração, entre ensaios, poesias e pequenos contos, o livro traz na introdução o ponto de vista abordado nos textos e o panorama no mercado editorial para esses escritores. O subtítulo do livro “A outra literatura alemã” deduz de ideia do “eu” e dos “outros” corroborando ao entendimento dicotômico entre a ligação da imagem da constituição literária nacional e ao não-nacional (Cf. SCHMITZ, 2009 e ANDERSON, 2017).

Trojanow assina essa apresentação do livro e levanta questões-chave acerca da nacionalidade do autor que escreve em língua alemã. Assim como comentou o moderador Heye, dezessete anos depois da publicação da antologia de Trojanow, no Festival em Potsdam, a origem dos autores de modo algum deve sobressair à frente de sua produção literária. Em outras palavras, a recorrente pergunta sobre a procedência nacional de um autor sobrepuja a indagação relevante sobre o destino da escrita ou dos porquês da criação literária.

¹⁷³ *Daran, dass ich Ausländerin bin, erinnern mich Kritiker, wenn sie Ausdrücke aus meinen Büchern, die ihnen nicht geläufig sind, als Eigenwilligkeit interpretieren, die einem nicht nichtdeutschen Autor nicht zusteht. Wenn ich Innovatives versuche, heißt es: die Ausländerin kann nicht einmal Deutsch.*

Na ocasião da publicação de seu último livro, *Rot (Hunger) [(Fome)vermelha*¹⁷⁴] 2022, uma história sobre canibalismo, amor e distância, em entrevista para o jornal *online* WDR, Senthuran Varatharajah ressalta a essência da sua escrita originada de sua formação multilíngue. Em linhas gerais, o moderador Gundi Große comenta sobre a origem do autor e a contenta em torno de uma classificação, ou seja, uma categorização desses autores com histórico de migração no panorama literário alemão.

Senthuran Varatharajah certamente se vê como parte de uma série de escritores "com antecedentes migratórios" que agora são cada vez mais ouvidos e lidos. Mas mesmo que a história de suas origens também tenha um papel em sua escrita, ele se recusa a adotar as formas comuns que estão em demanda atualmente, como o romance familiar. Ele encontra conhecimento com a ajuda da escrita onde as categorias são explodidas e as fronteiras são cruzadas¹⁷⁵(GROßE, 2022)

Ainda que Varatharajah faça parte desse grupo cuja origem não é um país de língua alemã e ele assume que suas origens, evidentemente, reflitam na sua escrita, o autor, segundo a conclusão de Große, recusa a se manter em um gênero de reivindicação atual. O romance familiar a que Große sugere, refere-se, sumariamente, às narrativas com nuances autobiográficas que, segundo ele, estão em voga. Galle (2014) oferece um esclarecimento a esse respeito que, entre outros, incide em uma mudança (ou evolução) na terminologia e na interpretação do romance familiar nos tempos atuais. De qualquer modo, o romance familiar seria, grosso modo, segundo sua observação, as narrativas que “tematizam, em primeiro lugar, as relações familiares. Muitas vezes de três ou mais gerações” (GALLE, 2014, p. 200). Nesse sentido, podemos concordar que os escritos publicados de Varatharajah não se enquadram, necessariamente, nesse subgênero do romance. Pelo menos não completamente, pois vale lembrar que no seu primeiro romance, *Vor der Zunahme der Zeichen* (2016), a foto que estampa a capa é original de

¹⁷⁴ O título é um jogo de palavra que tem a ver com o tema do livro: canibalismo e língua. Como o autor mesmo comenta: “um jogo de linguagem sobre o assunto ‘gostaria de ter alguém para comer’ Varatharajah, 15.04.2022. Disponível em: <https://www1.wdr.de/radio/wdr5/sendungen/neugier-genuegt/redezeit-senthuran-varatharajah-100.html> Acesso em 20.04.2022.

¹⁷⁵ *Senthuran Varatharajah begreift sich durchaus als Teil einer Reihe von Schriftstellerinnen und Schriftstellern "mit Migrationshintergrund", die jetzt zunehmend gehört und gelesen werden. Aber wenngleich seine Herkunftsgeschichte auch eine Rolle für sein Schreiben spielt, verweigert er sich den gängigen und aktuell gefragten Formen etwa des Familienromans. Erkenntnis mit Hilfe des Schreibens findet er da, wo Kategorien gesprengt und Grenzen überschritten werden.*

sua família e foi capturada no momento que se deu a entrada de sua família na Alemanha, como requerente de asilo (ANEXO C), onde se vê o pequeno Senthuran nos braços de sua mãe. Desse entendimento, partiríamos para outra discussão de categorias, desta vez, de gêneros, visto que, como elucida Galle (2014), o romance familiar passou ao longo da história literária por um desenvolvimento e “n(ess)as suas evoluções mais recentes, portanto, está inserido numa tendência geral, embora as realizações concretas tenham consequências muito específicas, diferentes de textos que se apresentam dentro do paradigma da ficção propriamente dito” (GALLE, 2014, p.215). Deste modo, não se pode descartar a percepção autobiográfica recorrente em romances familiares ou não, mesmo recusando-a, posto que essa condição se fundamenta da abertura da ficção, sobretudo em um poderio da (auto)r ficção.

De qualquer modo, se o romance reflete em suas linhas ou não a origem de seu autor, não cabe, indiscutivelmente, a categorização reducionista a origem, como foi vista no decorrer dos anos na história literária alemã. Uma longa lista de conceitos e termos classificam a literatura escrita por migrantes na Alemanha, como se atesta na lista a seguir retiradas de compêndios de história da literatura em língua alemã, resenhas de livros publicadas em jornais online, artigos e capítulos de literatura especializada¹⁷⁶:

1. *Gastarbeiterliteratur* [literatura dos trabalhadores visitantes];
2. *Interkulturelle Literatur* [literatura intercultural];
3. *Migrationsliteratur* e *Migrantenliteratur*
[Literatura de Migração/ Literatura de Migrantes];
4. *Minderheitenliteratur* [Literatura de minorias];
5. *Literatur mit Migrationshintergrund*
[Literatura com histórico de migração];
6. *Exofonische Literatur* [literatura exofônica];
7. *Chamisso Literatur* [Literatura Chamisso];
8. Entre outros: *Imigrantenliteratur*, *Gastliteratur*, etc. (Cf. STELTZ, 2015, p. 156)

¹⁷⁶ Além de uma simples busca, por meio de plataforma de busca como Google e Bing, há uma lista das obras consultadas para elaborações e entendimento dessas classificações no apêndice A.

Todos os termos referem-se, de modo geral, aos escritos em língua alemã escritas por autores de língua materna não-alemã. De maneiras um pouco distintas, entretanto, as categorizações também tem o intuito de fomentar as pesquisas nessa área. De todo modo, a exposição desses termos para compor a argumentação desta tese não tem o objetivo de condenar os termos de alguma forma, mas entender mais profundamente suas origens e suas reais vantagens de seu uso.

Como sugere o nome, a *Gastarbeiterliteratur* tem a ver com os trabalhadores imigrantes que, no pós-guerra, foram recrutados voluntariamente. Segundo o verbete do *Virtuelles Migrationsmuseum* [Museu Virtual da Migração], a expressão refere-se, justamente, a literatura de língua alemã de falantes não-nativos e migrantes nas décadas de 1970 e 1980, que, de acordo com o mesmo verbete, caiu em desuso, uma vez que “a distinção geral entre literatura de língua alemã migrante e não migrante também é problemática em muitos casos, pois traz o risco de essencializar os autores e sua obra”¹⁷⁷ (GASTARBEITERLITERATUR, 2022). A sentença *Interkulturelle Literatur* é um termo mais abrangente no que se refere a nomear os escritores de língua não-alemão ou de origem não-alemão. Ela se relaciona, globalmente, à indicação da literatura de autores que tem origem em mais de um espaço cultural e, por este motivo, podemos entender que, dentro dela, estariam as outras nomenclaturas, visto que o termo abarcaria todas elas, de acordo com sua definição no verbete da homepage do DeWiki:

Literatura intercultural ou multicultural é o termo usado hoje para descrever a literatura de autores que escrevem a partir de um ponto de vista moldado por pelo menos duas culturas. Também pode ser descrito como literatura de sínteses de cultura. **As literaturas interculturais fazem parte das literaturas nacionais.** Como tal, trata também das questões de identidade das minorias nacionais ou culturais dentro de uma sociedade majoritária e, inversamente, da autoconstituição da maioria em relação a todos os “outros”. Como resultado, todo texto tem, em última análise, um aspecto intercultural¹⁷⁸ (INTERKULTURELLE LITERATUR, 2022, grifo meu)

¹⁷⁷Dabei ist auch die generelle Unterscheidung in migrantische und nicht-migrantische deutschsprachige Literatur in vielen Fällen problematisch, da es die Gefahr der Essentialisierung der Autor*innen und ihrer Arbeit birgt.

¹⁷⁸ Als inter- oder multikulturelle Literatur bezeichnet man heute die Literatur von Autoren, die aus einer von mindestens zwei Kulturräumen geprägten Sichtweise schreiben. Sie ist auch als Literatur der Kultursynthesen beschreibbar. Interkulturelle Literaturen sind Bestandteil der Nationalliteraturen. Als solcher behandelt sie ebenso Identitätsfragen nationaler oder kultureller Minderheiten innerhalb einer Mehrheitsgesellschaft wie umgekehrt die Selbstkonstitution der

Nesse verbete, verifica-se que a literatura intercultural está contida na literatura nacional, ou seja, seria um segmento dela. Em todo caso, contesta-se se há nesse âmbito a necessidade de separação delas, visto que, se partirmos de um conceito geral de cultura, daquele cunhado ainda na Escola de Birmingham¹⁷⁹ nos finais dos anos 1950, percebemos que a interculturalidade concerne o intercâmbio de duas culturas, não necessariamente estrangeiras, por isso o termo pode ser englobante.

De maneira oposta a amplitude do termo intercultural, depreende-se o significado do *Migrationsliteratur* e *Migrantenliteratur*, cuja especificidade denota uma restrição dentro da categoria. No livro, *Migrantenliteratur* publicado primeiramente em 1995 pela editora De Gruyter, Christian Steltz traça um perfil do que seria esse **tipo** de literatura. Em 2015, no entanto, em razão da comemoração dos 20 anos do livro, o autor publicou no site da editora um adendo de atualização das informações contidas no livro. Neste prefácio adicional atualizado, Steltz (2015) inaugura seu texto com a seguinte sentença: “A dificuldade de olhar para textos literários de autores cuja língua materna não é o alemão sob um título abrangente está intimamente ligada à história da imigração na Alemanha”, ao qual se refere posteriormente se associarem às ausentes políticas de integração e luta contra a discriminação na época da chegada dos *Gastarbeiter*.

Por um ângulo um pouco diferente, a chamada *Exofonische Literatur* surge em um contexto de pesquisa e promoção desses autores (i)migrados. O termo surgiu em 2007 com a publicação da antologia *Exophonie. Anders-Sprachigkeit (in) der Literatur* [Exofonia. Outra linguagem da/na literatura] organizado por Susan Arndt, Dirk Naguschewski e Robert Stockhammer. Nesse livro, os autores elaboram que a razão da escrita exofônica possui inúmeras razões, uma delas e, mais frequente, é a migração e o

Mehrheit gegenüber allen "Anderen". Dadurch hat letztlich jeder Text einen interkulturellen Aspekt.

¹⁷⁹ Formação do grupo de professores do *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham em finais de 1950, no qual os trabalhos pioneiros nos estudos culturais alavancaram as pesquisas na área dos Estudos Culturais. Da perspectiva desses estudos, a cultura é “vista como um fenómeno que atravessa toda a sociedade e que está na base dos processos de produção e reprodução sociais. A indústria cultural seria uma espécie de indústria da consciência, capaz de configurar o conhecimento em conformidade com estruturas ideológicas que assegurariam a coesão social, a manutenção do status quo e a subsistência da dominação. Os produtos culturais integrariam, assim, a estrutura de poder na sociedade, necessitando de ser estudados no seu contexto histórico, social, económico, cultural, etc.” (ESCOLA DE BIRMINGHAM, 2022).

exílio, mas pode partir também de uma área de experimentação artística-literária entre línguas. Na interpretação do vocábulo, Neumann e Daudt (2019) descrevem como um fenômeno que um escritor se utiliza de uma língua literária díspar da sua primeira língua, “complementando-a ou a substituindo totalmente como veículo de expressão literária” (NEUMANN; DAUDT, 2019, p. 54). Nesse sentido, a exofonia contribui para a inovação da língua (alemã), visto que seu sentido se associa ao multilinguismo e seus aportes, apesar desses escritores não serem, necessariamente, “bilíngues no sentido de terem se criado falando as duas línguas e, de fato, não (...)possu(írem) a fluência associada ao termo bilinguismo (NEUMANN; DAUDT, 2019, p. 55). Exemplarmente sobre essa literatura, escritores de língua alemã Yoko Tawada (1960) e Zé do Rock (1956)¹⁸⁰ propõem um olhar para a língua, seu aprendizado e sua constituição, uma vez que se utilizam largamente de neologismos e quebras estruturais das frases, sentenças em outras línguas, em seus textos.

No tocante ao surgimento do termo *Chamisso Literatur* são necessários alguns apontamentos iniciais. Primeiramente, a categoria surge do nome da premiação literária criada exclusivamente para escritores de língua não-alemã na Alemanha, *Adelbert-von-Chamisso-Preis* [Prêmio Adelbert-von-Chamisso]. A expressão configura uma homenagem ao escritor franco-prussiano Adelbert von Chamisso, autor da *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* [História Maravilhosa de Peter Schlemihl¹⁸¹]. A premiação possui dois tipos, uma dada ao escritor **destaque** e outra referente ao **incentivo** à escrita. O prêmio sofreu por parte da classe de escritores críticas de todos os lados ¹⁸², pois justificaria um tratamento diferenciado aos autores de origem não-alemã, evidenciando, assim, um tom paternalista para o prêmio. Não se pode negar, no entanto, que a premiação tinha como objetivo maior a divulgação e fomento desses autores, que no passado estiveram invisíveis para o mercado literário (MÜLLER, 2014, p.11).

A idealizadora da premiação, a Fundação Robert Bosch, esclarece por meio de sua homepage que o interesse da premiação é fomentar as culturas e a pluralidade literária. A premiação começou em 1985 e foi dado o prêmio de incentivo a Rafik Schami. Devido

¹⁸⁰ Ver, por exemplo, ROCK (2002) e TAWADA (2016)

¹⁸¹ A tradução mais conhecida é a de Marcus Vinicius Mazzari, publicada em 2003 pela editora Estação Liberdade. Título traduzido integralmente como “História Maravilhosa de Peter Schlemihl”.

¹⁸² Cf. KEGELMANN, 2010

às críticas, a prêmio se encerrou em 2017 com a premiação a Senthuran Varatharajah e Abbas Khider como destaque. Em 2015, a Fundação agraciou a escritora Olga Grjasnowa. Ilija Trojanow recebeu o prêmio em 2000.

A salvo todas as críticas ao prêmio, é necessária, de todo modo, a reflexão da inserção desses autores no mercado literário ao longo da história e, conseqüentemente, no passado, de receber o maior prêmio da literatura na Alemanha, o *Deutscher Buchpreis* [Prêmio alemão do livro]. Com a série de iniciativas em prol da sensibilização de (i)migrantes no país, tanto na área social, quanto artística, especialmente depois do recebimento em massa de estrangeiros da crise europeia de refugiados, o quadro de incentivo a esses autores com histórico de migração diferencia-se ao de 37 anos atrás, quando o *Chamisso* surgiu. Em 2016 a Fundação Robert Bosch anunciou que a premiação de 2017 seria a última, e a justificativa caminha ao encontro de minha reflexão:

Naturalmente, os autores com histórico de migração estão entre os favoritos para a maioria dos mais de 300 prêmios literários na Alemanha hoje. Isto é confirmado pelos prêmios concedidos a vários ganhadores do Chamisso como o *Deutscher Buchpreis*, diz Uta-Micaela Düring, diretora da fundação Robert Bosch. Muitos desses autores hoje querem ser reconhecidos por suas realizações literárias e não por sua base biográfica¹⁸³

Depois do anúncio do encerramento da premiação, as críticas recaíram, sobretudo, ao título atribuído a carta de encerramento publicado no site da fundação. Trojanow e Schami denunciaram que o “objetivo atingido” tem um afrontoso “tom paternalista”, do qual os autores migrantes precisam recorrentemente se afastar. Trojanow afirma, entretanto, no ensaio publicado juntamente com o escritor José F.A. Oliver para o jornal *Frankfurter Allgemeine*, em 21.09.2016, que “o objetivo” está longe de ser alcançado,

¹⁸³Autoren mit Migrationsgeschichte zählen heute selbstverständlich zu den Favoriten für die meisten der über 300 Literaturpreise in Deutschland. Das belegen die Auszeichnungen zahlreicher Chamisso-Preisträger mit anderen Literaturpreisen wie dem Deutschen Buchpreis", sagt Uta-Micaela Dürig, Geschäftsführerin der Robert Bosch Stiftung. "Viele dieser Autoren wollen heute nur für ihre literarischen Leistungen gewürdigt werden, und nicht wegen ihres biografischen Hintergrunds. Disponível em <https://www.bosch-stiftung.de/de/presse/2016/09/ziel-erreicht-robert-bosch-stiftung-beendet-chamisso-preis> acesso 08/10/2018.

uma vez que “mais de um milhão de refugiados migraram para a Alemanha e, com certeza, produzirão literatura no futuro”¹⁸⁴ (TROJANOW; OLIVER, 2016).

No artigo de Werner Heidermann, intitulado “Literatura Chamisso, a literatura alemã proposta por não-alemães”, de 2016, versa, entre outros, sobre a importância da nomenclatura para o fomento dos escritores, assim como seus escritos devem ser elevados ao nível mundial, como propôs Goethe no passado. O artigo traz a citação de Johann Wolfgang Goethe do livro *Maximen und Reflexionen*, cujo aforismo sobre a força de uma língua residir no estrangeiro, configura uma das bases ideológica para o que cunhou posteriormente de *Weltliteratur*, Heidermann associa o uso da língua alemã por migrantes como abertura para o mundo, pois o emprego de uma denominação específica para tal literatura ratifica sua importância em todos os âmbitos, assim como afirma no trecho:

Conhece-se quase desde sempre o fenômeno do escritor que escreve em um idioma diferente da sua língua materna. Na maioria das vezes, essa constelação reflete fatos biográficos e pessoais, menos que tendências macro-históricas. E aqui reside a diferença, a novidade: a literatura alemã contemporânea escrita por não alemães é significativa em termos qualitativos e quantitativos - de tal maneira que foi dado a ela uma denominação específica. A denominação dessa literatura é “Chamisso-Literatur” (HEIDERMANN, 2016, p. 609).

Na esteira das considerações de Heidermann sobre a abertura para o mundo de uma literatura de base intercultural no que tange ao uso da língua por não-alemães em seus textos literários, é importante levar em consideração que, a priori, o ser humano é um ser *migrante* por natureza. Na bíblia, os peregrinos só poderiam encontrar na migrância a sua *identidade*, sobretudo a partir de viagens pelos desertos. Heródoto, por exemplo, acreditava que o único caminho para o conhecimento de sua cultura era a partir da peregrinação e no conhecimento de outros povos. Goethe, em pleno movimento de militância por uma unificação alemã, defendia a abertura para as ideias de outros países e para o contato com estrangeiros na tentativa de conhecer a sua própria. Isso significa que a abertura já está posta, precisa ser, entretanto, arranjada para que não seja sublimada pela discriminação.

¹⁸⁴ *Die mehr als eine Million Geflüchteten, die nach Deutschland eingewandert sind, werden eine eigene Literatur erzeugen.*

Os escritores mencionados não buscam, necessariamente, se apegar às bases nacionais de uma literatura, mas desenvolvê-la da maneira pelo qual todas as faces culturais e origens possam *pertencer* a ela e representá-la perante o mundo. Olga Grjasnowa, por exemplo, comenta que mesmo que a literatura escrita por migrantes se apegasse a uma tentativa de universalidade, recairia novamente em uma classe restritiva, como no exemplo do termo *World Music*. No trecho, ela critica a categoria literária que comumente é associada e a compara a *world music*, induzindo para uma interpretação seletiva dos termos e, evidentemente, frutos dos locais de onde surgem:

“literatura de migração” é racista, paternalista e também tem muito em comum com *World Music*¹⁸⁵. Até a *World Music* é outra coisa, mas não se sabe bem o quê. Assim *World Music* são sempre as músicas turcas e árabes, que são diferentes do jazz e do blues – eles são universais¹⁸⁶ (GRJASNOWA, 2019, p. 136).

Rafik Schami, por outro lado, se dando conta dessa função enquanto escritor alemão de origem estrangeira, comenta que a saída para a encruzilhada das categorias seria transladar do status *nacional* para o *internacional*:

Os alemães têm variantes feias o suficiente de nacionalismo e não precisam de italiano, árabe, turco, ou “sabe Deus mais o que” para esse nacionalismo de merda. Nossa única chance é tornar-se um cidadão do mundo por meio da perda de nossa pátria, sem renunciar ao nosso próprio rosto.¹⁸⁷ (SCHAMI *apud* TROJANOW p.11)

No livro *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*¹⁸⁸ [Escrever entre mundos: a literatura sem morada fixa], publicado em 2005, o crítico

¹⁸⁵ Apesar de ser um termo um pouco vago, em português pode ser entendida como música tradicional, mas que é conhecida em todo o mundo como sendo pertencente a um lugar específico, algo como a tradição repentista no nordeste do Brasil.

¹⁸⁶ *Die Bezeichnung „Migrationsliteratur“ ist rassistisch, paternalistisch und hat zudem sehr viel mit „Weltmusik“ gemeinsam. Auch Weltmusik ist stets das andere, ohne dass man weiß, weshalb. So sind die türkische und arabische Musik stets Weltmusik, aber Jazz und Blues sind es nicht – sie sind universell.*

¹⁸⁷ *Die Deutschen haben genug hässliche Varianten des Nationalismus und brauchen weder italienischen noch Arabische noch Türkische noch weissderTeufewas für Drecknationalismen. Unsere einzige Chance liegt darin, durch den Verlust der Heimat zu Weltbürgern zu werden, ohne auf das eigene Gesicht zu verzichten.*

¹⁸⁸ Para as formulações do texto, foi usada a versão em alemão. Para a retirada de citações, foi usada a tradução para o português, publicada em 2018 sob o título “Escrever entre mundos:

literário Ottmar Ette comenta que, de fato, essa literatura de escritores de origem não alemã não pode ser incluída simplesmente em uma categorização nacional visto que elas representam às mudanças no paradigma da origem dos escritores, que, para ele, reside no *movimento*. Ette (2005) comenta que estes conceitos referentes às categorias nacionais no campo literário são demasiadamente estáticas e não dão conta de nomear o processo vetorial do evento sem um terceiro espaço: o ‘*third Space*’ na literatura, cujo o domicílio não é fixo.

As *Literaturen ohne festen Wohnsitz* [As literaturas sem morada fixa], como aponta Ette, são, por excelência, os escritos que subvertem as categorias nacionais. A contribuição de escritos com histórico de migração ou até mesmo aqueles que fugiram de seus países por motivos diversos e vagaram em busca de abrigo seguro, sem validação de um Estado nacional, revela, para Ette, as características fluídas e transareais desses escritos. Além disso, as idiossincrasias de tais narrativas, que se equilibram em uma fronteira virtual de categorizações entre o nacional, local e, mundiais exprimem cada vez mais a necessidade de reflexão dos *escritos sem morada fixa*, aos quais autoras e autores oriundos de um contexto de migração e fuga podem ser associados. Na interpretação de Ette,

Especialmente aquelas autoras e autores que se pode atribuir às literaturas sem morada fixa são preferencialmente expostos a processos literários nacionais (e às vezes também estatais nacionais) de **expatriação** (...) Para quem não dispõe de uma morada fixa no território do supostamente "próprio", muitas vezes é difícil escapar de tais mecanismos de exclusão. Porque os atravessadores frequentes de fronteiras (culturais, respectivamente literárias), que às vezes também são chamados de violadores de fronteiras, contrabandistas ou espões, como vagabundos, nômades ou mercenários, como bucaneiros, **refugiados** ou agentes duplos, desde sempre tiveram problemas, como habitantes dos *borderlands*, para serem reconhecidos nos países em que momentaneamente residiam. Por isso, não é de admirar que algo simultaneamente **subversivo e suspeito** facilmente adira também às representantes e aos representantes de uma literatura sem morada fixa - em contraste com as autoras e autores que à primeira vista podem ser atribuídos sem problema a uma única literatura nacional (ETTE, 2018, p. 42 grifo negrito meu)

literaturas sem morada fixa” pela editora da UFPR, pelo grupo de tradutores Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler.

No sentido da fronteira ultrapassada e a característica de uma invisibilidade do habitar nas bordas, no limiar do mundo, Ette (2018) aponta para uma nova ideia do que poderia ser a concepção de *Weltliteratur* nesse contexto: “é um conceito que se localiza inconfundivelmente não só além do estado nacional, mas além da literatura nacional, mesmo que esta continue dispondo de instâncias extremamente importantes de produção, reprodução, distribuição e recepção” (p.40). Sobre a *fundação* desse conceito, que, segundo Müller (2014, p. 8) retornou aos debates críticos literários por conta da temática da globalização no início do novo século, pode-se dizer, sem dúvida, que este conceito de Goethe, de 1827, absolvido dos estudos de Wieland, tornou-se, até os dias atuais sinônimo de cosmopolitismo e intercâmbio cultural (também cf. NITRINI, 2000 e CARVALHAL, 1986).

O discurso da *Weltliteratur* pode ser entendido, em outras palavras, como um conceito de luta contra uma visão historicamente emergida da literatura que queria nacionalizar ou territorializar a um nível nacional. Nesse âmbito, é importante mencionar que, quando o conceito goethiano veio à tona, não havia uma nação alemã – o que só ocorreu em 1871 – e os estados alemães viviam sob o domínio da restauração (MÜLLER, 2014, p. 7-8). Na literatura alemã ainda permanecia o movimento romântico, tão engajado na luta por “unidade” nacional, mas que tendia ao esgotamento. Na época, o termo foi associado ao mercado econômico, quando Marx e Engels propõem em Manifesto do Partido Comunista de 1848, uma *literatura que fosse universalizada* e que pudesse ser *compartilhada entre os povos*, assim como o *Weltmarkt*: “A unilateralidade e limitação nacional estão se tornando cada vez mais impossível, e de literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial¹⁸⁹” (MARX; ENGELS, 1974, p. 38).

Precisamente no sentido de Marx e Engels, pode-se considerar a literatura mundial como representante do intercâmbio de literaturas locais e regionais, concedendo ao conceito *Weltliteratur* o tom cosmopolita. Nessa perspectiva, considera-se que o internacionalismo proposto por Goethe só teve irradiação depois da Segunda Guerra Mundial. Forçado a abandonar seu país devido a perseguição aos judeus intelectuais, exilado na Turquia, onde ficou por 11 anos, Erich Auerbach, por excelência, um escritor transareal, escreve em 1952, o ensaio *Filologia da Literatura Mundial*. Nesse ensaio,

¹⁸⁹ *Die nationale Einseitigkeit und Beschränktheit wird (sic.) mehr und mehr unmöglich, und aus den vielen nationalen und lokalen Literaturen bildet sich eine Weltliteratur.*

Auerbach afirmava não haver mais a ideia de nação associada a uma pertença da literatura, assim, segundo ele, “a nossa pátria filológica é a Terra, já não pode ser a nação” e temia que essa “ecologia literária estivesse ameaçada” (AUERBACH, 2012, p 372).

A partir dessas análises, Franco Moretti, nos anos 2000 elabora o artigo *Conjecturas sobre a literatura mundial*. Nele, o crítico italiano sugere a atualidade do conceito inicial goethiano e afirma que, apesar dos estudos comparados em literatura almejarem esse intercâmbio literário, a literatura comparada não “sobreviveu a esses esboços” (MORETTI, 2000, p.4). Na esteira do debate da globalização, também na literatura, David Damrosch comenta sobre dicotomia existente no conceito da *Weltliteratur*. No seu famoso livro *What is world literature?* (2003), Damrosch (2003, p. 70) comenta que, a literatura mundial tem uma origem que é nacional e daí advém a oposição contraditória do termo, pois surgiu em um contexto em que o nacional deveria ser demarcado por meio de um intercâmbio internacional. O crítico americano comenta ainda que, nessa perspectiva, existe um “West” como modelo de “nossos valores” e um “the rest”¹⁹⁰, que pode ser interpretada como a culturas influenciadas por “nós”.

A pesquisadora Elke Strum-Trigonakis, em 2007, discute os possíveis parâmetros para uma *nova literatura universal* (mundial). Em *Global playing in der Literatur: Ein Versuch über die neue Weltliteratur* (2007) [*Global playing* na literatura: um ensaio sobre a literatura mundial], ela menciona que as formas literárias ditas “híbridas”, “marginais” e “regionais” de migrantes podem ser consideradas anárquicas na forma, conteúdo e estrutura. Por esse motivo, essas literaturas escritas por migrantes e refugiados devem ser distinguidas, devido a sua essência transnacional, fluidez de espaços e subversão, das literaturas nacionais, das literaturas pós-coloniais, da literatura das migrações e, de todo modo, diferente daquela que se chamou de literatura da globalização.

A convicção de que a literatura leve um nome que seja qualificada e submetida a uma classificação, não deve reduzi-la de forma alguma as categorias aos quais foram inseridas. Seja como for, a ideia de que a literatura escrita por migrantes, sobretudo de refugiados, efetua, indubitavelmente, o exercício da práxis subversivas das constituições padrões nacionalizados. Com isso se pensarmos na diegese dos romances e escritos poéticos no geral publicados sobre a temática, esbarramos em um traço comum, sobre o qual gostaria de tecer algumas linhas: a linha política e/ou engajada na qual as narrativas

¹⁹⁰ Também comentado por Müller, 2014.

são inseridas. De fato, o tom educativo e de ideias moralizantes, bem como as narrativas de dor e escancaramento dos desmandes do estado, intrínseco no tocante ao assunto de refúgio, fuga, migração em si, efetuam nuances instrutivas. Há de se fazer uma distinção, nesse sentido, à época histórica em que os romances foram publicados, em todo caso, porém, os textos trazem tons denunciativos que configuram novamente distinções.

Nos romances de Khider e Varatharajah, em algumas entrevistas e ensaios, seus escritos foram considerados com o tom educativo, típico de narrativas engajadas do passado, em que se cunhou o termo literatura política, não apenas pelo contexto em si, mas reside na intenção de evidenciar a temática do ponto de vista daquele que sofre, visando o aprendizado a partir da leitura dos acontecimentos descritos de modo realista. No artigo de Heselhaus (2017), em que analisa o romance *Ohrfeige* de Abbas Khider, da perspectiva transcultural, a consideração de que a narrativa tenha nuances didáticas, reside, além disso da temática em si, na narração majoritária dos problemas encontrados na chegada na Alemanha, sob o ponto de vista do refugiado:

este romance permite a muitos leitores alemães um primeiro encontro surpreendente e muito informativo com as preocupações, medos e a vida cotidiana dos refugiados e requerentes de asilo que vieram para a Alemanha, podendo assim servir como uma ponte didática e informativa nesta fase crítica da imigração. Esta é uma das razões pelas quais o romance se restringe aos encontros de Karim Mensy na Baviera em sua representação de constelações transnacionais e pula a hipotética longa rota terrestre para o país anfitrião posterior¹⁹¹ (Heselhaus, 2017, p. 49).

Na consideração de Heselhaus, o fato do personagem Karim não narrar detalhes de sua viagem posterior para a Finlândia denuncia o ideal de manter o foco nos problemas e dificuldade na Alemanha, na sua partida, chegada e desenvolvimentos frutados. Evidentemente, o romance traz o ponto de vista em primeira pessoa de Karim que narra a complexa corrida (e demorada.) na busca de asilo. O romance, considerado de “humor

¹⁹¹ *Insofern ermöglicht dieser Roman vielen deutschen Lesern auch eine überraschende und sehr informative erste Begegnung mit den Sorgen, Ängsten und Alltäglichkeiten der nach Deutschland eingereisten Flüchtlinge und Asylsuchenden, und kann somit eine didaktische, informative Brückenfunktion in dieser kritischen Phase der Zuwanderung einnehmen. Auch deshalb beschränkt sich der Roman in der Darstellung transnationaler Konstellationen auf Karim Mensys Begegnungen in Bayern und überspringt (...) ins spätere Gastland.*

malicioso” (HEINRICH, 2016) revela momentos em que Karim ratifica a alegação, por exemplo, de que os refugiados sejam uma categoria de segunda classe, “como lixo”:

Somos todos como os produtos estrangeiros sem sabor e baratos que você encontra no Aldi e no Lidl. Somos transportados para cá por caminhão como bananas ou gado, alinhados, classificados, divididos e vendidos a preços baixos. O que sobra vai para o lixo¹⁹² (KHIDER, 2016, p. 216)

Na passagem, Karim visita seu amigo do *Asylheim* Rafid que foi internado em uma clínica psiquiátrica, frente a ausência de reação do amigo, Karim resolve fazer um resumo para ele do que “viveu até aqui”, na esperança de obter uma atitude de Rafid, mas sem sucesso, assim o trecho opera como um monólogo triste em que Karim, novamente, não consegue ser ouvida, nem ao menos na sua língua, com os seus. No trecho, Karim reflete sobre sua condição e transmite, não apenas ao leitor, mas para a opinião pública, como os refugiados se sentem e, evidentemente, o fato de o próprio autor ter a mesma história de fuga e ter compartilhado no passado as mesmas dificuldades que Karim, efetua, de modo geral para o leitor comum a força didática do romance. Se sentir como um produto estrangeiro barato em supermercados de má reputação realiza o sentido em várias esferas, a primeira está relacionada ao modo de transporte em que muitos refugiados chegam à Alemanha, em caminhões de carga, escondidos, assim como Karim e o próprio autor, a segunda aos trabalhos informais mal pagos a que precisam se submeter muitos refugiados, a terceira sobre o descarte, no caso, a deportação.

No subtítulo da matéria sobre o livro com o autor, Kaspar Heinrich atenta sutilmente que a temática do livro de Khider aproveita da oportunidade em meio a “crise” para evidenciar como os refugiados se sentem: “A Alemanha está discutindo sobre a crise dos refugiados, Abbas Khider escreve como os refugiados se sentem: Em seu romance,

¹⁹² *Wir sind alle wie die geschmacklosen und billigen Produkte aus dem Ausland, die man bei Aldi und Lidl finden kann. Wir werden mit dem Lastwagen hierhergeschleppt wie Bananen oder Rinder, werden aufgestellt, sortiert, aufgeteilt und billig verkauft. Was übrig bleibt, kommt in den Müll.*

um jovem migrante amarra a oficial do escritório de imigração para que ela finalmente o ouça¹⁹³”. (HEINRICH, 2016).

Logo após a sua publicação, o romance de Grjasnowa recebeu duras críticas, o tom de algumas delas recaiu na ideia de abandono das formas estéticas literárias em prol de um didatismo. Por isso, a obra de Grjasnowa mereceu um olhar um pouco mais longo nesta análise, visto que foi severamente julgada por resenhistas. O correspondente literário Richard Kämmerlings, do jornal alemão *Die Welt*, atribui a sua matéria e entrevista com a autora o subtítulo: “o retorno da literatura engajada: o novo romance de Olga Grjasnowa narra sobre a guerra civil na Síria e os horrores da fuga. Encontro com uma escritora destemida¹⁹⁴”. A obra de Grjasnowa imerge na temática de fuga, na crise dos refugiados na atualidade e na Primavera Árabe e, segundo a afirmação do crítico, esse *tipo* de literatura teve seu apagamento em algum momento da história e recentemente pôde-se ver sua volta, segundo ele.

Kämmerlings pergunta a Grjasnowa sobre o tom manipulador que o pareceu a história como um todo no que diz respeito à iniciativa de dar visibilidade à categoria que, em 2015, sofria discriminação de toda a parte. Dar voz aos refugiados e os converter em pessoas com vidas normais –até mesmo pessoas privilegiadas na sociedade - que são forçadas a sair em busca de um lugar seguro, em meio a situações perigosas e degradante, provoca no leitor, sem dúvida, a compaixão. Da mesma maneira que a redação – quase jornalística – na descrição dos acontecimentos, dura e clara, detalhista, atribui ao romance uma responsabilidade moral. Grjasnowa diz que a narrativa “visa o maior efeito possível” (..), “Eu também quero manipular. Isso está claro” e completa: “Quero que o leitor pense que por trás de cada número existe uma pessoa com uma história¹⁹⁵”. Por isso, a linguagem dura do romance, em que não há timidez, mas a descrição violenta, dura e cruel dos acontecimentos, como se ver nos dois trechos a seguir:

¹⁹³ *Deutschland streitet über die Flüchtlingskrise, Abbas Khider schreibt, wie sich Flüchtlinge fühlen: In seinem Roman fesselt ein junger Migrant die Beamtin in der Ausländerbehörde, damit sie ihm endlich zuhört.*

¹⁹⁴ *Die Rückkehr der engagierten Literatur: Olga Grjasnowas neuer Roman erzählt vom Bürgerkrieg in Syrien und den Schrecken der Flucht. Begegnung mit einer furchtlosen Schriftstellerin.*

¹⁹⁵ *Ich will auch manipulieren. Das ist klar“, sagt Olga Grjasnowa. Der Leser soll denken, „dass hinter jeder Nummer ein Mensch mit einer Geschichte steckt.*

Amal a coloca para que ela possa cuspir o sangue. Ela revira os olhos, seu braço direito estremece, ela perde mais sangue, e então seus olhos de repente se voltam para dentro, a vida morrendo. Seu corpo ainda está quente. Amal é dominado por um enorme sentimento de impotência, ela abandona o corpo sem vida para a multidão que se reuniu ao seu redor e anda rapidamente para fora dali. Ela não anda, ela corre, sem nem pensar para onde - o importante é sair¹⁹⁶ (GRJASNOWA, 2017, p. 20)

Doenças que se pensava terem sido erradicadas também estão voltando – poliomielite, febre tifóide e cólera. Hammoudi não pode fazer nada contra elas. Ele vê crianças morrendo de resfriados comuns. Todos, inclusive ele, tosem. E todos estão enervados - pelas casas destruídas, pelas doenças, pelas bombas, pelo frio e pela fome. A maioria está apenas esperando para morrer¹⁹⁷ (GRJASNOWA, 2017, p.106).

Na primeira passagem, Amal está em uma das primeiras manifestações em Damasco em que foi usada violência, no início da Primavera Árabe. Uma mulher é atingida por uma arma de fogo, cuja bala ninguém sabe de onde veio, Amal foi socorrê-la, mas sem sucesso. No segundo trecho, Hammoudi é um dos últimos a deixar a cidade devastada pela guerra civil de Deiz az-Zour e resiste trabalhando no hospital improvisado, até recorrer a fuga. Nesses excertos, se pode ter uma ideia da linguagem de *GnS*. Wiebke Porombka em sua resenha do romance para o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, em 11.05.2017, comenta que a estratégia da narração soa “como se ela se proibisse de diluir a crueldade com sentimentalismo, como se ela ficasse ruidosa e clara por si mesma.”¹⁹⁸ (POROMBKA, 2017). Nessa mesma linha, a crítica literária Frauke Meyer-Gosau se posiciona em sua crítica ao romance, publicada no jornal *Süddeutsche*, quando afirma que “provavelmente não havia outra maneira senão contar essas histórias de sofrimento de

¹⁹⁶ *Amal setzt sie auf, damit sie das Blut ausspucken kann. Sie rollt mit den Augen, ihr rechter Arm zuckt, sie verliert noch mehr Blut, und dann wenden sich ihre Augen plötzlich nach innen, das Leben erlischt. Ihr Körper ist noch warm. Amal überfällt das Gefühl der absoluten Sinnlosigkeit, sie überlässt den leblosen Körper der Menge, die sich mittlerweile um sie versammelt hat, und geht schnell weg. Sie geht nicht, sie rennt, ohne auch nur darüber nachzudenken, wohin – Hauptsache, fort.*

¹⁹⁷ *Auch Krankheiten, die man längst besiegt glaubte, kehren zurück – Polio, Typhus und Cholera. Hammoudi kann nichts gegen sie ausrichten. Er sieht Kinder, die an einfachen Erkältungen sterben. Alle, auch er, husten. Und alle sind entnervt – von den zerstörten Häusern, von den Krankheiten, den Bomben, von der Kälte und dem Hunger. Die meisten warten nur noch auf den Tod.*

¹⁹⁸ [...] *als würde sie sich verbieten, das Grausame durch Rührseligkeit zu verwässern, als sollte es klirrend und klar für sich stehen.*

uma maneira extremamente simples e literariamente marcante”¹⁹⁹ (MEYER-GOSAU, 2017). Barbara Bräutigam, no livro *Fluchtgeschichten: Literarische Begegnungen mit Flucht und Migration* [Histórias de Fuga: Encontros Literários com Fuga e Migração] justifica que, mesmo que gere grande desconforto para os leitores, a “linguagem muitas vezes fria (álgida) e sugestivas imagens de sofrimento cumulativo são um grande incômodo para os leitores e as leitoras”²⁰⁰ (BRÄUTIGAM, 2019, p. 42). Entretanto, se analisarmos a linguagem do romance na perspectiva do Alcorão, cuja passagem nomeou o livro de Grjasnowa, pode-se compreender que a frialdade da linguagem é, ao mesmo tempo, uma tentativa de evidenciar imparcialidade em relação ao narrado, como em um documentário, mas também se relaciona a linguagem *não-tímida* de deus com os seus fiéis, sobretudo na linguagem dura do alcorão.

Na entrevista concedida ao crítico literário Denis Scheck em 08.05.2017 para o programa literário *Druckfrisch* do canal ARD, Grjasnowa conta que a precisão da descrição das situações apresentadas no romance foi alcançada graças à pesquisa jornalística, ou seja, por meio de busca em arquivos, documentários e entrevistas. Embora a autora tenha visitado os locais dos quais os refugiados, predominantemente, partem, como o Líbano, a Turquia e a Grécia, ela não esteve na Síria. Scheck enfatiza que “Olga Grjasnowa é a melhor coisa que poderia ter acontecido à nossa literatura”²⁰¹.

Na resenha do jornalista Tomasz Kurianowicz, publicada no jornal *Zeit online* em 10.07.2017, sob o título *Einfach zu gut* [Simplesmente bom demais], a crítica consiste na ideia negativa de que o romance negligencie as formas literárias em prol de um mero engajamento, sobretudo no que se refere à composição dos protagonistas, como no comentário sobre o protagonista Hammoudi:

É claro que ele é bem educado, é claro que é cirurgião, obviamente é um cirurgião, como é óbvio que ele usa suas habilidades médicas para toda a população (sim, também para os membros do ISIS). Ele é inteligente, carismático e tão perfeito que perde todas as feições humanas²⁰². (KURIANOWICZ, 2017).

¹⁹⁹ [...] *wahrscheinlich war es gar nicht anders möglich, als diese Leidensgeschichten auf extrem zurückgenommene, literarisch auffallend schlichte Art zu erzählen.*

²⁰⁰ *ist in seiner oftmals unterkühlten Sprache und in den angedeuteten Bildern von kumulativem Leid eine ziemliche Zumutung für die Leser*innen.*

²⁰¹ *Olga Grjasnowa ist das Beste, was unserer Literatur passieren konnte.*

²⁰² *Natürlich ist er gut gebildet, natürlich ist er Chirurg, wie selbstredend setzt er sich, als der Bürgerkrieg beginnt, mit seinen medizinischen Fähigkeiten für die gesamte Bevölkerung ein*

De fato, o personagem Hammoudi opera como um exemplo, no qual evidenciar como sofrem os refugiados parece ser o único propósito, sobretudo se avaliarmos o modo de sua morte: em uma explosão provocada por um ataque neonazista no centro de acolhimento de refugiados nos arredores de Berlim, em que esperava por asilo (GRJASNOWA, 2018, p. 306). Hammoudi também é gradualmente convencido a auxiliar os manifestantes, seu engajamento contra o regime da Síria caracteriza-se pela atuação como médico no hospital improvisado no porão. Ele ilustra no romance a figura dos grupos de Capacetes Brancos²⁰³, socorristas civis sírios nas zonas de conflito. A tentativa de evidenciar esse sofrimento também se ilustra na descrição da morte de Hammoudi, apresentada por meio de um narrador onisciente que antevê o que parece óbvio no perfil de um senso comum: “O jornal local irá relatar que só houve uma única vítima”²⁰⁴. A escolha do advérbio “só” [*nur*] e do adjetivo “único” [adv. *einzig-*] exerce o alívio em relação ao número *baixo* de mortos, mas mascara a consideração com a vida perdida, pois, além disso, “sobre ele os leitores não irão saber nada, além de sua idade e sua nacionalidade”²⁰⁵. Com essa previsão, o narrador opera como mediador de tensão, direcionando a opinião para a empatia e a atenção à máxima de que “todas as vidas importam”. Kurianowicz menciona, nesse sentido que os personagens não parecem progredir no romance. Ele alega que não é possível ter acesso aos personagens, pois eles apenas sofrem, e não hesitam ou duvidam das suas escolhas. Sobre a protagonista Amal, ele comenta que “sucessivamente se consolida a impressão de que Amal não configura uma personagem, mas trata-se de um exemplo para um modelo pedagógico”²⁰⁶ (KURIANOWICZ, 2017).

Sob uma perspectiva mais branda que a de Kurianowicz, Wiebke Porombka do *Frankfurter Allgemeine* compara a narrativa de Grjasnowa, as narrativas do exílio publicadas durante a segunda guerra, conhecidas pelo conteúdo político e engajado: “Há algumas décadas, as rotas de fuga eram em outras direções, e eram as vítimas de outros

(ja, auch für die IS-Mitglieder!). Er ist smart, charismatisch und derart perfekt, dass er jedes menschliche Antlitz verliert.

²⁰³ A história dos Capacetes Brancos foi contada no documentário de mesmo nome em 2016. Vencedor do Oscar de melhor documentário de curta metragem em 2017.

²⁰⁴ *Die Lokalzeitung wird später berichten, es habe nur einziges Opfer gegeben.*

²⁰⁵ *Über ihn selbst werden die Leser nichts erfahren, außer seinem Alter und seiner Nationalität.*

²⁰⁶ *Sukzessiv verfestigt sich der Eindruck, dass es sich bei Amal um keinen Charakter handelt, sondern um eine Folie für ein pädagogisches Modell.*

regimes violentos que tinham que deixar tudo para trás para, pelo menos, manter suas vidas”²⁰⁷ (POROMBKA, 2017). Nessa comparação, é inevitável a aproximação de *GnS* – e também das narrativas de Khider (tema) e Varatharajah (na forma do romance: dois refugiados, conversa) – do movimento literário do exílio das décadas de 1930-1940, sobretudo porque o livro traz citações de leituras e autores dessa época.

No trecho em que Amal, na cidade de Izmir, na Turquia, aguarda seu embarque para iniciar a jornada pelo mar Mediterrâneo rumo a algum país da Europa, retira de sua mala dois livros trazidos de Damasco: *Die Nacht von Lissabon*²⁰⁸ (1962) [a noite em Lisboa] de Erich Maria Remarque (1898-1970) e *Transit*²⁰⁹ [Trânsito], de Anna Seghers (1900-1983) (GRJASNOWA, 2018, p. 230). As relações presentes ao momento histórico das fugas e exílios do período nacional socialista alemão no romance de Grjasnowa não se atribuem apenas à menção destes dois livros clássicos da época e à fuga de comandos brutais. Como abertura da parte III do romance há a famosa citação de Bertold Brecht em *Flüchtlingsgespräche* [Conversa de refugiados], publicada em 1956:

O passaporte é a parte mais preciosa do ser humano. Ele não surge tão facilmente como um ser humano. Um ser humano pode surgir em qualquer lugar, da maneira mais imprudente e sem razões sensatas, mas um passaporte nunca. Por isso ele também é reconhecido quando ele é bom, enquanto um ser humano pode ser muito bom, mas ainda assim não ser reconhecido²¹⁰. (GRJASNOWA *apud* BRECHT, 2017, P. 277)

O trecho denuncia a valorização do passaporte em detrimento da pessoa humana, na satisfação dos interesses nacionais; o passaporte opera como uma unidade valiosa do ser humano, tanto que se torna parte dele. O personagem Hammoudi morava e trabalhava em Paris quando seu passaporte perdeu a validade. Ao tentar renová-lo na Síria, sem qualquer explicação das autoridades, não lhe foi permitido deixar o país, apenas, segundo

²⁰⁷ *Noch vor ein paar Jahrzehnten verliefen die Fluchtrouten in andere Richtungen, waren es die Opfer anderer Gewaltregimes, die alles zurücklassen mussten, um wenigstens ihr Leben zu behalten.*

²⁰⁸ Foi encontrada apenas uma tradução para o português brasileiro publicada pela editora Record em 1964, não foi possível, porém, encontrar o nome da/o tradutora.

²⁰⁹ No Brasil, a tradução mais conhecida de *Transit* é da edição da Paz e Terra que foi publicada sob o título *Em trânsito* da tradutora Marijane Lisboa.

²¹⁰ *Der Pass ist der edelste Teil von einem Menschen. Er kommt auch nicht auf so einfache Weise zustand wie ein Mensch. Ein Mensch kann überall zustandkommen, auf die leichtsinnigste Art und ohne gescheiten Grund, aber ein Pass niemals. Dafür wird er auch anerkannt, wenn er gut ist, während ein Mensch noch so gut sein kann und doch nicht anerkannt wird.*

a agência de segurança síria: “por precaução” (GRJASNOWA, 2017, p. 25). Sabendo da possibilidade da perda de seu passaporte na viagem pela Mediterrâneo, Amal amarra-o no seu corpo. Entretanto, quando o seu bote não comportou o elevado número de pessoas e sucumbiu no mar, Amal o perde.

Em associação da motivação política da partida de ambos momentos a correlação dos refugiados atuais e os do passado é inevitável. As duas categorias procuram abrigo, longe da perseguição, tortura e morte e vagam à procura de documentos que os atestem como pessoas e do reconhecimento de suas urgências de aporte. A própria autora comenta sobre a valorização do documento e, no seu caso, as duas histórias de fuga estão também ligadas ao seu passado: “Eu o consegui porque minha família foi quase exterminada pela Wehrmacht²¹¹ e a imigração judaica foi tolerada na década de 1990. O passaporte alemão consiste em algumas folhas de papel e uma sobrecapa vermelha²¹² (GRJASNOWA, 2019, p. 132).”

Na menção ao livro de Anna Seghers, pseudônimo para Netty Reiling, é necessário tecer alguns comentários sobre as possíveis aproximações. Escrito durante o exílio no México entre os anos de 1941 e 1942 - a princípio publicado em 1944 em inglês e espanhol e, apenas em 1948 em alemão -, o romance *Transit* [Trânsito] constitui-se, primordialmente, de um realismo narrativo. Conforme Andrade (2014), esse realismo consiste em uma peculiaridade “sistematicamente recorrente” (p. 104) nas obras categorizadas ao movimento literário da *Exilliteratur*, assim como o posicionamento político-ideológico contra o nacional-socialismo. Segundo ela, a narração nesses moldes corresponde ao que Georg Lúkacs (1968) descreve em seu artigo “Narrar e descrever?": “os novos estilos, os novos modos de representar a realidade, não surgem apenas de uma dialética imanente das formas artísticas; todo novo estilo surge como uma necessidade histórico-social da vida e é um produto necessário da evolução social” (LUKÁCS *apud* ANDRADE, 2014, p. 104). A *necessidade de dizer* como marca de uma demanda em prol do desenvolvimento social na forma literária, enquanto arte, consolida a narração da realidade. Nesse cenário, a narrativa realista de Seghers recorre a inevitabilidade dos fatos narrados como se tivessem vida própria em uma premência do narrar. Anna Seghers

²¹¹ [forças de defesa] Forças de defesa das Alemanha Nazista.

²¹² *Ich bekam ihn, weil meine Familie von der Wehrmacht fast ausgerottet und die jüdische Zuwanderung in den 1990ern toleriert wurde. Der deutsche Pass – das sind einige Blätter Papier und ein roter Schutzumschlag*

trocava cartas com o crítico Lukács e em uma destas cartas afirma que a *função* do romance nos tempos atuais é transmitir a realidade dos fatos²¹³ (ROMERO, 2020, p. 201).

Nas linhas de *Transit*, o leitor se depara com um narrador em primeira pessoa, inicialmente sem nome, um jovem judeu que fugiu de um campo de concentração alemão em 1937. Ele procura um homem, mas descobre no meio do caminho que ele cometeu suicídio, com a maleta de cartas dele que deveria ser entregue a mulher dele em Marsella, na França, o homem que ficou conhecido como Seidl, depois de achar um documento perdido e assumir este nome. Nesse caminho, ele conhece muitos refugiados e exilados e se depara com as temáticas que ele mesmo vivencia: a busca por passaportes e autorizações de moradia, a vida em uma rota de fuga, o medo de ser um apátrida e, no geral, a luta pela sobrevivência. A trama é contada do ponto de vista do refugiado, em primeira pessoa. A trama é narrada de uma perspectiva bastante pessoal e se destina a leitura a uma pessoa muda. Do narrador em si não se consegue saber muito no transcórre da narração, se sabe apenas que ele é um refugiado político e ganhou o nome de Seidl. Ele está em Marselha e comenta que teve uma oportunidade perdida para fugir em um navio e se exilar em um lugar seguro. Por trás das razões pelas quais ele não pode embarcar no navio, está uma história de amor com a jovem “Marie” e ele conheceu no porto de Marselha, dela ele sabe apenas que ela é esposa de um escritor. Na verdade, o leitor tem a oportunidade de saber ao longo da história que Marie procura por seu marido, o escritor Weidel – de quem o leitor sabe ser quem Seidl procura – que ela não sabe que está morto, pois também gostaria de emigrar e acredita estar no encontro do marido a única possibilidade disso.

A narrativa de dor de Seghers e a descrição detalhada da luta dos refugiados judeus pela sobrevivência, a busca por um lugar seguro, a validação jurídica de sua condição ou do acolhimento em algum país a salvo da perseguição se assemelha, sem dúvida, às histórias das viagens realizadas pelos refugiados dos anos 2000 e, acima de tudo a dor, violência e burocracia narrada por trás disso. Nesses escritos, a liberdade está associada à continuidade da vida. A exposição das realidades compostas nos romances, a

²¹³ Anna Seghers trocou muitas cartas com personalidades intelectuais da época, até mesmo com a escritora brasileira Zélia Gattai e seu marido Jorge Amado. Nessas cartas ela expressava ideias sobre arte e literatura, no projeto que chamava “Cartas ao Brasil”, parte de um outro grande projeto “Cartas entre Oriente e Ocidente”, do qual também trocava cartas com o poeta chileno Pablo Neruda. Com a sua volta à Alemanha, ela continuava a manter contato com os autores latinos, sobretudo com os Amados (ROMERO, 2020, p. 204).

brutalidade dos acontecimentos e a aridez de como são retratadas, traveste, segundo visão de Seghers, a incumbência de um artista em tempos sombrios como o da guerra. Como aponta Hilmes e Nagelschmidt na introdução no “Manual Anna Seghers: Vida – Obra – repercussão” [*Handbuch: Leben – Werk – Wirkung*] Anna Seghers costuma interpor sua obra literária, principalmente em passagens finais, “o sentimento de esperança por algo melhor que aponta a um futuro distante²¹⁴”(2020, p.62).

No ponto esperançoso dos romances de Seghers, que, de alguma forma, carregam a ideia exemplar de um ensinamento a partir do descrever da dor e dificuldade e impotência perante a lei quanto à validação do indivíduo no Estado-Nação, se vê pontos em comuns com as *narrativas do partir* dos tempos atuais. Evidentemente, resguardados os contextos históricos e, particularmente a disposição de recursos, experiências do passado brutal dos refugiados e apátridas da segunda grande guerra, as narrativas se aparentam em temas fundamentais.

Ao entrelaçar as questões da memória e ao entrar em acordo com debates altamente atuais sobre os direitos de asilo e residência (...) A pesquisa em literatura do exílio, que nesse sentido busca abrir seus olhos para além do exílio de 1933 a 1945 para as narrativas atuais do exílio, não se preocupa de forma alguma em sobrescrever a experiência histórica do exílio. Ao enfatizar as conexões atemporais entre diferentes situações de exílio e, assim, tentar tornar o exílio histórico legível como a pré-história dos conflitos e experiências de deslocamento de hoje, ela contribui decisivamente para manter viva a memória dos autores que fugiram dos nacional-socialistas também para gerações futuras²¹⁵. (NARLOCH; DICKOW, 2014).

²¹⁴ *Anna Seghers vermittelt oft in ihren literarischen Texten, vor allem in deren Schlusspassagen, das Gefühl einer Hoffnung auf Besseres, die in eine ferne Zukunft weist. O manual não dispõe de uma tradução em português.*

²¹⁵ *Indem er Fragen der Erinnerung und Aufarbeitung mit hochaktuellen Debatten um Asyl und Aufenthaltsrecht verschränkt, plädiert Rabinovici ausdrücklich dafür, die historischen und gegenwärtigen Konstellationen, die zu Verfolgung und Vertreibung geführt haben, nicht weiterhin isoliert voneinander zu betrachten. Einer Exilliteraturforschung, die ihren Blick in diesem Sinne über das Exil 1933 bis 1945 hinaus für gegenwärtige Exilerzählungen zu öffnen sucht, geht es dabei keinesfalls um ein Überschreiben der historischen Exilerfahrung. Indem sie die überzeitlichen Verbindungslinien zwischen verschiedenen Exilsituationen betont und so das historische Exil als Vorgeschichte heutiger Konflikte und Entortungserfahrungen lesbar zu machen sucht, trägt sie vielmehr entscheidend dazu bei, das Gedenken an die vor den Nationalsozialisten geflohenen Autorinnen und Autoren auch für kommende Generationen wach und lebendig zu halten.*

No arcabouço da história literária, essa literatura política ou politicamente engajada pautou-se em diversas frentes. Se por um lado o engajamento na literatura exerceu um papel moral e ético no comprometimento, sobretudo, com as causas sociais e denúncias de injustiças, por outro, viu-se descredibilizada, em alguns momentos, justamente por esta afiliação e envolvimento político²¹⁶. O termo *Tendenzliteratur*²¹⁷ ou literatura partidária - que aparece, na Alemanha, no período da Alemanha jovem (*Junges Deutschland*) e *Vormärz* - involucra o ato literário em uma intenção propagandística de uma direção política, moral ou ideológica. As literaturas propositalmente escritas sob este direcionamento, de uma forma ou de outra encontraram resistência no contexto da recepção crítica literária, configurando um valor depreciativo ao termo²¹⁸.

O livro *Politische Literatur: Begriffe, Debatten, Aktualität* [Literatura Política: Conceitos, Debates, Atualidade], organizado pelos pesquisadores da Universidade de Erlangen-Nürnberg Cristiane Lubkoll, Manuel Illi e Anna Hampel, reúne trabalhos sobre o tema discutidos na ocasião do Congresso de mesmo nome realizado em 2017. O ponto principal da coletânea é refletir sobre a literatura política do presente e revisitar conceitos sobre a temática no campo literário. Nesse sentido, é natural pensar nos momentos histórico-literários envolvidos em posições políticas, entremeados a uma dita literatura política, como um retorno a uma antiga querela sobre a autonomia na arte e dicotomias como “estética *versus* política; engajamento *versus* autonomia — discutidas, principalmente, por Jean-Paul Sartre e Theodor Adorno”, como elucida Lubkoll, Illi e Hampel (2018, p. 5) na introdução da antologia.

No livro *Que é a literatura?* (2004) Sartre aponta um engajamento político das obras não banalizado, que Adorno, entretanto, refuta em alguns pontos em seu ensaio intitulado *Engagement*, publicado em *Notas de Literatura*, de 1958. No texto, Adorno discute as teorias de engajamento propostas por Sartre e as entende, segundo Pedro

²¹⁶ Sobretudo os textos considerados tendenciosos como os dos debates de 1968. (cf. GEITER, 2016, p.19)

²¹⁷ Manteve-se o termo na língua de origem, pois não se achou melhor sentença, visto que se traduzido para “Literatura tendenciosa” poderia se agregar sentido extremadamente pejorativo que, apesar do termo em alemão carregá-lo de alguma forma, não se teria a mesma equivalência.

²¹⁸ No ensaio “O autor como produtor”, texto originado da Conferência no Instituto para Estudo do Fascismo proferida em 1934, Walter Benjamin critica o tipo de literatura de tendência focada no abastecimento de um aparelho produtivo e não em sua modificação, diz que “abastecer um aparelho reprodutivo sem ao mesmo tempo modificá-lo, na medida do possível, seria um procedimento altamente questionável mesmo que os materiais fornecidos tivessem uma aparência revolucionária” (BENJAMIN, 1996, p. 128).

Mandagará (2017), como um sentido propagandístico, “de compromisso político explicitado” (MANDAGARÁ, 2017, p. 48) e defende que tal movimento feriria a possibilidade de livre escolha, “que está implícita no engajamento sartreano”. Como aponta Mandagará, no entanto, Sartre foi entendido de maneira errônea e não defendia um engajamento político que limitasse a liberdade do autor, “como acontece em obras de arte transformadas em panfleto, mas, sim, um engajamento cuja função seja ampliar essa liberdade” (2017, p. 47). Renato Janine Ribeiro (2018) compartilha dessa interpretação, pois afirma que o engajamento defendido por Sartre não se relaciona necessariamente à implicação de um engajamento intelectual, mas em assumir “algum tipo de pertencimento, ou uma ação, em que se jogam os valores”, conecta-se, sobretudo, com a ideia de tomada de posição do autor. Apesar de, como acreditava Sartre, estarmos sempre engajados, mesmo que a escolha do autor não seja de contextualizar politicamente em um texto, há também aí um engajamento, dado que esta escolha advém de sua “política, sua visão do mundo, sua posição frente aos problemas do mundo”. Janine Ribeiro exemplifica que, “se um autor decide, por exemplo, na ocupação nazista na França, na segunda guerra, fazer arte pela arte”, pressupondo uma autonomia, a ação em si configura “uma tomada de posição, de submissão à dominação nazista” (2018), pois, segundo ele, no entendimento sartreano não há escolha entre a arte engajada e não engajada, sempre há o engajamento, mesmo a ideia de não se engajar já pressupõe um engajamento.

Diante dessas considerações, se entendermos esses critérios como uma funcionalidade da literatura “do presente” e de sua subscrição no “modo real de vida”, concluiríamos que se alcançou o resultado de seu engajamento. Nesses termos, entretanto, não se pode dizer que a literatura do exílio pressupõe um engajamento: entende-se, que, em grande parte, a literatura do exílio se volte às discussões de temas políticos, podendo ser, assim, considerada política. Nesse âmbito, é necessário entender o que se entende por política na literatura, para tanto, creio que as contribuições recentes de Jacques Rancière possam trazer luz ao tema.

No ensaio *Política da literatura*, Jacques Rancière (2016) publicado originalmente em 2007, a literatura deve lidar com a política em sua composição, pois, em termos de uma “política da literatura”, o engajamento pessoal dos escritores ou em movimentos políticos não dizem respeito à introdução de alguma temática de cunho político na literatura. Em contrapartida, a expressão implica que, na verdade, a literatura

se ocupe praticamente o tempo todo de política, dado que, em consonância com Sartre, mesmo o escritor que escolhe a “própria pureza [da literatura] tem já a ver com a política” (RANCIÈRE, 2016, p. 1). Para ele, a literatura configura, por meio de sua intervenção “na decupagem dos espaços e dos tempos, do visível e do invisível, da palavra e do ruído” (2016, p. 2), como um meio de ingerência da relação “entre as práticas das formas de visibilidade e dos modos de dizer que recortam um ou vários mundos comuns” (2016, p. 2). Nesse sentido, ele acredita que a literatura apresenta a visão de mundo e apresenta a maneira “pela qual o mundo nos é visível, pela qual este visível se deixa dizer e as capacidades e incapacidades que se manifestam disso” (2016, p. 4).

Nesse caso, parece estar claro que a ideia de uma literatura política (ou literatura engajada, como queria Sartre) não está necessariamente focada em seu conteúdo ou “em um posicionamento pragmático”, mas “se apresenta por meio do trabalho na linguagem”, na forma literária, “de um procedimento crítico do discurso ou de estruturas subversivas. Ambas as dimensões podem penetrar uma na outra, mas não necessariamente”²¹⁹ (LUBKOLL; ILLI; HAMPEL, 2018, p. 7). Sem dúvida, se pensarmos apenas em termos de uma literatura prática, funcional, recairíamos nos pressupostos já superados “[d]as noções de utilidade, de finalidade (*télos*) da literatura, defendida por Platão, Aristóteles e Horácio” (CANDIDO DE PAULA, 2011, p. 4) que propõem uma inserção de uma filosofia moral na literatura visando à sua aplicação prática na sociedade. Não há, nesses termos, uma insipiência da importância das construções literárias enquanto produções artísticas, pois entende-se que — amparada, sobretudo, na noção de que a literatura é o próprio solo da ficção — e é apenas através dela, enquanto na arte de ficcionalizar, que podemos “instituir uma ética literária capaz de movimentar as histórias ancoradas nos cárceres anônimos dos sujeitos ‘comuns’ e alcançarmos uma circulação em momentos desprovidos de sacralização aurática” (OLIVEIRA; BARBERENA, 2017, p. 19).

Por último, cabe ressaltar que a literatura engajada evoca alguns princípios: primeiramente, é necessário observar a maneira pela qual este engajamento está posto no romance, e se ela difere de apenas uma discussão de aspectos sociais, pois se “fosse

²¹⁹ Todo o trecho: [...] *ist deutlich geworden, dass ein politischer Impetus der Literatur sich nicht unbedingt (allein) in einer inhaltlichen Fokussierung oder einer programmatischen Positionierung zeigt, sondern sich oftmals mittels einer Arbeit an der Sprache, einer diskurskritischen Verfahrensweise oder subversiver Strukturen präsentiert. Beide Dimensionen können sich dabei durchdringen, müssen es aber nicht zwangsläufig.*

apenas mencionar questões sociais, toda literatura engajada seria onipresente” (TEODOSEO, 2011, P. 73) e incorreria em uma generalização em que “tudo é político” e não se poderia definir um campo de ação da inserção de suas práticas, especialmente no que se refere ao campo literário, como também aponta Hampel (2018, p. 442). Para essa determinação do atributo político nas obras, que também serviram de base para nossa análise, Lubkoll traça um panorama de identificação baseada na análise: 1. da referência explícita a “acontecimentos, atores, estruturas e visões políticas nos textos literários”; 2. das formas de representação que o conteúdo político comunica, mecanismos políticos inseridos de maneira consciente ou posições políticas; 3. da posição política e influências do autor e; 4. da recepção e da “maneira que a literatura é recebida e percebida no campo político”²²⁰ (2018, p. 283).

Partindo desses pressupostos, se voltarmos aos comentários sobre a narrativa de Olga Grjasnowa, em que o crítico Kurianowicz considera a obra exageradamente preocupada com o engajamento e teria, assim, tendido a um direcionamento pedagógico moralizante, como comenta no trecho

Em vez de proteger o romance com uma pitada de distância de seu apodítico moral, Grjasnowa escreve uma sucessão de fatalidades, que parecem como se fossem provenientes de um efeito chocante colocado em uma reportagem de jornal. Isso exemplifica como a literatura engajada inclina-se ao seu oposto quando se baseia unicamente em uma poetologia de consciência culpada²²¹ (KURIANOWICZ, 2017).

Podemos entender que na literatura de Olga, personagens, narrador e forma convergem, literariamente, para a tentativa de Grjasnowa de expor a sua *verdade*, sua

²²⁰ Todo o trecho: *1. Sachgehalt bzw. Referenzbezug auf Politisches: Explizite Thematisierung politischer Themen (Ereignisse, Konstellationen, Akteure, Strukturen, Visionen etc.) in literarischen Texten. 2. Schreibweisen bzw. sprachlich-ästhetische Dimensionen des Politischen: Darstellungsformen, in denen politische Themen kommuniziert, politische Mechanismen bewusst gemacht oder politische Positionen ausgehandelt werden. 3. Wirkungsabsicht bzw. programmatische Funktion: Politische Positionsbestimmung von Autor/innen mit dem Anliegen, durch Literatur gesellschaftliche Prozesse zu beeinflussen. 4. Rezeption bzw. Akt der Zuordnung zum Feld des Politischen: Art und Weise der Aufnahme und Wahrnehmung von Literatur im Feld des Politischen.*

²²¹ *Anstatt ihren Roman mit einer Prise Distanz vor seiner moralischen Apodiktik zu schützen, hat Grjasnowa eine Aneinanderreihung von Schicksalsschlägen verfasst, die so wirken, als würden sie aus einer auf den Schockeffekt setzenden Zeitungsreportage stammen. Dies zeigt exemplarisch, wie engagierte Literatur in ihr Gegenteil kippt, wenn sie allein auf einer Poetologie des schlechten Gewissens basiert.*

posição moral frente aos acontecimentos na Síria. Apesar de os escritos se fundamentarem em uma espécie de tom didático, não se pode dizer que o engajamento resultou em seu oposto, como na crítica de Kurianowicz, pois, ao que parece, o objetivo de *GnS* não é servir a um outro postulado, mas de apenas *ser* literatura que não se desenraiza da luta, uma vez que, na contemporaneidade, o engajamento está intrínseco à escrita: nas escolhas, na temática, nos autores. De fato, a literatura engajada encena, nessas condições, um fator paradoxal. Por mais que não ensejem o engajamento, os operadores sociais definem os caminhos narrativos *de quem* escreve ponderando o *para quem* escreve em um tortuoso trajeto para que o Outro, subjugado, possa ter voz. Nessa luta, entre *não querer parecer* e *ser*, localizam-se os escritores da contemporaneidade, cuja rotulação depreciativa de suas escritas de cunho denunciante não param de cessar. Para Grjasnowa, por exemplo, escrever é sempre um ato de petulância, de atrevimento:

Ela rejeita o rótulo “literatura engajada”, mas deixa aberta uma portinha dos fundos: “Ainda tenho problemas com as exigências da literatura soviética segundo o realismo socialista. Mas é provavelmente o que eu fiz. Um pouco esquizofrênico: eu não exigiria isso de outros escritores, isso me irritaria”.²²² (KÄMMERLINGS, 2017)

No texto de Olga Grjasnowa, cuja biografia permeia-se também por histórico de fuga e migração que não a deixam isenta, como ressalta o resenhista, o engajamento é intrínseco e não se pode dissociar de sua escrita que quer, antes de tudo, dar voz aos *subalternos*. O narrador em terceira pessoa tem papel importante nesse jogo pedagógico-moral, pois media as opiniões efetuando comparações e indagações. No trecho em que aparentemente Amal reflete sobre sua condição de refugiada, percebe-se que o narrador extrapola os limites de sua narração, supostamente imparcial, e expõe a sua opinião: Este trecho, porém, é construído a partir da estratégia do discurso indireto livre, cuja função é a regulação da noção de moral; por causa da multiperspectividade causada pelo recurso, não é possível afirmar com veemência a autoria dessa voz. A atenção ao modo de narrar

²²² „Schreiben ist immer Anmaßung“, sagt Grjasnowa. Das Etikett „Engagierte Literatur“ lehnt sie ab, lässt sich aber ein Hintertürchen offen: „Ich habe immer noch Probleme mit den Forderungen der Sowjetliteratur nach Sozialistischem Realismus. Aber wahrscheinlich ist es das, was ich gemacht habe. Ein bisschen schizophrén: Von anderen Schriftstellern würde ich das nie verlangen, es ginge mir auf die Nerven.“

assume uma importância vital, nesse sentido, pois, em favor de uma construção literária, o engajamento efetivo parece ser o resultado também de cuidado com a linguagem do romance, que, propositalmente simples e áspera, intenciona, de fato, a recongnição dos sujeitos. Desse modo, como elucidada Herrmann

A literatura contemporânea de língua alemã responde com textos que não apenas fornecem imagens exemplares, mas também alegóricas. Ao mesmo tempo, esses textos remetem autocriticamente ao paradoxo ético-ficcional que eles mesmos criam por meio da representação estético-ficcional de milhões de sofrimentos²²³ (HERRMMAN, 2018, p. 210).

Baseado nos apontamentos de G. Spivak, o livro *Postcolonial Asylum*, publicado em 2011, David Farrier, considera os solicitantes de asilo como "novos subalternos", pois “inicia o passo para além do discurso pós-colonial - tanto descrevendo suas limitações em relação à nova formação globalizada quanto indicando a direção de seu avanço, redesenhando linhas de engajamento com a soberania desterritorializada²²⁴”(FARRIER, 2011, p. 6). Publicado na terceira edição do livro *The Cultural Studies Reader* (2007), Spivak no capítulo *The New Subaltern*, elabora que a questão do novo subalterno se relaciona ao cruzamento de fronteiras, de esferas amplas como as intelectuais, territoriais e sociopolíticas, em que “investigando a relação entre os estudos pós-coloniais e o discurso sobre refugiados e solicitantes de refúgio exigiu ir além das divisões erigidas entre formações discursiva aponta para redesenhar as linhas de engajamento” (FARRIER, 2011, p. 25). Ele sugere que a conjuntura vai além dos discursos pós-coloniais e argumenta que a situação do refugiado configura “um escândalo para os estudos pós-coloniais”(2011, p.8), visto que os escritos sobre eles renovam as discussões sobre movimento, identidades híbridas e espaços periféricos. Farrier se utiliza do termo do “entre-lugar” de Homi Bhabha para reafirmar que é nesse lugar que a resistência criativa ocorre e onde a simplicidade de uma hostilidade do mundo começa (FARRIER 2011, p. 8).

²²³ *Deutschsprachige Gegenwartsliteratur reagiert mit Texten, die nicht allein exemplarische, sondern auch allegorische Bilder dafür liefern. Zugleich verweisen diese Texte selbstkritisch auf das fiktionsethische Paradoxon, das sie durch die ästhetisch-fiktionale Repräsentation millionenfachen Leids selbst erzeugen.*

²²⁴ *initiates the step beyond postcolonial discourse – both describing its limitations in relation to the new globalized formation and indicating the direction of its advance, redrawing lines of engagement with deterritorialized sovereignty.*

No livro *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul* (2019), Boaventura de Sousa Santos propõe-se evidenciar as exclusões abissais e diferenciá-las das não-abissais, sobretudo no que se refere ao ponto de vista epistemológico. Nesta proposição, o sociólogo afirma que as epistemologias do Norte colonizaram de tal forma a epistemologias do Sul, que a distinção entre elas se torna crucial, pois a necessidade de um emolduramento nesta base epistêmica padronizada, vindas do Norte, ao longo dos séculos - para que fossem recebidas e aceitas dentro de um contexto global gnosiológico - transfigurou o modo pelo qual as epistemologias do Sul entendiam por ciência, autoria, escrita (p. 87).

No capítulo três, *Questões de Autoria*, Sousa Santos expõe que o processo criativo e científico das chamadas epistemologias do Sul configura-se nas ecologias dos saberes sociais e fora de um “individualismo autoral”, em contraponto às do Norte, cujas “distinções como as de sujeito/objeto, conhecedor/conhecido, mente/corpo e teoria” estandardizam o procedimento técnico-científico (p.87, p.88). Sob a regência de conhecimentos gerados no contexto de experiências sociais, sobretudo, das lutas contra a opressão, as filosofias do Sul afastam-se de noções de “originalidade, autonomia e criatividade (...) que subjazem ao individualismo possessivo moderno”, perspectivas advindas de culturas do Norte. A partir destes pressupostos, garante Sousa Santos, que a análise sobre autoria, na conjuntura atual de produção epistêmica provenientes do Sul global, é complexa, mas, de toda forma, necessária a compreensão de uma virada epistemológica em uma perspectiva de(s)colonizante. Neste ponto, Sousa Santos tange ao que os estudos decoloniais propõem como libertação de uma episteme eurocentrada, que universaliza o conhecimento ocidental.

É importante, nesse âmbito, ressaltar as diferenças e afinidades entre os conceitos pós-colonialismo e decolonialidade. Primeiramente, para o primeiro entendem-se duas proposições: a primeira refere-se ao momento histórico subsequente ao período colonial, na qual se atribui à ideia de libertação do povos colonizados; a segunda alude à discussão teórica de base sociológica/antropológica surgida nos anos 1980, em que a necessidade da procura de novos referenciais, livres do pensamento eurocentrado, foi posta em voga, cuja gênese, segundo Luciana Ballestrin (2015), pauta-se em *nos movimentos de resistência*. A decolonidade, por outro lado, pode ser descrita como desprendimento de uma lógica unilateral, oriunda, sobretudo da modernidade capitalista.

Esses mecanismos se descrevem no decorrer da história da episteme moderna, identificamos Foucault que primeiramente trouxe para às discussões a percepção de um poder que interceptado por diversas outras relações. Obviamente, essa engrenagem também se associa a verificação do ato disciplinar dos corpos, cujas normas e condutas relacionam-se ao controle de subjetividades. Derrida e Hall, versam sobre uma descolonização epistemológica, para que as vozes silenciadas ou suprimidas fossem trazidas ao debate. Naturalmente, como abordam Ribeiro e Gonçalves dos Prazeres (2015), na tentativa de evidenciar a “*diferença colonial* – antítese da *differánce* – observa-se os benefícios da introdução do termo *entre-lugar* proposto pelo Santiago e Bhabha, como possível sinônimo de hibridismo, trânsito, fronteira” (p. 25). Para esse discurso de visibilidade das subalternidades e seu empoderamento no campo epistemológico, não se pode deixar de mencionar a contribuição de Spivak, cuja noção feminista decolonial inaugurou e trouxe força ao que se chama hoje de estudos subalternos. Em resumo, nesses pensadores a ideia geral sobre uma colonialidade de poder, saber e ser evoca a necessidade de desconstrução para compreender e empoderar a produção das epistemes, sobretudo àqueles referentes às concepções do Sul Global.

Aníbal Quijano (2007) sugere, em seu texto sobre modernidade e racionalidade em contextos pós-coloniais, que as produções subalternas, no sentido de G. Spivak (2010), possuem em seu cerne a quebra da hegemonia de base imperialista ocidental. Quijano argumenta que a configuração literária, sobretudo espacial, em esferas periféricas, alicerça-se em bases emancipatórias e carrega em si a autonomia essencial para a ideia de “colonialidade de poder”, no qual o vínculo entre o Estado, o controle do trabalho e, principalmente a produção do conhecimento se interligam. Neste conceito, Quijano amplia a noção foucaultiana de poder disciplinar, cujo adestramento para a produção de um indivíduo socialmente eficiente - nomeadamente associados aos liames culturais, ou os relacionados aos campos de saberes – configura as relações coloniais entre Estado e periferia. Dentro desta característica, Foucault (2005) associa a imagem de um panóptico a uma elaboração significativa sobre o poder disciplinar, na qual a visão superior em posição de vigilância também exerce o papel intimidador. Esta alegoria panóptica, transmutada a uma disposição mais ampla e de cunho mundial, representa a argumentação de Quijano sobre a colonialidade de poder e o relacionamento entre os Estados cêntricos e os periféricos.

No entendimento de Sousa Santos (2010), o colonialismo “foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder” (p. 19), e, por isso os povos subjugados a esse poder, não sofreram [sofrem] somente uma castração da cultura local, mas, sobretudo, uma supressão da singularidade de seus caminhos epistemológicos. Esses povos e nações submetidos a essa dominação, principalmente imposta pela concepção capitalista e pensamento colonial, sob as posses imperialistas, cujas formas de pensar exerceram [exercem] soberania epistêmica, suprimindo os saberes locais. Sousa Santos (SANTOS; MENESES, 2010, p.7) estabelece, portanto, uma correlação entre o imperialismo de todas as faces e o colonialismo que, - evidentemente - carregam em si singularidades contextuais e históricas díspares, mas que, de todo modo, configuram o poder repressivo das formas epistêmicas de produção. Nesta aproximação, entre povo/nação colonizadora e imperialista, revisitando a visão superior panóptica ao qual se refere Foucault, em que o poder dominador presentifica-se perpetuamente - também por meio de uma simbologia efetiva em locais dominados, em forma de estátuas, monumentos, museus, cujo propósito relaciona-se à recordação dos feitos coloniais/imperialistas - e, que, mesmo após tentativas de apagamento pelos governos outrora colonizadores, os impactos sociais, econômicos e, como afirma Sousa Santos, epistêmicos, integram-se a uma lógica anuladora da subjetividade e dos modos locais de construção do pensamento científico, “relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade” (2010, p. 8).

Seguindo a perspectiva de Sousa Santos, a subalternidade apresenta-se como lugar cuja estratégia da lógica imperialista opera de modo a suprimir repetidamente as epistemes advindas de um sul global, (pós) colonizado, oprimido e renegado. Nesse sentido, a condição subalterna e a produção epistêmica deste lugar de fala configuram em si *uma promoção da autonomia*. Para Sousa Santos, as iniciativas imperialistas de todas as faces resgatam um território a este espaço demarcado ideologicamente, uma engrenagem que opera como força motriz, periferizando os saberes locais.

Se transpormos esses postulados para a ideia de formação de uma *Fluchtliteratur*, nas quais os saberes locais e os subalternos exercem a condição de protagonistas em sua representação literária, isto é, subverter a ordem posta no mundo até então, poderíamos concluir que a virada epistemológica pode partir dessas frentes cujas fronteiras entre a

produção de conhecimento, arte e experiência não partem de um centro exemplar de base imperialista, mas de um fluir entre renegados mundos culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos literários de e sobre refugiados advindo das guerras recentes tiveram uma grande visibilidade a partir dos anos 2000, sobretudo sobre o que se chamou de auge da considerada crise dos refugiados em 2015. Na leitura dos romances uma onda de compaixão e tristeza (e revolta) invade o leitor, indubitavelmente, quando se depara com a representação do refugiado enquanto pessoa, que busca apenas ser validado como indivíduo. Essa invalidação ou cerceamento que compeliu o refugiado a essa condição, como analisado no primeiro capítulo, pauta-se em uma série de cruzamentos de leis, normas, regras, resoluções, de âmbito jurídico-político. Evidentemente, a discriminação, nacionalismo, racismo, xenofobia e a violência da guerra também contribuíram para o surgimento da situação dos deslocamentos forçados, entretanto, as pessoas que precisaram partir foram vistas como um problema mundial e as soluções que se seguiram resultaram em uma etiquetagem amarga de se carregar, nesse sentido instaura-se a necessidade de reformulação e redefinição do termo refugiado.

A figura do refugiado, como se mostrou, mudou ao longo do tempo, com a cooperação de agências recém-criadas pró direitos humanos, a etiquetagem amarga foi aos poucos dando lugar a uma inevitável condescendência. Como comenta Ottmar Ette, no livro “SaberSobreViver” (2015), a tolerância possui muitas faces - é polissêmica (p. 262) – visto que ela tem suas bases na identificação da diferença e carrega em si o sentido de que o outro, que se acha diferente, deva ter a polidez (quando não é determinado como um dever presente nas leis) de suportar aquele que parece diferente (p.274) A diferença não somente referente à natureza externa, mas também a outras instâncias que, a priori, instauram fronteiras invisíveis, como línguas e ideias. Nesse sentido, a formação de escritores que advém desse contexto, em que a discriminação e preconceito pautaram suas histórias pessoais, autores cujas fronteiras socioculturais provieram de um estado involuntário da dor da partida e dos cerceamentos da chegada, tem como base a necessidade do dizer, de, por meio das poéticas do ser.

Os escritores que compõem esse dossiê – travestido de tese – orientam sua escrita no *movimento*, na transrealidade das culturas, no ir e vir que, de modo instintivo e, muitas vezes, involuntário, não adquire bases estruturais no que se refere a sua morada, ou seja, seus escritos não tem uma residência fixa, pois contestam as fronteiras, escrevem em um

segunda, terceira língua e subvertem a primeira. A ideia de não-pertencer, ou esse sentimento, tornou-se se comunicar e seu modo de ver o mundo e, nessa perspectiva seu modo de fazer literatura. Um pouco diferente das literaturas do exílio, que exprimem o desejo de retorno ou denunciam a face horrenda de regimes totalitários e também diferente daquelas consideradas de migrantes – mas com entrecruzamentos nesse ponto -, as literaturas de/sobre refugiados exercem um papel importante nos tempos atuais, sobretudo associado ao seu uso didático e pedagógico, porque apesar de uma série de iniciativas, tanto na campo literário, como no político, a exemplo das literaturas políticas e ditas de engajamento durante e no pós-segunda guerra versaram sobre os horrores da guerra, intolerâncias, preconceitos e tortura com vistas sua denúncia – para que não voltassem a acontecer -, parece não ter tido o efeito que queria Seghers e Brecht, pois como comenta Grjasnowa “tudo se repete de novo”.

Os escritores das literaturas de e sobre refugiados nos lembram, enquanto colaboradores de uma virada epistemológica orientada dessa vez para a subalternidade e na (sobrevivência) com os sufocamentos até então, do nosso dever de vigilância, para que tudo não se repita novamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. An Introduction to International Protection: Protecting Persons of Concern to UNHCR. Geneva: Office of the United Nations High Commissioner for Refugees, 20a. 1. August 2005

ACNUR. Conference of Plenipotentiaries on the Status of Refugees and Stateless Persons: Summary Record of the Nineteenth Meeting. Disponível em: <http://www.unhcr.org/refworld/docid/3ae68cda4.html> . Acesso em: 9 dez. 2021.

ACNUR. Convenção de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/dai/refugiados.htm>. Acesso em: 12.04.22. (2022a)

ACNUR. Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Protocolo_de_1967_Relativo_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf Acesso em: 10.05.2022 (2022b)

ACNUR. Los derechos humanos y la protección de los refugiados. Ginebra: Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados, v. 1.2008.

ACNUR. States Parties to the 1951 Convention relating to the Status of Refugees and the 1967 Protocol. Disponível em: <http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/protect/openssl.pdf?tbl=PROTECTION&id=3b73b0d63> . Acesso em: 12.04.22

ADORNO, Theodor. Engagement. In: ADORNO, Theodor **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 51-71.

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. Tradução de Selvino. J. Assmann. In: **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. O que é o Contemporâneo? In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

_____. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha** Trad. de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALMEIDA, MG. Fronteiras sociais e identidades no território do complexo da usina hidrelétrica da Serra da Mesa-Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 145-166.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas** São Paulo: Companhia das Letras 2017

ANDRADE, P. H.B. Fronteiras da subjetividade e a representação da realidade em Anna Seghers. **Revista Itinerários**. Araraquara. N. 39.p. 103-113, jul-dez. 2014.

APPADURAI, Arjun. **Fear of Small Numbers: An Essay on the Geography of Anger**. Durham: Duke University Press. 2006

ARENDDT, Hannah. **We refugees**. *International refugee law*. Routledge, 2017. 3-12.

_____. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

ARRAES, Virgílio C. Guerra do Golfo: a crise da nova ordem mundial. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília V. 47. p.112-139 2004.

ASSEBURG, Muriel. The Arab Spring and the European Response. **The International Spectator**, Roma 48:2, p. 47-62, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp. 2011

AQUIAR e SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina. 1982.

AUERBACH, E. **Ensaio de literatura ocidental**. São Paulo: Editora 34. 2012

AUGÉ, Marc: **Nicht-Orte**. München: C.H Beck. 2014

BAMF. **Migration, Integration, Asyl in Deutschland 2019**. Bundesamt für Migration und Flüchtlingen.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade. Seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BAKTIN, M. Autor e personagem na atividade estética. In BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal** 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.3-192. [1920-1924]

BARICHELLO, Stefania Eugenia; DE ARAUJO, Luiz Ernani Bonesso. Aspectos históricos da evolução e do reconhecimento internacional do status de refugiado. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 63-76, jul./dez. 2014.

BARTHES, Roland. **Câmara clara**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Sade, Fourier, Loyola**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

BAUMAN, Zygmunt. **A globalização e as consequências humanas**, Rio de Janeiro: Zahar. 1999

_____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2009.

_____. **Vida em fragmentos: Sobre a ética pós-moderna**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: BENJAMIN, **Walter**. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense. 1996. pp. 121-136

BERNHARDT, Sebastian. Fluchtliteratur in der Primarstufe als fiktionaler Weltentwurf. Didaktische Überlegungen zur Fokussierung des Konstruktcharakters von Fluchtliteratur in der Grundschule. **MiDU-Medien im Deutschunterricht 2** 2021. 1-16.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEUTIN, W. *et al.* Die Deutsche Literatur des Exils. In: **Deutsche Literaturgeschichte**. Stuttgart: J.B. Metzler. p. 451-478. 2001.

BHABHA, Homi K. Migration, rights, and survival: the importance of the humanities today. In: **From the European South**, Padua, v. 3, p. 7-12, 2018.

BHABHA, Homi K. **The Location of Culture**. Routledge, 1994

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

ESCOLA DE BIRMINGHAM. In: Porto Editora – na Infopédia. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$escola-de-birmingham](https://www.infopedia.pt/$escola-de-birmingham) acesso em 18.05.2022.

BIRUS, Hendrik Goethes Idee der Weltliteratur. Eine historische Vergegenwärtigung. In: **Weltliteratur heute. Konzepte und Perspektiven**, hg. v. Manfred Schmeling, Saarbrücker Beiträge zur Vergleichenden Literatur- und Kulturwissenschaft, Bd. 1, Würzburg. 2004 pp. 5-28.

BÖLL, Heinrich. Bekenntnis zur Trümmerliteratur. In: **Zur Verteidigung der Waschküche: Schriften und Reden – 1952-1959**. München: DTV 1985

BRÄUTIGAM, Barbara. **Fluchtgeschichten: Literarische Begegnungen mit Flucht und Migration**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 2019

BRÜHWILER, Claudia Francisca. Flucht – Grenzgang - Ankunft: politische Theorie zwischen Literatur, Philosophie und Sozialwissenschaft. In: FESTL, Michael G., SCHWEIGHAUSER, Philipp (Hg). **Literatur und Politische Philosophie: Subjektivität, Fremdheit, Demokratie**. Paderborn: Wilhelm Fink, 2017. p. 199-214

BUNDESREGIERUNG. **Gastarbeiterinnen und Gastarbeiter haben unsere Geschichte geprägt und ihre Leistungen sind zu würdigen** Disponível em:

<https://www.bundesregierung.de/breg-de/aktuelles/gastarbeiterinnen-und-gastarbeiter-haben-unsere-geschichte-gepraegt-und-ihre-leistungen-sind-zu-wuerdigen-752960>
 acesso em 06.05.2022.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**, Rio de Janeiro/São Paulo: Publifolha. 2000

CANETTI, Elias. **Língua Absolvida**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

CARVALHAL, Tânia Franco & COUTINHO, Eduardo F. (org). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHALALA, Elie. Arab Nationalism: A Bibliografic Essay In: FARAH. Tawfic (Org.) **Pan-arabism And Arab Nationalism: The Continuing Debate**. Nova Iorque: Routledge. 2019

CHATTY, Dawn. Refugees, Exiles, and other forced migrants in the late ottoman empire. **Refugee Survey Quarterly**, vol. 32, No. 2, pp. 35-52. 2013.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_a_o_Estatuto_dos_Refugiados.pdf> Acesso em: 11.12.2021

COSTE, D.; MOORE, D.; ZARATE, Z. Plurilingual and pluricultural competence: Studies toward a common European framework of reference for language learning and teaching. Strasbourg, France: Council of Europe. 2009

DAMROSCH, David. **What is world literature?** Princeton: Princeton University Press, 2003.

DANGSCHAT, Jens. Sag'mir, wo Du wohnst, ich sag' Dir wer Du bist: zum aktuellen Stand der deutschen Segregationsforschung (StadTRaum). **PROKLA: Zeitschrift für kritische Sozialwissenschaft**. Bd. 27. Nr. 109. 1997. p.619-647.

DIAZ, Kerstin **Das Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums**. Hamburg: Diplomatica. 2010

DUARTE, Andreia Morgado. **O cabo das tormentas da União Europeia: a (difícil) adesão à Convenção Europeia dos direitos humanos**. 2016. 118f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Ciências Jurídico-Políticas e Direito Internacional Público e Europeu. Universidade de Coimbra.

DÜNNE, Jörg; GÜZEL, Stephan (Org.): **Raumtheorie**. Grundlagentexte aus Philosophie und Kulturwissenschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2015.

DÜNNE, Jörg; HANSEN, Christian Welt, Literatur und Kriegsspiel: Roberto Bolaños *El Tercer Reich*. In: MÜLLER, Gesine (Org.). **Verlag macht Weltliteratur** Berlin: Tranvia 2014

DURAN, A. P. Interação social: o social, o cultural e o psicológico. **Temas psicol.** v. 1. N3 Ribeirão Preto. Dez. 1993.

EL-GAWHARY, Karim. **Tagebuch der arabischen Revolution**. Viena: Kremayr&Scheriau. 2011

ENCKE, Julia. Flüchtlingsroman. Vom Warten wird man immer blöder. In: **Frankfurter Allgemeine Zeitung**. 30.01.2016. Disponível em <https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/fluechtlingsroman-vom-warten-wird-man-immer-bloeder-14030679.html> Acesso em 10.05.2022.

ECKERMANN, Johann Peter. **Conversações de Goethe com Eckermann**. Trad. Luís Silveira. Porto: Livraria Tavares Miranda, 1947.

ECKERMANN, Johann Peter. **Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens** Berlin: Suhrkamp Insel 1981

ERIMTAN, Can. Hittites, Ottomans and Turks: Ağaoğlu Ahmed Bey and the Kemalist Construction of Turkish Nationhood in Anatolia. **Anatolin Studies**. Vol. 58. pp.141-171. 2008.

ESSELBORN, Karl »Neuer Zugänge zur inter/transkulturellen deutschsprachigen Literatur« In: SCHMITZ, Helmut **Von der nationalen zur internationalen Literatur: Transkulturelle deutschsprachige Literatur und Kultur im Zeitalter globaler Migration**, Amsterdam/New York: Editions Rodopi. 2009

ETTE, Ottmar. **ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz**, Berlin: Kulturverlag Kadmos. 2001

_____. **Escrever entre mundos: literaturas sem morada fixa**. Tradução Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

_____. **Literatur in Bewegung**. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika. Weilerswist: Velbrück, 2001.

_____. Kartierung einer Welt in Bewegung. In: **Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika**. Göttingen: Verbrück Wissenschaft. 2001.

_____. **TransArea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte**, Berlin, Boston: De Gruyter. 2012

_____. **Viellogische Philologie. Die Literaturen der Welt und das Beispiel einer transarealen peruanischen Literatur**, Berlin: edition Tranvía. 2013

_____. "Wegen des Wissens. Fünf Thesen zum Weltbewusstsein und der Literaturen der Welt", in: Hofmann, Sabine/wehrheim, Monika (Hg.): **Lateinamerika. Orte und Ordnungen des Wissens**. Festschrift für Birgit Scharlau, Tübingen: Gunter Narr, pp. 169-184. 2004

_____. Migration und Konvivenz. In: BISCHOFF, D.; KOMFORT-HEIM, S. **Literatur und Exil: Neue Perspektiven** Munique: De Gruyter 2013

FARRIER, David. **Postcolonial asylum: Seeking sanctuary before the law**. Liverpool: University Press, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Roland Barthes: Da morte do autor ao seu retorno. **Criação&Crítica**, São Paulo, n. 12, p. 182-194

FLORES, Valdir do Nascimento Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística**. V. 29. 2013. pp. 95-120.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O que é um autor?** Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006

_____. **Die Heterotopien. Der utopische Körper**. Mit einem Nachwort von Daniel Defert. Berlin: Suhrkamp 2017.

_____. **Sicherheit, Territorium, Bevölkerung**. Geschichte der Gouvernamentalität I. Vorlesung am Collège de France 1977-1978. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2017.

_____. **The Eye of Power**. A Conversation with Jean-Pierre Barou and Michelle Perrot. In: Gordon, Collin (Hg.): Power/Knowledge. *Michel Foucault. Selected Interviews and Other Writings 1972-1977*. Harvester Press: New York 1980.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Manoel Barros da Motta (org.). Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FISCHEL DE ANDRADE, José Henrique. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília. v. 48 (I), pp. 60-96. 2005

_____. A política de proteção a refugiados da Organização das Nações Unidas: sua Gênese no Período Pós-Guerra (1946 – 1952). 2006. Tese (Doutorado) – Instituto de Relações Internacionais. Doutorado em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GAGLIARDI, Caio. Autor, autoria e autoridade: argumentação e ideologia em Roland Barthes. **Magma**, São Paulo, n.10, p. 32-49. 2012.

GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. In: **Matraga**: Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras (UERJ). Rio de Janeiro: UERJ, ano 13, n. 18, jan-jun, 2006. (p.64-91).

GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

GASTARBEITERLITERATUR, *IV*: VIRTUELLES MIGRATIONSMUSEUM. Glossar. Disponível em: <https://virtuelles-migrationsmuseum.org/Glossar/gastarbeiterliteratur/> acesso em 15.05.2022.

GEITNER, Ursula. Stand der Dinge: Engagement-Semantik und Gegenwartsliteratur-Forschung. In: BROKOFF, Jürgen; GEITNER, Ursula; STÜSSEL, Kerstin. (Org.). **Engagement: Konzepte von Gegenwart und Gegenwartsliteratur**. Göttingen: uni-press. P. 17-58.

GOETHE, Johann Wolfgang von: **Frankfurter Ausgabe**, hg. v Apel, Friedmar/ Birus, Hendrik et. Al., Abt., 2, Bd. 10, Frankfurt a. M, 1986-1999

GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO. Aprovação da Resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU sobre a Líbia. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/aprovacao-da-resolucao-1973-do-conselho-de-seguranca-da-onu-sobre-a-libia. Acesso em: 10.05.2022.

GRJASNOWA, Olga. Entrevista a Denis Scheck. **Druckfrisch**. ARD. 8 de maio 2017

_____. **Gott ist nicht schüchtern** Berlin: Aufbau 2017

_____. Privilegien. In: **Eure Heimat ist unser Albtraum**. Aydemir, Fatma; Yaghoobifarah, Hengameh (Hrsg.). Ullstein fünf: Berlin, 2019

_____. **Die Macht der Mehrsprachigkeit**. Berlin: Duden. 2021

GRUNAU, Andrea Für Flüchtlinge eine Lotterie – wie Deutschland Asylbewerber verteilt. **Deutsche Welle**, 25. Dezember 2014. Disponível em <https://www.dw.com/de/f%C3%BCr-fl%C3%BCchtlinge-eine-lotterie-wie-deutschland-asylbewerber-verteilt/a-18134259>. Acesso em 12.05.2022.

GROBE, Gundi. **Die Musikalität von Sprache – Senthuran Varatharajah**. WDR, 17. 04.2022. Disponível em <https://www1.wdr.de/radio/wdr5/sendungen/neugier-genuegt/redezeit-senthuran-varatharajah-100.html> acesso em 20.04.2022

HADDAD, Emma. **The Refugee in International Society: Between Sovereigns**. Nova York: Cambridge University Press. 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HAMPEL, A. Das Politische besprechen. Zur politischen Gegenwartsliteratur am Beispiel von Senthuran Varatharajahs Vor der Zunahme der Zeichen. In: LUBKOLL, C., ILLI, M., HAMPEL, A. (eds) **Politische Literatur. Abhandlungen zur Literaturwissenschaft**. J.B. Metzler, Stuttgart. 2018

HANSER VERLAG. [Max Czollek. Desintegriert euch!] Berlin. 2018. Disponível em: <https://www.hanser-literaturverlage.de/buch/desintegriert-euch/978-3-446-26027-6/> Acesso em: 10.05.2022.

HATHAWAY, James. C. A Reconsideration of the Underlying Premise of Refugee Law. **Harvard International Law Journal**, Boston, v. 31, n. 1, p. 129-147, 1990.

HEIDEGGER, Martin. "Construir, habitar, pensar". Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDERMAN, Werner. "Literatura Chamisso", a literatura alemã proposta por não-alemães. **Revista Landa**. V. 5 n. 1 2016. p. 604-618.

HENRIQUE CASTRO, Isabel. **Território e identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da angola colônia** Lisboa: 2003

HERBERT, Ulrich **Geschichte der Ausländerpolitik in Deutschland. Saisonarbeiter, Zwangsarbeiter, Gastarbeiter, Flüchtlinge**. München: Beck, 2001.

HERRMANN, Leonard. Ohne Orte – ohne Worte. Das Engagement der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur in der Debatte um Flucht, Migration und, Neue Kriege'. In: Dieter Burdorf, Stefanie Bremerich, Abdallah Eldimagh (Orgs.): **Flucht, Exil und Migration in der deutschsprachigen Literatur**. Syrische und deutsche Germanistik im Dialog. Berlin: Quintus 2018, pp. 205-229.

HERWIG, Holger. Geopolitik: Haushofer, Hitler and Lebensraum. **The Journal of Strategic Studies**. V. 22:2-3. 1999. pp. 218-241

HESELHAUS, Herrad. Transnationale Elemente im Flüchtlingsroman. **Studies in Language and literature** V. 72. 2017. pp. 47-65.

INTERKULTURELLE LITERATUR. IN: DeWiki. Lexikon Disponível em: [https://dewiki.de/Lexikon/Interkulturelle Literatur](https://dewiki.de/Lexikon/Interkulturelle_Literatur) acesso em: 03.05.2022

KÄMMERLINGS, Richard. Wer Syrien verstehen will, lese dieses Buch. In: *Die Welt*, 15.03.2017.

Disponível em: <https://www.welt.de/kultur/literarischewelt/article162867345/Wer-Syrien-verstehen-will-lese-dieses-Buch.html> acesso em 1.05.2022.

KEGELMANN, René. »Türöffner oder Etikettierung? Der Adelbert-von-Chamisso-Preis und dessen Wirkung in der Öffentlichkeit« In: Grimm-Hamen, Sylvie & Willmann, Françoise (Hgg.): **Die Kunst geht auch nach Brot! Wahrnehmung und Wertschätzung von Literatur**. Berlin: Frank&Timme pp. 13-28. 2010

KESTLER, I.M.F. O conceito de literatura universal em Goethe. **Revista Cult**, São Paulo. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/> (Acesso em 10/04/17)

KHIDER, Abbas **Ohrfeige** München: Hanser. 2016

_____. Shitstorm gegen Abbas Khider: Das Buch „Deutsch für alle“ provoziert [Entrevista concedida a Sigrid Brinkmann]. 23.03.2019. **Deutschlandfunk Kultur**. Disponível em: <https://www.deutschlandfunkkultur.de/shitstorm-gegen-abbas-khider-das-buch-deutsch-fuer-alle-100.html> Acesso em: 15.02.2022

_____. „Die fremde Sprache bedeutet Freiheit“ [Entrevista concedida a Wolfert von Rahden] 31.07.2012. Eurozine. Disponível em: <https://www.eurozine.com/die-fremde-sprache-bedeutet-freiheit/> acesso em 02.03.2022.

_____. **Deutsch für alle: das endgültige Lehrbuch**. München: Hanser. 2019

KIMMICH, Dorothee, RENNER, Rolf, STIEGLER, Bernd. **Texte zur Literaturtheorie der Gegenwart** Stuttgart: Reclam 2008.

KINGSLEY, Patrick. **The new Odyssey: the story of Europe's refugee crisis**. London: Guardian Books 2016.

KLUEPPEL, Joscha. Emotionale Landschaften der Migration: Von unsichtbaren Grenzen, Nicht-Ankommen und dem Tod in Stanišićs Herkunft und Varatharajahs Vor der Zunahme der Zeichen. **Transit** 2020. p.1-24

KOCH, E; TRAPP, (Org.) **Exil. Forschung. Erkenntnisse**. Hamburg: Hamburger Arbeitsstelle für deutsche Exilliteratur. 1992.

KURIANOWICZ, Tomasz. Einfach zu gut. In: **Zeit Online**, 5.07.2017.

KRAUSHAAR, Wolfgang. **Der Aufruf der Ausgebildeten: Vom Arabischen Frühling zur Occupy-Bewegung**. Hamburg: Hamburger Edition. 2012.

JOHANNSEN, Anja K. **Kisten, Krypten, Labyrinth: Raumfiguration in der Gegenwartsliteratur: WG. Sebald, Anne Duden, Herta Müller.** Bielefeld: Transcript.2008

JÜNEMANN, Annette. Vor dem Scherbenhaufen einer verfehlten Regionalpolitik: Europa und der Arabische Frühling – Hintergründen und Analysen zur Politik der Europäischen Union. In: SCHNEIDERS, Thorsten G. **Der Arabische Frühling: Hintergründen und Analysen.** Wiesbaden: Springer. 2013.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais** São Paulo: Editora Artmed. 2004

LEAGUE OF NATIONS. Arrangement Relating to the Issue of Identify Certificates to Russian and Armenian Refugees. 12 May 1926. League of Nations, Treaty Series, v. LXXXIX, n. 2004. Disponível em <http://www.unhcr.org/refworld/docid/3dd8b5802.html> Acesso em: 12 04. 2022

LEAGUE OF NATIONS, Convention Relating to the International Status of Refugees, 28 October 1933, League of Nations, Treaty Series Vol. CLIX No. 3663. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/3dd8cf374.html> acesso em 06.07.2022

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos** Sao Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOESCHER, Gil. UNHCR's Origins and Early History: Agency, Influence, and Power in Global Refugee Policy. **Refuge: Canada's Journal on Refugees** v. 33. N. 1. 2017 pp. 77-86

LÖFFLER, Sigrid. **Die neue Weltliteratur und ihre großen Erzähler.** Munique: C.H Beck, 2013.

LUBKOLL, Christiane. Flucht und Vertreibung als Fokus politischer Reflexion. In: LUBKOLL, C.; ILLI, M.; HAMPEL, A. **Politische Literatur: Begriffe, Debatten, Aktualität.** Stuttgart: J.B Metzler, 2018. p. 283-305.

LÜDERS, Michael. **Tage des Zorns: die arabische Revolution verändert der Welt.** München: 2011

LUFT, Stefan. **Die Flüchtlingkrise: Ursachen, Konflikten, Folgen.** München: C.H Beck (Wissen). 2017

MALKKI, Liisa. Refugees and Exile: From "Refugee Studies" to the National Order of Things. **Annual Review of Anthropology.** V. 24. 1995. pp. 495-523

MANDAGARÁ, Pedro. Engajamento e "engajamento" – Sartre, Adorno e Augusto de Campos. In: **Revista Todas as Letras,** São Paulo, v. 19, n. 2, maio/ago. 2017. p. 47-57.

MARTOS, Francisco Gómez (2011). Reflexões sobre as novas políticas europeias para os imigrantes. In: **Desafios para a construção de uma agenda comum entre Brasil e Europa**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung. pp. 13-41.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich **Manifest der Kommunistischen Partei**. In Marx; Engels: Werke, Bd. 4. Berlin: Dietz. 1974

MATHIAS, Dionei. Vozes transculturais em Olga Grjasnowa. In: **Revista Todas as Musas** n.01. Jul-Dez 2018. p.116-124.

MITIDIARI, AL. Biografemas homoculturais de Eva Perón no romance Santa Evita, de Tomás Eloy Martínez. In: MITIDIARI, AL., CAMARGO, FP., orgs. **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus: Editus, 2015, pp. 41-75.

MORETTI, Franco. Conjectures on World Literature In: **New Left Review** 1, Jan.-Feb. 2000, pp. 54-68

MÜLLER, Gesine. Literatures der Amerikas und ihre Rezeption in Deutschland: Weltliteratur als globales Verflechtungsprinzip. In: MÜLLER, Gesine (Org.). **Verlag macht Weltliteratur** Berlin: Tranvia 2014

NARLOCH, Sandra; DICKOW, Sonja: **Das Exil in der Gegenwartsliteratur**. In: Aus Politik und Zeitgeschichte 42 2014.

Disponível em: <http://www.bpb.de/apuz/192565/das-exil-in-dergegenwartsliteratur?p=all>. Acesso em: 18.05.2022.

NEUMANN, G.; DAUDT, M. F. "Eu sou uma língua": a exofonia na literatura de Yoko Tawada. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 58, outubro. 2019 p. 46-59.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: EDUSP, 2000.

NÜNNING, Ansgar. Kulturen als Erinnerungs- und Erzählgemeinschaften: Grundzüge und Perspektiven einer kulturgeschichtlichen Erzählforschung. In: Hannenberg, P. et. al. **Rahmenwechsel Kulturwissenschaften**. Würzburg: Königshausen & Neumann. 2010

NUSSBAUM, Martha. **Frontiers of Justice: Disability, Nationality, Species, Membership**. Cambridge: Harvard University Press. 2006

OLIVEIRA, Rejane P.; BARBERENA, Ricardo A. Literatura e ética: notas para um diálogo que não se acaba. In: **Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea** n.51. apresentação. 2017 p.I-II. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018511>. Acesso em: 03.06.2020

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 07.05.2022

POMERANZ, Leni A queda do Muro de Berlim. Reflexões vinte anos depois. **Revista USP**, São Paulo, n.84, p. 14-23, 2010.

POROMBKA, Wiebke. Wellenschlag vom Tod entfernt. In: **Frankfurter Allgemeine, Feuilleton**. Frankfurt. 11.05.2017.

QUIJANO, Aníbal. **Coloniality and modernity/rationality**. In: Cultural Studies Vol. 21 - Issue 2-3: Globalization and the De-Colonial Option: 168-178. (2007).

OMARI, Abdalla Al. **The Vulnerability Series extended**. Disponível em <http://www.abdallaomari.com/thevulnerabilityseries> Acesso em 20.05.2022

OTERO, Pilar del Delia. Fronteras, etnocidio y comercio mundial. La Amazonía peruana - colombiana durante el boom cauchero. **Estudios Avanzados**. V.II. 2009. pp. 79-98.

RAJENDRAN, C. „The Actual and the Imagined: Perspectives and Approaches in Indian Classical Poetics“, in: Küpper, Joachim (Hg.): *Approaches to World Literature*, Berlin: Akademie Verlag, p. 121–132. 2013.

RATHGEBER, Theodor. Sri Lanka. 2018. Resenha. Disponível em: [16035-Artikeltext-33607-1-10-20210913 \(2\).pdf](#) acesso em 02.05.2022.

RANCIÈRE, Jacques. **Política da Literatura**. Tradução de Renato Pardal Capistrano. In: Revista A! n.5, v. 1, p. 1-22. 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. Sartre: política, ética e engajamento. 2018. (50:28). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GnaXyrFG-bU>. Acesso em: 02 abr. 2020.

ROEHE, Marcelo; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam**. 2014, vol. 32, n.1, pp. 105-113.

ROCK, Zé do. **fom winde ferfeelt: Welt-strolch macht links-schreibreform** München: Piper 2002

ROMERO, Christiane Z. Briefe und Korrespondenzen. In: HILMES, C und NAGELSCHMIDT, Ilse. **Anna Seghers- Handbuch: Leben - Werk – Wirkung**. BERLIN: J. B Metzler. pp. 199-213

ROTAECHE, Cristina J. Gortazár. **Derecho de Asilo y “No Rechazo” del Refugiado**. Madri: Dykinson. 1997.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**: E outros ensaios. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia da Letras 2003

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed.USP, 2002

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

STELTZ, Christian. Migrantenliteratur. **Wendejahr 1995: Transformationen der deutschsprachigen Literatur**. Berlin, München, Boston: De Gruyter 2015, pp. 156-172. <https://doi.org/10.1515/9783110419023-010>

SCHAMI, Rafik. **Ich wollte nur Geschichten erzählen. Mosaik der Fremde** Berlin: Hans Schiler 2017

SCHMIDT, Marie. Der hohe Ton der Resignation. **Zeit Online**. 14.07.2016. Disponível em: <https://www.zeit.de/2016/30/vor-der-zunahme-der-zeichen-senthuran-varatharajah> acesso em 03.05.2022.

SCHULZE, Reinhard. Auf den Wegen zur arabischen Revolte 2011: sozialgeschichtlichen Kontexte. In: SCHNEIDERS, Thorsten G. **Der Arabische Frühling: Hintergründe und Analysen**. Wiesbaden: Springer. 2013.

SIMMEL, Georg: Exkurs über den Fremden. In: Loycke, Almut (Hg.): **Der Gast der bleibt**. Dimensionen von Georg Simmels Analyse des Fremdseins. Frankfurt/New York: Campus

SOJA, Edward W.: **Seeking Spatial Justice**. Minnesota: Univ. Of Minnesota Press. 2010

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: 2019

_____. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova Revista de Cultura e Política** n. 39. São Paulo. 1997 pp. 105-124

SPIVAK, G. Ethics and Politics in Tagore, Coetzee, and Certain Scenes of Teaching. **diacritics**. V. 32.3.3 – 4. Fall/winter 2002. P. 17-31

_____. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. The New Subaltern. In: DURING, Simon (ed.) **The Cultural Studies Reader**, 3.ed. London and New York: Routledge, 2007

STURM-TRIGONAKIS, Elke **Global playing in der Literatur: ein Versuch über die Neue Weltliteratur**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2007

TEUPERT, Jonas. “Sharing Fugitive Lives: Digital Encounters in Senthuran Varatharajah’s *Vor der Zunahme der Zeichen*”. In: **Transit**, Vol. 11, Nr. 2, 2018, p. 3-20.

TAWADA, Yoko. **Überseetzungen: Literarische Essays** Tübingen: konkursbuch.2016

TROJANOW, Ilija **Döner in Walhalla: Texte aus der anderen deutschen Literatur**. Köln: Kiepenheuer&Witsch. 2000

TROJANOW, I.; OLIVER, José F. A Ade, Chamisso-Preis? In: **Frankfurter Allgemeine Zeitung** 21.9.2016 Disponível em: -<http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/kritik-an-bosch-stiftung-ade-chamisso-preis-14443175.html> Acesso em 5.10.2018

_____. *Nach der Flucht*. Frankfurt: S. Fisher 2017

UNITED NATIONS. The International Refugee Organization (IRO). In: Yearbook of the United Nations 1950, dez. 1950, p. 982-992. Disponível em: <https://www.un-ilibrary.org/content/books/9789210602198s004-c010/read> acesso em 02.05.2022.

UN General Assembly, *Refugees and Displaced Persons*, 15 December 1946, A/RES/62. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/3b00f1963c.html>. Acesso em 09.05.2022.

UNIVERSITÄT PADERBORN *Empowerment von geflüchteten und deutschen Studierenden durch Fluchtliteratur* Disponível em: <https://kw.uni-paderborn.de/institut-fuer-germanistik-und-vergleichende-literaturwissenschaft/neuere-deutsche-literatur/forschung-der-neueren-deutschen-literatur/empowermentfluchtliteratur> Acesso em 20.05.2022

VARATHARAJAH, Senthuran e VARATHARAJAH, Sinthujan. *Arbeiten mit der eigenen Fluchterfahrung*. [Entrevista concedida a Kathrin Heise] **Deutschlandfunk Kultur**. Berlin: 21.05.2019. Disponível em <https://www.deutschlandfunkkultur.de/senthuran-und-sinthujan-varatharajah-arbeiten-mit-der-100.html> Último acesso em 28.04.2022.

VARATHARAJAH, Senthuran. *Vor der Zunahme der Zeichen*. Fischer: Frankfurt am Main. 2016

_____. „Oft denke ich, dass die Sprachlosigkeit meine Muttersprache ist“ [Entrevista concedida a Susanne Messmer] **taz, die tageszeitung** Berlin: 26.03.2016 Disponível em: <https://taz.de/!5286670/> Acesso em 19.05.2022

VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Geoestrategia de los espacios económicos: el lugar-global, el lugar-local y la gestión del territorio en el sitio portuario-retroportuario de Rio Grande*. 2001.(Tese de Doutorado) Universidad del Salvador, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa: Relógio D’água. 2009

VOIT, Nora. Literatur jenseits des Heimat- Begriffs: Jedes Wort und jede Silbe. taz.die tageszeitung. Berlin. 9.07.2017. Disponível em: <https://taz.de/Literatur-jenseits-des-Heimat-Begriffs/!5423884/> Acesso em 28.04.2022.

WINCKLER, Luty. Exilliteratur und Literaturgeschichte - Kanonisierungsprozesse. In: BANNNASCH, B.; ROCHUS, Gerhild. **Handbuch der deutschsprachigen Exilliteratur**. Berlin: DeGryter. 2013. PP.

ZEIT ONLINE, 15.08.2018. Migrantenverbände fordern Horst Seehofer zum Rücktritt auf. Disponível em <https://www.zeit.de/politik/deutschland/2018-09/innenminister-horst-seehofer-migration-ruecktritt-forderung-verbaende> acesso em 2.05.2022.

APÊNDICE A

OBRAS CONSULTADAS PARA AS SEGUINTE CLASSIFICAÇÕES

1. *Gastarbeiterliteratur* [literatura dos trabalhadores visitantes]

ACKERMANN, Irmgard. Gastarbeiterliteratur als Herausforderung. **Frankfurter Hefte** v. 38. N. 1 1983 p. 56-64.

BIONDI, Franco;SCHAMI, Rafik Literatur der Betroffenheit. Bemerkungen zur Gastarbeiterliteratur. **Zu Hause in der Fremde. Ein bundesdeutsches Ausländer-Lesebuch.** Ed. Christian Schaffernicht. Fischerhude: Atelier im Bauernhaus. 1981

KEINER, Sabine. Von der Gastarbeiterliteratur zur Migranten-und Migrationsliteratur-literaturwissenschaftliche Kategorien in der Krise? In: **Sprache und Literatur** v. 30.n. 1 1999. p. 3-14.

TERAOKA, Arlene A. Gastarbeiterliteratur: The Other Speaks Back. **Cultural Critique** n.7 1987 p. 77-101.

WEINRICH, Harald. Gastarbeiterliteratur in der Bundesrepublik Deutschland/" Literature of immigrant guest workers in the Federal Republic of Germany *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* V.14.n. 56 1984 p. 12.

2. *Interkulturelle Literatur* [literatura intercultural]

CHIELLINO, Carmine, ed. **Interkulturelle Literatur in Deutschland: Ein Handbuch.** Berlin: Springer, 2016.

ESSELBORN, Karl. **Neue Zugänge zur inter/transkulturellen deutschsprachigen Literatur.** Leiden: Brill, 2009.

KARAKUŞ, Mahmut. Heimatbilder in der interkulturellen Literatur und ihre Bedeutung für die interkulturelle Kommunikation sprachlicher Grenzverkehr bei Emine Sevgi Özdamar. **Studien zur deutschen Sprache und Literatur** v. 12 2012. p. 95-113.

LESKOVEC, Andrea. **Fremdheit und Literatur: Alternativer hermeneutischer Ansatz für eine interkulturell ausgerichtete Literaturwissenschaft.** Münster: LIT 2009.

3. *Migrationsliteratur e Migrantenliteratur* [Literatura de Migração/ Literatura de Migrantes]

HORST, Claire. **Der weibliche Raum in der Migrationsliteratur**. Tübingen: Hans Schiler, 2007.

KRON, Stefanie. Afrikanische Diaspora und Literatur Schwarzer Frauen in Deutschland. *Migrationsliteratur* Disponível em: <https://heimatkunde.boell.de/de/2009/02/18/afrikanische-diaspora-und-literatur-schwarzer-frauen-deutschland> acesso em 20.04.2022

RÖSCH, Heide. **Migrationsliteratur als neue Weltliteratur?** Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004.

4. *Minderheitenliteratur* [Literatura de minorias]

RITTER, Alexander. **Deutsche Minderheitenliteraturen:** regionalliterarische und interkulturelle Perspektiven der Kritik; mit einer Bibliographie zur Forschung 1970-2000. Munich: Südostdeutsches Kulturwerk. 2001.

TRÁSER-VAS, Laura. Terézia Moras Seltsame Materie: Immigrantenliteratur oder Minderheitenliteratur. **Trans Internetzeitschrift für Kulturwissenschaften** Vol. 15 2004. s/p

5. **Literatur mit Migrationshintergrund** [Literatura com histórico de migração]

HORVATH, Kenneth. Migrationshintergrund. **Bildung und Teilhabe**. Springer VS, Wiesbaden, 2017. 197-216.

WARAKOMSKA, Anna. Minderheiten mit ‚Migrationshintergrund‘ in der deutschen Literatur türkeistämmiger Autoren. Ein Beitrag zum Abbau von Stereotypen im landeskundlichen Unterricht. *Spektrum Nord: Vielfalt der Ziele, Inhalte und Methoden in der Landeskunde*: Passau: Peter Lang 2016 p. 127-145

6. *Exophonische Literatur* [literatura exofônica]

ARNDT, S.; STOCKHAMMER, R.; NAGUSCHEWSKI, D. **Exophonie: Anderssprachigkeit (in) der Literatur**. Vol. 3. Berlin: Kadmos, 2007.

IVANOVIĆ, Christine. Exophonie, Echophonie: Resonanzkörper und polyphone Räume bei Yoko Tawada. **Gegenwartsliteratur** V. 7 (2008), p. 223-247

LI, Shuangyi. Vernacular imagination and exophone reconfiguration in Francophone Chinese diasporic literature. **Vernaculars in an Age of World Literatures** V. 3. 2022.p. 223.

7. *Chamisso Literatur* [Literatura Chamisso]

LAMPING, Dieter. Deutsche Literatur von nicht-deutschen Autoren. Anmerkungen zum Begriff der ‚Chamisso-Literatur‘ **Chamisso. Viele Kulturen–eine Sprache** 2011 p. 18-21.

PABIS, Eszter. Nach und jenseits der ‚Chamisso-Literatur‘ **Zeitschrift für interkulturelle Germanistik** v. 9.2. 2018. p. 191-210.

SOMMER, Michaela. **Chamisso-Literatur. Erleben einer Fremdkultur am Beispiel, Eine Hand voller Sterne** von Rafik Schami. Munique: GRIN, 2020.

ANEXO A
ARTE GRÁFICA DO MENINO AYLAN KURDI E AS CERCAS DO MUNDO



Fonte: <http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/features/6622053/When-Aylan-Kurdi-drowned-the-internet-responded-in-a-touching-way.html> acesso em 05. 11. 2017

ANEXO B

CARTOON DA CHARLIE HEBDO DE JANEIRO DE 2015



Fonte: <https://www.tagesspiegel.de/gesellschaft/medien/charlie-hebdo-provoziert-mit-karikatur-zu-koeln-alan-kurdi-ein-hinterngrapscher-in-deutschland/12830970.html>

Acesso em 02.05.2022

ANEXO C

CAPA DO LIVRO *VOR DER ZUNAHME DER ZEICHEN*

Senthuran
Varatharajah
Vor der
Zunahme
der Zeichen
Roman



Fonte: <https://www.fischerverlage.de/buch/senthuran-varatharajah-vor-der-zunahme-der-zeichen-9783596033423>
acesso 12.05.2022

ANEXO D

**LISTA ELABORADA PELO
ALFRIED KRUPP WISSENSCHAFTSKOLLEG GREIFSWALD²²⁵
DE LIVROS COM A TEMÁTICA DE REFUGIADOS A PARTIR DE FINAIS DE
1990 EM LÍNGUA ALEMÃ**

Flüchtlinge in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur
[Refugiados na literatura alemã]

Abdel-Qadir, Ghazi: Mister Petersilie. Frankfurt am Main: 1997.

Al-Maaly, Khalid: Landung auf dem Festland. Gedichte. Aus dem Arabischen vom Autor und Heribert Becker. Berlin: Das arabische Buch 1997.

Al-Maaly, Khalid: Rückkehr in die Wüste. Aus dem Arabischen vom Autor und Heribert Becker. Berlin: Verlag Hans Schiler 2015.

Al-Mozany, Hussain: Der Marschländer. Roman. Frankfurt am Main: Glare Verlag 1999.

Al-Mozany, Hussain: Masur oder Der Duft des Abendlandes. Roman. Leipzig: Reclam 2002.

Banauch, Eugen: Gratzen oder Die Angst vor dem eigenen Keller. Roman. Weitra: Bibliothek der Provinz 2008.

Bärfuss, Lukas: Hundert Tage. Roman. Göttingen: Wallstein 2008.

Bazyar, Shida: Nachts ist es leise in Teheran. Roman. Köln: Kiepenheuer & Witsch 2016.

Bernig, Jörg: Niemandszeit. Roman. München: DVA 2002.

Bicker, Björn: Illegal. Wir sind viele. Wir sind da. München: Antje Kunstmann Verlag 2009.

Bicker, Björn: Was wir erben. Roman. München: Antje Kunstmann Verlag 2013.

Böhmer, Wolfgang: Hesmats Flucht. Eine wahre Geschichte aus Afghanistan. München: cbj Verlag 2008. [aufgenommen in die Bibliographie wegen der interessanten Rezeption: dem Jungen, dessen Schicksal literarisch nacherzählt wird, ist wegen der ‚erschütternden‘ Wirkung des Buches österreichisches Asyl gewährt worden]

²²⁵ Disponível em <https://fluchtliteratur.wordpress.com/> acesso em 03.05.2022.

- Boesch, Ina: Grenzfälle. Von Flucht und Hilfe. Fünf Geschichten aus Europa. Zürich: Limmat 2008.
- Bräuel, Ulrich: Die schwarze Mappe. Reise nach Danzig. Osnabrück: fibre 2002.
- Brill, Marte: Der Schmelztiegel. Roman. Frankfurt am Main: Büchergilde Gutenberg 2003.
- Brunner, Helwig: Die Zuckerfrau. Roman. Graz: Leykam 2008.
- Buhl, Theodor: Winnetous August. Roman. Frankfurt am Main: Eichborn 2010.
- Cynybulk, Gunnar: Das halbe Haus. Roman. Köln: DuMont 2014.
- Draesner, Ulrike: Sieben Sprünge vom Rand der Welt. Roman. München: Luchterhand 2014.
- Elmiger, Dorothee: Schlafgänger. Roman. Köln: DuMont 2014.
- Erpenbeck, Jenny: Gehen, ging, gegangen. Roman. München: Albrecht Knaus Verlag 2015.
- Farsaie, Fahimeh: Die Flucht und andere Erzählungen. Frankfurt am Main: dipa Verlag 1999.
- Farsaie, Fahimeh: Hüte dich vor den Männern mein Sohn. Berlin: Dittrich 1998.
- Fatah, Sherko: Das dunkle Schiff. Roman. Salzburg: Jung und Jung 2008.
- Fatah, Sherko: Der letzte Ort. Roman. München: Luchterhand 2014.
- Fatah, Sherko: Donnie. Erzählung. Salzburg: Jung und Jung 2002.
- Fatah, Sherko: Im Grenzland. Roman. Salzburg: Jung und Jung 2001.
- Fatah, Sherko: Onkelchen. Roman. Salzburg: Jung und Jung 2004.
- Florescu, Catalin Dorian: Wunderzeit. Roman. Zürich: Pendo Verlag 2001.
- Florescu, Catalin Dorian: Zaira. Roman. München: C.H.Beck 2008.
- Franck, Julia: Lagerfeuer. Roman. Köln: DuMont 2003.
- von Fritsch, Rüdiger: Die Sache mit Tom. Eine Flucht in Deutschland. Berlin: wjs Verlag 2009.
- Gahse, Zsuzsanna: Nichts ist wie oder Rosa kehrt nicht zurück. Roman. Hamburg: Europäische Verlagsanstalt 1999.

- Glötz, Peter: Die Vertreibung. Böhmen als Lehrstück. München: Ullstein 2003.
- Gorelik, Lena: Meine weißen Nächte. Roman. München: SchirmerGraf Verlag 2004.
- Grass, Günter: Im Krebsgang. Eine Novelle. Göttingen: Steidl 2002.
- Handke, Peter: Der Bildverlust oder Durch die Sierra de Gredos. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2002.
- Handke, Peter: Don Juan (erzählt von ihm selbst). Frankfurt am Main: Suhrkamp 2004.
- Handke, Peter: In einer dunklen Nacht ging ich aus meinem stillen Haus. Frankfurt am Main: Suhrkamp 1997.
- Handke, Peter: Kali. Eine Vorwintergeschichte. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2007.
- Handke, Peter: Lucie im Wald mit den Dingsda. Eine Geschichte. Frankfurt am Main: Suhrkamp 1999.
- Handke, Peter: Mein Jahr in der Niemandsbucht. Frankfurt am Main: Suhrkamp 1994.
- Hein, Christoph: Landnahme. Roman. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2004.
- Heye, Uwe-Karsten: Vom Glück nur ein Schatten. Eine deutsche Familiengeschichte. München: Karl Blessing 2004.
- Hiebel, Hans H.: Und keine Wiederkehr. Eine längere Geschichte. Graz: Edition Keiper 2010. [sehr literarisierte Lebenserinnerungen des Germanisten]
- Holub, Josef: Schmuggler im Glück. Weinheim: Beltz und Gelberg 2001.
- Holzamer, Hans-Herbert: Lampedusa oder die Illusion vom Glück. Roman. München: LechnerPublishing 2012.
- Horváth, Martin: Mohr im Hemd oder Wie ich auszog, die Welt zu retten. Roman. München: DVA 2012.
- Jelinek, Elfriede: Die Schutzbefohlenen. In: Theater heute 55 (2014), H. 7, S. 3-19. [Erweiterung: Die Schutzbefohlenen. Appendix. In: Theater heute 56 (2015), H. 11, S. 36-43; weiterhin Die Schutzbefohlenen. Coda. und Epilog auf dem Boden, beide von 2015, veröffentlicht auf www.elfriedejelinek.com].
- Jirgl, Reinhard: Die Unvollendeten. Roman. München: Hanser 2003.
- Jokl, Anna Maria: Aus sechs Leben. Berlin: Jüdischer Verlag 2011.
- Junge, Ricarda: Die letzten warmen Tage. Roman. Frankfurt am Main: S. Fischer 2014.

- Keller, Christoph: Übers Meer. Roman. Zürich: Rotpunktverlag 2013.
- Kempowski, Walter: Alles umsonst. Roman. München: Albrecht Knaus 2006.
- Khider, Abbas: Brief in die Auberginenrepublik. Hamburg: Edition Nautilus 2013.
- Khider, Abbas: Der falsche Inder. Roman. Hamburg: Edition Nautilus 2008.
- Khider, Abbas: Die Orangen des Präsidenten. Roman. Hamburg: Edition Nautilus 2011.
- Khider, Abbas: Ohrfeige. Roman. München: Hanser 2016.
- Köhlmeier, Michael: Das Mädchen mit dem Fingerhut. Roman. München: Hanser 2016.
- Köhlmeier, Michael: Die Abenteuer des Joel Spazierers. Roman. München: Hanser 2013.
- Laher, Ludwig: Verfahren. Roman. Innsbruck und Wien: Haymon Verlag 2011.
- Lemanczik, Iris: Ins Paradies? Berlin: Horlemann Verlag 2015.
- Liedtke, Klaus-Jürgen: Die versunkene Welt. Ein ostpreußisches Dorf in Erzählungen der Leute. Frankfurt am Main: Die Andere Bibliothek 2008.
- Lustig, Jan: Ein Rosenkranz von Glücksfällen. Protokoll einer Flucht. Bonn: Weidle 2001.
- Luu, Que Du: Im Jahr des Affen. Roman. Hamburg: Königskinder Verlag 2016.
- Luu, Que Du: Vielleicht will ich alles. Roman. Köln: Kiepenheuer & Witsch 2011.
- Mihaly, Jo: Auch wenn es Nacht ist. Roman. Hürth: Edition Memoria 2002.
- Mörth, Markus: Geschwister. Roman. Graz: edition keiper 2012. [wird derzeit als ZDF Fernsehspiel verfilmt, <http://www.presseportal.de/pm/7840/3078062>]
- Mora, Terézia: Alle Tage. Roman. München: Luchterhand 2004.
- Mora, Terézia: „Nicht sterben“. Frankfurter Poetikvorlesungen. München: Luchterhand 2015.
- Motz, Jutta: Blutfunde. Roman. Zürich: Elster Verlag 2013.
- Obexer, Maxi: Wenn gefährliche Hunde lachen. Roman. Wien: Folio 2011.
- Oppitz, Klaus und die Tafelrunde: Auswandertag. Roman. St. Pölten, Salzburg, Wien: Residenz Verlag 2014.
- Rávic Strubel, Antje: Tupolew 134. Roman. München: C.H.Beck 2004.

- Sahl, Hans: Die Wenigen und die Vielen. Roman. München: Luchterhand 2010.
- Schädlich, Hans Joachim: Kokoschkins Reise. Roman. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt 2010.
- Schädlich, Susanne: Immer wieder Dezember. Der Westen, die Stasi, der Onkel und ich. München: Droemer Knaur 2009.
- Schami, Rafik: Die dunkle Seite der Liebe. Roman. München: Hanser 2004.
- Schami, Rafik: Sophia oder Der Anfang aller Geschichten. Roman. München: Hanser 2015.
- Seiler, Lutz: Kruso. Roman. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2014.
- Stanišić, Saša: Wie der Soldat das Grammophon repariert. Roman. München: Luchterhand 2006.
- von Steinaecker, Thomas: Die Verteidigung des Paradieses. Roman. Frankfurt am Main: S. Fischer 2016.
- Thimm, Katja: Vatertage. Eine deutsche Geschichte. Frankfurt am Main: S. Fischer 2011.
- Treichel, Hans-Ulrich: Anatolin. Roman. Frankfurt am Main: Suhrkamp 2008.
- Trojanow, Ilija: Die Welt ist groß und Rettung lauert überall. Roman. München: Hanser 1996.
- Varatharajah, Senthuran: Vor der Zunahme der Zeichen. Roman. Frankfurt am Main: S. Fischer 2016.
- Wander, Fred: Hotel Baalbek. Roman. Göttingen: Wallstein 2007.
- Wensierski, Peter: Die verbotene Reise. Die Geschichte einer abenteuerlichen Flucht. München: DVA 2014.
- Yeşilöz, Yusuf: Der Gast aus dem Ofenrohr. Roman. Zürich: Rotpunktverlag 2002.
- Zöllner, Elisabeth: Wir hatten trotzdem Glück. Die Geschichte einer Flucht. Frankfurt am Main: S. Fischer 2008.

